



rio
carnaval
2025

ABRE-ALAS / TERÇA-FEIRA

rio carnaval rio carnaval rio carnaval rio carnaval rio carnaval rio carnaval rio



**G.R.E.S.
Mocidade
Independente de
Padre Miguel**



PRESIDENTE

Flavio Santos

Voltando para o futuro - Não há limites para sonhar



Carnavalesco

Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Sinopse do enredo

“... Os astrônomos dizem que as estrelas estão muito longe da Terra e que ao observá-las no céu, à noite, estamos olhando para o passado. Isso ocorre porque a luz de uma estrela que chega até nós foi emitida há muito tempo atrás...”

“Olhei pro céu

Vi a estrela que me fez sonhar,

Olhei pra ela e então pedi que iluminasse as viradas da minha vida.

Por tantas águas eu atravessei, em corda bamba eu andei, de corpo e alma na Avenida. Com sua luz, sobre um espelho ela iluminou.

Um Universo de mistérios, um livro aberto cheio de fascinação, Vejo nos astros minha luz na escuridão!”

SEGUINDO A MINHA ESTRELA GUIA

Para o carnaval de 2025, A MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL faz uma viagem intergaláctica até sua estrela guia, onde ela se reconecta com o seu brilho mais intenso, o de uma estrela ainda jovem despontando na passarela do samba, saltando mais uma vez para o futuro, trilhando caminhos desenhados pelas estrelas. Se voa para o céu ou dispara como num sprint pela Terra, haverá irremediavelmente de se defrontar com o passado, com a própria identidade, soberana, singular e visionária.

SOMOS POEIRA DE ESTRELAS

“O cosmos está dentro de nós. Somos feitos de matéria estelar. Somos uma forma do universo conhecer a si mesmo”.

O que nos dizem as estrelas quando cintilam no céu? Dizem em silêncio que querem nos fascinar, espalhar o mistério, querem fazer a imaginação trabalhar. Na música silenciosa da luz estelar está a nossa guia e o nosso alento. As estrelas nos ajudam a dar sentido ao Cosmos, à beleza do céu profundo, à dúvida sobre o que há de desconhecido neste mundo de distâncias infindáveis...

Todas as substâncias que vemos a nossa volta foram fabricadas no interior das estrelas. O oxigênio que respiramos, o ferro de nossas montanhas, o carbono das plantas e o nosso corpo. Tudo foi feito no interior das fornalhas atômicas das estrelas. Portanto, toda a vida na Terra está intimamente interligada, possuímos uma química orgânica e uma herança evolutiva comum e qualquer que seja o caminho ao qual enveredemos, o nosso destino estará indissolúvelmente ligado a ela.

SONHANDO COM O FUTURO

“Eu sou um Pierrô Lunar, pego um trem-bala e posso sonhar na Lua. Ziguezaguando eu vou, sou passageiro espacial, no paraíso da folia.

Vem nessa amor, o futuro é aqui, deixe o sonho te levar pra nova era que virá.”

Povoado de mistérios, o Universo reúne uma infinidade de elementos que sempre intrigou a humanidade. Das crenças e histórias mitificadas pelas antigas civilizações aos estudos de pesquisadores e cientistas da idade média, passando por obras literárias e cinematográficas. Da maçã de Adão e Eva à maçã de Isaac Newton, Marte, a “maçã vermelha gigante”, torna-se uma obsessão. A lista de filmes sobre marcianos, alienígenas, e posteriormente sobre robôs é longa, e passa fascinar o imaginário do homem moderno. Vários filmes do gênero ficção científica surgiram e continuam a surgir, sempre explorando a tecnologia e ambições futurísticas da humanidade, desde as mais fantasiosas, com enredos de guerras e futuros distópicos, até as mais próximas da realidade, com seres parecidos com os humanos. Alienígenas e robóticos habitam as profundezas do nosso inconsciente coletivo. As representações ficcionais passam a refletir o que sabemos do mundo, de nós, do bem e do mal que somos capazes de fazer, de nossos medos e expectativas de um futuro sempre incerto e ameaçador.

O HOMO SAPIENS QUEBRA AS PEDRAS DA INOVAÇÃO

Dinossauros estiveram por aqui há 150 milhões de anos e foram aniquilados pela colisão de um asteroide 65 milhões de anos atrás. De lá para cá, as coisas mudaram: nós entramos na história. Toda a nossa sabedoria em busca do progresso foi retratada inúmeras vezes, de forma lúdica, por séries de animação. Em 1960, a série de desenho, criada por William Hanna e Joseph Barbera (*1), os Flintstones, traduzia um mundo moderno para a idade da pedra. Eles aproveitavam os recursos dos animais e da natureza para criar conforto e uma sociedade extremamente funcional. Na mesma época, contrapondo a pré-história dos Flintstones, Hanna-Barbera partem para a futurologia e criam os Jetsons, outra série de desenhos, com personagens vivendo em um mundo espacial e altamente tecnológico, ficcional, antecipando para o mundo, 64 anos atrás, ideias que hoje começam a se materializar; como robô assistente na casa de qualquer pessoa, a telepresença e outras inovações tecnológicas. Ambos os desenhos mostravam muito claramente conceitos de inovação na solução de problemas do dia a dia com soluções criativas, fossem elas rudimentares ou avançadas.

Hoje, a fixação do Homem pela robotização se torna real, sai da ficção e se materializa. O Homem da pedra lascada avançou, seguiu em frente, deu um salto quântico e chega à “Era Tecnológica”. O mundo das máquinas o fascina, cada vez mais ele cria, flerta e dialoga com esses “seres automatizados” para usá-los a seu favor, a seu bel-prazer. As máquinas, os computadores, drones, satélites espaciais e robôs tornam-se seus “brinquedinhos favoritos”. Com um “click” tem-se um

mundo na palma das mãos, seja através de celulares e tantos outros dispositivos disponíveis. Redes sociais são criadas a fim de que todos estejam conectados, livres para ir e vir, viajar para lugares distantes, para ver tudo, ter vidas expostas, ouvir e falar o que quiser, ler tudo, entre tantas outras facilidades, sem limites. Basta contar com uma cadeira confortável, um sofá e um bom Wi-Fi. Sem um celular, você não é mais você. E vamos criando personalidades virtuais, ativas na internet, "...outros "Eus, interagindo o tempo todo, permitindo que as nossas vidas sejam transferidas para uma espécie de éter digital, baixáveis em qualquer lugar do mundo. Somos criações remotas, 'transumanos' (*2), onipresentes e oniscientes que, metaforicamente, nos aproxima de uma existência divina: sem um corpo, cientes de tudo o que ocorre no mundo." (GLEISER, Marcelo, *O caldeirão Azul*, p. 207).

A internet banda larga chegou para nos conectar em uma espiral infinda que ambiciona a perfeição em curtos intervalos de tempo. A humanidade globalizada, cada vez mais ávida por informações instantâneas, busca nas redes sociais, um "pertencimento" como instrumento central de sobrevivência, numa adesão cega que nos impede a percepção do outro. As experiências presenciais e afetivas sucumbem ao virtualismo e, nesse comportamento extremo, parece não haver espaço para crescer, para olhar e aprender com o que existe fora. Chegamos ao ápice da crise criativa com o advento da Inteligência Artificial. Quem ganha? O Homem ou o robô? Não há dificuldade na resposta para essa pergunta. Onde só o robô triunfa, o humanismo morre.

AQUI SE NASCE JOGANDO, PERDENDO OU GANHANDO, EM BUSCA DE FELICIDADE.

"... Já enfrentamos as viradas dessa vida e rodamos igual pião..."

O Homem com seu joystick na mão continua o jogo! Muitos jovens, hoje homens feitos, foram atraídos para a MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL, pela imagem do menino do joystick.

Anos se passaram e os GAMERS cresceram em profusão, a geração "Z" como é conhecida, ama estar desafiando esses jogos, agora, através de suas telas, sejam elas de smartphones, tablets ou de computadores. Para os jovens das décadas de 1980 e 1990, que viviam com joysticks na mão dos videogames, o jogo atual é mais complexo.

Abandonar as telas de led que orbitam o cotidiano nos encontros familiares, nas reuniões entre amigos nas mesas de bar, nos colégios, nas plataformas de streaming, é uma missão quase impossível. Ninguém se desconecta. Estamos tão perto, mas, paradoxalmente, tão longe uns dos outros. A pele que habito está em constante mutação por causa da tecnologia. Dá-se o enfrentamento entre o real e o virtual, o natural e o artificial. Será que continuaremos em uma eterna luta do bem contra o mal? Que progresso é esse que não nos apazigua a alma? Pelo contrário, só nos angustia. Que o GAME DA MIPM estimule-nos a voltar a olhar para o Carnaval, que possamos desafiá-lo a atravessar a MATRIX, a viajar na Sapucaí e cair na folia sem desanimar.

O PASSADO, O PRESENTE E O AMANHÃ

“... Dominou o fogo e soube se armar, Conquistou o Mundo e o Espaço também, Veio iluminado para inventar,

Pena que nem tudo foi para o Bem...”

(trecho da letra de um dos sambas concorrentes em 1996 – Autor: Marquinhos PQD)

Um pixel no coliseu de uma galáxia...

Em 1990, a sonda espacial Voyager 1 tirou uma fotografia da Terra a uma distância recorde. Na foto, nosso planeta mal preenche um pixel, um “pálido ponto azul” na vasta imensidão do espaço. Em um pronunciamento público no dia 13 de outubro de 1994, proferido na Universidade de Cornell, onde lecionava, Carl Sagan refletiu sobre o significado da imagem: *“Ela deveria inspirar mais compaixão e bondade nas nossas relações, mais responsabilidade na preservação desse precioso pálido ponto azul, a nossa casa, a única que temos. Quando medido contra as distâncias cósmicas, e considerando a enorme quantidade de mundos espalhados pelo vazio do espaço sideral, esse pequeno planeta é insignificante, apenas mais um, um entre trilhões de outros. Por outro lado, essa esfera girando em torno do Sol é tudo o que temos. Somos os únicos seres inteligentes no Universo até que se prove o contrário”*. A ciência nos capacitou a maravilhar-nos com o mundo e, cada vez mais, a nos engajarmos no mistério da criação. Se continuarmos a viver em um mundo virtual, se nosso futuro é incerto e indefinido, se alienígenas e robôs dominarão o Mundo? Ainda não sabemos. Por enquanto, temos tempo para pensar criticamente sobre as escolhas que fazemos, na possibilidade de nos tornarmos agentes das transformações que queremos ver aqui.

Assim como o ar cada vez mais poluído e aquecido, a água é primordial para a nossa sobrevivência e não está pra “um mar de rosas”. Vive nos alertando constantemente que já está com a paciência transbordando e é quesito urgente de preocupação. O uso indiscriminado de recursos naturais pelo progresso da humanidade tem dado indícios que o “bicho vai pegar”. O planeta pega fogo por causa do aquecimento global, as tsunamis e as chuvas torrenciais colocam cidades inteiras submersas nos cinco continentes, os furacões e os terremotos nada deixam de pé, as guerras de nacionalidades e territoriais traduzem a desumanização do único ser racional de que se tem conhecimento. Onde isso vai parar? Na poeira das estrelas. As descobertas científicas dão conta, no entanto, de maneira otimista, que o futuro do homem, em função da nanotecnologia, da biologia celular e da engenharia genética, estará condicionado à existência eterna, à imortalidade. A superação da morte é a esperança e a nova guerra travada pela humanidade no próximo século e vão constar nas nossas “faturas futuras” batendo em nossas portas. A Natureza é caprichosa, parece querer nos dizer que tiveram o seu espaço roubado e os quer de volta. Afinal, respeito é bom e ela agradece. Tudo o que devemos fazer é cuidar do nosso planeta, a casa que habitamos. E que as incertezas não nos paralisem. Devemos isso às gerações futuras. Estamos vivendo aqui e continuaremos a viver por muitas gerações. Não temos qualquer indicação de que teremos alguém para nos salvar de nós mesmos. A responsabilidade do que ocorre aqui é inteiramente nossa.

E assim seguiremos...O homem investigando a vida, se fecha em laboratórios, pensa no homem artificial, constrói e destrói deixando escapar de seu controle à razão dos seus inventos. “Descansa na rede” meio atravessado; acordado, vislumbra suas invenções e quando dorme sonha temendo o amanhã. A mão que fez a bomba ainda faz um samba, mas aonde vai dar esse carnaval? Isso não se descobriu.

Renato Lage e Márcia Lage (*in memoriam*)

**Este foi o último texto para o Carnaval, assinado pela carnavalesca e artista plástica Márcia Lage, que morreu em 19 de janeiro deste ano.*

Notas:

*1 William Hanna e Joseph Barbera eram cartunistas norte-americanos e fundadores do estúdio de desenho animado Hanna-Barbera em 1957.

*2 transumano, transumanismo – expressão conhecida e muito utilizada em livros e filmes de ficção científica que significa a junção do humano com a máquina.

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

“Somos todos poeiras de estrelas”

A popular assertiva do cientista planetário, astrônomo, astrobiólogo, astrofísico, escritor, divulgador científico e ativista norte-americano Carl Sagan é o ponto de partida do enredo que a Mocidade Independente de Padre Miguel apresenta em 2025, no qual completa 70 anos. A escola propõe uma viagem que nos leva a muitas reflexões. Todos os elementos químicos que compõem o ser humano e alicerçaram a construção do Universo são originários da poeira estelar. A compreensão deste processo é simples, tal qual Sagan explicava temas complexos em uma série de TV que apresentou na década de 1980, chamada “Cosmos”, homônima a uma de suas obras. Quando uma estrela nos primórdios do universo morria, em um fenômeno conhecido como Supernova, uma série de elementos químicos era lançado no Cosmos por meio de poeira. E é dessa fase terminal da vida das primeiras estrelas de que somos originários. Das explosões estelares surgiram o carbono, o oxigênio, o cálcio, o nitrogênio, o hidrogênio. A Mocidade reorganiza a sua trajetória indo ao encontro do que a originou. Não tratará de se debruçar sobre explicações científicas, mas, sim, de refletir acerca da magia universal que a fez surgir, propondo também um debate que está na pauta de todas as mesas de encontros acadêmicos e políticos nas quais se reúnem pesquisadores e lideranças mundiais: o futuro do homem e do planeta. Batizado “**VOLTANDO PARA O FUTURO – NÃO HÁ LIMITES PARA SONHAR**”, o enredo se conceitua a partir de duas perspectivas contidas, aqui, no verbo **VOLTAR**, que possui múltipla regência e também é um verbo pronominal. A escola, como de praxe, quer instigar, provocar, mexer com a imaginação do público, brincando, de imediato, com o português, com a nossa língua-mãe. Portanto, o enredo e o título, com o verbo no gerúndio mesmo, explica-se conforme segue abaixo:

I. A MOCIDADE INTENTA RESGATAR A PRÓPRIA IDENTIDADE, **MERGULHANDO NOVAMENTE EM SUAS GENTES E NA ESTÉTICA FUTURÍSTICA**, que marcou a história da agremiação em desfiles antológicos, campeões, assinados por Renato Lage, o Mago do Carnaval carioca. **ELE ESTÁ DE VOLTA** à escola após um hiato de 23 anos;

II. A MOCIDADE INTENTA RESGATAR O PRÓPRIO HISTÓRICO DE DEBATES SOBRE A RELAÇÃO DO HOMEM COM O PLANETA E O UNIVERSO, **VOLTANDO-SE PARA O FUTURO, ATENTANDO PARA O FUTURO**, chamando a atenção dos desfilantes, do público e dos telespectadores no mundo para o futuro. O que esperar do futuro ante a um homem que usa a tecnologia, os algoritmos, e quer se assemelhar a Deus?

Em defesa da segunda perspectiva do enredo, a escola trabalha com o conceito **HOMO DEUS**, neologismo que também dá título a uma obra do historiador israelense Yuval Noah Harari, autor do celebrado “Sapiens”, uma breve história da humanidade”. Segundo Harari, a tecnologia está ganhando poderes para transformar crenças em realidade. Ele enfatiza que, **com os avanços tecnológicos, o homem busca ser o Deus do nosso tempo**. Harari é categórico: “Não se trata de brincar de ser Deus, porque não é uma brincadeira. É pra valer”, assegura o historiador. Renato Lage e Márcia Lage (in memoriam), que figuram no panteão dos maiores nomes da história do Carnaval carioca, com passagem marcante pela Mocidade, da qual podemos destacar “Criador e criatura”, com que ganharam o título em 1996, lançam mão, mais uma vez, da ousadia, jogando luz sobre a atemporalidade das contradições que perpassam a humanidade. Vejamos: “Somos um pálido ponto azul”, conforme teoriza Carl Sagan sobre a Terra em outro de seus livros referenciais, o “Pálido ponto azul: uma visão do futuro da humanidade no espaço”. É fundamental, portanto, refletirmos sobre como o avanço científico-tecnológico vem alterando a nossa percepção de quem somos e do lugar que ocupamos no Universo. Tentamos desvendar Marte há décadas. E mais: agora, desejamos explorar e ocupar Marte, um planeta inóspito se compararmos às condições da vida na Terra. Neste sentido, produções ficcionais do cinema e da TV vieram retratando ao longo das décadas essa nossa visão de futuro por meio de séries de animação, ainda hoje celebradas, e dos filmes-catástrofe, um gênero muito singular que mistura ficção científica e fantasia. No audiovisual, aliás, não são poucos os exemplos que expressam como o homem se vê diante do futuro. A queda do Muro de Berlim, em 1989, dissolveu a “Guerra Fria” e a corrida armamentista e espacial, no cenário geopolítico, entre blocos oponentes liderados pelos Estados Unidos e a extinta União Soviética. Mas, atualmente, testemunhamos uma outra disputa, a tecnológica, incessante, entre as duas maiores potências econômicas do mundo contemporâneo: Estados Unidos e China. O que está em jogo? A Inteligência Artificial, a tecnologia.

A Mocidade 2025 não se pretende apresentar profética, mas, sim, fazer ponderações sobre a existência, regressando à sua origem, já que tem como símbolo maior a estrela, da qual somos originários. E tal qual os corpos celestes luminosos que povoam o céu misterioso, a Mocidade nasce e renasce das múltiplas fusões nucleares que sempre incandescem e insuflam novas vidas na comunidade aguerrida de Padre Miguel. Metaforicamente, a grande esfera de plasma verde e branca da zona Oeste mantém-se pela própria gravidade, pela força que emana da Vila Vintém. Factual em seu DNA, propôs-se com recorrência a se debruçar sobre temas globais, como em outrora o fez em “Como era verde o meu Xingu” (1983), “Ziriguidum 2001” (1985), “Tupinícópolis” (1987), “Chué, chuá, as águas vão rolar” (1991) e o próprio “Criador e criatura” (1996). Estamos voltando aos enredos futurísticos, símbolos da identidade da escola a partir dos anos 1990, com Renato Lage. E, paralelamente, estamos voltando a nossa atenção, atentando, alertando para as complexidades da relação do homem com a Terra. A Mocidade futurística, que tanto marcou o Carnaval na era Sambódromo, sobretudo, veio expressando preocupações com o existir, que iam além da simples estética de figurinos e de alegorias prateadas iluminadas por neon verde em contraste com fumaça artificial. A Mocidade frequentemente tratou o futuro, pautando-se pela discussão do papel dos humanos no elo estabelecido com as leis da natureza. Podemos ressaltar que a Mocidade, neste ano, flerta com a metalinguagem, uma vez que aproveita o Carnaval 2025 para tangenciar os seus muitos carnavais, demonstrando as suas inquietações já apresentadas algumas vezes na avenida.

Marcelo Gleiser, físico, astrônomo, professor, escritor e roteirista brasileiro, atualmente pesquisador e professor da Faculdade de Dartmouth, nos Estados Unidos, tem desenvolvido um papel importante

nas críticas públicas à ciência que serviu e ainda serve ao capital. Membro e ex-conselheiro geral da American Physical Society, ele analisa de forma muito singular àqueles que, sob a égide do cientificismo, contribuíram para a regressão do homem com criações que nos vulnerabilizam. Autor de “A dança do Universo” (1998) e de “O fim da Terra e do céu”, com os quais ganhou o Prêmio Jabuti, um dos mais celebrados na literatura brasileira, Gleiser sugere a ressacralização da Terra, uma vez que não nos reconhecemos mais como parte da natureza. “As cidades expulsam a natureza”, diz. Agnóstico, o astrônomo, contrário ao triunfalismo científico, para o qual todos os fenômenos precisam ser teorizados, Gleiser defende que o homem compreenda a preservação do planeta como uma religião. Não se trata de dogma, mas, sim, de uma filosofia natural, voluntária, do humano, que deveria se religar, reconectar-se com o “pálido ponto azul”, admitindo a grandiosidade da Terra e do Universo ao invés de se insurgir contrariamente a eles, crendo-se DEUS.

Sonhos não têm limites quando falamos de futuro. Mas se a ação do homem nos leva à previsão de um porvir dizimante da humanidade, seguiremos, assim mesmo, rumo ao abismo? Parafraseando a letra do samba Independente de 2025, será que há de ter Carnaval sem a nossa cadência libertária, igualitária e fraternal? A Mocidade nos conduz a um exame de consciência por meio deste manifesto humanista. Não há nada mais urgente e atual do que um revisionismo das ações que impactam diretamente em nosso futuro. A agremiação já fez a sua escolha: brilhar na imensidão universalista da passarela. Como uma das estrelas criadoras do homem e do todo no qual ele habita, a Mocidade, elemento constitutivo, portanto, do Universo, considera a natureza como a mais bela expressão da Terra, respeitando a vida em todas as suas formas e diversidade. A escola regressa à própria identidade, voltando-se para as questões do amanhã.

Glossário:

Aurora

Lençóis fluorescentes de luz vistos próximos aos Pólos Norte e Sul. Chamada de Aurora Boreal no norte e Aurora Austral no sul., são compostas por luzes que variam entre o vermelho e o verde, e podem ir e vir em segundos ou permanecer por diversos minutos

Austral

Relativo ou pertencente ao sul.

Boreal

Relativo ou pertencente ao norte.

Buraco Negro

Região do espaço onde a gravidade é tão grande que nada, nem mesmo a luz, pode escapar. É um possível final de evolução de estrelas muito massivas.

Chuva de Meteoros

Fenômeno que acontece quando uma quantidade de meteoros maior do que a usual irradia de um único ponto do céu. As chuvas de meteoros ocorrem quando a Terra passa por uma região de poeira no rastro de um cometa. A maior parte destas chuvas apresenta 50 meteoros por hora, mas em algumas ocasiões eles podem ser até 100 por minuto.

Coma ou Cabeleira

Camada de gás que circunda o núcleo de um cometa.

Cometa

Pequeno corpo celeste na órbita do Sol. O que os diferencia dos asteróides é seu núcleo formado por materiais voláteis e sua órbita elíptica. Apesar de ser formado por gelo, o núcleo de um cometa, que é sua característica permanente, é muito frágil. A medida em que os cometas se aproximam do sol, a radiação deste último transforma parte do material volátil dos cometas numa cauda (a palavra cometa deriva de uma palavra grega que significa "cabeludo"). Esta cauda é puxada pelo vento solar.

Constelação

Desenho formado por um grupo de estrelas no céu. Devido à tendência que as pessoas possuem de visualizar objetos familiares em formas aleatórias, a maior parte das civilizações ao olhar os céus criou suas próprias constelações. Porém poucas delas sobreviveram até os dias atuais.

Cosmologia

Estudo do passado, presente e futuro do Universo. Os antigos cosmologistas acreditavam que a Terra era o centro do universo, porém os modernos cosmologistas perceberam que a Terra é apenas um planeta comum orbitando uma estrela também comum. A capacidade dos cosmologistas estudarem o universo como um todo, quando na verdade só podem ver um pequeno pedaço do mesmo, baseia-se na teoria de que o universo é homogêneo, ou seja, todo igual.

Deimos

A menor e mais afastada das duas luas de Marte. É uma das mais pequenas luas do Sistema Solar.

Espectro

Arranjo de cores ou comprimentos de onda resultantes da dispersão da luz ao passar por um prisma ou rede de difração. O exemplo mais comum de espectro é o arco-íris, formado quando a luz do Sol, ao atravessar gotas de chuva, é dispersada em suas cores componentes.

Estrela

Estrelas são imensas esferas de gás, constituídas basicamente de hidrogênio e hélio, que brilham porque produzem energia através de reações nucleares. Essas reações acontecem na região central da estrela, e consistem na fusão do hidrogênio em hélio e posteriormente em elementos mais pesados.

Estrela Cadente

Nome popular do meteoro.

Exobiologia

Procura por vida extraterrestre, incluindo o estudo da composição dos outros planetas. Este campo é também chamado de astrobiologia.

Fobos

Lua mais próxima à Marte, situada próxima ao limite de Roche. Devido ao arrasto atmosférico, Fobos está diminuindo de velocidade e dentro de 40 milhões de anos colidirá com Marte. Fobos (com 28 km ou 45,36 milhas de extensão) é a maior das duas luas, em forma de batata, de Marte.

Ela é salpicada de crateras e grandes sulcos. Seu albedo é de aproximadamente 5% devido à existência de uma extensa camada externa de poeira com 10 metros de espessura.

Fusão Termonuclear

Processo pelo qual dois ou mais núcleos atômicos leves se fundem para formar um núcleo mais pesado. Esse processo requer temperaturas elevadíssimas, da ordem de dezenas a centenas de milhões de graus, de forma que só ocorre, na natureza, no interior das estrelas e em explosões de supernovas.

Galáxia

Um grande conjunto de estrelas, gás e poeira, que se mantém unidos por atração gravitacional mútua. As galáxias variam muito em tamanho, massa e morfologia. As menores galáxias são elípticas anãs, contendo de 100 mil a 1 milhão de estrelas. As maiores galáxias são elípticas gigantes, contendo em torno de 1 trilhão de estrelas. Outros tipos de galáxias são as espirais, e as irregulares. A galáxia da qual o sistema solar faz parte, chamada Via Láctea ou Galáxia (com letra maiúscula), é uma espiral, e tem cerca de 10 bilhões de estrelas.

Gravidade

Força de atração entre todos os corpos celestes que aumenta de acordo com a massa e decresce de acordo com a distância. A gravidade é uma, dentre muitas outras forças que segue a lei do quadrado ao inverso. Apesar de ser a mais fraca dentre as forças conhecidas, a gravidade é muito importante na astronomia pelas massas envolvidas serem muito grandes. De acordo com a lei do quadrado ao inverso de Newton, a força gravitacional entre dois corpos é proporcional à soma de suas massas dividida pela distância entre seus núcleos elevada ao quadrado.

Homo Deus

O homem que, em função de suas criações tecnológicas e do avanço científico que promove, crê ser um uma divindade, um ser superior, tal qual Deus.

Marte

Quarto planeta em distância a partir do Sol, chamado também de Planeta Vermelho devido à sua cor. Marte apresenta algumas características semelhantes à Terra como o seu período rotacional que é de quase 24 horas, seu eixo que apresenta uma inclinação de 23,98º, suas nuvens atmosféricas, leitos de rio secos, vulcões e calotas polares de gelo. Porém, em outros aspectos Marte e a Terra são

totalmente diferentes: Marte possui muitas crateras resultantes de impactos, seu clima é muito frio e seco, e, ocasionalmente, ocorrem grandes tempestades de poeira. Marte não possui um núcleo líquido ou qualquer placa tectônica.

Meteoro

Fenômeno luminoso que ocorre na atmosfera terrestre proveniente do atrito de um fragmento de matéria cósmica (um meteoróide) com a atmosfera. Para a meteorologia, o termo "meteoro" refere-se a qualquer fenômeno óptico ou acústico que ocorre na atmosfera (por exemplo, uma gota de chuva é um meteoro). Popularmente os meteoros são chamados de "estrelas cadentes", e geralmente possuem um tamanho entre o de um grão de areia e o de um grão de feijão. Embora possam ser muito maiores, quanto maior, muito mais raro. Normalmente um meteoróide queima completamente antes de atingir a superfície da Terra. Caso algum pedaço chegue ao solo, passa a se chamar de meteorito, independente de seu tamanho.

Nebulosa

Nuvem concentrada de matéria interestelar. No início da astronomia, todo objeto fixo em relação às estrelas que parecia uma mancha difusa era chamado de nebulosa. Observações posteriores excluíram os aglomerados estelares e as galáxias. Quando as nebulosas apresentam um espectro contínuo, são chamadas nebulosas de reflexão; quando o espectro é de raias, são as nebulosas planetárias ou são as nebulosas difusas; e quando o espectro é não-luminoso (espectro de absorção) são chamadas de nebulosas escuras.

Objeto do Céu Profundo

Qualquer objeto visível que não pertence ao nosso sistema solar.

Órion

Órion é uma grande constelação formada por um quadrilátero no qual fazem parte de seus vértices duas estrelas brilhantes: Rigel e Betelgeuse. Aproximadamente no centro desse quadrilátero está situado um dos asterismos mais conhecidos pelo povo brasileiro: as Três Marias (O Cinturão de Órion).

Planeta

É um corpo celeste que orbita uma estrela e que brilha por refletir a luz dessa estrela. Em 2006, a União Astronômica Internacional definiu que os corpos do sistema solar classificados como planetas devem obedecer os seguintes critérios:

1. orbitar o Sol;

2. ter massa suficiente para que sua autogravidade supere suas forças de corpo rígido, de maneira que ele assuma a forma aproximadamente esférica, característica de corpos em equilíbrio hidrostático;
3. ser o corpo dominante nas vizinhanças de sua órbita.

Plasma

Gás ionizado composto por pedaços de átomos. A medida em que o gás se aquece, as colisões contra outros átomos ou a forte radiação arrancam os elétrons de seus invólucros criando uma miscelânea de elétrons e núcleos expostos. Acredita-se que a maior parte da matéria visível do Universo exista sob a forma de plasma.

Plêiades

As Plêiades, também conhecidas como as Sete Irmãs, são um aglomerado aberto, uma família de estrelas nascidas da mesma colossal nuvem de gás e poeira. Na grande linha do tempo do Universo, as Plêiades são relativamente jovens, estimadas em cerca de 100 milhões de anos. As estrelas mais proeminentes do aglomerado são estrelas do tipo B quentes, conhecidas por suas altas temperaturas e luminosidade notável. Essas estrelas energéticas emitem uma intensa luz azul que é lindamente refletida pelas nebulosas circundantes.

Quasar

Originalmente, um objeto distante, de alta luminosidade, com aparência estelar. Atualmente, existem fortes evidências de que os quasares são núcleos ativos de galáxias jovens; a energia do núcleo ativo é produzida pela acreção (aumento) de matéria por um buraco negro supermassivo.

Sagan, Carl Edward (1934-1996)

Astrônomo e biólogo americano que popularizou a astronomia e acreditou na possibilidade de existir vida em outras regiões do Universo. Ele também demonstrou um possível começo para a vida na Terra, produzindo aminoácidos através do aquecimento solar de uma mistura de amônia, sulfeto de hidrogênio, metano e água.

Satélite

Qualquer corpo pequeno que orbita um corpo celeste maior. Os satélites podem ser naturais, como a Lua, ou artificiais, como o ônibus espacial. O primeiro satélite artificial, lançado no dia 4 de outubro

de 1957, foi o Sputnik I soviético. O primeiro satélite americano foi o Explorer I, lançado em 31 de janeiro de 1958.

Supernova

Estrela que sofre um aumento espetacular em sua luminosidade devido a uma explosão catastrófica de seu núcleo. supernova de tipo I: resulta quando uma anã branca acreta massa suficiente de uma companheira para alcançar o limite de Chandrasekhar de 1,4 massas solares. supernova de tipo II: resulta do colapso de uma estrela massiva contendo de 10 a 20 massas solares. Tal objeto, após produzir um núcleo de ferro, não tem mais como produzir energia por fusão nuclear, e colapsa catastróficamente, explodindo.

Universo

O universo é tudo. Compreende o espaço e toda matéria e energia que existe nele. Basicamente, o universo é um imenso espaço vazio, no qual certas partes são ocupadas por concentrações de matéria. O universo observável é a parte do universo centrado na Terra e com raio igual à distância que a luz viajou desde o Big Bang até a época atual. Assumindo que a idade do universo é 14 bilhões de anos, o universo observável tem um raio de 14 bilhões de anos-luz.

Via Láctea

Faixa nebulosa atravessando o hemisfério celeste de um horizonte a outro. O nome "via Láctea" foi dado pelos povos antigos, devido à sua aparência lembrando um caminho leitoso. Resulta da luz combinada de uma imensa quantidade de estrelas do disco da nossa própria galáxia, também chamada Galáxia.

PESQUISA

A pesquisa para o enredo “Voltando para o futuro, não há limites para sonhar” foi desenvolvida com base em conceitos de três obras fundamentais nos estudos sobre o futuro, a Terra e o Universo. São elas: “Cosmos”, de Carl Sagan; “Homo Deus: uma breve história sobre o amanhã”, de Yuval Noah Harari, e “O despertar do Universo consciente”, de Marcelo Gleiser. A Mocidade Independente de Padre Miguel, agremiação historicamente comprometida a desenvolver temas sobre a relação do homem com o porvir, fruto de suas ações, retoma o debate neste 2025, promovendo reflexões imprescindíveis no atual contexto sociopolítico e ambiental. Não há discussão mais pertinente do que a que apresentamos acerca do futuro da humanidade. Segundo Carl Segan, o homem e todas as coisas no Universo são originários de poeira das estrelas. Quando uma estrela massiva, de bilhões de anos atrás, tem o seu ciclo de vida interrompido em função do desgaste dos elementos que a mantém, ela explode, dispersando partículas com material químico que dará origem a novas vidas. O homem, novas estrelas (como a Mocidade) e a Terra advém deste fenômeno, batizado Supernova. É com Sagan, portanto, que a Mocidade inicia o seu cortejo neste 2025, relacionando as suas observações com a de outros estudiosos sobre o Universo.

Como poucos cientistas, Sagan conseguiu fazer chegar a ciência ao público. Foi um astrofísico eminente, com cerca de 500 publicações em revistas científicas, incluindo 37 na "Science" e 30 na "Nature", as duas revistas de maior prestígio e nas quais é mais difícil publicar. Foi director científico no programa, de várias décadas da NASA, dedicado à exploração do sistema solar. Mas, ao mesmo tempo, conseguiu alcançar "bilhões e bilhões" de leitores através da revista "Parade", um suplemento dominical encartado em muitos jornais norte-americanos. Entrou por nossas casas através da televisão. Ocupou as nossas bibliotecas com os seus livros. Escreveu um romance de ficção científica, "Contato". Conseguiu juntar a NASA e Hollywood para ficar na nossa memória coletiva. Quem não se recorda do filme "Contato", com Jodie Foster? Depois de Sagan e por causa de Sagan, para o comum dos cidadãos, o mundo já não é o mesmo. O mundo tornou-se maior e nós tornamo-nos, com isso, também maiores!.

Por outro lado, Yuval Noah Harari, em sua obra “Homo Deus”, trata de refletir sobre como o humano, em seu processo de evolução, veio, contraditoriamente, se fragilizando diante dos avanços tecnológicos e científicos. Embora reconheça a importância da ciência e da tecnologia para o progresso da humanidade, Harari não deixa de assinalar os percalços criados pelo próprio homem com as suas criações, tendo em vista o protagonismo da biotecnologia, da Inteligência Artificial e, sobretudo, da onipresença e da onisciência dos algoritmos. É esse conceito de HOMO DEUS, que a

Mocidade apresenta, propondo uma reflexão pautada por um dos imperativos abordados por Harari na obra homônima. Ele debate o porquê da nossa tentativa de concretizar o sonho humanista deve paradoxalmente conduzir o humano à sua desintegração em um futuro iminente. Neste contexto, a busca da imortalidade e da felicidade, como premissas na sociedade moderna, implica um controle das qualidades divinas por parte dos homens. Para atingir essa meta, a evolução dos humanos à condição de deuses pode seguir várias engenharias, entre essas a programação e a reprogramação da vida por meio dos algoritmos, a que a agremiação se debruça. Que futuro estamos a construir? Em que espécie nos converteremos, para a qual o limite é ser Deus? Que preço já pagamos por nossas ações inconsequentes, sem levarmos em conta que originamos de poeira estelar, desse infinito cósmico que exploramos à revelia das leis da natureza? Fato é que essa nova “religião”, que coloca o humano no centro do Universo, é apenas a primeira figura, efêmera e indefinida, do processo de sacralização, de divinização do homem, algo que se encontra em franca expansão. E que deve produzir uma das sociedades mais injustas que jamais existiram.

Em “O despertar do Universo consciente: um manifesto para a futuro da humanidade”, Marcelo Gleiser propõe exatamente o oposto das trilhas sugeridas por esse HOMO DEUS. Gleiser argumenta que só com a ressacralização da natureza, da Terra, seremos capazes de nos salvar. De acordo com ele, é mister “um plano de ação que inclua passos para assegurar a sobrevivência do nosso projeto de civilização num planeta com recursos limitados”. O autor ressalta que única esperança que temos de abordar a crise ambiental vigente é repensar a nossa relação com a história e com todo o Cosmos. Trata-se de uma abordagem alarmante, mas que, de forma perspicaz e inteligente, costura também uma visão otimista sobre o futuro. Gleiser incita-nos a refletir:

“A questão é em qual direção iremos – o bem comum ou o desespero coletivo? Se queremos o bem comum precisamos repensar o nosso passado para forjar um futuro que abrace cada um de nós e toda a coletividade da vida com quem dividimos o planeta que nos abriga. A era da mentalidade individualista passou...tenho certeza de que podemos ser mais do que somos, podemos crescer moralmente...o futuro do nosso projeto de civilização não é distópico ou utópico, mas será aquele que construiremos juntos, por meio das nossas ações e escolhas”.

A Mocidade chama a atenção para um tema urgente que ilustra o noticiário mundial e mobiliza nações no atual cotidiano: O FUTURO DA HUMANIDADE diante de um cenário de vulnerabilidade da vida no planeta.

REFERÊNCIAS

GLEISER, M. A dança do universo – dos mitos da criação ao big-bang. São Paulo: Schwarcz, 1997.

GLEISER, M. O fim da Terra e do Céu – o apocalipse na ciência e na religião. São Paulo: Schwarcz, 2001.

GLEISER, M. Criação imperfeita – cosmo, vida e o código oculto da natureza. São Paulo: Record, 2009.

GLEISER, M. A simples beleza do inesperado – um filósofo natural em busca de trutas e do sentido da vida. São Paulo: Record, 2016.

GLEISER, M. O Caldeirão Azul. São Paulo: Record, 2019.

GLEISER, M. Conciliando ciência e religião. Folha de s.Paulo, São Paulo, 25 de junho de 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2506200601.htm>. Acesso em: 16 jul. 2020.

GLEISER, M. O despertar do Universo consciente: um manifesto para a futuro da humanidade. São Paulo: Record, 2024.

HARARI, Yuval Noah. Homo Deus: uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 443 p.

JOHN TEMPLETON FOUNDATION. Marcelo Gleiser recebe o prêmio Templeton 2019.

MORRISON, D. “Carl Sagan’s Life and Legacy as Scientist, Teacher, and Skeptic”. In:

Skeptical Inquirer. Volume 31.1, January / February 2007. Disponível em: <https://skepticalinquirer.org/2007/01/man-for-the-cosmos-carl-sagans-life-and-legacy-as-scientist-teacher-and-skeptic/> Acessado em 21/12/2024.

SAGAN, C. The Cosmic Connection: An Extraterrestrial Perspective. Anchor Press, 1973.

_____ Other Worlds. Bantam Books, 1975.

_____ The Dragons of Eden. Random House, 1978.

_____ Broca's Brain: Reflections on the Romance of Science. Ballantine Books, 1979.

_____ Cosmos. Random house, 1980.

_____ Contact. Simon and Schuster, 1985.

_____ Pale Blue Dot: A Vision of the Human Future in Space. Random House, 1994.

_____ The Demon-Haunted World: science as a candle in the dark. London: Headline Book Publishing, 1997.

_____ Billions and Billions: Thoughts on Life and Death at the Brink of the Millennium. New York: Ballantine Books, 1997.

_____ Varieties of Scientific Experience: A Personal View of the Search for God. Penguin Press HC, 2009.

SAGAN, C.; PAGE, T. (orgs.) UFOs: A Scientific Debate. Cornell University Press, 1972.

SAGAN, C.; DRUYAN, A. Comet. Ballantine Books, 1985.

_____ Shadows of Forgotten Ancestors: A Search for Who We Are. Ballantine Books, 1993.

SAGAN, C.; NEWMAN, W. I. The Solipsist Approach to Extraterrestrial Intelligence. In: Quarterly Journal of the Royal Astronomical Society, Vol. 24, P. 113, 1983.

SAGAN, C.; TURCO, R. A Path Where No Man Thought: Nuclear Winter and the End of the Arms Race. Random House, 1990.

SAGAN, C. et al. Mars and the Mind of Man. Harper & Row, 1973.

_____ Murmurs of Earth: The Voyager Interstellar Record. Random House, 1978.

_____ The Cold and the Dark: The World after Nuclear War. Sidgwick & Jackson, 1985.

WELLS, H.G. (1898) The War of the Worlds. Novel. New York, Signet Classic, 1986

VÍDEOS E FILMES:

Cosmos: A Personal Voyage. Série televisiva, 13 episódios, canal PBS. Escrita por Carl Sagan, Ann Druyan e Steven Soter, 1980.

Contato. Filme. Direção: Robert Zemeckis. Roteiro: Carl Sagan e Ann Druyan. 1997.

Carl Sagan, The Measure of a Man. Palestras de Michael Shermer, William Poundstone e Keay David

The Jetsons meet the Flintstones. Filme. Direção: Don Lusk. Roteiro: Don Nelson e Arthur Alsberg, 1987.

Pesquisa: Márcia Lage (in memorian) e Vagner Fernandes

Textos: Vagner Fernandes

ROTEIRO DO DESFILE

SETOR 1 - CHAMAS DA VIDA NA ESPINHA DORSAL DA NOITE

No episódio sete da Série "Cosmos", estrelada por Carl Sagan na década de 1980, baseada em seu livro homônimo, o astrônomo estadunidense reflete sobre o que são as estrelas. Houve um tempo em que, segundo ele, homens curiosos imaginavam que as estrelas fossem campos em fogo no céu, sustentados por uma magia, ou pensavam que a Via Láctea era o "Esqueleto da Noite". O setor "Chamas da vida na espinha dorsal da noite" esclarece com poesia e delicadeza o movimento das estrelas do ponto de vista científico, quando, a partir das fusões de energia em seus núcleos, explodem, insuflando novas vidas que irão figurar no Cosmos e na Terra, entre essas a Estrela-Guia de Padre Miguel.

Comissão de Frente

IA.venida Matrix do Samba, o futuro é aqui

1º Casal de Mestre-sala e Porta-bandeira

Supernova, a grande explosão

Ala 01

Poeira das Estrelas

Nucleus Mater da Vintém (Núcleo mãe da Vintém)

Elemento Alegórico Ala das Baianas

Ala 02 - Baianas

Nucleus Mater da Vintém (Núcleo Mãe da Vintém)

Carro 1 (Abre-Alas)

Sobre o céu, a Estrela-Guia

SETOR 2 - DOS MISTÉRIOS DO CÉU À EXPLORAÇÃO DO INFINITO

Há muitos mistérios que povoam o céu. Alguns desses já foram desvendados pela ciência até aqui. O setor 2 mergulha no Cosmos a fim de nos conduzir a uma viagem pelo processo de formação das estrelas e de como esses corpos celestes sempre estiveram ligados à história da humanidade. O homem é feito de poeira estelar. A Terra e tudo que nela há são originários também dos elementos forjados no interior das estrelas. Já constituído, esse homem, agora um Homo Deus, vem tratando de explorar o infinito em missões pautadas pela exobiologia especulativa, o segmento científico que tem como objeto de estudo a vida extraterrestre.

Ala 03 - Velha-Guarda da Mocidade

Quasares

Ala 04

Nebulosas cósmicas: Berçário de Estrelas

Ala 05

Nebulosa Plêiades: O Azul que me Habita

Ala 06

Nebulosa de Órion: A Fascinação Púrpura

Ala 07

Corpo Celeste

Musa 1 - Tati Minerato

A Guardiã do Ápeiron

Carro 2

Cosmos

SETOR 3 – GUERRA DOS MUNDOS

Obcecado em descobrir vida além da Terra, o Homo Deus volta-se para Marte, o planeta vermelho que inspira, desde sempre, a humanidade a construir narrativas sobre possibilidade de não nos encontramos sozinhos no Universo. O escritor britânico Herbert George Wells assinou uma obra referencial que tem como discussão central a invasão de marcianos na Terra. Batizado “A guerra dos mundos” o romance de Wells inspira a Mocidade neste terceiro setor, pelo qual a agremiação caminha com humor. Wells tornou-se pioneiro na abordagem, fez sucesso e levou não só as artes literárias, mas também a indústria do audiovisual a desenvolver produções sobre a relação do homem com alienígenas e o futuro do planeta.

Ala 08 Marcianita

Ala 09 Marte Ataca!

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira As Duas Luas de Marte

Ala 10 Fernando, Meu Querido Marciano

Ala 11 M.I.B - Martian In Black

Musa 2 - Carolina Arjonas A Guardiã da Estrela de Fogo

Carro 3 Marte Está Entre Nós

SETOR 4 - CONEXÕES PLANETÁRIAS:

O Ciberespaço e A Consciência

A necessidade desenfreada em apresentar-se onisciente, onipresente e onipotente, tal qual Deus, impulsiona o homem, cada vez mais, à dependência da máquina. E ele crê que, por meio da automatização da vida, em que os algoritmos se notabilizam, ganhando protagonismo, superará todos os obstáculos e mistérios regidos pelas leis da natureza. Afinal, é um Homo Deus. A hiperconectividade, acirrada pela globalização do mundo e, atualmente, pela Inteligência Artificial, tem dados sinais de que a humanidade precisa urgentemente de uma revolução de consciência para não se diluir em meio ao virtualismo. É imprescindível resgatarmos o pensamento crítico, balizados pelos princípios fundamentais de moralidade e ética que podem nos reconduzir ao equilíbrio e ao elo harmônico com a Terra.

Ala 12

TOC Filosofia: "Sambo, Logo Existo"

Ala 13

A Razão da Ficção

Tripé 01

Dos Jetsons aos Flintstones

Ala 14 - Passistas

Processadores de Cadência

Rainha de Bateria - Fabíola de Andrade

HOMO DEUS

Ala 15 - Bateria

Placa-Pai Mestre André

Ala 16

Mentes Aprisionadas em "Touch"

Ala 17

Eu, Robô?

Ala 18

"A Culpa é do Sistema!"

Ala 19

Tecno-Zíper Arrepiante

Musa 3 - Gaby Mendes

A Guardiã do Ethos

Carro 4

A Inteligência Artificial Desafia o Pensador

SETOR 5 - NO LIMITE DO AMANHÃ, EIS OS FILHOS ÚNICOS DA ESPERANÇA

A humanidade está no limite do esfacelamento de sua cultura de civilidade. Há esperança. Mas ao homem cabe agir com urgência. E o que testemunhamos é um negacionismo generalizado, mundial, diante das questões que vulnerabilizaram a vida e a Terra, principalmente às relacionadas à preservação do meio-ambiente. A juventude transvia-se, mas há de ser sensibilizada a fim de crer que toda estrela pode, sim, renascer. Somos originários de partículas estelares. A Estrela Cometa que abriu o cortejo guia-nos a muitas reflexões. O cenário é sombrio, desolador, com a Terra literalmente queimando e os bichos morrendo no cio. O Homo Deus levanta a bandeira do triunfalismo tecnocientífico, hostilizando os pactos afetivos com o semelhante e a resacralização do planeta. Os Independentes de Padre Miguel, no entanto, mostram-se aguerridos nesta batalha, em que a robotização da vida persiste no ringue a fim de nocautear o humanismo. Para a Mocidade, o verbo presente é ESPERANÇAR. Com coragem, sigamos!

Ala 20 Um Jedi Cooptado

Tripé 02 Jogos Vorazes do Terceiro Milênio

Ala 22 Planeta Negação

Ala 24 Tudo Tem Um Preço

Carro 5 "Homo Homini Lupus Est" ("O Homem é o Lobo do Próprio Homem")

Ala 21 Marraio, Feridô Sou Gamer!

3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira Ambição Universal

Ala 23 Aqui é o Fim do Mundo

Musa 4 - Erika Schneider A Guardiã das Almas Perdidas

Nucleos Mater da Vintém (Núcleo mãe da Vintém)

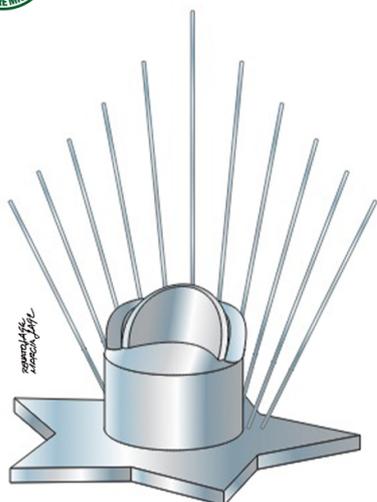
Elemento alegórico

Criação - Renato Lage e Marcia Lage (in memorian)



CARNAVAL 2025 | NUCLEUS MATER DA VINTÉM

Elemento Alegórico - Ala das Baianas



A partir das poeiras de estrelas, resultantes do fenômeno da Supernova (explosão de estrelas massivas mais antigas), outros novos corpos celestes luminosos se formam no Universo. Algumas estrelas morrem para outras nascerem. Assim ditam as leis da natureza. As Baianas da Mocidade 2025 representam o núcleo de uma nova estrela que surge após a grande explosão da Supernova. Seu nome: Estrela Guia de Padre Miguel. As matriarcas têm um papel fundamental que é o de gerar energia para produzir luz e calor a fim de manter sempre incandescente no infinito a verde e branca da Vila Vintém. As Baianas apresentam-se, assim, como usinas matríciais de força dos Independentes. Elas também reúnem informações importantes para o desenvolvimento, o funcionamento, o crescimento e a reprodução da humanidade. Esse poderoso NÚCLEO MÃE DA VINTÉM está na “cabeça” da ESTRELA COMETA que riscará o céu, a seguir, iluminando o céu da Zona Oeste da cidade, para anunciar o surgimento, neste terceiro milênio, de um “novo” homem, o HOMO DEUS, cujas ações tornam imprevisível o futuro na Terra.

*HOMO DEUS - O homem que, em função de suas criações tecnológicas e do avanço científico que promove, crê ser um uma divindade, um ser superior, tal qual Deus.

**Os projetos apresentados são utilizados como referências para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

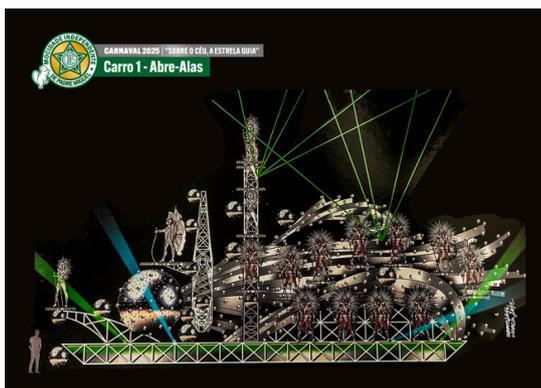
Destaque: Tia Nilda

Matriarca da Mocidade Independente de Padre Miguel e presidente da Ala das Baianas, Tia Nilda representa esse coletivo Mater da agremiação, merecendo o devido destaque por seu histórico, totalmente em consonância com o enredo. É a griô da Vila Vintém que salvaguarda e transmite, com sabedoria, a história da Estrela-Guia para as novas gerações que estão, como ela, voltando (regressando à identidade verde e branca) e voltando-se para o futuro neste desfile 2025.

SOBRE O CÉU A ESTRELA-GUIA

1º Carro

Criação - Renato Lage e Marcia Lage (in memoriam)



O abre-alas “Sobre o céu, a Estrela-Guia”, além de celebrar a ciência, alude abstratamente às crenças populares sobre a Estrela de Belém, também chamada Estrela Guia, um cometa, na verdade, que, segundo o Cristianismo, teria guiado três magos (homens sábios) ao local exato onde teria nascido o Menino Deus, o salvador da humanidade. Metaforicamente, a Mocidade aponta, com esta ESTRELA COMETA, para o surgimento, no início do terceiro milênio, do HOMO DEUS, neologismo criado pelo célebre escritor e historiador Yuval Noham Harari, para definir o homem _ não um menino _ , que se vangloria do avanço científico, o humano que usa a tecnologia desenfreadamente, crendo-se uma divindade, um Homem Deus. Ele autoproclama-me o redentor, o libertador da raça humana com as suas criações. Mas os discursos contradizem o que se testemunha na Terra. É a Estrela-Guia de Padre Miguel retornando às origens, à própria identidade, impulsionando a Vila Vintém ao futuro, para refletir sobre a existência e as forças da natureza, a que o homem persiste obcecadamente em subalternizar. Paradoxalmente, no entanto, é ele quem se inferioriza ao celebrar a tecnologia, na qual crê, equivocadamente, elevá-lo à condição de um ser supremo. Essa é a mensagem contida na ESTRELA COMETA que inicia o cortejo da Mocidade 2025: o homem em conflito com a máquina; o humano no embate com o artificial, a razão acurralada pelo capital. Enfim, o homem que se acha Deus (des)construindo o próprio destino. O nome do carro é inspirado no título da obra “Sobre o céu” ou “Do céu” (em latim: De Caelo ou De Caelo et Mundo), o principal tratado cosmológico de Aristóteles.

**Os projetos apresentados são utilizados como referências para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

Destaque

Marcos Lerroy – COMA INDEPENDENTE

Coma é o nome científico dado ao núcleo de gelo e poeira que forma a cabeça do cometa. No nosso caso, Lerroy é a cabeça desta ESTRELA COMETA, que simboliza a ESTRELA-GUIA DE PADRE MIGUEL.

Composições: **ESTRELAS CADENTES**

COSMOS

2º Carro

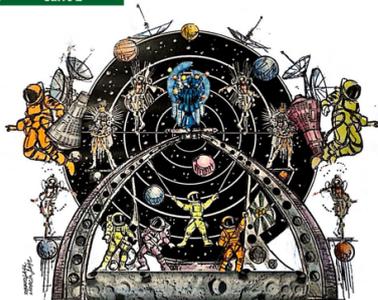
Criação - Renato Lage e Marcia Lage (in memorian)

“...A extensão e a idade do cosmos estão além da compreensão normal humana. Perdido em algum lugar entre a imensidão e a eternidade fica o minúsculo planeta que é o nosso lar... nosso futuro depende de quão bem vamos conhecer esse cosmos, no qual flutuamos como um grão de poeira no céu matinal...” (Carl Sagan)

A representação do Cosmos se materializa nesta alegoria através de elementos que o traduzem tal qual o é, em sua dimensão infinita, misteriosa, intrigante, majoritariamente sem luminosidade, como retrata a parte central do carro. Aqui, passeamos por indagações clássicas: “como surgiu o universo?”, “de onde viemos?”, “para onde vamos?”. A maior parte do Cosmos (cerca de 68%) é composta de uma energia escura que se supõe oriunda dos buracos negros. A constatação foi descrita em um artigo publicado no periódico científico “The Astrophysical Journal Letters”. Nesta infinitude negro-cósmica existem cerca de dois trilhões de galáxias. A Via Láctea é a galáxia em que se encontra o Sistema Solar, conjunto de corpos celestes do qual o planeta Terra faz parte. Trata-se da "nossa" galáxia. Em busca do desvendar do Universo, astronautas, em naves espaciais cada vez mais evoluídas, participam de missões revolucionárias e bilionárias. Milhares de satélites artificiais foram lançados no espaço ao longo das últimas seis décadas. E são considerados instrumentos importantes na exploração de informações sobre os vários planetas e, particularmente, a Terra. Cabe ressaltar que grande parte dos satélites operacionais em órbita destinam-se a telecomunicações, servindo à transmissão de sinal de TV, de rádio, de ligações telefônicas, entre outras finalidades. O homem está sempre obstinado em avançar tecnologicamente para, como um Deus, apresentar-se onipotente, onisciente e onipresente. Esse HOMO DEUS quer se legitimar pela tecnologia e pela exobiologia especulativa, ciência que se incumbe, entre outras coisas, de estudar a possibilidade de vida em espaços extraterrestres. Marte, que abordaremos a seguir, é um dos alvos prediletos. “O Cosmos é tudo o que existiu, existe ou existirá”, como sublinhou Carl Sagan, cujo livro “Cosmos” foi inspiração para a elaboração deste segundo carro da Mocidade.



CARNIVAL 2025 | "COSMOS"
Carro 2



**Os projetos apresentados são utilizados como referências para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

Destaque:

Rogério Leocádio - COSMOPIERRÔ

Composições:

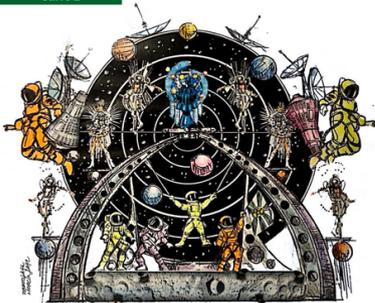
Feminino:

COLOMBINA GALÁCTICA

Masculino:

ARLÊQUINAUTAS (arlequins astronautas)

MOCINAUTAS (astronautas da Mocidade)



O DESTAQUE e as COMPOSIÇÕES são licenças poéticas de que a Mocidade se apropria para lembrar, neste passeio cosmológico, três dos mais importantes e representativos personagens do Carnaval: o Pierrô, a Colombina e o Arlequim, figuras centrais da Commedia dell'Arte, gênero teatral nascido na Itália do século XVI e que tinha como objetivo o improvisado de diálogos a partir de situações do cotidiano, bem como a crítica social aos poderosos. A Mocidade satiriza, com esses três personagens da Commedia dell'Arte, aqueles que usam a tecnologia para “dominar” a Terra e o Universo como um Deus, um HOMO DEUS. Por outro lado, o triângulo amoroso em que Pierrô, Colombina e Arlequim estão envolvidos serve como pano de fundo para a escola destacar, delicada e figurativamente, que o exercício do humanismo ainda é possível. O Carnaval, o maior espetáculo da Terra, um “pálido ponto azul” no Cosmos, é o maior exemplo. Sim, temos ainda um homem carnificado, apaixonado, de senso crítico aguçado, distanciado do cientificismo e da tecnologia, enfim que não se sente um ser divinal. Pelo contrário, esse homem se rende a uma divindade simbólica de outra ordem, diferente da metafísica, que é o DIVINO CARNAVAL. Os astronautas, com instrumentos e o pavilhão da Mocidade nas mãos, ratificam o tom de ironia: “o samba vai pro espaço” em meio a tanta inovação e tecnologia? Os nomes das fantasias do destaque e das composições reforçam a crítica àqueles que tudo e todos pretendem tecnologizar e cientificizar.

MARTE ESTÁ ENTRE NÓS

3º Carro

Criação - Renato Lage e Marcia Lage (in memoriam)



“...O intelecto humano já admite que a vida é uma incessante luta pela existência, e parece ser essa também a crença das mentes marcianas. Enquanto o planeta deles se resfria, o nosso ainda está repleto de vida, mas povoado apenas por seres que eles consideram animais inferiores. Travar a guerra num planeta mais próximo ao Sol é, de fato, a única escapatória para a destruição que, geração após geração, os ameaça...”. (Herbert George Wells)

Liderando o ranking das obsessões do homem em explorar cientificamente o Universo, está Marte, o planeta mais próximo da Terra. Marte figura recorrentemente na exobiologia especulativa, a ciência que sustenta a premissa de que há algo além da Terra, conversando com os seus habitantes e ecossistemas. Há vida em Marte? O terceiro carro da Mocidade baseia-se no pressuposto do romance de ficção científica “A guerra dos mundos”, do escritor britânico Herbert George Wells, já transportado para o cinema. Ele foi pioneiro ao falar em uma obra, publicada pela primeira vez em 1897, da crença de vida no planeta vermelho e do possível ataque de marcianos à Terra. Segundo Wells, os invasores se locomovem através de impressionantes naves espaciais e constroem milhares de apavorantes torres de guerra, mostrando-se aparentemente indestrutíveis. No entanto, são derrotados ao final por microorganismos terrestres inofensivos aos seres humanos. No início de dezembro, a China revolucionou a tecnologia militar revelando um drone laser capaz de vaporizar tecido humano e cortar metais em milissegundos. A guerra dos mundos, de H.G. Wells, teria saltado das páginas de ficção? A vida em Marte, portanto, pode ter migrado para a Terra sem que ainda nos déssemos conta. O HOMO DEUS seria um marciano? Para uma corrente da Filosofia, marciano é frequentemente descrito como um exemplo de ser inteligente com um aparato cognitivo diferente do humano. Logo, se há a crença na superioridade evolutiva de extraterrenos, que até podem assumir formas humanas, não teria sido Newton um marciano? Afinal, lançou mão, como reza a lenda, de uma maçã para consolidar e fazer tremer a Terra com a sua teoria sobre a Lei da Gravidade. Se a há uma ordem no Universo e na Terra, essa se dá em função da gravidade.



E os tantos outros sábios que marcaram a evolução da humanidade seriam oriundos igualmente de Marte, tão envolto em mistérios que não conseguimos decifrar? Já que o homem denota-se um ser superior, um HOMO DEUS, já não seríamos, nós, os próprios marcianos? Ganhamos ou estamos perdendo essa guerra de mundos, uma vez que a Terra pode se converter em um planeta inóspito, tal qual Marte? A Mocidade, ludicamente, trilha por essas analogias e busca, como os cientistas, com esta alegoria, por respostas nesta imensidão do Universo.

**Os projetos apresentados são utilizados como referências para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

Destaque (alto):

Marilda Latiffe – A EMISSÁRIA DA GUERRA.

Este destaque traz a mulher como uma figura representativa do poder. Ela não traduz os conceitos de submissão do patriarcado terráqueo. É uma emissária desta Guerra dos Mundos criada por Herbert George Wells no livro homônimo. É a figura poderosa que, para a Mocidade 2025, está a estabelecer interlocução, com os seus correligionários, com vistas à fictícia invasão na Terra descrita no romance de Wells.

Semi-destaque (baixo):

Luiz Fernando Vianna – MARCIONEWTON

Conforme a teoria defendida por Wells em “A guerra dos mundos”, marcianos são seres mais evoluídos do que os humanos, sobretudo intelectualmente. Isaac Newton, portanto, aqui representado, pode ter sido um extraterrestre oriundo de Marte. Por que, não? Afinal Newton, como outros gênios da ciência e filósofos, apresentava um QI extremamente avançado, que variava entre 190 a 200. A média humana é de 90 a 110. A Mocidade, desta forma, lança mão do humor para refletir sobre as especulações e os mistérios que orbitam o planeta vermelho. Nesta brincadeira, eis um dado curioso: como a gravidade em Marte é inferior à da Terra, a maçã, símbolo da descoberta da Lei da Gravidade por Newton, cairia sobre a sua cabeça com uma força duas vezes e meia menor da que despencou da árvore no nosso

planeta, conforme explica o físico Odylio Aguiar, especialista em detecção de ondas gravitacionais da Divisão de Astrofísica do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, o Inpe. A Mocidade embarca nesta deliciosa e divertida narrativa.

* Marcio, versão do nome em latim Marcius, que está relacionado com Mars (Marte), em referência ao Deus romano da guerra.

Composições: MULHERES DE MARTE

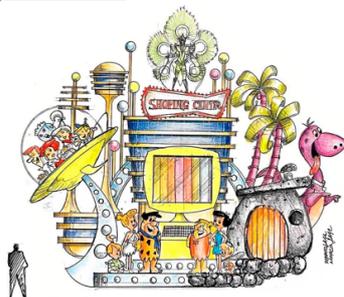
“Mulheres de Marte” não são como as “Mulheres de Atenas”, figuras femininas da Grécia antiga, as quais era dispensado um tratamento hostil, anulatório. “Mulheres de Marte” simbolizam o contrário. Não são submissas e nem reforçam a supremacia masculina, em ciclo de atuação doméstica, de servidão sexual, de procriação para a geração de novos combatentes e de sofrimento devido a perdas na guerra. “Mulheres de Marte” são as que travam a batalha e vão para o front na Guerra dos Mundos. Elas usam a força do masculino, que Marte representa, para se impor e legitimar a sua autoridade. Estão sob o comando da Emissária da Guerra.



DOS JETSONS AOS FLINTSTONES

Tripé

Criação - Renato Lage e Marcia Lage (in memorian)



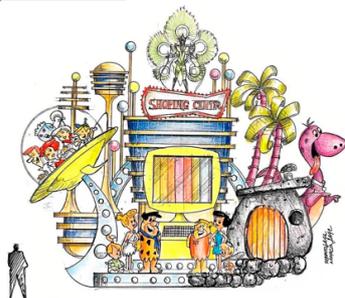
O escritor Herbert George Wells, autor de “A guerra dos mundos” foi um dos precursores em tratar questões atinentes ao futuro. Era um homem do século XIX, mas serviu de inspiração para o mercado literário e a indústria do audiovisual em décadas do século XX. Os Flintstones e os Jetsons, séries antológicas da década de 1960, são ótimos exemplos por meio dos quais o homem (Hanna-Barbera) vislumbrava o amanhã. As duas séries foram criadas no pós-guerra e mostravam o quanto a ficção poderia auxiliar em reflexões importantes sobre a humanidade. Os Flintstones sinalizavam uma visão preocupante do mundo, com o humano em retrocesso por causa das guerras. Não há nada mais primitivo do que a destruição do homem pelo próprio homem. Já os Jetsons simbolizavam o oposto, um futuro promissor diante das políticas de reaquecimento das indústrias no pós-guerra. Neste primeiro tripé, os Jetsons (nós) caminham para um futuro nada otimista, que sugere involução, primitivismo. Para a Mocidade 2025, as duas famílias coexistiram no mesmo planeta. Tal teoria, defendida por muitos estudiosos dos dois sitcoms, é abraçada pela verde e branca de Padre Miguel. Flintstones e Jetsons sempre estiveram muito mais próximos do que se supõe. Se os primeiros revelavam a “evolução”, pautados por objetos construídos com elementos da idade da pedra no cotidiano terreno, por sua vez os Jetsons, no céu, acima das nuvens, expressavam o homem do futuro, que não podia mais conviver com o primitivo. Os pontos em comum? A busca por um dia a dia facilitado pelo avanço tecnológico e a submissão do homem pelo homem, numa realidade muito semelhante a do capitalismo. Nesta alegoria, os Flintstones, na verdade, estariam no futuro após as consequências trágicas provocadas pelos Jetsons, que remetem ao HOMO DEUS e às suas criações tecnológicas e científicas.

**Os projetos apresentados são utilizados como referências para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

Destaque:

Patty Frey – O FUTURO DE UMA ILUSÃO

O destaque “O futuro de uma ilusão” traduz a visão onírica da escola sobre um amanhã ideal, que poderia expressar a harmonia plena da relação do homem com o planeta e o Universo. Fato é que o humano se encanta e se ilude com o progresso, um sinal, para a maioria, de avanço. Tanto Os Flintstones quanto Os Jetsons são obras que manifestam um conceito ilusório sobre o futuro, pois que em ambas as séries há a premissa de um futuro progressista, embora a exploração do homem pelo homem, numa clara alusão ao capitalismo, seja uma peça-chave. Os personagens se rendem e se despersonificam em busca do bem-estar e do acúmulo de riqueza. Fred Flintstone e George Jetson servem a um patrão que sempre lhes explora e demite nos episódios. As animações apresentavam um subtexto bastante crítico aos tempos, então modernos, da década de 1960, quando foram exibidas. E que se mantém atual até hoje.



A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL DESAFIA O PENSADOR

4º Carro

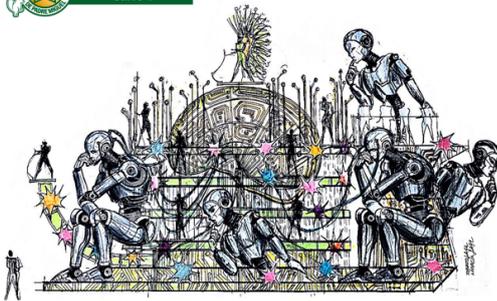
Criação - Renato Lage e Marcia Lage (in memoriam)

“No meio do caminho desta vida
me vi perdido numa selva escura,
solitário, sem sol e sem saída.

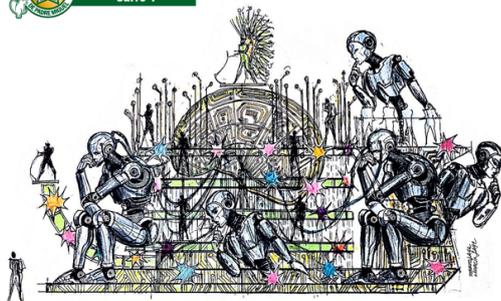
Ah, como armar no ar uma figura
desta selva selvagem, dura, forte,
que, só de eu a pensar, me desfigura?

É quase tão amargo como a morte;
mas para expor o bem que encontrei, outros dados darei da
minha sorte.

Não me recordo ao certo como entrei, tomado de uma
sonolência estranha, quando a vera vereda abandonei”.
(Dante Alighieri)



Quando Idealizou O Pensador para figurar em um projeto arquitetônico grandioso em celebração à “A Divina Comédia”, Auguste Rodin teve como objetivo retratar o autor da obra, Dante Alighieri, em frente aos portões do inferno, associação a uma das três partes do épico poema do escritor italiano. Exibindo músculos, completamente nu, em uma postura meditativa e intrigante, O Pensador, também chamado de O Poeta, mostra-se prestes a tomar uma atitude. Rodin concluiu a peça em 1902 e a apresentou ao público em 1904. Logo, essa obra-prima da arte moderna ocidental completa 123 anos neste 2025, no qual muito estamos a refletir sobre a existência humana cada vez mais à mercê da Inteligência Artificial, desta tecnologia revolucionária e supervalorizada criada pelo HOMO DEUS. Quem pensa é o homem ou a máquina? Eis o grande dilema do mundo contemporâneo, retratado neste terceiro carro da Mocidade Independente de Padre Miguel. Para a ciência, a IA e os avanços tecnológicos proporcionados por essa criação levam-nos diretamente ao paraíso. O Pensador, a figura de Dante nos portais do inferno, segundo Rodin, incita-nos nesta alegoria a outras questões.



Ele exprime este ser que vive em conflito diante de um software criado e projetado para replicar capacidades humanas, como o aprendizado, o raciocínio lógico, o reconhecimento de padrões e a interação em linguagem natural. A IA é ambígua. Ao mesmo tempo que traz avanços significativos no campo da saúde, na detecção de fraudes financeiras, na comunicação e no transporte com o uso de veículos autônomos, sinaliza, paradoxalmente, a redução drástica dos postos de trabalho, tendo máquinas substituindo o homem; a relação aética que fragmenta direitos autorais e ajuda a propagar fake-news; os riscos com segurança de dados; a concentração de poder.

**Os projetos apresentados são utilizados como referências para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

Destaque:

Ludmilla Aquino – ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

O destaque, batizado “Admirável mundo novo”, faz referência à obra homônima do escritor e filósofo britânico Aldous Huxley. Nela, o futuro é apresentado sob uma visão perturbadora, preocupante e crítica, pois que há um culto exagerado ao tecnocientificismo, assim como nos dias de hoje. Huxley escreveu a obra num momento em que as consequências sociais da grande crise de 1929 afetavam em cheio as sociedades ocidentais, e em que a crença no progresso e nos regimes democráticos parecia vacilar. Este destaque denuncia as ameaças do cientificismo, do maquinismo e do desprezo à dignidade individual. O artificialismo é superestimado e busca oferecer aos cidadãos uma felicidade obrigatória.

Composições:

CONEXÕES VEREDAS

O sinônimo de “veredas” é “caminhos”. Logo, as composições “Conexões Veredas” voltam-se para sinalizar que a hiperconectividade apregoada pelo homem parece ser o único caminho possível de sobrevivência social. É um alerta à sociedade moderna que, cada vez mais, se evidencia mecanizada, padronizada, automatizada, artificializada.

JOGOS VORAZES DO TERCEIRO MILÊNIO

Tripé

Criação - Renato Lage e Marcia Lage (in memoriam)



Quando a Mocidade levou para o Sambódromo um garoto jogando videogame em um carro denominado “Diversões eletrônicas”, tinha plena consciência do quão poderia repercutir aquela alegoria do enredo de 1993: “Marraio, feridô sou rei”. A imagem é uma das mais emblemáticas dos desfiles das escolas de samba, não só pela beleza plástica, mas por advertir para os perigos da alienação provocada pelos jogos eletrônicos. Pensando naquele adolescente de 32 anos atrás, a Mocidade atenta, agora, neste segundo tripé, para o que os jogos contemporâneos, providos majoritariamente de violência extrema, podem acarretar para as novas gerações. Metralhadoras são elementos corriqueiros ao extermínio de adversários, cujo sangue escorre na tela da TV ou do monitor do PC/notebook. O jogo “Baleia Azul” fez vítimas no Brasil e no mundo, com jovens se automutilando e até mesmo tirando a própria vida. As consequências do vício na jogatina digital desenfreada se evidenciam em casos de obesidade por má alimentação, falta de concentração, problemas de audição, enclausuramento social, depressão, agressividade. A toxicidade dos jogos mexe com as emoções de seus adeptos, que desenvolvem apatia e desprezo pelo adversário, convertido em inimigo. Os livros vão sendo postos de lado e escolas no Brasil e no mundo têm adotado medidas para impedir o uso de smartphones e outros componentes eletrônicos dentro das salas de aula. O intento é despertar a juventude sobre a importância da socialização presencial e do compartilhamento de afetos. É imprescindível reconstruir um cotidiano humanista, que se contraponha à imposição da vida em touch, robotizada, defendida com fervor pelas Big Techs. Que futuro é esse que nos desconecta da realidade e nos transfigura em nossa capacidade de produzir, de refletir, de decidir, de amar? Precisamos aprender a jogar para viver? Ou aprender a viver para jogar? É o HOMO DEUS, alimentando o cotidiano de crianças e adolescentes, personas em formação, mais vulneráveis, portanto.

**Os projetos apresentados são utilizados como referências para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

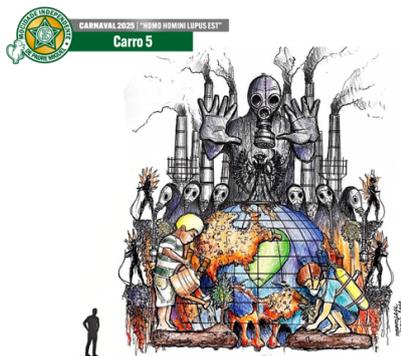
Composições: GAROTOS TILTADOS

“Tiltar” é uma expressão no mundo dos games que significa estressar, ficar nervoso, bravo. As duas composições representam a juventude que se dessensibiliza em meio a um cotidiano atravessado por games. Os jogos virtuais reconfiguram as relações sociais, despersonalizando indivíduos em suas subjetividades.

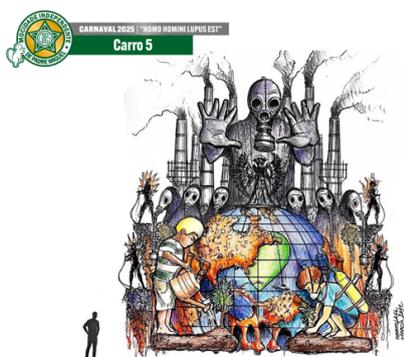
“HOMO HOMINI LUPUS EST” (O HOMEM É O LOBO DO PRÓPRIO HOMEM)

5º Carro

Criação - Renato Lage e Marcia Lage (in memorian)



O último carro da Mocidade revela o estágio em que o homem se encontra, à beira do precipício, com o planeta sendo revirado pelo avesso. Calotas polares derretem; queimadas destroem florestas; robôs atacam ciberneticamente; as redes sociais provocam curtos-circuitos nas relações sociais, desumanizando os pactos afetivos para atender aos seus usuários em correm em direção a efêmeras evidências midiáticas; os algoritmos manipulam e aprisionam mentes que correm atrás de likes; os corpos cedem à padronização estética e à uberização da vida; as guerras continuam a devastar populações apresentando os mais modernos e cruéis aparatos militares. Não se desafia mais somente o criador supremo de religiões monoteístas. A tecnologia vem se impondo acima de tudo e de todos. É o HOMO DEUS imperando para superar-se, reprogramar-se, ressuscitar-se até, como já podemos acompanhar as pesquisas que pretendem trazer humanos de volta à vida com a ajuda da Inteligência Artificial. Ele se debruça em criações de seres robóticos que reproduzem falas, ações e “sentimentos” de mortos. A **ESTRELA COMETA**, que abre o desfile da agremiação, atesta que a Mocidade encontra-se em estágio de atenção quanto a esse HOMO DEUS, comandante da vida do homem moderno (ou pós-moderno), subordinado, escravizado à tecnologia. O humano autofagia-se, desmaterializa-se e tudo dilui em seu “dever” de performar para atingir a perfeição criativa, ainda que sob a pena da autodestruição. A expressão em latim “Homo homini lupus est”, ou seja “o homem é o lobo do próprio homem” é providencial para traduzir a última alegoria deste desfile-manifesto, um grandioso chamamento público da Mocidade para o debate urgente das questões que assolam o planeta e comprometem a vida na Terra. Não há outra solução a não ser cuidarmos deste “pálido ponto azul”, como bem definiu Carl Sagan. Igualmente à Terra, um ponto na imensidão do Universo, o homem, oriundo das poeiras das estrelas, é microscópico frente à grandiosidade do planeta e da infinitude do mundo. O pulso ainda pulsa, o coração sôfrego ainda bate. Lentamente, como a batida do surdo um, o de marcação, aquele que dá a referência para todos os ritmistas. Quanto tempo nos resta? O tempo de nossa compreensão e resignação frente às discussões que apresentamos neste enredo de 2025.



Quando dizemos que estamos voltando para o futuro, destacamos, novamente, como o fizemos na apresentação do enredo, que, para além do resgate estético e de tempos gloriosos da década de 1990, em que o Mago Renato Lage deu à escola um tricampeonato, **ESTAMOS ATENTOS AO FUTURO, ESTAMOS NOS VOLTANDO PARA O FUTURO**. Há muito, a Mocidade se encontra no núcleo vanguardista das escolas de samba cariocas, sempre ressaltando que o futuro e o Universo residem em nós. Afinal, somos oriundos literalmente das estrelas.

**Os projetos apresentados são utilizados como referências para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

Destaque:

Ronaldo Barros – O DONO DA RAZÃO

A expressão “Dono da razão” é usada como ironia para descrever o homem avesso ao diálogo e que se considera incondicionalmente acima do bem e do mal. Ele é a onisciência personificada.

Composições:

BICHO MORRENDO NO CIO

As composições “Bicho morrendo no cio” materializam um dos versos do samba da Mocidade 2025. Aludem à extinção das espécies, incluindo o próprio homem, diante dos eventos catastróficos naturais, que se apresentam com recorrência no mundo. O processo de reprodução do seres vivos está sob ameaça.

Poeiras das estrelas

Ala 01- Comunidade

Responsavel pela ala: Direção de Harmonia

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção: Luiz Cláudio da Silva Nunes e Roberta Rodrigues Ibraim



As explosões nucleares no interior das estrelas mais antigas, de bilhões de anos atrás são responsáveis pela formação de elementos químicos que deram origem ao homem e a tudo o que há na Terra, como o nitrogênio, o carbono e o oxigênio. A descoberta é atribuída principalmente ao físico e astrofísico britânico Sir Arthur Eddington (1882-1944), que no início do século XX, foi um dos pioneiros na compreensão dos processos nucleares que ocorrem nas estrelas. Esta ala que abre o desfile Mocidade Independente de Padre Miguel 2025 simboliza a poeira das estrelas, lançadas no infinito, a partir do fenômeno da Supernova, representado pelo primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira. No livro “Cosmos”, o astrônomo Carl Sagan (1934-1996) atesta que “somos todos poeira de estrelas”. Sagan referia-se aos átomos, aos elementos químicos produzidos nas estrelas e que compõem o nosso corpo, a Terra, os meteoros e meteoritos, bem como todo o Universo.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

“Nucleus Mater” da Vintém (Núcleo mãe da Vintém)

Ala 02- Baianas

Responsavel pela ala: Robson e Direção de Harmonia

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - Luiz Claudio da Silva Nunes e Ingrid Lisboa Monteiro



A partir das poeiras de estrelas, resultantes do fenômeno da Supernova (explosão de estrelas massivas mais antigas), outros novos corpos celestes luminosos se formam no Universo. Algumas estrelas morrem para outras nascerem. Assim ditam as leis da natureza. As Baianas da Mocidade 2025 representam o núcleo de uma nova estrela que surge após a grande explosão da Supernova. Seu nome: Estrela Guia de Padre Miguel. As matriarcas têm um papel fundamental que é o de gerar energia para produzir luz e calor a fim de manter sempre incandescente no infinito a verde e branca da Vila Vintém. As Baianas apresentam-se, assim, como usinas matriciais de força dos independentes. Elas também reúnem informações importantes para o desenvolvimento, o funcionamento, o crescimento e a reprodução da humanidade. Esse poderoso NÚCLEO MÃE DA VINTÉM está na “cabeça” da ESTRELA COMETA que riscará o céu, a seguir, iluminando o céu da Zona Oeste da cidade, para anunciar o surgimento, neste terceiro milênio, de um “novo” homem, um HOMO DEUS, cujas ações tornam imprevisível o futuro na Terra.

Notas:

1. À frente da Ala das Baianas, em um elemento alegórico, está Tia Nilda, presidente deste coletivo e uma das figuras mais representativas da Mocidade e do Carnaval carioca.
2. *HOMO DEUS - O homem que, em função de suas criações tecnológicas e do avanço científico que promove, crê ser um uma divindade, um ser superior, tal qual Deus.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

Quasares

Ala 03- Velha-Guarda

Responsavel pela ala: Direção de Harmonia

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - Loja Mr. Coat



Núcleos luminosos no centro de buracos negros de galáxias distantes, os quasares, abreviação da expressão “quasi-stellar object” (“objeto quase estelar”) são os maiores emissores de energia do Cosmos, segundo astrônomos. Isso porque possuem altíssimas quantidades de radiação em muitas frequências do espectro eletromagnético. Um único quasar pode, por exemplo, atingir luminosidades milhares de vezes maior que a de uma galáxia como a nossa, a Via Láctea. Os integrantes da Velha-Guarda da Mocidade (VGM) são os quasares na vastidão do Cosmos aqui retratado, repleto de mistérios e beleza. A VGM brilha intensamente devido aos saberes ancestrais que resguarda, ao magnetismo com que atrai novas gerações para a perpetuação de seu legado inefável e à relação estabelecida com a agremiação para a manutenção da ordem que rege os independentes. Ou seja, a VGM é parte das convenções inabaláveis que fazem da Mocidade uma escola única, singular. No infinito cósmico, os quasares da Velha Guarda cintilam, irradiando uma energia arrebatadora e indelével.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

Nebulosas cósmicas: Berçário de estrelas

Ala 04- Comunidade

Responsavel pela ala: Direção de Harmonia

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - Edson França



Dando sequência à narrativa do enredo, a Mocidade, a ESTRELA-COMETA originária de uma Supernova, faz um recorte de alguns dos mais intrigantes mistérios do Cosmos. As nebulosas, regiões de formação de estrelas, uma espécie de berçário, estão entre esses. Assim, vamos compreendendo os movimentos do céu profundo, os ambientes pouco (ou nada) visíveis a olho nu. Esta ala é a materialização estética da beleza cromática que se testemunha em observações das nebulosas, cuja cores podem ser azuis, vermelhas, alaranjadas, pretas, púrpuras. Seguimos as pistas de Carl Sagan que, por meio de suas obras e da celebrada série documental televisiva dos anos 1980, batizada “Cosmos”, tal qual o livro homônimo que assinara, tratou de desvendar parte dos enigmas do infinito. Sagan destacava que as nebulosas são nuvens formadas por poeira cósmica, hidrogênio e gases ionizados a partir de restos de estrelas primordiais, massivas, que se desintegraram. E que suas cores dependem das reações químicas ocorridas no Cosmos. O HOMO DEUS, cujo nascimento a Estrela Guia de Padre Miguel aponta, vem investindo na exploração do Universo, mas se vê, circunstancialmente, limitado diante dos muitos códigos indecifráveis do ambiente cósmico. As nebulosas guardam muitos segredos, certamente, que a humanidade ainda desconhece.

Nota:

1. HOMO DEUS - O homem que, em função de suas criações tecnológicas e do avanço científico que promove, crê ser um uma divindade, um ser superior, tal qual Deus.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

Nebulosa Plêiades: O azul que me habita

Ala 05 – Comunidade

Responsável pela ala: Direção de Harmonia

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - Layone Ventura e Ana Claudia da Silva



As Plêiades consistem de várias estrelas brilhantes e quentes, de espectro predominantemente azul. São um fenômeno astronômico fascinante, que une ciência e mitologia em um único aglomerado estelar. Essas estrelas energéticas emitem uma intensa luz azul que é lindamente refletida pelas nebulosas circundantes — nuvens de gás e poeira que criam o brilho azul etéreo do aglomerado. Essas nebulosas refletoras (nebulosas de reflexão), que antes se pensava serem materiais remanescentes da formação das Plêiades, agora são consideradas uma nuvem de poeira não relacionada no meio interestelar pelo qual as estrelas estão atualmente passando. Sua beleza e significado continuam a inspirar observadores e estudiosos ao redor do mundo. Poeticamente, a Mocidade ressalta com esta ala que o azul nos habita, pois que as Plêiades estão entre os mais conhecidos objetos das profundezas cósmicas, desde os tempos remotos, por culturas de todo o planeta, incluindo os Maoris, os Aborígenes australianos, os Persas, os Chineses, os Maias, os Astecas e os Sioux da América do Norte. A consulta às Plêiades veio se denotando como uma prática do homem em busca de orientação para as suas ações cotidianas, servindo de guia para o cultivo agrícola e as expedições marítimas, por exemplo.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

Nebulosa de Órion: A Fascinação Púrpura

Ala 06- Comunidade

Responsável pela ala: Direção de Harmonia

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - Laércio de Souza e Ana Cristina da Silva



A Nebulosa de Órion, uma das mais brilhantes e conhecidas, foi recentemente capturada pelo Telescópio James Webb, revelando detalhes impressionantes. Em suas imagens, é possível observar tons de roxo, resultantes da ionização do gás hidrogênio e da presença de poeira cósmica. É a região de formação estelar massiva mais próxima da Terra e que abriga centenas de estrelas recém-nascidas. É certamente a mais vista por astrônomos amadores do mundo inteiro. E também, provavelmente, a mais famosa nebulosa de emissão, aquelas que circundam uma estrela quente e difunde a energia recebida em forma de radiação. Além de Órion, há outras nebulosas com tons púrpuros, como a do Caranguejo, a da Roseta, a da Borboleta, a da Tarântula, a do Olho de Gato e a do Cisne. Essas áreas não apenas embelezam o Cosmos, mas também oferecem *insights* valiosos sobre a formação e a evolução das estrelas e das galáxias.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

Corpo celeste

Ala 07- Comunidade

Responsável pela ala: Direção de Harmonia

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - Edson França



A ala evoca o corpo humano, originário de elementos químicos que se formam durante uma Supernova, a explosão ocorrida no núcleo de estrelas primordiais, em meio a nebulosas. Logo, o cálcio dos dentes e dos ossos, o oxigênio do sangue, o fósforo, o potássio, o nitrogênio do DNA humano advém de material estelar. Eis que surge o homem, a “máquina biologicamente perfeita” do Universo, com as suas virtudes e contradições. Parte integrante deste infinito vasto e misterioso, a sua busca por conhecimento e compreensão não tem fronteiras. Inicia-se, assim, a necessidade incessante de refletir sobre questões fundamentais da existência humana. A relação com o desconhecido, a curiosidade extrema e a capacidade de imaginar e criar se evidenciam com intensidade. O HOMO DEUS começa a se materializar, amparando-se em estudos e teorias, bem como em observações do Cosmos, sempre objetivando explorá-lo, bem como a Terra, os outros planetas e as galáxias.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

A guardiã do Ápeiron

Musa

Nome da musa: Tati Minerato

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - Atelie Felipe Rangel



Ápeiron é uma palavra grega que significa infinito, imortal e indefinível, tal qual o Cosmos. Trata-se de um conceito do filósofo pré-socrático Anaximandro de Mileto, que considerava o infinito como o princípio das coisas. Anaximandro batizou o infinito de Éter, porque considerava que o limitado não poderia ser a origem das coisas ilimitadas. A Guardiã do Ápeiron para a Mocidade 2025 é a que busca salvaguardar esse infinito cósmico, regido por uma ordem, um mistério organizacional, que o homem veio tratando de desvendar, desde o primórdio dos tempos, de forma avassaladora, em sua curiosidade científica. Atualmente, a sanha tecnológica deste homem que derruba fronteiras, ultrapassa limites, intentado superar-se e equiparar-se a Deus, é uma premissa.

Marcianita

Ala 08- Comunidade

Responsavel pela ala: Direção de Harmonia

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - Edson Keyros



Marcianita é o nome de uma canção, cuja versão em português ficou popularizada, na década de 1960, por meio de gravações do compositor Sérgio Murilo e de Caetano Veloso ao lado de Os Mutantes. Obra dos chilenos Marcone e Alderete, fala de um homem que se depara com um disco voador pousado na rua, constatando que a “nave veio lhe buscar para mudar toda a sua vida, sair da infelicidade de uma paixão frustrada direto para um novo mundo onde alguém lhe espera. Para os braços de uma garota desconhecida, porém provavelmente muito melhor que aquela que havia quebrado o seu coração na Terra”. Esta ala traduz a paixão e admiração do homem por Marte, no qual até um amor entre terráqueos e marcianos(as) seria possível. Muitas músicas e filmes foram produzidos ao longo das décadas, baseados na crença de vida extraterrena. Um dos pioneiros a sustentar essa tese foi Herbert George Wells, autor de “A guerra dos mundos”, que retrata marcianos como seres superiores a invadir à Terra. Neste contexto, a ala reverencia Márcia Lage, que nos deixou em 19 de janeiro último. Ela assina com o marido, Renato Lage, este Carnaval 2025 da Mocidade, o último de sua trajetória. Intellectualmente extraordinária, Márcia, como o próprio nome originário do latim “Marcius” sugere, também era uma mulher da luta, da guerra de mundos. As maçãs, nas laterais do costeiro da fantasia com Marte ao centro, remetem à fruta que teria levado Issac Newton a desenvolver a Teoria da Gravidade. Eis a questão: Por sua inteligência suprema, fora Newton também um marciano? A gravidade em Marte também tem motivado muitos estudos.

Nota:

1. Márcia tem origem no nome em latim Marcus, que surgiu a partir de martius, palavra que significa “guerreiro”, em alusão a Mars, o Deus romano da guerra.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

Marte ataca!

Ala 09 - Comunidade

Responsável pela ala: Direção de Harmonia

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memoriam)

Confecção - Isabel Cristina da Costa e Adriana Ferreira



Em “A guerra dos mundos”, de Herbert George Wells, marcianos invadem a Terra, planeta que consideram perfeito, repleto de vida, com biomas extraordinários, enquanto o deles se resfriou, impossibilitando a existência de ecossistemas tão ricos e vastos como os nossos. Segundo Wells, os extraterrestres utilizavam terríveis raios térmicos que desintegravam as pessoas instantaneamente. A arte veio construindo em nosso imaginário infinitos cenários de conexões com possíveis irmãos marcianos. A esses são atribuídas as constantes visitas por meio de objetos voadores não identificados, os OVNI's. Trata-se de mais um dos mistérios do Universo que serve de objeto de estudo para a ciência e encanta a humanidade. Os “discos voadores” avistados recentemente no céu de Nova Jersey e na Flórida, nos Estados Unidos, seriam indícios alienígenas ou drones de nações rivais, como a China? Seria o HOMO DEUS se evidenciando lá no alto? Ufólogos pesquisam e investigam o fenômeno.

Nota:

1. HOMO DEUS - O homem que, em função de suas criações tecnológicas e do avanço científico que promove, crê ser um uma divindade, um ser superior, tal qual Deus.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

Fernando, meu querido marciano

Ala 10 – Comunidade (LGBTQIAPN+)

Responsável pela ala: Direção de Harmonia

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - Rosane Ibraim e Oziene Furtado

A Mocidade celebra Fernando Pinto, carnavalesco que promoveu uma revolução estética e conceitual no Carnaval carioca. Os enredos “Ziriguidum 2001” (1985) e “Tupinicópolis” (1987) são produtos criativos da mente brilhante deste artista transgressor, que completaria 80 anos neste 2025. Por seu brilhantismo e excelência intelectual era considerado uma espécie extraterrena, um marciano inato, que se apaixonou pela Terra. Ao invés de seguir o exército que propunha a guerra, Fernando rebelou-se disseminando a paz, a alegria e o amor. Seu legado para a comunidade LGBTQIAPN+ é imensurável, com todos sempre em busca de fazer o universo sambar. Com ele, “até os astros irradiavam mais fulgor e a própria vida de alegria se enfeitava, levando o espaço sideral a ficar em festa”. Parodiamos aqui o samba da Mocidade de 1985. Fato é que os maricianos rebelados do grupo de Fernando Pinto distanciam-se, ainda hoje, da guerra dos mundos.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*



Martian in Black (M.I.B)

Ala 11 - Comunidade

Responsavel pela ala: Direção de Harmonia

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - Laércio Sousa e Ana Cristina da Silva



A teoria de que os “Men in Black”, também conhecidos pela sigla M.I.B, poderiam remeter a seres extraterrenos data de meados da década de 1950, com o livro do escritor e paranormal norte-americano Gray Barker: “They Knew Too Much About Flying Saucers” (“Eles sabiam demais sobre discos voadores”). Barker, um apaixonado pela ufologia, foi o primeiro a argumentar que homens de preto estariam por trás de discos voadores. O conceito ganhou as telas de cinema, convertendo-se em uma franquia estrelada por Tommy Lee Jones e Will Smith. Os MIB são homens trajando ternos pretos que, sob a alegação de serem agentes do governo, tentam intimidar testemunhas de OVNI na Terra. Para a Mocidade 2025, indubitavelmente, são seres de Marte na luta pela dominação do planeta. As mãos verdes que saltam das mangas do terno e os múltiplos olhos dão a pista do que está por trás do traje e dos óculos pretos. São “Martian in Black”, ou seja “Marcianos de preto”.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

A guardiã da estrela de fogo

Musa

Nome da Musa: Carolina Arjonas

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - Atelier Kel Mendes



Além de Planeta Vermelho, Marte é conhecido como “Estrela de fogo” nas culturas da Ásia Oriental. A Guardiã da Estrela de Fogo está justamente a proteger Marte de um possível ataque dos humanos na Guerra dos Mundos do romance homônimo de Herbert George Wells (1866-1946). A obra retrata exatamente o oposto, ou seja marcianos invadindo a Terra. A Mocidade amplia as narrativas sobre esses possíveis enfrentamentos entre terráqueos e seres de Marte, com humor e coerência em novas construções inventivas que o Carnaval possibilita.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

TOCOfilosofia: “Sambo, logo existo”

Ala 12 – Ala dos Compositores

Responsavel pela ala: Direção de Harmonia

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção – Atelier Cheiro de Matto.



A Ala de Compositores da Mocidade Independente de Padre Miguel é uma das mais profícuas, tradicionais e respeitadas do Carnaval carioca. Por isso “não desafia a razão e nem desatina a ciência”, como alerta à escola na bela letra do samba 2025. Toco, alcunha atribuída ao compositor Antônio Correia do Espírito Santo (1936-2006) foi inspiração para esta “Tocofilosofia: sambo, logo existo”, uma alusão satírica, mas respeitosa, ao pensamento do filósofo racionalista René Descartes, autor da célebre máxima “Penso, logo existo”. Toco foi o maior vencedor em disputas de sambas da escola, consagrando-se campeão por 12 vezes. O feito o levou à condição de artista inato. Um dos recortes filosóficos de Descartes é, justamente, o das ideias inatas, aquelas que estão conosco desde o nascimento, sem necessidade de comprovação experimental. Quando se trata de sambas-de-enredo, a Mocidade não faz concessões a inovações que subalternizem o processo criativo. A sua ala de compositores simboliza a resistência diante da revolução tecnológica em que sintetizadores e a Inteligência Artificial são usados atualmente, com recorrência, para supostamente potencializar a qualidade de obras musicais. A Mocidade é adepta da corrente Tocofilosófica. Ou seja, seus sambas retratam a beleza do pensamento humano, verdadeiro, criativo, crítico, avesso ao tecnocientificismo.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

A razão da ficção

Ala 13 - Comunidade

Responsável pela ala: Direção de Harmonia

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção – Edson França



Nas grandes reviravoltas do tempo cronológico em que conceitos de evolução e involução vêm sendo rediscutidos, a Mocidade reflete sobre o caminhar da humanidade. E diante das ações inconsequentes do homem, que busca se assemelhar a Deus, ao que tudo indica estamos em processo de involução. Paradoxalmente, os avanços científicos e tecnológicos têm se denotado, majoritariamente, instrumentos de autodevação. Quatro encantadores personagens de duas emblemáticas séries de animação da década de 1960 se encontram, nesta ala, a fim de nos provocar. São eles: Fred Flintstones, Barney Rubble, George Jetson e a icônica empregada-robô Rose. Se o humano está a involuir, Bedrock, a cidade dos Flintstones, seria, portanto, o nosso futuro. O homem está tal qual os personagens deste clássico desenho criado e exibido no período pós-guerra, em ruínas, que sinalizava, criticamente, o humano em estágio de retrogradação. As animações antológicas de Hanna-Barbera apresentavam muitos elementos importantes e figurativos de visões de futuro, que, a Mocidade 2025, reinterpreta. Os Jetsons, em uma realidade muito parecida com a nossa, na fictícia Orbital City, expressam, para a agremiação, a impessoalidade das relações sociais, na qual a máquina, a tecnologia, tende a substituir a força de trabalho operária em prol do aumento da produção. A funcionária doméstica Rose, robótica, resume o momento atual. Não há futuro possível quando o planeta se despersonaliza. O artificialismo tecnológico, motivado pela globalização capitalista, empurra o homem ao precipício. Não estamos a progredir. Trata-se de retrocesso. Até mesmo o aparelho de TV, o maior símbolo de evolução tecnológica das décadas de 1960 e 1970, evidencia-se em obsolescência diante de um cotidiano em “touch”. Barney Rubble exibe a TV num carrinho como um objeto já da Idade da Pedra Lascada.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

Processadores de cadência

Ala 14 - Passistas

Responsável pela ala: Coordenação da Ala de Passistas

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - André Ramalho e Rafaela de Souza



Processadores são peças fundamentais para o bom funcionamento de um objeto eletrônico. O processador é um microchip altamente especializado, que recebe dados e os decodifica, em um regime de entrada e saída de informações, permitindo o computador, o tablet, o videogame, o GPS, a TV, enfim, todo equipamento eletrônico, funcionar adequadamente. Os passistas masculinos e femininos da Mocidade representam essas importantes peças que se comunicam e dão mais agilidade ao sistema. Não há tecnologia possível a ser desenvolvida sem que tais elementos sejam utilizados em qualquer parte do mundo. O samba no pé e a cadência dos passistas possuem essa mesma universalidade. Todos reconhecem o valor cultural da dança e como ela dialoga com o som dos instrumentos, de ancestralidade primitiva, para que o “sistema” opere em sua plenitude, sem interferências. Os passistas traduzem, figurativamente, a magia que conecta usuários (os apaixonados pelo gênero/ritmo/dança) ao sistema (o samba), fazendo tudo funcionar em equilíbrio pleno. Não é máquina, mas, sim, o humano que une, que encanta, que agrega valor e também desperta paixões.

Nota:

1. À frente da Ala de Passistas estão Mayara Nascimento e Luana Assunção, acompanhadas das crianças Maitê Carvalho e Sofia Paiva. Todas elas são “crias” da Vila Vintém.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

HOMO DEUS

Rainha de Bateria

Nome da Rainha: Fabíola de Andrade

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - Atelier Guilherme Alves



A rainha de bateria Fabíola de Andrade representa o **HOMO DEUS**, um dos conceitos do núcleo central deste enredo da Mocidade Independente de Padre Miguel, que mergulha em sua identidade para voltar-se, debruçar-se sobre o futuro. Trata-se de um neologismo criado pelo autor israelense Yuval Harari, que busca refletir sobre as contradições do homem na Terra. Obcecado em superar-se por meio da tecnologia e dos avanços científicos, esse homem crer-se divinal, um ser superior, tal qual Deus: onisciente, onipresente e onipotente. Mas a tecnologização da vida assume outros contornos. A humanidade vive tensões provocadas por ameaças constantes. Ao levantar a bandeira do progresso com criações que nos despersonalizam, o homem apresenta-se em processo de autofagia, colocando em risco a própria existência e também a do planeta. O costeiro da rainha de bateria remete a uma lira, instrumento musical da esfera do divino, considerado um veículo de convergência dos planos celestial e humano. Em contraponto, a estética robotizada do restante da fantasia alude ao plano terreno, às mentes e mãos que exploram a tecnologia inadvertidamente, fazendo do futuro do planeta uma verdadeira bomba-relógio. O HOMO DEUS nos dá um vislumbre dos sonhos e pesadelos que já moldam o século XXI.

Nota:

1. HOMO DEUS - O homem que, em função de suas criações tecnológicas e do avanço científico que promove, crê ser um uma divindade, um ser superior, tal qual Deus.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

Placa-pai Mestre André

Ala 15 - Bateria “Não existe mais quente”

Responsável pela ala: Mestre Dudu

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - Roberta Ibraim e Layone Ventura



Em todos os computadores e objetos como smartphones e tablets, há uma placa mãe. Ela é a central que une os componentes de um sistema para o seu funcionamento. Trata-se do “cérebro” do objeto. Para os compositores Mauro Duarte e Paulo César Pinheiro, dupla fundamental para a compreensão da história da música brasileira, “a alma de uma escola é a bateria e para o povo toda alma é imortal”. Os versos são do samba “Mocidade Independente”, gravado por Alcione no álbum “Fruto e raiz” (1986). A bateria Não Existe Mais Quente é neste 2025 a PLACA-PAI MESTRE ANDRÉ, impulsionadora do circuito que faz a Estrela Guia brilhar no céu. A metáfora, figura de linguagem que usamos novamente, ajuda a ampliar o olhar do homem sobre a própria importância no processo festivo e humanizado do Carnaval. Não há experiência mais singular, irreproduzível, do que corpos bailando na cadência do samba. A letra do hino de 2025 da Mocidade traz um questionamento acerca do aprisionamento de mentes e corpos na modernidade líquida deste grande império do efêmero a que estamos submetidos pela tecnologia do HOMO DEUS. Não há bateria sem a entrega humana, emocionada, corporificada. É fundamental, portanto, resgatar a alma de nossa bateria no dia a dia, reconectando-nos, voltando-nos para o real futuro da humanidade, em que a preservação física e mental do homem e, conseqüentemente da Terra, é o único caminho possível para o existir de todas as espécies.

Nota:

1. HOMO DEUS - O homem que, em função de suas criações tecnológicas e do avanço científico que promove, crê ser um uma divindade, um ser superior, tal qual Deus.

Mentes aprisionadas em “touch”

Ala 16 - Comunidade

Responsável pela ala: Direção de Harmonia

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - Edson Keyros



O grande desafio da humanidade tem sido reorganizar as relações sociais para que o diálogo seja materializado sem a mediação de uma tela. A pandemia da COVID-19, no entanto, aumentou exponencialmente os contatos virtuais. E, atualmente, o homem é refém do “touch”. Redes sociais, plataformas de streaming de áudio e de vídeo cabem na palma da mão. Os algoritmos vão moldando novas percepções de sentido, induzindo à padronização estética e sensorial. “Pensar ou não pensar” é a reflexão que move pesquisadores da globalização do mundo, em que a comunicação se superficializa para que o homem seja compreendido por meio de suas aparências e não de seu “eu subjetivo”. A humanidade vaga entre o aprimoramento do senso crítico moldado pelos livros e a realidade editada que ilustra as telas dos smartphones e tablets. O homem busca se conectar a todo instante, usando simultaneamente, com recorrência, computador, fones de ouvido via Wi-Fi, celulares e outros aparatos que dispersam a atenção e causam ansia por uma interlocução com o mundo a fim de existir. A virtualidade o alimenta, impulsionando desejos e consumo. As consequências são materializadas no isolamento, na solidão, no bloqueio em relacionar-se socialmente, em esgotamento físico e mental, em depressão. Que avanço tecnológico é esse, tão repleto de contradições?

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

Eu, robô?

Ala 17 - Comunidade

Responsável pela ala: Direção de Harmonia

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - Rosane Ibraim e Oziene Furtado



A profusão de imagens, a disseminação de conceitos estéticos, de notícias (verdadeiras e falsas), enfim de informações de toda ordem difundidas pelas “maquinas”, são, frequentemente, elevados, pelas Big Techs, à condição de ferramentas libertárias, com as quais o homem pode transpor barreiras geográficas. Com um smartphone, conseguimos interagir com pessoas de qualquer lugar do planeta. Também temos como ver e ser vistos a cada minuto. O homem é o grande irmão (o Big Brother) de si próprio nesta analogia preocupante da realidade em relação ao clássico livro “1984”, de George Orwell. O homem se robotiza em sua fascinação pela tecnologia. Não é ele mais quem domina a máquina, mas, sim, o oposto. Há uma relação de subserviência à virtualidade promovida pelos aparatos tecnológicos. O futuro é assustador, portanto, pois que as identidades humanas vão se diluindo e se uniformizando. Tal qual robôs: programados para repetir funções, sem qualquer singularidade identitária. É uma máquina, apenas um canal de recepção e reprodução de dados.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

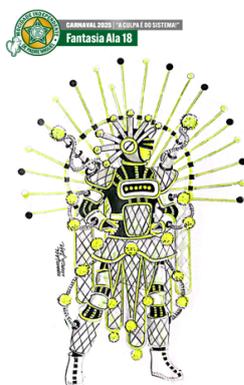
A culpa é do sistema

Ala 18 – Comunidade

Responsavel pela ala: Direção de harmonia

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - André Ramalho e Rafaela de Souza



Como tudo que decorre da criação humana, sistemas operacionais informatizados são suscetíveis a panes (“bugs”). “O sistema caiu”, dizem técnicos, atendentes de operadoras de telefonia, de TV e outros profissionais aos quais recorremos quando da inoperância das múltiplas redes que nos conectam. O Facebook “cai”, o Instagram oscila, tal qual o “X” (ex-Twitter), o Threads e o WhatsApp. A maioria dos sistemas que sustenta esses canais de comunicação é operado por Inteligência Artificial. Quando a IA falha, o homem entra em ação para reestabelecer a ordem mundial tecnológica, que apesar de sugerir superioridade em relação às leis da natureza, é infinitamente mais vulnerável. O Universo não precisa de backup e tampouco a Terra. O homem e suas criações tecnológicas, sim. Cai a tese da onipotência, da onisciência e onipresença deste HOMO DEUS. Uma pane sistêmica derruba ações nas bolsa de valores, interrompe produções em massa de companhias, paralisa a humanidade, refém de sua automatização. Por trás da suposta perfeição do cérebro eletrônico, materializado em múltiplos objetos high-tech, há infintos hiatos na artificialidade da inteligência.

Nota:

1. HOMO DEUS - O homem que, em função de suas criações tecnológicas e do avanço científico que promove, crê ser um uma divindade, um ser superior, tal qual Deus.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

Tecno-Zíper Arrepiante

Ala 19 - Comunidade

Responsavel pela ala: Direção de Harmonia

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - Isabel Cristina e Adriana Ferreira



Com a Inteligência Artificial imperando, temos duas cabeças que dominam a humanidade em disputa. A Mocidade faz aqui alusão ao dragão de duas cabeças denominado Zíper Arrepiante, da obra infanto-juvenil cinematográfica “Como treinar o seu dragão”. O bicho tem duas personalidades e duas mentes, uma em cada cabeça. E elas frequentemente discutem entre si sobre o que fazer. O Tecno-Zíper Arrepiante representa um perigo para humanidade e o planeta, porque reside no humano. Uma cabeça diz sim, a segunda cabeça diz não, e a disputa pode se perpetuar indefinidamente. Qualquer uma das duas cabeças deve ser removida. Essa é grande batalha do homem robotizado, encantado com a Inteligência Artificial, que vem sendo avalizada como a nossa grande aliada. Até que ponto, de fato, a IA impulsiona-nos somente ao bem se cria e reproduz corpos e vozes humanas, replica trabalhos artísticos, escanteando a produção intelectual? Ela pode ainda omitir a autoria de obras, implodindo direitos autorais e de personalidade. Deixamos a guerra dos mundos contra os marcianos para lutar entre nós, humanos, que usa a tecnologia para se deificar, ou seja um HOMO DEUS. Neste enfrentamento entre cabeças que ocupam o mesmo corpo, o futuro da humanidade encontra-se por um triz. Estar em constante vulnerabilidade não é avanço, é involução. Estamos, assim, a voltar em busca de nossa identidade perdida, como defende a própria Mocidade. Porque o futuro está no resgate do humanismo de outrora, agregador, pacifista, pessoalizado. O inimigo reside no homem, no bicho de duas cabeças que ele internaliza.

Nota:

1. HOMO DEUS - O homem que, em função de suas criações tecnológicas e do avanço científico que promove, crê ser um uma divindade, um ser superior, tal qual Deus.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

A guardiã do Ethos

Musa

Nome da Musa: Gabi Mendes

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - Atelier Leandro Dias



O pensamento, a reflexão e o questionamento críticos, pautados por parâmetros éticos, vêm sendo amplamente prejudicados pelas facilidades tecnológicas que alcançamos na palma da mão. Os livros físicos perdem espaço para o virtualismo de informações acessíveis a um “touch”. A Guardiã do Ethos (da Ética) surge com o objetivo de enfrentar os algoritmos que padronizam ações e impessoalizam o homem. É ela que tenta impedir a robotização do humano, que mesmo acreditando ser Deus, um HOMO DEUS, dominando o mundo com a tecnologia, com a Inteligência Artificial (IA), sobretudo, não se percebe em processo autofágico e, portanto, em involução.

Nota:

1. A origem da palavra ÉTICA vem do grego ETHOS, que quer dizer o modo de ser, o caráter.
2. HOMO DEUS - O homem que, em função de suas criações tecnológicas e do avanço científico que promove, crê ser um uma divindade, um ser superior, tal qual Deus.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

Um Jedi cooptado

Ala 20 - Comunidade

Responsavel pela ala: Direção de Harmonia

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - Roberta Ibraim e Layone Ventura



Na famosa franquia de cinema “Guerra nas estrelas”, do diretor norte-americano George Lucas, o personagem Darth Vader é conhecido por representar as trevas no universo fictício do cineasta. Vader é apresentado em uma jornada por meio da qual busca desarmonizar a grande FORÇA, a energia produzida pelos seres e que mantém a galáxia unida. Darth Vader, até então um escravo da monastia dos Jedi, que simboliza o bem, é cooptado para o lado sombrio da galáxia com a promessa de receber apoio e poder para salvar a sua amada, uma senadora de um reino galáctico sob ameaça. Morto durante uma batalha de sabre de luz (arma semelhante a uma espada), Darth Vader vira um ciborgue. A história do atraente personagem de “Star wars” foi transformada em game e serve de pano de fundo para um alerta proposto pela Mocidade aos pais de crianças e adolescentes, que são cooptados pelos jogos eletrônicos do novo milênio. Apaixonados pela diversão, eles vêm se entregando irrefreadamente à jogatina que aliena e incita a violência nestas batalhas virtuais, em que o adversário é transformado num inimigo a ser exterminado a qualquer custo. Isso quando não são os próprios jovens convertidos em vítimas fatais destes games. Darth Vader é o símbolo da dualidade entre o bem e o mal, tendo a escuridão triunfado sobre a luz que o conduzia.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

Marraio, feridô sou gamer!

Ala 21 - Comunidade

Responsavel pela ala: Direção de Harmonia

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - Laércio de Souza e Cleia Luiz dos Santos



O menino que brincava em um videogame no emblemático carro alegórico da Mocidade em 1993, no enredo “Marraio, feridô sou rei”, cresceu e os seus filhos representam a nova geração de jovens ávidos por jogos de toda a sorte, um GAMER! Há uma anomia, uma desestruturação social que subverte a lógica infantojuvenil de décadas atrás. Bolas de gude, piões, pipas, jogos de tabuleiro, a amarelinha, o taco de bola e outras manifestações lúdicas simples, que promoviam interatividade física, são há tempos, brincadeiras em desuso, praticamente extintas, nas grandes metrópoles. As diversões mudaram, seguindo o curso das transformações do próprio jogo da vida, impessoal, cada vez mais competitiva e individualista, conforme preconiza o capitalismo. O prazer do ato de jogar, o entretenimento pelo entretenimento, se esvai, pois que as “metas” são outras. O objetivo, agora, é a luta pela soberania como jogador, é o elevar-se sobre outros que podem estar conectados em qualquer lugar do planeta nos jogos on-line, é a autossuperação nos divertimentos nos quais a máquina, majoritariamente, é a única interlocutora. Até no xadrez o homem vem tentando se superar, desafiando a Inteligência Artificial, convertida em adversária. Tem sido derrotado em várias dessas disputas. Desde o início da computação, aliás, o xadrez é utilizado como um indicador do progresso do software e do hardware da IA. Mas, assim como ocorre no xadrez, a IA não sente os jogos em geral como um humano, não tem capacidade intuitiva, segue padrões e não cria jogadas inovadoras. A juventude transvia-se, portanto, distanciando-se afetivamente, despersonalizando-se, servindo à tecnologia.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

Planeta Negação

Ala 22 - Comunidade

Responsável pela ala: Direção de Harmonia

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - Rafaela de Souza e André Ramalho



A Terra está sob ameaça constante dos que, a pretexto do progresso, do avanço científico e tecnológico, negam que as suas ações “corroem” o planeta. Uma série de catástrofes revela que, sim, a Terra pede socorro. As transformações climáticas são os seus gritos. Não se trata de fake news. O desequilíbrio dos ecossistemas, somado à caça predatória e à perda de habitats naturais, tem levado à ameaça de extinção de algumas espécies, como as **onças-pintadas, as araras-azuis, os tatus-bolas e os crocodilos.**

A exploração de minérios e petróleo, a poluição dos rios e mares, as queimadas, o uso de combustíveis fósseis e de outros produtos que dispersam gases no ar, destruindo a camada de ozônio, sinalizam o negacionismo humano que acirra ainda mais as desigualdades econômicas e sociais entre os países no mundo. A Mocidade amplifica o debate na maior festa a céu aberto dos cinco continentes. É pertinente, atual, um tema universalista e urgente. Os fenômenos atípicos que assustam a humanidade têm uma causa comum: a hostilidade do homem em relação à Terra que o acolhe. Feito de poeira de estrelas, ele nega, portanto, a própria origem, ignora convenientemente a importância de uma relação equilibrada e respeitosa com o planeta, originário do mesmo material estelar. Desde 1972, com a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, em Estocolmo, na Suécia, os encontros internacionais, que tem o meio-ambiente como tema, vêm demonstrando a preocupação das lideranças mundiais sobre a questão. O Rio de Janeiro serviu de palco de algumas importantes conferências, como a ECO-92 (1992), a Rio+20 (2012) e o G-20 (2024). Neste 2025, o Pará vai sediar a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 30). É a contribuição do Brasil em discussões tão imprescindíveis quanto inadiáveis.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

Aqui é o fim do mundo

Ala 23 - Comunidade

Responsável pela ala: Direção de Harmonia

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - Edson Keyros



As queimadas florestais que destroem gradativamente a Amazônia e outros biomas, assim como os incêndios em áreas urbanas repletas de vegetação portentosa, aterrorizam as populações no mundo. Recentemente, em Los Angeles, nos Estados Unidos, o fogo devastou áreas quilométricas, deixando um cenário de destruição que remete a filmes-catástrofes. Entre esses, estão “Volcano - A Fúria” e “O Inferno de Dante”. São obras cinematográficas que aludem ao fim do mundo. A expectativa da humanidade é de que sejam criados mecanismos de mitigação desta destruição massiva do planeta. O aquecimento global, que começou a se intensificar a partir da Revolução Industrial, no final do século XVIII e início do XIX, é uma realidade. Gera preocupação e muitas incertezas. Os versos do bellissimo samba-manifesto da Mocidade 2025 “fogo matando a floresta/bicho morrendo no cio/febre no pouco que resta/secam as águas do rio” ilustram a nossa angústia. O homem vive no fio da navalha. Cientistas confirmaram no início de janeiro último que 2024 foi o ano mais quente já registado desde 1961, quando as medições se iniciaram. E também o primeiro ano civil em que se deixou de cumprir um objetivo climático crucial: a promessa de restringir o aquecimento global a 1,5°C acima da temperatura média, para que a queima de grandes quantidades de combustíveis fósseis fosse retomada. Clama-se pela interrupção imediata desse processo. A Agência Internacional de Energia afirma que não podemos abrir novos campos de petróleo, gás ou minas de carvão, o que exigiria uma mudança rápida para fontes de energia limpa. O ano passado foi 1,6 graus Celsius mais quente, de acordo com os dados divulgados pela Agência Europeia de Monitorização Climática Copernicus. Para os cientistas, o homem já está em meio à sexta extinção em massa das espécies no planeta.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

Tudo tem um preço

Ala 24 - Comunidade

Responsável pela ala: Direção de Harmonia

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - Cleia Luiz dos Santos Oziene Furtado



A expressão em latim, “Omnia cum pretio” ou “Tudo tem um preço”, em português, contém duplo sentido. Pode ser compreendida, neste fim do desfile, como o homem que acredita no poder absoluto do dinheiro para tudo e a todos “comprar”, acumulando riqueza neste doloroso e complexo sistema capitalista. Mas, por outro lado, tende-se a interpretá-la também sob a ótica do alto preço que o homem paga, no contexto figurado, por suas más ações, acentuadas pelo avanço tecnológico, que levam a trágicas consequências no atual cenário político-ambiental. O capitalismo tem hoje como “aliado” até mesmo a China, uma república socialista. Se o lucro é premissa, energia limpa e sustentabilidade ambiental são processos avaliados como pouco rentáveis. Com isso, o homem persiste na exploração e queima de combustíveis fósseis, provocando a elevação da temperatura, que resulta em estresse hídrico para 2,3 bilhões de pessoas no planeta e expõe 160 milhões de crianças a secas severas e prolongadas. À medida que o capital é supervalorizado e os avanços científicos e tecnológicos costuram o nosso cotidiano, o homem não para de fabricar plásticos e criar novos materiais, produtos, marcas, em um ciclo constante de descarte de lixo. Consequentemente, há mais decomposição de resíduos orgânicos, mais queima irregular de lixo, dificuldade na busca por soluções para a decomposição de lixo eletrônico. A exacerbada emissão de gases aliada ao efeito estufa acirra o aquecimento da Terra. A Mocidade regressa à sua identidade estético-conceitual futurística para novamente VOLTAR-SE PARA O FUTURO; futuro esse preocupante que, ao invés de sinalizar progresso e evolução concretos, mostra que a humanidade, tristemente, retrocede, involui. A Mocidade 2025 flerta com a metalinguagem ao abordar o futuro, ou seja a própria identidade, em um enredo através do qual reflete sobre o porvir, o amanhã, o futuro que se delinea previsivelmente apocalíptico, cuja mudança de rota só depende do próprio homem. Parece contraditório falar de um futuro sob a perspectiva da involução. O caminho, portanto, é regressar ao ponto de origem, à conexão com esse Universo, de cujas estrelas somos oriundos. A urgência é voltarmos (regressarmos) a fim de nos voltarmos (atentarmos, chamarmos a atenção) para o futuro.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

A guardiã das almas perdidas

Musa

Nome da Musa: Erika Scheneider

Criação - Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)

Confecção - Atelier Maycon Ferrero



A Terra agoniza perante a um homem que se desconectou com a sua origem primária, estelar (defendemos que somos originários de poeiras de estrelas). Ele segue freneticamente com o intento de avançar mais e mais tecnologicamente, alardeando um progresso que tem ultrapassado limites éticos e morais. Não importa se é religioso, ateu ou agnóstico. O homem deifica-se, diviniza-se tamanha a crença em sua superioridade inabalável. Mas esse HOMO DEUS perde-se, liquefaz-se. A Guardiã das Almas Perdidas é o personagem que pode conduzi-lo a trilhas solares e humanistas. É possível reconstruir-se, religar-se ao seu semelhante, bem como a esse Universo imensurável e também ao planeta, cujos sonhos das novas gerações convertem-se diariamente em pontos de interrogação. Será o Vale do Silício, na Baía de São Francisco, na Califórnia, nos Estados Unidos, um vale de almas perdidas? A região abriga muitas start-ups e empresas globais de tecnologia, como Apple, Facebook e Google. A Terra clama por misericórdia. É imprescindível, pois, estarmos atentos.

Nota:

1. HOMO DEUS - O homem que, em função de suas criações tecnológicas e do avanço científico que promove, acredita ser uma força superior, uma divindade, tal qual Deus.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

Ficha Técnica Samba-enredo

Presidente da ala dos compositores: Jorge Trivela

Total de Componentes da ala dos compositores: 100

Autores do samba: Paulo Cesar Feital, Cláudio Russo, Alex Saraíça, Denilson Rozario, Carlinhos da Chácara, Marcelo Casanossa, Rogerinho, Nito de Souza, Dr. Castilho e Léo Peres.

LETRA

(BIS)

O céu vai clarear

Iluminar a zona oeste da cidade

E Deus vai desfilar

Pra ver o mago recriar a Mocidade

A luz que nos chega da estrela primeira

Nascida do pó no Cruzeiro do Sul

Do plasma divino das mãos carpinteiras

Ressurge candeia no breu nesse azul

Será que o limbo da imaginação

Perverte a inteligência?

O homem com sua ambição

Desconhece a razão, desatina a Ciência

Será que há de ter carnaval sem minha cadência?

Com alas em tom digital, no fim da existência

Me diz, afinal

Quem há de arcar com as consequências?

(BIS)

Se a Mocidade sonhar

No infinito escrever

Versos à luz do luar, deixa!

Quando o futuro voltar

A juventude vai crer

Que toda estrela pode renascer

O verde adoecido da esperança

Ofega sobre o leito da cobiça

Quem vive pelo preço da cobrança

Derrama sua lágrima postiça

Fogo matando a floresta

Bicho morrendo no cio

Febre no pouco que resta

Secam as águas do rio

E a vida vai vivendo por um fio

Naveguei

No afã de me encontrar, eu me emocionei

Lembrei da corda bamba que atravessei

São tantas as viradas desta vida

A mão que faz a bomba se arrepende

Faz o samba e aprende

A se entregar de corpo e alma na avenida

(BIS)

O céu vai clarear

Iluminar a zona oeste da cidade

E Deus vai desfilar

Pra ver o mago recriar a Mocidade

JUSTIFICATIVA DO SAMBA

Defesa do Samba-de-Enredo de 2025

da

Mocidade independente de Padre Miguel

A luz que nos chega da estrela primeira, nascida do pó no Cruzeiro do Sul

A incandescente Mocidade independente de Padre Miguel, da galáxia da Vila Vintém, é originária da poeira lançada no Cosmos a partir das explosões ocorridas no interior de uma estrela massiva, de bilhões de anos atrás. A verde e branca forja-se, segundo os poetas deste samba, a partir da fusão nuclear de um corpo celeste que compõe a Constelação do Cruzeiro do Sul. A Mocidade surge juntamente com o todo que há na Terra, sobretudo o homem, a perfeição materializada do Universo. A celebrada agremiação da zona Oeste, fonte luminosa de energia, apresenta-se como uma **ESTRELA-COMETA**, alusão à Estrela de Belém, que anunciou a chegada do Deus menino, conforme a narrativa Cristã. Cabe destacar que a agremiação lança mão de licença poética e, como estrela guia que é, perpassa a mítica bíblica para apontar o “nascimento” de uma nova espécie humana, o Homo Deus, que se autoproclama o redentor da humanidade no terceiro milênio. Mas, paradoxalmente, o que se alardeia como seres libertários, veio tomando formas, ao longo das últimas décadas, de cruéis aprisionadores, com o uso abusivo e inconsequente da ciência e da tecnologia.

Do plasma divino das mãos carpinteiras, ressurge candeia no breu nesse azul

Há aqui uma provocação sutil, sugerindo que o surgimento das estrelas pode não ter apenas uma explicação científica. As luminosas, quem sabe, teriam sido “construídas” pelas mãos de um ser supremo, divino, “o carpinteiro” do Universo. O nascimento das estrelas estaria, portanto, diante ainda do secular debate entre ciência e religião. No processo de vida terrena, nascimento e morte fazem parte de um mesmo ciclo. Com as estrelas ocorre o mesmo. Elas nascem, morrem e renascem. A Mocidade, porém, alinha-se às teses científicas. É uma estrela em rotundidade eterna, uma vez que sempre renasce fulgurosa, brilhante, da força de sua própria comunidade. Hoje e sempre há de figurar na vastidão do céu da Zona Oeste do Rio de Janeiro, irradiando luz celestial.

Será que o limbo da imaginação perverte a inteligência?

A acelerada evolução da humanidade, que nos faz crer em progresso científico, começa a impor reflexões sobre a suposta superioridade criativa do único ser racional do planeta. O homem quer explorar **MARTE**, mas será que já não houve (ou há) marcianos na Terra? Filmes catástrofes e desenhos animados produzidos no pós-guerra (1939-1945) buscaram prever majoritariamente o futuro. Atualmente, já reconhecemos a nossa involução,, diante dessa nova espécie humana incapaz de se sensibilizar com questões elementares para a manutenção de sua sobrevivência. O homem trilha recorrentemente pela penumbra de sua potência criativa ao invés de caminhar, decididamente, apenas por frestas solares, como no fazer artístico.

O homem com sua ambição, desconhece a razão, desatina a ciência

A ambição humana é tratada como uma das variantes do orgulho, pecado capital em que há amor desordenado das honras, das dignidades e da autoridade sobre os outros. O novo homem do século XXI investe no conhecimento como instrumento de salvação. E, de fato, inúmeras descobertas científicas ajudam-no a avançar. Mas, opostamente, vive o temor da descoordenação de seus experimentalismos e criações que vulnerabilizaram cotidianamente a humanidade e o planeta. A disputa entre humanos não se restringe mais à exploração do espaço e à corrida armamentista. O homem se lança, agora, aceleradamente, na busca por novas batalhas, pela autossuperação, desafiando a ciência em uma óbvia demonstração de irracionalidade. A luta, atualmente, é pelo pioneirismo em inovações tecnológicas e em descobertas científicas.

Será que há de ter carnaval, sem minha cadência?

Se a tecnologia pauta a vida cotidiana, cabe questionar se a cadência do samba, particularmente da bateria Não Existe Mais Quente, será atravessada pelas inúmeras interferências irrefreáveis da criação humana no atual mundo globalizado. Teremos ritmistas robotizados, carros alegóricos autônomos, comandados à distância, igualmente a drones? A argumentação intrigante direciona-se às inventividades que podem despersonalizar, sobremaneira, a festa mais humanista e democrática do planeta.

Com alas em tom digital no fim da existência

Caso o grande palco dos desfiles das escolas de samba vier a se digitalizar por completo, teremos o mais apocalíptico desfecho para o maior espetáculo da Terra. O mundo em “touch” é uma realidade que se mostra irreversível. De acordo com o portal “Electronics Hub”, o Brasil ocupa o segundo lugar no ranking do uso de telas, com pessoas ficando em média 9 horas e 13 minutos por dia visualizando conteúdo digital. A porcentagem em relação ao horário em que os brasileiros ficam acordados chega a 54,7%. O país só é superado pela África do Sul. A Inteligência Artificial reforça o encantamento pelo mundo digitalizado. Como ter autonomia no pensar diante dos algoritmos que

convertem o planeta num grande globo artificial? Mas a experiência físico-sensorial, humana, real, é singular e insubstituível. Há que se preservá-la, portanto.

Me diz afinal, quem há de arcar com as consequências?

Os desajustes sociais, frutos deste mundo em “touch”, têm sido inevitáveis, como sublinha este enredo e samba tão apropriados para a nossa reflexão no contexto atual, em que o meio ambiente e a existência humana pautam chefes de nações e outras lideranças mundiais. Países de todos os continentes estiveram presentes no fim do ano passado no G-20, no Rio de Janeiro, para discutir o presente e o futuro das novas gerações, o destino da humanidade. É evidente que este novo homem já arca com as consequências de suas ações. Sob o pretexto do progresso está, de fato, em processo de involução gradativa.

Se a mocidade sonhar, no infinito escrever versos a luz do luar, deixa!

A Mocidade continua otimista e perseverante, anunciando novamente, como nos versos do samba de 1992, que “sonhar não custa nada”. A vida é sonho, como já sentenciou o poeta espanhol Pedro Calderón de la Barca em livro homônimo. E para sonhos não há que se impor limites. A agremiação quer acreditar na possibilidade de regaste de um homem mais humanista. E essa mudança, tão sonhada, encontra-se nesta poética que, com delicadeza e lirismo sugere que “escrevamos” uma nova história para o planeta e a nossa existência. A metáfora contida em “no infinito escrever versos a luz do luar” transporta-nos para uma obra-prima da própria escola: o samba “Ziriguidum 2001”, de 1985. Os versos “Quero ver no céu minha estrela brilhar/Escrever meus versos na luz do luar”, do trio campeoníssimo Gibi, Tiãozinho e Arsênio, são referenciais na história do Carnaval do Rio de Janeiro e do Brasil. Deixemos que a Mocidade nos conduza a um ambiente imaginário no qual o homem esteja predisposto a se reconstruir, reconhecendo a sua fragilidade. Definitivamente, ele não é uma divindade como supõe.

Quando o futuro voltar, a juventude vai crer que toda estrela pode renascer

Todos anseiam pela construção de um futuro que remeta a uma nova era de verdadeira redenção do homem. Com urgência, ele deve se conscientizar acerca de sua miudeza orgânica em relação à Terra e ao Universo. A Mocidade quer voltar para o futuro, não só de glórias e títulos adquiridos por meio de desfiles antológicos, high-tech, futurísticos, que alicerçaram a sua identidade. A escola defende a persistência do homem para a gestação de um amanhã harmonioso na Terra, tangível, alcançável. Os movimentos que dão protagonismo aos debates ecológicos tornam-se imprescindíveis para a sustentação da crença em um porvir auspicioso. Somente com o engajamento das gerações futuras será possível reverter as barbáries, que se testemunha, praticadas contra o meio-ambiente. A Mocidade é um corpo celeste historicamente poderoso, sempre a ressurgir. Ainda assim,

é condição *sine qua non* que a resguardemos. Não podemos e nem devemos nos manter à beira do precipício a que chegamos.

O verde adoecido da esperança ofega sobre o leito da cobiça

A esperança, expressada pela cor verde, denota-se fragilizada tal qual as matas adoecidas pelos maus-tratos humanos. A Mocidade, afirmativamente, engaja-se na luta pela preservação dos seis biomas brasileiros: a Amazônia, a Caatinga, o Cerrado, o Pantanal, a Mata Atlântica e o Pampa. Mas a cobiça, associada ao pecado capital da inveja e também à ganância, ilustra o nosso desdém com as causas ambientais. O agrobusiness, um dos símbolos do capitalismo neoliberal avassalador, a qual se rende o homem, é avassalador. Representa o agente que “ofega”, que “tira o ar”, que destrói os ecossistemas no Brasil e em outras partes do mundo. Os recentes incêndios que destruíram grande parte da Califórnia, especialmente a cidade de Los Angeles, nos Estados Unidos, chamou a atenção das nações para a crise climática em que estamos mergulhados.

Quem vive pelo preço da cobrança derrama sua lágrima postiça

Quem somente vive em prol do capital não se volta para o futuro, considerando as questões ambientais. O capitalismo é caracterizado pelo lucro exacerbado, pelo individualismo, pelas ações imediatistas. Mas o homem, que (des)mata, contraditoriamente, discursa sobre o púlpito, diante das câmeras, em defesa do meio-ambiente. E lança mão de lágrimas falsas, postiças. Empresários até promovem ou patrocinam projetos dedicados à sustentabilidade ambiental e à qualidade de vida do trabalhador. Ao final, publicizam os seus feitos em relatórios anuais. Tais ações, como a Mocidade delata, são vazias, desprovidas de verdade, majoritariamente teatralizadas. O objetivo da classe empresarial é, de fato, conquistar aplausos e o reconhecimento da opinião pública.

Fogo matando a floresta

As queimadas, nas florestas no Brasil e em outras regiões do planeta, são cada vez mais constantes. Provocadas pelo próprio homem, devastam hectares de vegetação. O crime é praticado para a renovação de pasto e a prática do garimpo ilegal. O intento é atender às demandas do mercado. Vale ressaltar que 2,5 milhões de hectares de vegetação nativa do Pantanal foram queimados de 1º de janeiro a 31 de agosto de 2024; 63.189 focos de incêndio foram registrados na Amazônia, de 1º de janeiro a 31 de agosto de 2024; 90% das áreas desmatadas na Amazônia de 1985 a 2023 foram ocupadas pela agropecuária. Os dados são do Greenpeace.

Bicho morrendo no cio

Com as queimadas, os animais silvestres vão deixando o seu habitat natural ou morrendo. Interessante lembrar a constância com que algumas espécies ou coletivos dessas têm aparecido em ambientes urbanos. É uma constatação do desequilíbrio do ecossistema no mundo. Com a morte dos animais, damos início ao processo de extinção de espécies. Se perdemos bichos no cio não há, assim, que contarmos com a reprodução e a perpetuação das espécies do reino animal.

Febre no pouco que resta

A palavra “febre” é um eufemismo para traduzir o aquecimento do planeta, resultado do desmatamento, da queima de combustíveis fósseis e da exposição aos raios solares devido à destruição da camada de ozônio. Um dos maiores vilões é o uso excessivo de aparelhos de ar-condicionado, um aliado cotidiano do homem, aparentemente inofensivo. Eis mais uma contradição do caos atual provocado pela “civilização”. De acordo com uma pesquisa científica publicada pela revista “Environmental Research Letters”, a utilização do ar-condicionado nas grandes cidades eleva a temperatura em 2°C.

Secam as águas do rio

A seca dos rios decorre principalmente das temperaturas elevadas. “Um estudo feito pelo Laboratório de Análise e Processamento de Imagens de Satélites (Lapis), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), publicado no periódico internacional Water, mostra, através de imagens de satélite, como os maiores rios do país estão secando”. O relatório destaca que 55% do território brasileiro já foi afetado pela seca, a mais extensa já registrada. São 4,6 milhões de km² atingidos pelo problema. A questão, no entanto, não se restringe ao Brasil. É uma preocupação mundial, um tema complexo. Se por um lado rios secam devido às altas temperaturas e à falta de chuva, por outro, geleiras do Ártico derretem, aumentando o nível dos mares. Cerca de 9,6 trilhões de toneladas de gelo glacial no mundo derreteram desde 1961, conforme dados de 2019 de um estudo feito por satélite da Universidade de Zurique, na Suíça.

E a vida vai vivendo por um fio

As mudanças climáticas colocam em vulnerabilidade a sobrevivência do homem na Terra. A humanidade se encontra em constante estado de atenção diante de tempestades cada vez mais intensas, furacões avassaladores, maremotos (tsunamis), tal qual o que atingiu países como a Indonésia, a Tailândia e a Índia há 20 anos, deixando um saldo de quase 230 mil mortos. O risco iminente de uma nova tragédia em regiões historicamente mais expostas à fúria da natureza, é sempre motivo de tensão. No entanto, a imprevisibilidade dos acontecimentos tem sido uma

constante, ainda que os institutos de meteorologia nos sirvam como sinalizadores. Vivemos “no fio da navalha”, em meio às incertezas.

Naveguei...

No afã de me encontrar eu me emocionei

Apesar das adversidades, navegar é preciso. E viver também. Somente um revisionismo exponencial de ações do homem será capaz de libertá-lo da desconexão com o real, trazendo-o de volta às experiências presenciais. O mundo virtual, despersonalizado, viciante e disruptivo, precisa ser transitado parcimoniosamente. Mergulhar em si é o caminho para o resgate da própria identidade e de todos os sentimentos que mexem com as suas emoções. Os Independentes já estão conscientes e apostam em relações humanas mais fraternas, libertárias e igualitárias. O verso leva a comunidade da Vila Vintém de volta a “Chuê, chuá, as águas vão rolar”, enredo de 1991, cuja “cabeça” do samba se iniciava igualmente.

Lembrei da corda bamba que atravessei

Como um equilibrista de “O grande circo místico”, enredo da escola em 2002, o Independente, consciente de sua importância no processo de humanização e regeneração do planeta, enfrenta os obstáculos que lhes foram impostos pela ambição e cobiça enraizadas em nossa sociedade.

São tantas as viradas desta vida

Nas trilhas da vida, somos nós próprios os responsáveis por definir quais delas iremos percorrer. E a Mocidade, estrela-guia de todos nós, aponta com seu brilho para um novo caminho, no qual não seja refém da exploração da ciência de forma abusiva, por vezes sem critérios bem definidos. As maravilhas do mundo digital, liquefeito, “em touch”, são apresentadas pelo homem como instrumentos de libertação. Mas este novo “salvador”, o Homo Deus, acaba se traindo com as suas próprias criações, denotando-se, na verdade, um aprisionador de corpos e mentes. O que ele não esperava é que os Independentes estão sempre preparados para virar o jogo, como em 1990, quando se reverenciaram na avenida com “Vira Virou, a Mocidade Chegou”. Promoveram uma grande reviravolta e foram campeões.

A mão que faz a bomba se arrepende, faz o samba e aprende a se entregar de corpo e alma na avenida

Entre as mais questionáveis e aterrorizantes criações humanas, alavancadas pelo avanço da ciência, está a bomba atômica, lançada pelos Estados Unidos sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki durante a Segunda Guerra Mundial. O tema foi devidamente discutido pela Mocidade em “Criador e criatura”, outro enredo antológico, cujo desfile em 1996 consagrou mais uma vez a agremiação como campeã. O refrão “A mão que faz a bomba, faz o samba/E Deus/Deus faz gente bamba/A bomba que explode nesse carnaval/É a Mocidade levantando o seu astral” também é emblemático.. O verso alude ao referido refrão, mas propõe a remissão do homem que, por não ser Deus, tem tudo para rever a existência com o objetivo de reordenar as suas ações no presente com vistas a uma nova perspectiva de futuro, mais integradora e iluminista. O homem, redimido de suas mazelas, vê a arte, a composição de um samba, como uma das possíveis saídas para voltar a ser mais feliz e humanista. E assim se entrega à folia do Momo, por inteiro, de corpo e alma, outra bela citação e homenagem dos compositores à própria Mocidade, quando em 1997 encantou o público com “De corpo e alma na avenida”.

O céu vai clarear Iluminar a zona oeste da cidade

A chegada da Mocidade na avenida é como um clarão que encanta e ilumina os Independentes e o público, tal qual a cauda de um cometa. Por este motivo, a **ESTRELA COMETA** abre o cortejo de 2025. Necessário enfatizar novamente que é uma licença poética usada pelos carnavalescos, pois que estrelas e cometas são corpos de composições distintas. É uma alusão, conforme também já ressaltado, à Estrela de Belém, que sinalizou o nascimento de Jesus, segundo a crença Cristã. A Mocidade aponta para o surgimento de um novo homem que crê ser Deus. Mas é um mortal, frágil, originário de poeira estelar, bem como os seus semelhantes da galáxia da Vila Vintém.

E Deus vai desfilar Pra ver o mago recriar a Mocidade

Ao admitir que, sim, somos todos feitos de poeiras de estrelas, o homem coloca em xeque a teoria criacionista, ou seja questiona ser criação de um agente sobrenatural. Para a Mocidade é a cosmologia que explica a origem do ser e não a mítica religiosa. Mas ciência e religião sempre nutriram a história da humanidade, que se transforma com o tempo de acordo com as concepções filosóficas e os contextos políticos, sociais e econômicos. A Mocidade respeita, portanto, as contrariedades existentes entre o cientificismo e a religiosidade, sugerindo neste verso, pontualmente, que uma força suprema, seja das doutrinas religiosas do ocidente ou do oriente, possa estar presente na avenida. Assim, o divino testemunhará a salvaguarda da identidade da escola através do resgate criativo do profissional que mais títulos deu à agremiação, Renato Lage, apelidado de mago por seu trabalho repleto de beleza estética e magia. Pioneira, a Mocidade independente de Padre Miguel ergue a sua bandeira de novo e planta firmemente raiz.

JUSTIFICATIVA DA MELODIA

Defesa da Melodia do Samba-de-Enredo de 2025

da

Mocidade independente de Padre Miguel

O samba-de-enredo 2025 da Mocidade Independente de Padre Miguel, baseado no enredo “Voltando para o futuro, não há limites para sonhar”, é “Independente”, tem DNA original da Zona Oeste, com melodia predominante em Si bemol menor, perpassada por algumas nuances que dão brilho para evidenciar a letra.

Logo no primeiro refrão já denotamos uma forte conjugação de letra e melodia, que leva à explosão e ao clamor popular: “O CÉU VAI CLAREAR!”. Isso é de grande dominância. Temos um contracanto e uma linha interna entre melodia e harmonia (acordes), que ressalta a grandiosidade e o impacto da valentia do refrão da obra, cujo verso final sinaliza um lamento emocionante: “E DEUS VAI DESFILAR PRA VER O MAGO RECRIAR A MOCIDADE”.

A primeira estrofe do samba tem notas de melodia com maior duração nos termos de frases, levando-nos a momentos de reflexão sobre o enredo. Ei-la:

“A LUZ QUE NOS CHEGA DA ESTRELA PRIMEIRA
NASCIDA DO PÓ NO CRUZEIRO DO SUL
DO PLASMA DIVINO DAS MÃOS CARPINTEIRAS
RESSURGE CANDEIA NO BREU NESSE AZUL”

A melodia continua em comunhão com a letra, que apresenta, com firmeza, o seguinte questionamento:

SERÁ QUE O LIMBO DA IMAGINAÇÃO PERVERTE A INTELIGÊNCIA?

Logo após, há outro momento impactante:

“O HOMEM COM SUA AMBIÇÃO, DESCONHECE A RAZÃO, DESATINA A CIÊNCIA”.
Neste verso, a melodia passeia pelo tom relativo maior e também por notas mais fortes nos finais de frases e nos inícios das seguintes, mostrando-nos um diálogo entre perguntas e respostas, como abaixo:

SERÁ QUE HÁ DE TER CARNAVAL? SEM MINHA CADÊNCIA.

E, assim, passamos para um descanso, com melodia mais leve, preparando-nos para o envolvente refrão do meio que, aliás, poderia ser o principal, por também traduzir grande expressão melódica.

Nele, ocorrem ataques rítmicos e harmônicos (acordes) para enfatizar letra e melodia, reafirmando ainda mais a mensagem que a composição transmite. Vejamos:

“SE A MOCIDADE SONHAR NO INFINITO ESCREVER
VERSOS A LUZ DO LUAR, DEIXA!
QUANDO O FUTURO VOLTAR
A JUVENTUDE VAI CRER
QUE TODA ESTRELA PODE RENASCER”.

A saída da segunda traz mais um verso reflexivo:

“ O VERDE ADOECIDO DA ESPERANÇA
OFEGA SOBRE O LEITO DA COBIÇA”

Aqui, melodia e harmonia caminham para o quinto grau menor da escala, estabelecendo uma divisão rítmica, característica entre a harmonia do carro de som e a bateria. Seguem e traçam uma linha interna, descendo do sétimo para o sexto grau da escala.

Na continuação da segunda do samba, variamos a melodia, forjando um alteroso vigor, quando todos cantam de braços abertos:

NAVEGUEI...

NO AFÃ DE ME ENCONTRAR EU ME EMOCIONEI...

Esse verso, em tom maior, serve-nos para impor alegria e caminhar à explosão do refrão principal. No final da segunda, volta-se para o tom menor, construindo a mesma métrica, com o objetivo de pontuarmos, mais uma vez, as notas mais fortes nas terminações de frase. Assim, trilhamos para o refrão principal da obra, com uma entrega perfeita, aguerrida e vibrante, que leva a Mocidade a se visitar, ecoando:

“A MÃO QUE FAZ BOMBA SE ARREPENDE

FAZ O SAMBA E APRENDE

A SE ENTREGAR DE CORPO E ALMA NA AVENIDA”

É desta forma, totalmente devotados ao enredo, que entregaremos o melhor na avenida, sinalizando com um grito de alerta, providencial e necessário, por meio do nosso belíssimo samba-de-enredo, que estamos atentos, voltados ao futuro, e sempre muito apaixonados pela Mocidade Independente de Padre Miguel, a nossa eterna Estrela-Guia.

FICHA TÉCNICA**Bateria**

Diretor Geral de Bateria Mestre Dudu				
Outros Diretores de Bateria Diretores de Bateria: Alan Rocha, Alexandre Ricarte, Artur Ferreira, Carlos Alexandre Alves, Danielle Cavalcante, Geovane Gomes Martins, Lê Tavares, Leandro da Silva Martins, Milton Pereira, Paulo César Mendes Martins, Paulo Vitor Oliveira, Peterson Patrick Mallet, Rômulo Lima, Ruben Fernandes, Uilton Rodrigues, Marcos Wendell José da Silva.				
Total de Componentes da Bateria 250 (duzentos e cinquenta ritmistas)				
NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS				
1ª Marcação 13	2ª Marcação 13	3ª Marcação 14	Reco-Reco -	Ganzá -
Caixa 78	Tarol	Tamborim 36	Tan-Tan -	Repinique 36
Prato -	Agogô 12	Cuica 24	Chocalho 24	Atabaque
ESCLARECIMENTO MUSICAL				

FICHA TÉCNICA**Harmonia**

Diretor Geral de Harmonia Wallace Capoeira e Sandro de Menezes
Outros Diretores de Harmonia Outros Diretores de Harmonia: Cássio Vieira do Nascimento Marcos Paulo Carvalho Silva Pedro Henrique Dutra Souza Florentino Souza da Silva Cristiane Araújo da Paixão Santiago Gilberto Pereira da Silva Geraldo Guilherme da Costa Eduardo de França Cunha Marcelinho Emoção André Marins
Total de Componentes da Direção de Harmonia 85 (oitenta e cinco)
Puxador(es) do Samba-Enredo Zé Paulo Sierra (Intérprete Oficial) André Luís Felix (Diretor Musical) Carro de Som (Cantores de Apoio) – Roni Caetano, Viviane Santos, Millena Wainer, Roberta Barreto, Igor Pitta e Thiago Brito
Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo Cavaco 01 – Jotinha Cavaco 02 – Leandro Paiva Violão – Victor Alves

FICHA TÉCNICA**Evolução**

Diretor Geral de Evolução Mauro Amorim
Outros Diretores de Evolução Mauro Amorim - Diretor de Carnaval Marcelo Plácido - Diretor de Barracão Alex Furtado - Equipe Carnaval Highor Pfaltzgraß - Equipe Carnaval Graça - Equipe Carnaval Sandro Menezes- Direção Geral de Harmonia Wallace Capoeira - Direção Geral de Harmonia , Harmonia Bateria Marcelinho Emoção - Diretor de Harmonia, Comissão de Frente e Cabeça de Escola. André Marins - Diretor de Harmonia, Volante de desfile. Thiago Ferreira - Diretor Geral de Alegorias George Louzada - Diretor Artístico e Coordenador da Ala de Passistas.
Total de Componentes da Direção de Evolução 85 (oitenta e cinco)

Responsável pela Comissão de Frente Marcelo Misailidis		
Coreógrafo(a) e Diretor(a) Marcelo Misailidis		
Total de Componentes da Comissão de Frente	Mínimo de Componentes	Máximo de Componentes
15 (quinze)	15 (quinze)	15 (quinze)
<p>Nome da Comissão de Frente: <u>IA.venida Matrix do Samba, o futuro é aqui...</u></p> <p>Introdução: Introdução: <i>-Olá, você está aí?</i> <i>-Estamos em algum lugar, talvez até mesmo na Sapucaí, acho que perdemos o controle...</i> <i>-Mergulhamos num mundo no qual o que é real se mistura com a ilusão, surfamos uma onda que parece não ter fim, estamos presos, talvez distorcidos, e a nossa relação com a humanidade é confusa.</i> <i>-Nossa esperança é a Estrela Guia, são os jovens, a futura Mocidade que ainda pulsa o tambor do futuro....</i> <i>-Olá, você ainda está aí ?</i></p> <p>Justificativa: A introdução acima é o recorte de uma mensagem, um relato perdido no tempo, por meio da qual cria-se certo suspense sobre um tema que iremos abordar, um cenário com que, certamente, poderemos nos defrontar.</p> <p>Ao mergulharmos em um enredo com temática futurística, enfrentamos muitas indagações e, mais ainda, testemunhamos uma infinidade de preocupações que pairam sob o cotidiano.</p> <p>No mundo em que estamos, saturados de informações, contraditoriamente vivemos uma realidade pautada, progressivamente, por incertezas, cercados por fake-news, dependentes extremos da tecnologia. Atualmente, um dos temas mais discutidos é a IA, a Inteligência Artificial, bem como todos os dilemas dela decorrentes, em meio a novas perspectivas do que vislumbramos para o futuro.</p>		

Aqui nos deparamos, como na narrativa introdutória, diante de uma sociedade, cada vez mais, presa à máquina, o homem vagando solitário dentro de computadores, e, na realidade, prestes a presenciar a máquina ganhar autonomia.

Como menciona a letra do samba-enredo, o *“Será que há de ter Carnaval, sem minha cadência? Com alas em tom digital...”* é também um mote de inspiração para esta cena.

Quem será livre no futuro, nós ou a máquina?

“Me diz afinal quem há de arcar com as consequências?”

Enquanto isso, no mundo interconectado, o homem e a máquina, juntos, encontram-se no Sambódromo e fazem ascender uma nova sinfonia que, por enquanto sabemos, tem arte e muita alegria.

Ficha Técnica:

Concepção, direção e coreografia
Marcelo Misailidis

Coreógrafo associado
Alan Keller

Assistentes e ensaiadores
Aloani Bastos
Eliomar Bonavita

Cenógrafo - Insight
Pedro Henrique

Design digital
Felipe Machado

Figurista
Marcelo Oliveira

Atelier Avant Première
Adriano Vasconcelos
Vanessa Castro Camara

Supernova, A Grande Explosão

1º Casal

Nome da Porta-bandeira: Bruna Santos**Nome do Mestre-sala:** Diogo Jesus

Supernova é um fenômeno que ocorre com estrelas de maior massa, cujas explosões no próprio núcleo lançam partículas, poeiras, no Universo, criando outras estrelas e os elementos químicos que constituíram o homem e a Terra. Cada átomo em nosso corpo compartilha uma história cósmica, remontando às profundezas do infinito. O primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira, representa esse processo colapsante, que se origina no interior das estrelas. As Supernovas se dão com os corpos celestes luminosos que, depois de viverem milhões ou bilhões de anos, reduzem substâncias químicas que promovem a sua combustão, como o hidrogênio e o hélio, principalmente, até se esgotarem. São estrelas que morrem na imensidão do Universo para que outras surjam. Quanta beleza e poesia há neste fenômeno de astros que vigoram em longos ciclos de existência. Observemos o céu para que compreendamos os movimentos na Terra. A imagética da Supernova traduzida por Diogo Jesus e Bruna Santos está envolta por imensas nuvens de gases e poeira de alegria e amor pelo pavilhão Independente. São estrelas que explodem descomunalmente, desenhando, com muita luz e energia, um bailado de raro encanto, como numa valsa cósmica, ora se aproximando, ora se afastando, para em um arrebatamento apaixonante gerar novas vidas.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

As Duas Luas de Marte

2º Casal

Nome da Porta-bandeira: Isabella Moura

Nome do Mestre-sala: Diego Moreira



A obsessão por Marte tem levado o homem a investir dezenas de bilhões de dólares em tecnologia a fim de explorar o “planeta vermelho”. Cientistas identificaram pela primeira vez um reservatório de água líquida em Marte, nas profundezas da crosta rochosa mais externa do planeta. As descobertas, publicadas na revista científica “Proceedings of the National Academy of Sciences”, vêm de uma nova análise de dados da sonda Insight, da Nasa, que lá pousou em 2018. Se há água, a esperança de haver vida animal e vegetal em Marte continua. Mas, para além da busca por vida nesta misteriosa “estrela de fogo”, como chamam-na os asiáticos, há dados científicos comprovados, como a existência de duas luas que orbitam o planeta. O segundo casal de mestre-sala e porta-bandeira expressam esses dois satélites naturais marcianos, batizados Phobos (que significa medo) e Deimos (fobia). As luas receberam o mesmo nome dos cavalos que puxavam a carruagem de Ares, o deus da guerra na mitologia grega. Mas Marte é um deus da mitologia romana, também da guerra, e por isso comparado a Ares. As fantasias retratam essas duas luas que, aliás, por não possuírem uma forma física concreta, levam a escola a uma interpretação associada ao imaginário popular sobre o mítico planeta.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

Ambição Universal

3º Casal

Nome da Porta-bandeira: Elaine Ribeiro

Nome do Mestre-sala: Jeferson Pereira



A ambição desenfreada, a ganância que perverte o homem e o converte em vítima de si mesmo, tem vulnerabilizado a Terra. Esse sentimento universalista, que revela muito da natureza humana, intensifica-se no sistema capitalista em que vivemos e no qual o lucro despersonaliza o indivíduo, cada vez menos atento ao seu semelhante, aos dilemas éticos tecnocientíficos e às questões socioambientais. O terceiro casal de mestre-sala e porta-bandeira expressa o forte desejo de poder, riquezas, honras, glórias e sucesso do homem no atual cenário do mundo regido pelo capital. É um contexto sombrio, de desesperança, que se reflete no desequilíbrio dos ecossistemas, enfim dos biomas na Terra. Há uma degenerescência moral globalizada que efemera relações humanas, aprofunda disputas entre sujeitos e empresas, levando à desestabilização do meio-ambiente, hostilizado, em processo doloroso de subalternidade e destruição progressiva. A compreensão de nossa origem (somos feitos de poeira de estrelas) traduz-se como a mais convincente saída deste “buraco negro” para o qual o homem vem sendo atraído. Estamos diante de uma espécie de força abissal cósmica, que arrebatou tudo o que dela se aproxima. Nem mesmo a luz escapa deste campo gravitacional escuro, “claustrofóbico”.

**Os croquis apresentados são utilizados como referência para a confecção das fantasias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti



PRESIDENTE

Renato Thor

Quem tem Medo de Xica Manigongo?



Carnavalesco

Jack Vasconcelos

HISTÓRICO DO ENREDO

Sinopse do enredo

QUEM TEM MEDO DE XICA MANIGONGO?

Trago verdades. Não, necessariamente, as suas.

Pisei na terra dos antigos, bebi na fonte dos eternos, respirei a fumaça do encantamento e agora vou contar para vocês o que meus olhos leram nos escritos desse mundo, minhas orelhas ouviram diretamente da boca do lado de lá e minha alma sentiu quando a ancestralidade se materializou.

A poeira assentada no passado se levantou do chão e me falou do tempo primordial bantu, de quando as energias masculina e feminina emanavam nos exus sem distinção de sexo.

Exu de duas cabeças vibra na encruzilhada dessas duas polaridades ordenando o caos criacional, mesmo após Exu Maioral ter dividido as energias em dois corpos distintos. São faces de uma mesma moeda. Coexistem e se complementam na veia que corre entre o mundano e o astral.

Muito antes da cruz do homem branco rasgar o ar das terras africanas, sacerdotes já cultuavam os antepassados no Reino do Congo, onde ela nasceu varão. Predestinada.

Acreditavam serem sagrados os que recebiam a dádiva de conter almas identificadas com o gênero diferente ao do seu corpo nascido, como se um único ser corporificasse os espíritos masculino e o feminino. Uma existência completa, plena, capaz de ser transição entre dois mundos, detentores da sabedoria, comunicadores da ancestralidade.

Tais caminhos que se entrecruzam em um só, faziam a mulher transbordar naquele corpo de homem. Sim, o varão era uma cudina congoleza. Uma bela Jimbanda, uma poderosa kimbandeira. Uma sacerdotisa Manicongo, senhora do Congo e da magia.

Mas a religião do colonizador europeu demonizou sua existência e crença.

Ela disse: "NÃO". Se recusou a renunciar sua natureza, sua identidade.

Pagou alto pelo atrevimento.

Escravizada, a fizeram de mercadoria do Reino de Portugal. Seu nome africano se perdeu, ignorado nos cadernos de anotações que escrituravam o roubo da liberdade. Sob as bênçãos de nosso Senhor foi batizada Francisco e transportada para São Salvador da Bahia de Todos os Santos, a capital da colônia do Brasil.

Francisco Manicongo, registrada, assim, impuseram-na obediência a um deus, um rei e um dono.

Foi vendida a um sapateiro que muito insistia em mantê-la sob as rédeas do "cistema". Porém, aquelas vestes, aquelas calças, aquele nome, aquela fé, não a pertenciam. Eles não eram dela. Ela não era deles.

Então, ela disse: "NÃO". Se recusou a renunciar sua natureza, sua identidade.

Ela não era Francisco, ela era Francisca, era Xica.

Xica Manicongo.

E lá se foi Xica: sobranceira, batendo os tamancos, subindo e descendo as ladeiras à serviço ou passeando, envolta no tecido preso à cintura com o nó para frente, como se fazia na sua terra, ao modo Jimbanda.

E lá se ia Xica: faceira, no ganho ou na saliência pelos because e cantos, envolta por braços másculos e línguas alcoviteiras, dissimulando o amor que não ousa se dizer o nome, como feito na sua nova terra ao modo dos hipócritas.

E lá se via Xica: afrontosa, na companhia dos "invertidos", de originários tibiras e çacoaimbeguiras pelos logradouros e matas, envolta na dor e delícia de ser o que se é, como já se fazia nessa terra, ao modo Pindorama.

E lá estava Xica: embrenhada na floresta tropical, fazendo calundu, desbatizada indígena, abraçada pela Jurema, deu boa noite às raízes, fogo no mato, subindo fumaça, aprendendo com o catimbó a adaptar o culto aos seus antepassados, que sem folha não tem nada, como se fazia nessa terra antes da invasão, ao modo tupinambá

E lá seguia Xica: temida, da cidade alta à cidade baixa com fama de bruxa, feiticeira, sacerdotisa dos desencarnados e das práticas "não cristãs", envolta pela espiritualidade dos seus ancestrais, como se fazia na sua terra, ao modo quimbanda.

Quando a intolerância bradou contra ela em praça pública a ordenou renegar sua religiosidade, abandonar sua fé para oprimir sua existência, Xica disse: "NÃO". Se recusou a renunciar sua ancestralidade, sua identidade.

Quando o ódio vociferou contra ela em praça pública a ordenou se vestir, andar e falar "como se deve", a atender pelo nome de Francisco, para oprimir sua existência, Xica disse: "NÃO". Se recusou a renunciar sua natureza, sua identidade.

Mais uma vez, pagaria alto pela transgressão. Corpo desobediente.

O ultraje foi revidado com uma denúncia à Santa Inquisição em Salvador, pois, pelo comportamento considerado indecente e figura dissidente, Xica Manicongo seria uma criminosa de lesa-majestade aos olhos das Ordenações Manuelinas.

Assim, Francisco Manicongo foi fichado pelo Santo Ofício como membro de quadrilha de feiticeiros quimbandas sodomitas. Nas leis dos cidadãos de bem, um pecador a ser martirizado num auto de fé, sacrificável à fogueira publicamente. Destino dos não recomendados à sociedade.

Diante de tal encruza, finalmente, Xica disse sim. Se viu obrigada a aceitar a crueldade da prisão interior oferecida como acordo. Contudo, eles NÃO iriam vencer.

Então, na luz do dia, lá se via Xica travestida daquilo que não era; enrustida no armário de Francisco. E quando o véu da noite cobria a cidade, lá se ia Xica rodando sua saia pelas brechas das ruas, esquinas, estradas e matos, encantada e zombando.

Até que Xica Manicongo pombogirou.

E lá se foi Xica: girando com outras entidades andrógenas, mulher de quebrar quebranto, correndo gira livremente pelas pistas e encruzilhadas. A herança do seu afrontamento rompe o ar, ecoando nas gargalhadas de Mavambos, Navalhas, Cabarés, Padilhas, Farrapos, Mulambos...

E lá se ouve Xica: reexistindo na oralidade do Pajubá que serpenteia nas línguas de suas sereias, na guerra pela sobrevivência contra as sistemáticas inquisições, como se faz nessa terra campeã de transfeminicídio no mundo.

E lá se vê Xica: combativa, subindo e descendo as ladeiras do Tuiuti, pajubando pelas comunidades, favelas, quebradas, universidades, palcos e palanques, em cada uma que se levanta contra a marginalização social e cultural forçada e reconhece a potência revolucionária de sua existência. Inspirada, reverenciando sua transcestralidade e zelando pela história das que pavimentaram esse caminho com suas dores e glórias na luta por visibilidade, respeito e direitos.

E aqui está Xica: Manicongo, senhora do Congo, rainha da nossa congada. Coroada e consagrada rainha do Traviarcado. Ela quer as ruas, as casas, as telas, os livros, as salas de aula, os diplomas, os consultórios, as forças armadas, os altares, os parlamentos, as políticas, as presidências... A vida, o amor. Ela NÃO vai recuar. Eles NÃO vão vencer. Nada há de ter sido em vão.

O futuro é travesti.

Que assim seja!

Que assim se faça!

Jack Vasconcelos

Carnavalesco

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

Justificativa

Segundo o mais recente dossiê de assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras realizado pela ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), o Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo pelo décimo sexto ano consecutivo. O perfil das vítimas é majoritariamente de "jovens trans negras, empobrecidas, nordestinas e assassinadas em espaços públicos, com requintes de crueldade". O atual crescimento de ações antitrans é uma realidade não só no Brasil, mas também no mundo. Resgatar Xica Manicongo dos escombros do apagamento sistemático da memória negra e LGBTQI+ na história brasileira se faz urgente e vital. O primeiro caso registrado de transfobia no Brasil foi descoberto pelo antropólogo e pesquisador Luiz Mott, onde um escravizado nomeado Francisco Manicongo, que insistia em usar "vestes femininas" e "fazer papel de mulher", foi acusado de feitiçaria à santa inquisição na Bahia no século dezesseis.

Xica Manicongo era uma mulher trans que vivia sua identidade plenamente inserida e respeitada em sua terra natal, o Reino do Congo. Era uma sacerdotisa quimbanda, antes de ser sequestrada e trazida escravizada para o Brasil. No início dos anos dois mil a transativista negra e então presidente da ASTRA, Marjorie Marchi, rebatizou a personagem como Xica Manicongo.

Durante a pesquisa para o enredo, procurei saber mais sobre a quimbanda e fui fazer um laboratório com o mestre de quimbanda e juremeiro Fábio D'cigano. Nesse processo espiritual, pelo intermédio de entidades como dona Maria da Praia e o cigano Pierre Santiago, Xica Manicongo se comunicou. Contou passagens que não estão escritas, e nem teriam como estarem, em nenhum lugar ou objeto físico. Falou de sua experiência com os indígenas brasileiros, do aprendizado com o catimbó e seu caminho espiritual.

Com o desenvolvimento do enredo guiado pela espiritualidade da própria Xica Manicongo, ele transcendeu a pesquisa histórica e se transformou em um relato sobre a transcestralidade de Xica. Um manifesto político- espiritual da ancestralidade travesti, sua importância para a consciência de pertencimento e construção de memória para a comunidade trans.

Xica está viva em cada uma que ousa existir, lutar, amar... ser cidadã. Ela está nas encruzadas, nas esquinas, na gargalhada afrontosa, nos abraços amorosos, nos gritos por socorro. Mas também queremos ver Xica viva e feliz em nossas rodas de amizade, nas escolas, universidades, no mercado de trabalho, nos palcos, nos esportes, nas chefias, nos púlpitos, nos parlamentos, na presidência.

Para que as existências plurais sejam respeitadas.

Para que coexistamos em harmonia.

Para que mais ninguém tenha medo.

Jack Vasconcelos

carnavalesco

SETORIZAÇÃO

Abertura

"PRÓLOGO"

A abertura é composta pela comissão de frente e tem como objetivo dramático introduzir o tema e contextualizar o recorte narrativo do enredo

1º SETOR

"TRANSCESTRAL"

Iniciamos a busca pela transcestralidade de Xica Manicongo. Em terras Bantu, terras de Xica, já existia o culto aos ancestrais há imemoriáveis gerações. Assim, a ancestralidade é pilar fundamental na chamada kimbanda, palavra vinda do idioma Kimbundu que serve de referência tanto para as práticas quanto para os praticantes dos ritos que reforçam essa conexão espiritual. Através de cultos, oferendas e tradições orais, mantêm viva a memória e a influência dos que vieram antes de nós. Como, por exemplo, em uma antiga história na tradição quimbanda que conta que no caos criacional Exu Maioral separou as duas energias equilibradas nos Exus Primordiais e criou exus de energia masculina e de energia feminina. Mas o Maioral deixaria um exu sem dividir as energias primordiais: o Exu de duas cabeças, que veremos no próximo setor.

2º SETOR

"TRANSPASSADO"

Elementos da espiritualidade Bantu e da cultura do Reino do Congo, que foi um dos impérios negros pré-coloniais mais poderosos da África durante os séculos quinze e dezesseis, se reúnem em um recorte do cenário no qual Xica seria inserida em sua terra natal antes da escravização e anulação de sua identidade imposta pelos portugueses. Os termos de língua Kimbundu utilizados nos títulos de fantasias e em algumas citações desse setor foram extraídos do Dicionário Kimbundu/Português/Kimbundu, de Agostinho da Silva Milagres.

3º SETOR

"TRANSIÇÃO"

Da escravização pelo homem branco até a chegada ao Brasil, na capital da colônia portuguesa, Salvador, onde Xica foi vendida como Francisco Manicongo a um sapateiro. A mudança de ambiente e o contato com um novo mundo. Os termos de língua Kimbundu utilizados nos títulos de fantasias e em algumas citações desse setor foram extraídos do Dicionário Kimbundu/Português/Kimbundu, de Agostinho da Silva Milagres.

4º SETOR

"TRANSFORMAÇÃO"

O contato com a mata brasileira e com os tupinambás, que não apenas mostraram a Xica Manicongo, o acolhimento como também dividiram com ela os segredos do catimbó indígena, transformou sua vivência nas terras brasileiras. A ancestralidade africana adentra pindorama e encontra a ancestralidade indígena.

5º SETOR

"TRANSCENDÊNCIA"

Da bruxa do conservador ao empombagimento. A demonização da cultura africana, e dos povos submetidos, no geral, é um reflexo do regime escravocrata e da catequização cristã colonial que abarca heranças de moralidades e temores europeus criados desde a Idade Média. Uma ferramenta cruel de dominação que atravessou tempos. Xica Manicongo foi perseguida por esse juízo preconceituoso. Transcendeu e foi acolhida pelas pombas-giras. Trabalhou espiritualmente com elas pelas ruas das cidades protegendo suas filhas, perseguidas e marginalizadas como ela própria foi.

6º SETOR

"TRANSISTIR"

Da opressão à resistência. O cenário de intolerância, preconceito e perseguição prossegue, mas a luta continua. Xica Manicongo é a grande traviarca transexual da comunidade trans e travesti e segue protegendo suas filhas. Ela vive na fumaça do espírito, na vida, na luta, no afrente. Neste setor lembramos das perseguições do mundo moderno à comunidade trans, mas também lembramos e enalteçemos as que lutaram, e lutam, por dignidade e justiça. Memória e reconhecimento.

PESQUISA

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. O que é racismo estrutural. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020. Pág. 256.

ARAÚJO, Gabriela Costa. *Bajubá: Memórias e Diálogos das Travestis*. São Paulo: Paco Editorial, 2019. Pág. 188. julho

ARAÚJO, Gabriela Costa. (Re)encontrando o Diálogo de Bonecas: o bajubá em uma perspectiva antropológica - Uberlândia. 2018. 180f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. DOI <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.1312>.

BENTO, Berenice. A reinvenção do corpo – sexualidade e gênero na experiência transexual. São Paulo: Editora Devires, 2017. Pág. 254.

BENTO, Berenice. O que é Transexualidade. São Paulo, Brasiliense, 2012. Pág. 222.

BENTO, Berenice. Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador, Edufba, 2017. Pág. 329.

Borges, L. A. de O. (2022). NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira do. Transfeminismo. São Paulo: Jandaíra, 2021. 192 pág. ISBN 978-65-87113-36-4. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 23(1), 169–173. <https://doi.org/10.26512/les.v23i1.41825>

CAVALCANTE, Antonio Simão; SOUSA, Noélia Alves de. A construção histórico-social do sujeito travesti. *Revista Em Perspectiva*, Fortaleza, v. 6, n. 1, p. 292-321, 2020.

DOMINGUES, Jonathan Machado. XICA MANICONGO: A VOZ SILENCIADA QUE ECOA NOS DIREITOS HUMANOS BRASILEIRO.. In: Anais da I Jornada dos Direitos Humanos. Anais... São Gonçalo(RJ) Remoto, 2023. Disponível em: <https://www.event3.com.br/anais/i-jornada-dos-direitos-humanos-389096/766222-XICA-MANICONGO--A-VOZ-SILENCIADA-QUE-EOA-NOS-DIREITOS-HUMANOS-BRASILEIRO>. Acesso em: 01/04/2025.

FILHO, Mário. *Chega de Estultice* – estudo etimológico das palavras Umbanda e Kimbanda - Parte 1. *Revista Senso*, 2017.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade: A Vontade de Saber. São Paulo, Editora Paz eterra, 2014. Pág.176.

JESUS, Jaqueline Gomes de. XICA MANICONGO: A TRANSGENERIDADE TOMA A PALAVRA. *Revista Docência e Cibercultura*, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 250–260, 2019. DOI: 10.12957/redoc.2019.41817. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/redoc/article/view/41817>. Acesso em: 1 abril 2025.

DE JESUS, J. G.; ALVES, H. Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. *Revista Cronos*, [S. l.], v. 11, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/2150>. Acesso em: 1 abril 2024.

Junior, M. T. de S. (2019). Do Kimbanda à Quimbanda: encontros e desencontros. *Revista Cantareira*, (9). Recuperado de <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27840>

Lopes, J., & Oliveira, N. . (2022). Epígrafe para o não esquecimento: memórias LGBTs negras. *Museologia & Interdisciplinaridade*, 11(21), 165–181. <https://doi.org/10.26512/museologia.v11i21.41268>.

LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado - pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2018. Pág. 224.

LUSTOSA, Tertuliana. *Xica Manicongo foi Rainha*. Em: Coletivo Xica Manicongo, artigo, 2017.

MOTT, L. Feiticeiros de Angola na inquisição portuguesa. *Mneme - Revista de Humanidades*, [S. l.], v. 12, n. 29, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/1080>. Acesso em: 1 abril 2025.

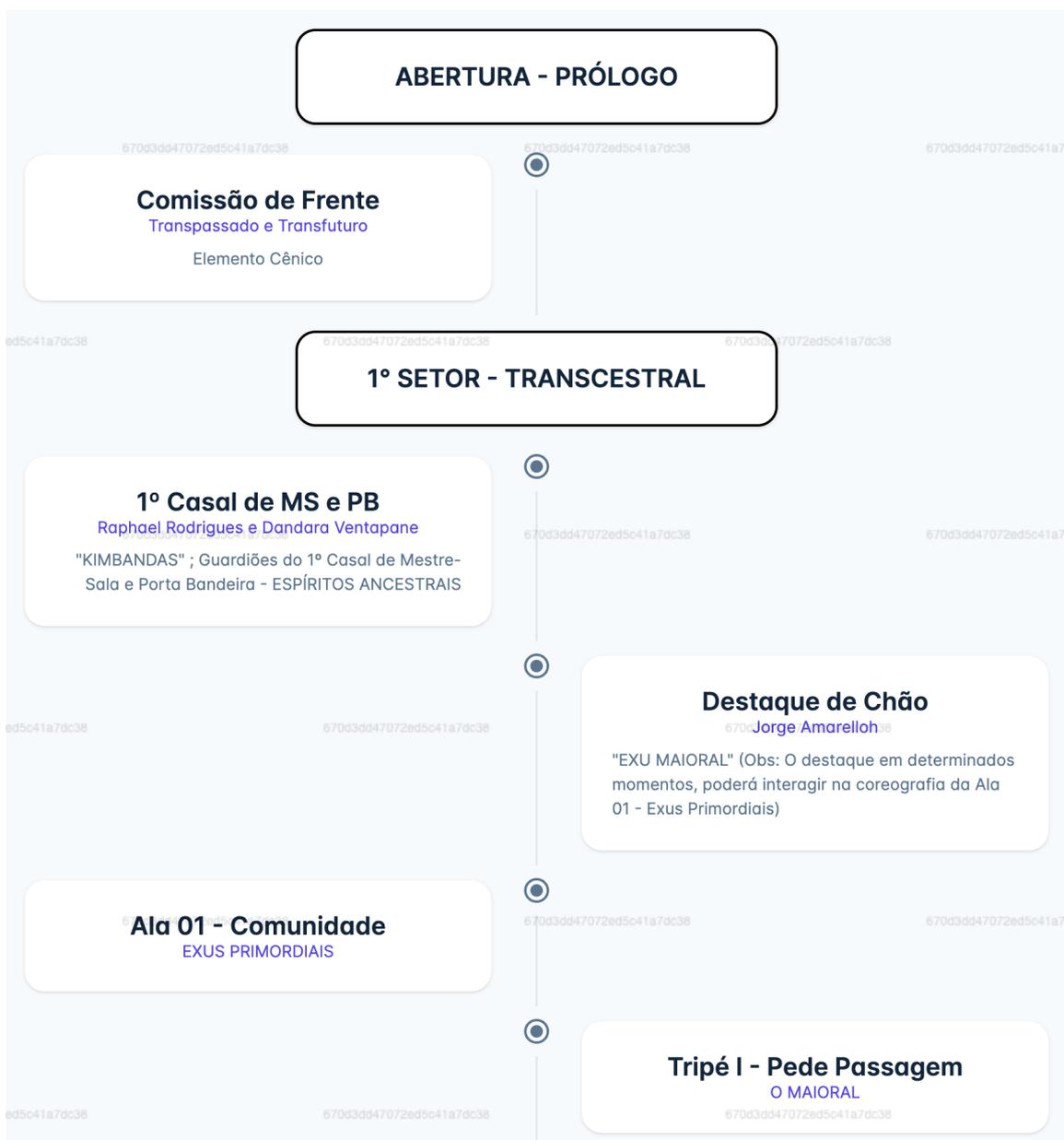
MOTT, Luiz. *Homossexuais da Bahia: Dicionário Biográfico (Séculos XVI-XIX)*. Salvador, editora: Grupo gay da Bahia, 1999. pág. 149.

Mott, L. (1992). Relações raciais entre homossexuais no Brasil colonial. *Revista de Antropologia*, 35, 169-189. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1992.111359>

Santos, V. F. dos. (2023). Os "Jimbandas" em um Defeito de Cor sob a Perspectiva da Analítica Quare e da Decolonialidade. *Revista Criação & Crítica*, 36, 116-132. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.i36p116-132>

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade*. Rio de Janeiro, editora Record. 2007. pág. 588.

ROTEIRO DO DESFILE



2° SETOR - TRANSPASSADO

Ala 02 - Comunidade
NGANGAS

Ala 03 - Comunidade
INGO

Ala 04 - Comunidade
JIMBANDAS COM NZIMBU

Ala 05 - Comunidade
KIHOMBO

MUSA 01
Fernanda Florentino
FEITIÇO KIMBANDA

CARRO 01
MBANDA MWENE KONGO

3º SETOR - TRANSIÇÃO

Ala 06 - Comunidade
MÜNDELE

Ala 07 - Comunidade
MULÔMBE

Ala 08 - Comunidade
KALUNGA

2º Casal de MS e PB
Léo Thomé e Rebeca Tito

"BAÍA DE TODOS OS SANTOS" ; Guardiões do 2º
casal de mestre-sala e porta-bandeira - ESPELHO
D'ÁGUA

Ala 09 - Comunidade
KIKOTO

MUSA 02
Thaís Luíza

SAGRADO E PROFANO

CARRO 02
SALVADOR

4º SETOR - TRANSFORMAÇÃO

Ala 10 - Comunidade TIBIRAS E ÇACOAIMBEGUIRAS

670d3dd47072ed5c41a7dc38

Ala 11 - Comunidade PINDORAMA

670d3dd47072ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

RAINHA DE BATERIA

Mayara Lima

LUZ DA LUA

ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

Ala 12 - Bateria CURUPIRA

670d3dd47072ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

Destaque de Chão

Alex Coutinho

ESPÍRITO CABOCLO

ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

Ala 13 - Passistas CABOCLADA

670d3dd47072ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

Ala 14 - Comunidade PAJÉ-AÇÚ

ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

Ala 15 - Comunidade NGANGAS NAS ÁRVORES

670d3dd47072ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

MUSA 03 e 04

Madu Vieira e Ana Clara Barcelos

"COBRA CORAL ENCANTADA" e "ONÇA PINTADA
ENCANTADA"

ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

CARRO 03 FLORESTA MÍSTICA

5º SETOR - TRANSCENDÊNCIA

Ala 16 - Comunidade
QUIMBANDEIRA CATIMBOZEIRA

Ala 17 - Comunidade
MENSAGEIRA DO OUTRO LADO

Ala 18 Comunidade
BRUXEDOS

Ala 19 - Comunidade
DEMONIZADA

Ala 20 - Comunidade
INQUISIÇÃO

Tripé II
AUTO DA FÉ

O tripé complementa o cortejo da ala 20 -
Inquisição

Ala 21 -Baianas
POMBAGIRADA

MUSA 05
Mylla Ribeiro
MARIA PADILHA

CARRO 04
POMBAGIRISMO PAJUBÁ

6º SETOR - TRANSISTIR

670d3dd47072ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

Ala 22 - Comunidade OPERAÇÃO TARÂNTULA

670d3dd47072ed5c41a7dc38

Ala 23 - Comunidade CAMPEÃO DO HORROR

ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

Ala 24 - Comunidade NOVA INQUISIÇÃO

670d3dd47072ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

Ala 25 - Comunidade MONSTRO DA IDEOLOGIA DE GÊNERO

ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

Ala 26 - Comunidade HEROÍNAS DA RESISTÊNCIA

670d3dd47072ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

Ala 27 NGANGAS ANCESTRAS

ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

Ala 28 - Grupo RAINHA DAS RAINHAS

O grupo de passistas que compõe essa ala é composto pelas alunas trans e travestis da Oficina de Samba no Pé do projeto Transcidadania no Samba criado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) em parceria com o G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti, ministrado na quadra da agremiação

670d3dd47072ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

MUSA 06 Thay Oliveira TRANSCORES

ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

CARRO 05 TRAVIARCADO

670d3dd47072ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

670d3dd47072ed5c41a7dc38

Tripe I - O MAIORAL

Tripé

Criação: Jack Vasconcelos



Sob a doutrina da Quimbanda, da união das forças opostas que se complementam (luz e sombra, dia e noite, vida e morte...) ergue-se o Exu Maioral: um ser andrógino com cabeça de bode, seios femininos e pés de boi que sintetiza na sua figura o equilíbrio do universo, energético e espiritual. Aponta tanto para baixo quanto para cima para dizer que "tudo que está acima, também está embaixo", também conhecido como "assim na terra como no céu". Ostenta seu tridente que traduz a energia tripolar (negativa, positiva e neutra) e o domínio dos quatro elementos da natureza, sendo as três pontas para cima sendo a água, fogo e ar, e o cabo para baixo que aponta para a terra. Além de unir os polos feminino (representado pelo lado arredondado) e o masculino (representado pelo lado quadrado), o tridente simboliza a capacidade de estar em todos os lugares, o domínio do espaço e do tempo. A estrela de sete pontas agrupa a espiritualidade dos sete reinos da Quimbanda: das encruzilhadas, dos cruzeiros, das matas, da kalunga, das almas, da lira e da praia

Destaque: Carla Close.

Fantasia: TRANSCESTRALIDADE

Carro 01 - MBANDA MWENE KONGO

Abre-alas

Criação: Jack Vasconcelos



Mbanda significa "curandeiro(a)" e a expressão Mwene Kongo, senhor(a) do Congo. As duas, respectivamente, originaram os termos Quimbanda e Manicongo. Xica Manicongo era filha do exu de duas cabeças, o que une as energias feminina e masculina como eram os exus primordiais antes da divisão feita pelo exu Maioral, e vivia sua mulheridade plenamente, como uma respeitada Cudina Jimbanda. Senhora do reino e das magias diurnas e noturnas.

A alegoria traz à sua frente uma escultura do exu de duas cabeças com Xica Manicongo em seu ventre. Crânios e ossos representam o culto aos antepassados, aos desencarnados, unidos à vitalidade oferecida dos animais divinizados. A segunda parte do abre-alas ilustra poeticamente Xica como uma sacerdotisa kimbanda invocando Nkisi Ngo, a força e o poder do leopardo do Reino do Kongo.

Composições com fantasias de predominância vermelha fazem alusão ao Ejé (sangue), a energia vital, usado nos ritos. Outras, com máscaras, representam os espíritos dos Ngangas cultuados por Xica. Nas bases da alegoria, outras composições homenageiam as Cudinas (hoje as consideráramos como mulheres trans).

Destaques:

No ventre da escultura Exu de Duas Cabeças: Hud Burk

Fantasia: XICA KIMBANDA

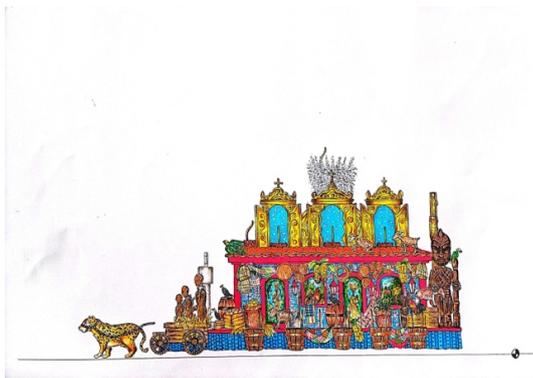
Central alto: Paulo Cesar

Fantasia: MANICONGO

Carro 02 – SALVADOR

2º Carro

Criação: Jack Vasconcelos



Xica Manicongo na Bahia. São Salvador era a capital na colônia portuguesa na América, o Brasil, e a principal cidade portuária naquele momento. De um tudo chegava do mundo ali. Até gente.

A alegoria traz uma visão lúdica de como seria essa mistura cultural que moldou o caráter social da cidade, porém, dominada e influenciada pela Igreja Católica que, aliás, comandava até a Coroa portuguesa. Na frente do marco de fundação da cidade erguido por Tomé de Sousa, o primeiro governador-geral do Brasil, Xica Manicongo (vendida a um sapateiro cristão com o nome de Francisco Manicongo) afrontava a cidade vestindo sua feminilidade na rua para entregar os sapatos. O ar de tropicalidade, devido à proximidade com a floresta nativa, dialoga com elementos étnicos e religiosos, e alimenta a construção do olhar exótico do novo mundo. Duas grandes esculturas representando Exu, protetor dos mercados, finalizam a alegoria. O papagaio pousado na escultura de Exu simboliza o encontro da natureza brasileira com a cultura africana. O destaque central do alto da alegoria representa a pomba branca, símbolo da presença do divino para os cristãos, e que está presente desde a primeira bandeira da cidade de São Salvador da Bahia de todos os santos.

Composições nos oratórios representam indígenas e africanos catequizados.

Na base da alegoria, composições representam os colonos.

Composições das laterais, na saia da alegoria, representam a cultura da cana-de-açúcar que começava a crescer na região baiana.

Destaques:

Central baixo: Pepita

Fantasia: XICA EM SALVADOR

Central médio: Marcelo de Almeida

Fantasia: NOSSA SENHORA DOS TRÓPICOS

Central alto: Luiz Vigneron

Fantasia: O DIVINO

Carro 03 - FLORESTA MÍSTICA

3º Carro

Criação: Jack Vasconcelos



Levada para a mata pelos Tibiras e pelas Çacoaimbeguiras, a "rainha do Congo" (Manicongo) conheceu o culto à natureza e a ancestralidade indígena. A alegoria representa o transcendência da alma feminina de Xica Manicongo proporcionada pelo encontro das suas raízes africanas com a espiritualidade indígena tupinambá através do catimbó. A escultura do rosto de Xica Manicongo com pintura facial afro-indígena e ostentando um cocar de folhas representa a absorção da espiritualidade indígena brasileira pela ancestralidade africana de Xica. Seus cabelos são raízes que conectam seu orí (cabeça) à magia da terra de Pindorama. As representações de crânios com cocares e pinturas faciais representam os antepassados, os que viveram em tempos anteriores, da cultura espiritual de Xica se unindo aos antepassados indígenas. As cerâmicas ritualísticas reproduzem corujas simbolizando sabedoria e o vaso redondo, a mãe terra. Na tradição catimbozeira, a fumaça produzida pela queima das folhas sagradas da floresta faz a ligação entre o plano terreno e o espiritual. A velha-guarda da agremiação vem representando os mestres caboclos da Jurema. As composições no entorno da alegoria representam os espíritos indígenas encantados.

Destaques:

Central baixo: Elaine Babo

Fantasia: MAGIA DA JUREMA

Central baixo: Wesley Lobo

Fantasia: XAMÃ AFRO-INDÍGENA

Central médio: Anderson Souza

Fantasia: FOGO DAS FOLHAS

Alto Central: Felipe Firmino

Fantasia: CABOCLO

Semi-destaques:

Lateral direita: Tatiana Brescia

Fantasia: MAGIA DAS PENAS

Lateral esquerda: Ronnie Estrela

Fantasia: MAGIA DAS PENAS



Tripe II - AUTO DA FÉ

Tripé

Criação: Jack Vasconcelos



A penalidade para os crimes de lesa-majestade nas Ordenações Manuelinas era a morte na fogueira nos denominados Autos de Fé. Então, para não ser queimada viva, Xica aceita um acordo de uma outra forma de pena de morte: usar vestes masculinas e atender pelo nome de Francisco. Então, para conseguir sobreviver naquele mundo, durante o dia, ela era Francisco Manicongo para a sociedade e, à noite, Xica Manicongo saía escondida pela escuridão noturna para ser ela mesma. O tripé traz na frente uma coroa em estilo manuelino e uma escultura representando esses dois lados da mesma (re)existência de Xica. De um lado da escultura a representação masculina triste e vencida, e do outro lado a representação feminina altiva, afrontosa. A fogueira representa, simbolicamente, a morte em vida quando sua expressão de identidade foi assassinada pela Inquisição. Xica Manicongo foi, desta forma, queimada na fogueira cristã. O primeiro caso documentado de transfobia da história do Brasil. O tripé complementa o cortejo da ala 20, Inquisição.

Destaque: Bruna Maia

Fantasia: A bruxa do conservador

Carro 04 - POMBAGIRISMO PAJUBÁ

4º Carro

Criação: Jack Vasconcelos



Quando Xica Manicongo desencarnou, foi acolhida pela egrégora das pombas-giras. Foi com elas para as ruas trabalhar espiritualmente na defesa das marginalizadas pela sociedade e que ganhavam seu sustento na noite. Dentre várias pombas-giras homenageadas nesse quadro destacamos Dona Maria Mavambo, que foi uma travesti "da vida" quando era encarnada. As entidades falaram o Pajubá pelas bocas das travestis nas encruzas das esquinas. Uma espécie de dialeto secreto, inspirado nas palavras em iorubá usadas nos terreiros religiosos de matriz africana, usado pela população travesti para se comunicar e se proteger da violência nas ruas.

Na alegoria fazemos uma ilustração lúdica com exemplos do uso do pajubá no cotidiano e em objetos. Como as garrafas de "Marafó" (aguardente) e os maços de "Xanã" (cigarro). Nos letreiros da rua alegórica: D.P dos "Alibãs" (policiais), Salão "picumã" (cabelo) da "amapoa" (mulher), Bar "otim" (bebida), "Aqué (dinheiro) bank, Motel "zambelezan" (ato sexual), "Ajeum" (comida) restaurante, "Felebé" (dinheiro) consignado, "Oxó" (camisinha) "neca" (pênis) "odara" (grande/bonita), Meu "edí" (ânus), "mona de ekê" (lésbica). Nas notas de arô (dinheiro), No Zepelim se lê a expressão "maldita, Gení" extraída da música "Gení e o Zepelim", de Chico Buarque. Na canção, composta para a peça teatral "Ópera do Malandro", a travesti Gení é alvo de constante violência, como exemplificada nos versos "Joga pedra na Gení! Joga na Gení!. Ela é feita para apanhar. Ela é boa de cuspir. Ela dá para qualquer um. Maldita, Gení!". Uma alegoria à crueldade desumana e hipócrita que a sociedade, historicamente, dedica às pessoas trans e travestis.

Destaques:

Central baixo: Mestre Juremeiro Fabio D'Cigano

Fantasia: DONA MARIA DA PRAIA E CATIRINA

Central meio (língua): Bianca Manicongo

Fantasia: POMBA-GIRA PAJUBÁ

Contralto central: Claudio Hilary

Fantasia: MARIA MAVAMBO

Central alto Zepelim: Yara Canta

Fantasia: GENÍ

Semi-destaques:

Lateral direito: Aryadna Andrade

Fantasia: MARIA NAVALHA

Lateral esquerdo: Bruno Rocha

Fantasia: MARIA MULAMBO



Carro 05 – TRAVIARCADO

5º Carro

Criação: Jack Vasconcelos



Chegou a era do Traviarcado a nos guiar para um futuro mais inclusivo e acolhedor com todas as existências, corpos e vivências. Traviarcado é um termo criado pela transpóloga, dramaturga e atriz Renata Carvalho.

Na frente da alegoria a representação escultórica de Xica como uma NGanga de estética "queer", "assentada" na frente do movimento traviarcal.

Distribuídas pelo centro da alegoria, vinte e nove personalidades trans e travestis de diversas áreas da sociedade brasileira, e de gerações variadas, representam o empoderamento do Traviarcado.

Nas varandas laterais, composições representam o aquilombamento travesti de Xica Manicongo.

No alto, uma escultura envolta de luzes e fumaça representa a coroação do espírito de Xica Manicongo como a grande traviarca trancesstral da comunidade trans e travesti.

Na parte de trás da alegoria um estandarte com as cores da bandeira do Orgulho das Pessoas Trans na parte da frente. Na parte traseira dele, uma pintura da artista plástica Tadaskia, intitulada "A escuridão e a iluminação de Xica Manicongo", criada especialmente para compor a alegoria.

Xica Manicongo, senhora do Congo, hoje, senhora da congada do futuro! Porque o futuro é travesti!

Destaques:

Eloína dos Leopardos – Atriz e apresentadora, Fundou o posto de Rainha de Bateria e fez parte das Divinas Divas

Dani Balbi – Deputada Estadual RJ;

Duda Salabert – Deputada Federal/MG;

Linn da Quebrada – 34 anos - Atriz, cantora e pensadora trans;

Angela Leclery – Atriz e cantora;



Divina Aloma – Atriz transformista;

Keila Simpson – 1ª travesti doutora honoris causa do país pela UERJ;

Jovanna Baby – Fundadora do Movimento trans nacional;

Valéria Barcelos – Cantora e Atriz;

Bruna Benevides – Sargenta da Marinha do Brasil, Presidenta da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA);

Gilmara Cunha – Ativista LGBTQIA+ em território de favelas;

Indianarae Siqueira – Ativista LGBTQIA+, fundadora da CasaNem, atua na Rede Brasileira de Casas de Acolhimento LGBTQIA+ ;

Renata Carvalho – Atriz, dramaturga e transpóloga, ficou conhecida pela luta contra o TransFake, fundou o Movimento de Artistas trans (MONART);

Megg Rayara – 1ª travesti negra a alcançar o título de Doutorado no País, professora e pró-reitora na UFPR;

Symmy Larrat – 1ª Travesti Secretaria Nacional LGBTQIA+ do Ministério de Direitos Humanos e cidadania;

Denise Taynah – Atua no programa Rio sem LGBTIfobia;

Andrea Brazil – Ex-Diretora da ASTRAL (1ª ONG trans do Brasil e da América Latina) e atual Coordenadora do Capacitrans;

Jacqueline de Jesus – Doutora, pesquisadora, psicóloga;

Deborah Sabará – Primeira Travesti a ocupar o cargo de porta bandeira no Brasil pelo Carnaval Capixaba, Ativista;

Luana Rayala – Bibliotecária e ativista pelos direitos das pessoas com Deficiências;

Linda Brasil – Deputada Estadual em Sergipe;

Isa Silva – Estilista trans Baiana, que fez uma coleção inteira inspirada em Xica Manicongo. A obra artística de Isaac é permeada por referências à cultura afro-brasileira e indígena;

Amanda Paschoal - Vereadora mais votada de SP;

Juhlia Santos – 1ª Vereadora quilombola do País, em BH;

Joyce Alves – Primeira travesti a ocupar um cargo de proreitora no país na UFRRJ;

Neon Cunha – Travesti que sobreviveu as operações policiais rondão e tarântula, e que pediu morte assistida ao estado a fim de garantir a mudança de nome para pessoa trans no país;

Monique Reis - mulher trans, presidente e fundadora da escola Imperatriz do Morro, do carnaval de Guaratinguetá;

Marcia Daylin – Primeira bailarina trans do teatro municipal de SP.



EXU MAIORAL

Destaque de Chão

Nome do destaque: Jorge Amarelloh**Criação:** Jack Vasconcelos

O exu rei, ou maioral, que divide as energias dos exus primordiais em duas polaridades energéticas (masculina e feminina), segunda a lenda quimbanda. O destaque de chão tem interação com a ala 01, Exus Primordiais.

EXUS PRIMORDIAIS

Ala 01- Comunidade

Responsavel pela ala: Harmonia**Criação:** Jack Vasconcelos

No início, os Exus Primordiais equilibravam em si as duas energias opostas e complementares, a masculina e a feminina. A fantasia traz os dois tipos de tridentes que representam essas polaridades. O tridente quadrado traz a energia masculina e é tido como temporal: age no presente para que possamos caminhar de forma evolutiva e pelos processos necessários. O tridente arredondado traz a energia do feminino e é tido como atemporal: acessa energias do passado, age para o equilíbrio e desmanche de pendências nocivas. A ala tem uma interação com o destaque de chão para representar a lenda de que Exu Maioral dividiu os Exus Primordiais.

NGANGA

Ala 02- Comunidade

Responsavel pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



Bantus tinham como tradição cultuar os espíritos dos ancestrais chamados de Ngangas: antepassados que foram feiticeiros e curandeiros em vida e que passaram para uma existência espiritual após a morte carnal. Na Kimbanda eles são assentados, cultuados e memoriados. O uso da máscara nos assentamentos, como símbolo da espiritualidade cultuada, é uma característica marcante.

INGO

Ala 03- Comunidade

Responsavel pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



"Ingo" ou "Ngo" significa leopardo na língua kikongo e que deu origem ao nome do reino Kongo (reino do Leopardo). O mito do chefe leopardo, detentor de grande magia, como um protetor do reino fez dele um animal sagrado na cosmologia dos Bantu-Kongo. A pele do leopardo é um dos símbolos materiais de poder mais importantes legados pelos antepassados.

JIMBANDAS COM NZIMBU

Ala 04 – Comunidade

Responsavel pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



Jimbanda era um povo que, atualmente, compreenderíamos ser formado por travestis e mulheres trans. Atribuídas como "grandes mães", por serem consideradas mais próximas do divino por serem "completas", as chamadas "cudinas" eram respeitadas na sociedade. Na mão elas trazem um Nzimbu, uma concha, ou búzio, colhida nas praias geralmente por mulheres. Símbolo de fertilidade, riqueza e boa sorte, usados como moeda do reino do Kongo e também instrumento nos oráculos de comunicação com o espiritual.

KIHOMDO

Ala 05- Comunidade

Responsavel pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



Kihombo é um bode grande na língua kimbundu. Um animal de poder que simboliza força, vitalidade, energia. Segundo um itã antigo, sua sacralização à Exu se deve a uma dívida que ele contraiu com o Rei da Morte, servindo de ferramenta de comunicação entre o plano terreno e o espiritual.

FEITIÇO KIMBANDA

Musa 01

Nome da musa: Fernanda Florentino

Criação: Jack Vasconcelos



A magia da kimbanda da sacerdotisa feiticeira Xica Manicongo.

MÚNDELE

Ala 06 - Comunidade

Responsavel pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



Mundele significa homem branco, civilizado. A fantasia representa a chegada dos portugueses no Reino do Congo para o abastecimento do comércio escravista transatlântico, uma das atividades econômicas mais lucrativas do império ultramarino português no período colonial.

MULÔMBE

Ala 07- Comunidade

Responsavel pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



Mulômbé significa maldição. Após seu sequestro pelos portugueses, Xica teve sua identidade aprisionada em um nome masculino na hora de seu compulsório batismo cristão. A fantasia traz um capuz, que lembra uma gaiola, acimada pela representação do divino espírito santo. O manto cristão a cobriu dolorosamente de Francisco.

KALUNGA

Ala 08 - Comunidade

Responsavel pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



Kalunga é onde se enterra os mortos, mas também ficou correlacionada ao mar. Como a travessia transatlântica nos navios negreiros eram repletas de vidas perdidas pelo caminho e esses corpos eram jogados no mar, as águas do oceano também eram chamadas de Kalunga grande. Na fantasia da ala, os tons aquáticos e frios do mar contrasta com a representação em vermelho de um navio negreiro no adereço de mão. Simbolizando o sangue africano embarcado à força nos tumbeiros atravessando o atlântico. O vermelho da dor de Xica aprisionada em Francisco na direção de um mundo desconhecido.

KIKOTO

Ala 09 - Comunidade

Responsavel pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



Kikoto, em kimbundu, significa calçado/sapato. Ao ser desembarcada em Salvador, Xica foi vendida como Francisco Manicongo a um sapateiro cristão. Mesmo tratada como um escravizado na colônia, sempre que conseguia, usava elementos de vestuário considerados femininos. Uma presença andrógena que desfilava pela ladeira misericórdia e causava estranhamento na população da cidade.

SAGRADO E PROFANO

Musa 02

Nome da muda: Thaís Luiza

Criação: Jack Vasconcelos



O conflito entre os desejos e as imposições religiosas e sociais.

TIBIRAS E ÇACOAIMBEGUIRAS

Ala 10 - Comunidade

Responsavel pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



Xica Manicongo conheceu Tibiras e Çacoaimbeguiras tupinambás no Brasil. Sexualidades dissidentes não eram tabu entre os indígenas brasileiros até os primeiros anos de colonização. Homens indígenas que se entregavam sexualmente a outros homens, e também os que não se enquadravam no padrão cisgênero, eram chamados na língua tupinambá de Tibiras. O equivalente para mulheres indígenas nesse mesmo quadro chamavam de Çacoaimbeguiras.

PINDORAMA

Ala 11 - Comunidade

Responsavel pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



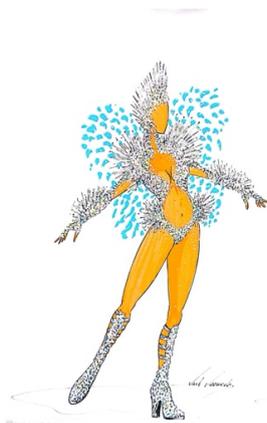
Tibiras e Çacoaimbeguiras levaram Xica Manicongo Pindorama adentro. Ela se encantou com as cores e as folhas da natureza brasileira e aprendeu que, assim como em sua cultura espiritual bantu, em Pindorama, o Brasil dos tupinambás, os elementos da natureza têm espíritos. A floresta é sagrada, viva, tem poderes mágicos.

LUZ DA LUA

Rainha de Bateria

Responsavel pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



Xica conheceu a importância da lua na cultura tupinambá e nos catimbós. Suas fases influenciam a natureza, o comportamento dos animais, indicam o melhor momento para feitiços, rituais, colheitas, caças... Sua energia potencializa a espiritualidade e a conexão com os antepassados.

CURUPIRA

Ala 12 - Bateria

Responsavel pela ala: Mestre Marcão

Criação: Jack Vasconcelos



No transe alucinógeno da “fumaça de erva” (catimbó), Xica Manicongo conheceu o curupira: um ser elemental protetor das matas e dos animais, considerado guardião dos saberes da floresta sagrada na cultura tupinambá.

ESPÍRITO CABOCLO

Destaque de Chão

Nome do destaque: Alex Coutinho

Criação: Jack Vasconcelos



A energia dos antepassados indígenas que habitam o misticismo tupinambá.

CABOCLADA

Ala 13 - Passistas

Responsável pela ala: Alex Coutinho

Criação: Jack Vasconcelos



Enjuremada, Xica Manicongo conheceu a ancestralidade indígena e aprendeu com os caboclos e caboclas (espíritos ancestrais de guerreiros, caciques, caçadores, pajés e sábios indígenas desencarnados cultuados pelos tupinambás no catimbó) a ciência das folhas sagradas. O figurino foi idealizado para ser agênero.

PAJÉ-AÇÚ

Ala 14 - Comunidade

Responsavel pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



O grande pajé "desbatizou" o escravizado Francisco Manicongo na tradição do catimbó indígena e libertou a alma feminina de Xica nas terras brasileiras. O manto de penas vermelhas e o maracá são instrumentos mágicos de força espiritual usados pelos mestres indígenas nos rituais sagrados.

NGANGAS NAS ÁRVORES

Ala 15 - Comunidade

Responsavel pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



Xica Manicongo aprendeu com os indígenas brasileiros a cultuar seus Ngangas africanos nos troncos das árvores, da mesma forma que os tupinambás cultuavam seus antepassados. A fantasia faz alusão às árvores da natureza brasileira com uma máscara africana, representação dos Ngangas nos assentamentos, no meio da folhagem. Como se o espírito do antepassado africano de Xica estivesse "vivendo" numa árvore brasileira.

COBRAL CORAL ENCANTADA

Musa 03

Nome da musa: Madu Vieira

Criação: Jack Vasconcelos



Xica Manicongo aprendeu que o poder dos animais da natureza brasileira também podem ser invocados nos rituais indígenas, como o cobra coral.

ONÇA PINTADA ENCANTADA

Musa 04

Nome da musa: Ana Clara Barcelos

Criação: Jack Vasconcelos



Xica Manicongo aprendeu que a força dos animais da natureza brasileira também podem ser invocados nos rituais indígenas, como o da onça pintada.

QUIMBANDEIRA CATIMBOZEIRA

Ala 16 – Comunidade

Responsavel pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



Xica Manicongo uniu o aprendizado dos ensinamentos indígenas que recebeu na floresta com os conhecimentos que trouxe de sua cultura natal. Se tornou uma grande curandeira, feiticeira das práticas da quimbanda e mestra do catimbó. A fantasia faz uma junção de elementos e vestes ritualísticas indígenas e africanas.

MENSAGEIRO DO OUTRO LADO

Ala 17 - Comunidade

Responsavel pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



Como suas práticas espirituais eram baseadas no culto aos antepassados, Xica Manicongo ficou conhecida pela sua habilidade na comunicação com os desencarnados. O colar de ossos na fantasia reproduz o que, na quimbanda, se chama de "escada dos mortos" ou "escada de bruxa". Ela é usada quando se precisa "levantar" algum espírito desencarnado do pó do chão para a superfície.

BRUXEDOS

Ala 18 - Comunidade

Responsavel pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



Com os indígenas brasileiros, Xica Manicongo aprendeu a fazer bonecos de fibras naturais para representar os antepassados em algumas práticas de invocação e em feitiços para proteção, orientação, prosperidade e saúde.

DEMONIZADA

Ala 19 - Comunidade

Responsavel pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



Suas vestes e atitudes femininas eram consideradas ofensivas pelos olhos conservadores, já que a enxergavam como Francisco. Seu amor era considerado pecaminoso e suas práticas religiosas e espirituais eram vistas como heréticas pelos cristãos. Ao mesmo tempo em que procuravam seus "serviços" no sigilo, Xica Manicongo era vista como uma ameaça pelos "cidadãos de bem".

INQUISIÇÃO

Ala 20 - Comunidade

Responsavel pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



A Santa Inquisição chegou em terras brasileiras e o estandarte da fantasia traz escrita a frase em latim "Deus super omnia", que se traduz em português como "Deus acima de tudo". Denunciada pelo cristão-velho Matias Moreira por "servir de mulher no pecado nefando" e de se recusar a usar roupas masculinas, Xica, então chamada por eles de Francisco Manicongo, foi processada pelo Tribunal do Santo Ofício e acusada de e de participar de uma "quadrilha de feiticeiros sodomitas". O tripé "Auto de Fé" complementa o cortejo da ala.

POMBAGIRADA

Ala 21 - Baianas

Responsavel pela ala: Alexandre Federici e Tia Ana

Criação: Jack Vasconcelos



Quando Xica Manicongo desencarnou foi acolhida espiritualmente pela egrégora das pombagiras. Xica pombagirou. Foi ser livre, finalmente, para rodar sua saia, gargalhar altivamente, dançar e gozar a plenitude de sua feminilidade sem os grilhões da Igreja Católica e da moral cristã. O chapéu da fantasia traz uma representação da ferramenta de ferro que é usada no assentamento de Xica Manicongo. Desenho este feito sob orientação da própria em um templo de Quimbanda.

MARIA PADILHA

Musa 05

Nome da musa: Myla Ribeiro

Criação: Jack Vasconcelos



O poder do feminino na espiritualidade representada nos exus mulheres, as pombas-giras.

OPERAÇÃO TARÂNTULA

Ala 22 - Comunidade

Responsável pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



"Polícia já tem plano conjunto contra travestis", estampou uma folha de um grande jornal paulista no início dos anos 1980. A Operação Tarântula caçava travestis e transexuais que se prostituíam nas ruas de São Paulo. Vistas como ameaça às famílias, à saúde e segurança pública por grande parte da sociedade e das autoridades, o uso da tortura, do espancamento e da extorsão como ferramentas de "limpeza" das ruas da cidade era (e talvez ainda seja) sistêmico e serviu de "inspiração" para organização de muitas outras operações semelhantes pelo país.

CAMPEÃO DO HORROR

Ala 23 - Comunidade

Responsavel pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



Segundo o Dossiê Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) de 2025, pelo décimo sexto ano consecutivo, o Brasil é o país com mais mortes de pessoas trans e travestis no mundo. Entre assassinatos e investidas contra a própria vida, o sangue trans e travesti escorre entre práticas policiais e judiciais sem muito rigor nas investigações e identificações de suspeitos, o que nos dá a ideia que os números de casos sejam ainda maiores, escondidos nas subnotificações causadas pela falta de políticas de ações contra a violência antitrans.

NOVA INQUISIÇÃO

Ala 24 - Comunidade

Responsavel pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



Assim como se fazia na época da Santa Inquisição, ainda hoje, há uma agenda política-religiosa antitrans sendo praticada contra o avanço dos direitos trans principalmente baseada na união da extrema direita com o chamado nacionalismo cristão. O figurino traz no peitoral o símbolo da Organização Mundial da Saúde, que retirou a transexualidade da lista de doenças mentais e distúrbios apenas em 2019, dado este que era (e ainda é) usado para embasar ações de grupos e organizações que promovem as chamadas “terapias de conversão sexual”.

MONSTRO DA IDEOLOGIA DE GÊNERO

Ala 25 - Comunidade

Responsavel pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



Ideologia de gênero é um conceito criado por religiosos para perseguir, basicamente, pessoas trans e combater estudos de gênero para a manutenção da ideia de uma “natureza” mistificada. Um “monstro” absurdo usado como agenda política, “alimentado” por grupos ultraconservadores e fundamentalistas religiosos para acostrar identidades dissidentes.

HEROÍNAS DA RESISTÊNCIA

Ala 26 – Ala da Crianças

Responsavel pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



A luta pela justiça e representação de direitos tem suas guerreiras atuantes na sociedade brasileira. A fantasia ainda faz referência à borboleta, uma das metáforas mais usadas pelo movimento trans, e traz em seus escudos imagens estampadas de 28 guerreiras contemporâneas que estão na linha de frente no enfrentamento da agenda antitrans e na luta pela representação democrática. São elas: Alexya Salvador, Indianarae Siqueira, Jovanna Baby, Bruna Benevides, Katia Tapety, Dani Balbi, Duda Salabert, Erika Hilton, Keila Simpson, Marcelly Malta, Maria Clara de Sena, Megg Rayara, Neon Cunha, Roberta Close, Symmy Larrat, Thiffany Odara e Valéria Barcellos.

NGANGAS ANCESTRAVAS

Ala 27 - Comunidade

Responsavel pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



Assim como Xica Manicongo cultuava seus antepassados (Ngangas) africanos, hoje reverenciamos a memória das expoentes travestis que, no passado, lutaram e, em muitos casos, pagaram com a própria vida para construir um caminho de conquistas de direitos e fortalecer o movimento trans. A fantasia faz alusão à fantasia da ala 02 onde representamos os Ngangas africanos de Xica Manicongo, contextualizando com as cores da bandeira do movimento trans para honrar o legado das ancestravas. Foram escolhidas 28 mulheres trans e travestis importantes historicamente nesse âmbito para estamparem o figurino. São elas: Brenda Lee, Chiara Duarte, Dandara Ketley, Gisberta Salce, Keron Ravach, Quelly da Silva, Roberta da Silva, Taílla Ariany Santos, Victória Jugnet, Laíla Ketellen, Laura Vermont, Lorena Muniz, Madalena Leite, Manuella Otto, Paloma Amaral, Pimentel.

RAINHA DAS RAINHAS

Ala 28 – Grupo Projeto Antra

Responsavel pela ala: Harmonia

Criação: Jack Vasconcelos



Mulheres trans e travestis sempre fizeram (e fazem) parte da construção e evolução das escolas de samba. Neste grupo homenageamos a primeira rainha de bateria da história das escolas de samba, a atriz, coreógrafa e produtora artística Eloína de Souza. Mais conhecida como Eloína dos Leopardos, devido à sua peça “Show dos Leopardos” nas décadas de 1980 e 1990. Ela foi a primeira mulher a desfilar à frente dos ritmistas de uma escola de samba, em 1976, na escola de samba Beija-flor de Nilópolis. O “posto” de Rainha de Bateria, um dos mais cobiçados e célebres de uma escola de samba, foi iniciado por uma travesti. O grupo de passistas que compõe essa ala é composto pelas alunas trans e travestis da Oficina de Samba no Pé do projeto Transcidadania no Samba criado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) em parceria com o G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti, ministrado na quadra da agremiação. Adupé!

TRANSCORES

Musa 06

Nome da Musa: Thay Oliveira

Criação: Jack Vasconcelos



A bandeira do Orgulho das Pessoas Trans foi criada em 1999 pela transativista Monica Helms. O azul e o rosa representam os gêneros tradicionalmente associados ao masculino e feminino, enquanto o branco no meio simboliza identidades não-binárias.

Ficha Técnica Samba-enredo

Presidente da ala dos compositores: Aníbal Marenga

Total de Componentes da ala dos compositores: 80

Autores do samba: Cláudio Russo e Gustavo Clarão

LETRA

Só não venha me julgar Ô Ô

Pela boca que eu beijo

Pela cor da minha blusa

É a fé que eu professar

Não venha me julgar

Eu conheço o meu desejo

Este dedo que acusa

Não vai me fazer parar

Faz tempo que eu digo não

Ao velho discurso cristão

Sou Manicongo

Há duas cabeças em um coração

São tantas e uma só

Eu sou a transição

Carrego dois mundos no ombro

Vim Da África Mãe Eh Oh

Mas se a vida é vã Eh Oh

Mumunha

Jimbanda me fiz

NGanga é raiz

Eu pego o touro na unha

A bicha, invertida e vulgar

A voz que calou o "Cis tema"

A bruxa do conservador

O prazer e a dor

Fui pombogirar na Jurema

Chama a Navalha, a da Praia e a Padilha

As perseguidas na parada popular

E a Mavambo reza na mesma cartilha

Pra quem tem medo o meu povo vai gritar

Eu travesti

Estou no cruzo da esquina

Pra enfrentar a chacina

Que assim se faça

Meu Tuiuti

Que o Brasil da terra plana,

Tenha consciência humana

Xica vive na fumaça

Eh! Pajubá!

Acuendá sem xoxá pra fazer fuzuê

É Mojubá

Põe marafo, fubá e dendê (Pra Exu)

JUSTIFICATIVA DO SAMBA

Defesa do Samba Enredo de 2025

fazer

GRES Paraíso do Tuiuti

Trago verdades!

Eu sou uma ideia viva, provocativa, combativa mulher trans...

Preta escravizada sofro e sofri os horrores do preconceito generalizado, entre a afronta e o enfrentamento, jamais me calei e o Paraíso do Tuiuti, no alto de sua história de luta e resistência, me faz mais forte ao me chamar para contar em primeira pessoa o meu testemunho, depoimento individual e coletivo, a batalha diária de tantas em uma só...

É tempo de reparação, afinal:

QUEM TEM MEDO DE XICA MANICONGO?

Eu, como mulher trans, julgada que sou rotineiramente, digo não a toda e qualquer forma de preconceito, pré-julgamento e intolerância, por isso vejo como fundamental iniciar minhas palavras desta forma clara, transparente e certa.

Só não venha me julgar, ô ô

Pela boca que eu beijo

Pela cor da minha blusa

É a fé que eu professar

E reafirmo: Não venha me julgar!

Na minha luta cotidiana, o meu amor é minha forma de me relacionar com o mundo que vivo, minhas vestes são ora aquarelas para ornar, ora escudos para defender e a minha fé inabalável está em mim desde antes do meu nascimento e da chegada da cruz do cristão, Eu vivo a força dos ancestrais. Amor, roupas e religião são geralmente utilizados para estigmatizar quem não reza a cartilha do entediante e preguiçoso senso comum. Meu desejo eu conheço e não será um olhar inquisitório ou um dedo em riste que vai me fazer parar.

Não venha me julgar

Eu conheço o meu desejo

Este dedo que acusa

Não vai me fazer parar

Os primeiros relatos, que chegam à sociedade contemporânea, a meu respeito, estão documentados na obra: “*Feiticeiros de Angola na inquisição portuguesa*” do antropólogo, historiador e pesquisador Luiz Mott, através de denúncia fui covardemente fichada pelo Santo Ofício como membro de quadrilha de feiticeiros quimbandas sodomitas, mas não esqueci minha raiz e disse, mais uma vez, **não** a uma fé que não era a minha e me condenava diuturnamente.

Faz tempo que eu digo não

Ao velho discurso cristão

Sou Manicongo

Poderosa kimbandeira, mulher preta de origem Bantu, não movo uma palha sem que Exu de duas cabeças e Exu Maioral me mostrem o caminho deste coração, posto que minha luta se entrelaça e ganha força na luta de tantas Xicas. Trânsito nas polaridades, existo na transição e carrego o astral e o mundano nos ombros.

Há duas cabeças em um coração

São tantas e uma só

Eu sou a transição

Carrego dois mundos no ombro

Sequestrada da África mãe, berço da humanidade, aprendi desde cedo que não posso e não vou renunciar a minha natureza e se o cruel colonizador pensa em me impor uma vida vã, Eh! Ah! nada disso... Eh! Ah! Não recuo por nada! Eu sou Jimbanda e conheço a remandiola da vida, os Ngangas de cada encruzilhada, os babados e a mumunha de ser "braba" a ponto de pegar o touro na unha.

Vim Da África Mãe, Eh! Ah!

Mas se a vida é vã, Eh! Ah!

Mumunha...

Jimbanda me fiz

Nganga é raiz

Eu pego o touro na unha

Já me chamaram de invertido, ou invertida, bicha, bichinha, veado e a cada desqualificação maldosa, a cada nova alcunha para aviltar, eu cresço em resistência e ressignificação! Enquanto o "Cistema" vocifera, eu grito mais alto, sou a voz do embate, sou a delícia e a dor ao lado de originários tibiras

por logradouros e matas neste imenso Catimbó Pindorama. Enquanto o conservador crê que sou uma bruxa, eu, filha da quimbanda, pombogiro na Jurema.

Eu sou

A bicha, invertida e vulgar

A voz que calou o "Cis tema"

A bruxa do conservador

O prazer e a dor

Fui pombogirar na Jurema

Pombagiram! A falange está formada contra o senso mesquinho de acreditar que só existe um caminho, Exu pombogira é o caminho... e elas, mulheres, andróginas, senhoras das encruzas e paradas atendem ao chamado, porque nossos corpos falam e nosso povo grita.

Chama a Navalha, a da Praia e a Padilha

As perseguidas na parada popular

E a Mavambo reza na mesma cartilha

Pra quem tem medo o meu povo vai gritar

EU TRAVESTI, Xica Manicongo das terras africanas e das guerras brasileiras, reafirmo o tempo de reparação na maior esquina do planeta, entre a Presidente Vargas e a Marquês de Sapucaí. Não queremos mais as brechas, as frestas e os armários... nós queremos o fim da perseguição como sina, o final da chacina e que assim seja! Que assim se faça!

Eu travesti

Estou no cruzo da esquina

Pra enfrentar a chacina

Que assim se faça

Ah! Meu Paraíso do Tuiuti que honra a luta ao seu lado, que de uma vez por todas tenhamos espaço e lugar contra as teorias de teóricos que abominam a ciência e que propalam discurso de ódio e intolerância no país que mais mata mulheres trans. Sejam mais humanos! Sejam humanos!

XICA VIVE NA FUMAÇA!

Meu Tuiuti

Que o Brasil da terra plana

Tenha consciência humana

Xica vive na fumaça

Eh Pajubá:

Eu sou uma ideia, uma força da natureza, uma língua própria, tão minha e tão particular que me tornei de todas, todos e todes. E esta avenida gigantesca vai ficar pequena pra tamanho fuzuê. Vai ser um babado mona, tá na hora de acuendá, mostrar e esconder o truque sem xoxar e aproveitar que é dia de cara preta (carnaval) traz a cachaça, a vela, o fubá e o dendê pra arriar um padê daqueles... pra EXU!

Ê! Pajubá!

Acuendá sem xoxar pra fazer fuzuê

É Mojubá

Põe marafo, fubá e dendê (pra Exu)

Trago verdades!

JUSTIFICATIVA DA MELODIA

Defesa Harmonia/ Melodia Paraíso do Tuiuti 2025

O samba Enredo do Paraíso do Tuiuti, ao mesmo tempo que se torna valente em seu apelo principal, consegue passear por nuances melódicas com suavidade que dão leveza para enfatizar a beleza desta obra.

O samba começa em um apelo contra julgamentos, e para que isso tenha bastante evidência, mantemos uma harmonia bem limpa e quase que estacionada na tonalidade para que fique claro entendimento esse começo tão marcante. Apelos como "só não venha me julgar", "pela cor da minha blusa", "e a fé que eu professar".

E assim o samba continua reforçando a autonomia ao desejo pessoal em "Não venha me julgar, eu conheço o meu desejo", junto a bateria, a harmonia toma um papel mais imponente reforçando essa ideia com ataques em colcheias pontuadas e com tensões que acompanham a melodia.

Chegando ao refrão do meio vemos em letra, melodia e harmonia a ancestralidade africana e contrapontos do 7 cordas acompanhando melodias bem características desta ancestralidade.

Na segunda parte do samba, nossa harmonia em tom menor, porém não menos valente, vem entregando e preparando uma grandiosa parte desse samba onde a plenos pulmões e gritos o samba explode em tonalidade maior para se colocar no "eu lírico" contra a violência.

E então chegamos ao refrão final combinando harmonia e melodia em uma união da linguagem musical e o Pajubá entregando a sintonia de toda essa obra.

FICHA TÉCNICA**Bateria**

Diretor Geral de Bateria Mestre Marcão				
Outros Diretores de Bateria Marco Júnior (Markinhos), Yan Santos, Jota da Cuica, Yan Machado, George, Leiz, Claudinho Tuiuti, Celso Frazão, Marfim, Washington Paz, Felipe D’Lelis, Laion e Jeferson.				
Total de Componentes da Bateria 250 (duzentos e cinquenta ritmistas)				
NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS				
1ª Marcação 12	2ª Marcação 12	3ª Marcação 14	Reco-Reco -	Ganzá -
Caixa 104	Tarol	Tamborim 36	Tan-Tan -	Repinique 28
Prato -	Agogô	Cuíca 24	Chocalho 20	Atabaque
ESCLARECIMENTO MUSICAL Para o Carnaval 2025, o Mestre Marcão e a “SuperSom” é conhecida a bateria da azul e amarelo de São Cristóvão. Temos bossas acopladas, passando pela ancestralidade com batuques que correspondem ao que é cultuado pela nossa raça e dança em festa, destacando o reggae que fazemos no meio do refrão. Temos uma outra paradinha após o “não venha me julgar” onde fazemos alusão ao bater de leques usando caixas, entre outras conversões com os instrumentos leves na parte frontal da bateria. O morro desce em festa com o super ritmo da Super Som para lutar pelo título do Carnaval 2025.				

FICHA TÉCNICA**Harmonia**

Diretor Geral de Harmonia André Gonçalves, Rodrigo Soares, Thiago Dias (Alemão) e Ronnan Marins
Outros Diretores de Harmonia
Total de Componentes da Direção de Harmonia 4 (quatro)
Puxador(es) do Samba-Enredo Pixuléh (intérprete oficial) Auxiliares: Hudson Luiz, Bell, Júlia Allan, Gabriel Sales, Jaderson Martins e Leonardo Bessa
Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo Diretor Musical: André Felix Cavaco: Tico do Cavaco e Chocolate Violão: Kayo Calado

FICHA TÉCNICA**Evolução**

Diretor Geral de Evolução André Gonçalves, Rodrigo Soares, Thiago Dias (Alemão) e Ronnan Marins
Outros Diretores de Evolução Todos os diretores de Harmonia + coreógrafos das alas
Total de Componentes da Direção de Evolução 60 (sessenta)

Responsável pela Comissão de Frente

Claudia Mota e Edifranc Alves

Coreógrafo(a) e Diretor(a)

Claudia Mota e Edifranc Alves

Total de Componentes da Comissão de Frente	Mínimo de Componentes	Máximo de Componentes
35 (trinta e cinco)	10 (dez)	15 (quinze)

Nome da Comissão de Frente: Transpassado e Transfuturo

A comissão de frente traz uma mensagem de otimismo, frente à realidade histórica de perseguição. Xica Manicongo e seus Ngangs (antepassados cultuados na quimbanda) acompanham a evolução de um grupo de travestis que, marginalizadas pela sociedade, trabalham nas ruas para sobreviver e são alvos dos "perseguidores" que desejam suprimir suas existências. Eles representam a intolerância, o preconceito e a violência que a comunidade trans e travesti sofre há gerações. Haverá uma investida desses personagens contra Xica Manicongo para anular sua feminilidade, controlar seu corpo. Durante o desenvolvimento da narrativa da comissão de frente, as travestis vencerão os transfóbicos, invertendo os papéis seculares de vítimas e algozes, para que, enfim, elas se empoderem de seus corpos e vidas. De onde irá desaparecer o passado de violência contra a comunidade trans e travesti, representado pela passagem de Xica, emergirá o futuro de vitória que desejamos. Elas dançarão vogue (ou voguing), como na cultura ballroom, simbolizando a autoafirmação pautada na resistência e no protagonismo transexual e negro.

A vitória travesti está calçada num futuro aberto de possibilidades variadas de escolhas, profissionais e pessoais. De múltiplas áreas de atuação, inseridas na sociedade como cidadãs brasileiras, até à presidência da república. Por que não?



Outras informações julgadas necessárias

Ficha Técnica:

Assistentes Coreográficos da Comissão de Frente: Bruna Faccini

Produção da Comissão de Frente: Rodolfo Saraiva e Gabriela Cidade

Assistente de produção: Hugo Lopes

Concepção dos figurinos: Jack Vasconcelos

Figurinista e execução dos Figurinos: Bruna Bee - Colmeia figurinos

Maquiagem: Jéssica Brasil Maquiagem

Iluminação: Paulinho da Luz

Estrutura, ferragem e movimento: Nildo Paris

Escultura: Miguel Barbosa

Projetista: Christopher Munford

Aderecista:

Participação especial: Erika Hilton

Xica Manicongo: Daniela Raio

Elenco:

- Alynah Vênus
- Ana Clara Aguiar
- Aurora Enibê
- Azueello
- Bellas da Silveira
- Bruna Chebile
- Candela Larenas
- Clara Alves
- Daniele Macedo
- Eloá Rodrigues
- Fernanda Lima
- Joanne Vênus
- Gabriela Branco
- Katarina Santos
- Kley Hudson
- Loren Miranda
- Lua Maria

- Luiza Carpinteiro
- Nathalia Miriam
- Pietra Souza
- Roberto Mauro
- Sophia Palma Ávila
- Yuka Gonçalves
- Douglas Emanuel
- Felipe Damazio
- Fernando Martins
- Luigi Gabriel
- Marcos Vinícius de Oliveira
- Salasar Jr.
- Taiwô Vieira
- Vitor Valdisser
- Victor Ribeiro
- Guilherme Romec

KIMBANDAS

1º Casal

Nome da Porta-bandeira: Dandara Ventapane**Nome do Mestre-sala:** Raphael Rodrigues**O que representa:**

Os ki-mbandas eram curandeiros, sacerdotes feiticeros que se comunicavam com o além, detentores de poderes xamânicos com os quais curavam. Cultuavam a conexão espiritual com os antepassados e honravam a memória dos que viveram na terra em gerações anteriores.

Outras informações julgadas necessárias:

Nome da Fantasia: : KIMBANDAS

Criação do Figurino: Jack Vasconcelos

Confecção: Ateliê Aquarela Carioca

Coreógrafa: Cátia Cabral

Apresentadora do casal: Aline Santos

Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

O que representa: O cortejo das energias espirituais dos antepassados, cultuadas pelos quimbandas, acompanha o primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira e proteger sua dança feiticera.

Nome da Fantasia: ESPÍRITOS ANCESTRAS

Criação do Figurino: Jack Vasconcelos

Confecção: Lucianno Costa

BAÍA DE TODOS OS SANTOS

2º Casal

Nome da Porta-bandeira: Rebeca Tito

Nome do Mestre-sala: Léo Thomé



O que representa:

A fantasia do segundo casal de mestre-sala e porta-bandeira representa as águas da baía de todos os santos. Por elas entravam os navios que traziam escravizados para desembarcar no porto da barra, o principal porto das colônias na época.

Outras informações julgadas necessárias:

Nome da Fantasia: BAÍA DE TODOS OS SANTOS

Criação do Figurino: Jack Vasconcelos

Confecção: Ateliê Aquarela Carioca

Apresentador do casal: Victor Cavalcante

Guardiões do 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

O que representa:

O cortejo de guardiões que acompanha o segundo casal de mestre-sala e porta-bandeira trazem o brilho das águas da baía de todos os santos, onde os espelhos refletem (simbolicamente) a luminosidade do novo mundo.

Nome da Fantasia: ESPELHO D'ÁGUA

Criação do Figurino: Jack Vasconcelos

Confecção: Robson Vieira

G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio



PRESIDENTE

Milton Abreu do Nascimento “Perácio”

Pororocas Parawaras - As Águas dos meus Encantos nas Contas dos Curimbós



Carnavalesco

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

HISTÓRICO DO ENREDO

Sinopse do enredo

POROROCAS PARAWARAS

AS ÁGUAS DOS MEUS ENCANTOS NAS CONTAS DOS CURIMBÓS

Só o mar, o rio, o Grande Rio, aqui azul, ali verde, mais distante negro, barrento além, límpido mais adiante, interessava sua curiosidade,

dava-lhe o desejo de viver e ser gente.

Eneida de Moraes – Banho de Cheiro

*

São elas as princesas dos segredos do Brasil encantado.

Luiz Antonio Simas – Almanaque Brasilidades

*

Kirimbasawa yúri yí-itá / Yané ãgawara-itá

(A força que vem das águas / São os nossos Encantados)

George Borari e Keissi Borari - Suraras do Tapajós

*

O Carimbó é muito quente

Da cintura pra baixo eu sou peixe

Da cintura pra cima eu sou gente

Mestre Verequete – Sereia do Mar

*

- eu ouvi o rio

e ele falou pra mim

então eu renasci.

Mayara Yamada – Caudalosa

De todas as coisas do fundo eu vou falar um pouco. Ouvidos abertos, atentos à voz que baila. É ela quem versa o ponto, pinta o rosto, poetiza: remanso. Porque "as águas dos meus encantos... é doce!"

1.

Água doce me leva, deixa as águas me levar

Pra Barreira do Mar

No balanço, eu conto uma história de Princesas e Encantarias, areias, brumas e barro. Desfio a colcha de retalhos. Sigo em frente, mareando. Banzeiro de barco. Terceira margem, à beira. Mouros e mururés. Tudo, pois, começou no mar, em meia-viagem, nas tempestades. Tempo for a do tempo, quando a gente peregrina. Encruzilhadas cruzadas, fantasmas, mas é isso (ou aquilo): lenda, crença, reza, mito. Dizeres, letras que flutuam. Lanternas. Palavras que não afundam nas fossas abissais. Sereias e abassás, terreiros nos cantos das águas. Sangue, sal, saudade – a vida nada.

Contam de um sábio Rei, Sultão de nome afamado, cujas filhas embarcaram, fugindo das guerras santas. Eram três as Maresias, Tóias Turcas, Joias d'Água, navegando, navegando: Mariana, Herondina e Jarina. Que não conheceram a morte, uma vez que o mistério é o presente, verde, muiraquitã no peito: diante do arrebatamento, o naufrágio o inevitável, cruzaram os Portais da Encantaria e mergulharam no Espelho do Encante. O Averso. Quando a névoa se fez incenso – e o céu, azul, azulejo.

2.

Verequete é o Rei coroado lá no mar

Coroa, coroa, coroa... brilhou no mar

Nas praias do Grão-Pará, brancas, lençóis de algodão, a Turquíssima Trindade encontrou um protetor. Verê, Verequete, Vodum poderoso, Tói, Totem das Ondas, Senhor das Espumas. Que se transforma em Pombo Roxo e pajeia, cintilante, a única das Sete Cidades que pode ser contemplada, vasta, sobre a imensidão barrenta. Marajó das revoadas, Aguaguara, vertigem! Viram, então, palácios e berçários, sementes da vida, romã-biribá-bacuri. Vida que vira mangue, mangue que oferta argila para que essa infundável vida seja traduzida em traços, ocos, vasos, dutos: olho d'água, útero do mundo. Na lama, no pântano, nasce a flor mais bonita – aprenderam, à deriva. Seguiram.

3.

Um chamado do fundo / você tem que respeitar

Assim disse um caramujo / que lá foi visitar

As águas driblam seus cursos, levam e lavam, no contrafluxo desse barco, que risca, lentamente, o arco espelhado do Encante. No fundo dos igarapés, nas bocas das matas, os bichos se transfiguram. Flecham! Cobras, sapos, peixes, caruás, o segredo em Pena e Maracá, Pajelança Cabocla. Mãe d'Água canta, Boto assovia, Boiúna se agita no lodo, Caipora e Curupira rodopiam nas clareiras. Mapinguari espia, Matinta espreita. A floresta, ela mesma, se materializa em entidade: Jurema, Quarta Conta, deusa cuja coroa, cocar tricolor, se uniu às três Soberanas. Rebatizadas, nas cascatas da Amazônia, Mariana foi Arara cantadeira; Jarina, uma vigilante Jiboia; Herondina, a Onça do meu destino.

4.

Meu chão tem Encantaria, meu chão tem Encantaria

Eu não posso falar tudo, o meu pai não me ordenou

As mesmas águas que purificam, nas curvas dos descaminhos, carregam o misticismo e saciam as novas misturas. Tantas famílias chegaram, ribeirinhas; a corte se perpetua: os Dois Irmãos, Averequete e Dom José, viram o axé florescer, no Guamá. Lá e cá, Daomé. Mina-Jeje, Mina-Nagô. Babaçuê, batuques, batalhas... e mais brasa no defumador. Nobres com suas bandeiras, ciganos, marinheiros, boiadeiros, é de Légua e do Codó, é d'Oxum, Nanã e Iemanjá...

... é de Parailá, é de Parailô...

Vibra o Tambor de Mina, pulsa na pele das águas! De cuias, quartinhas, pias e garrafadas, veias de um mesmo tronco, raízes cuja seiva é também saliva, toque de abatazeiro, bouquet de patchouli. Muito forte é a fé, nas águas de Nazaré! Dançando ao luar, na Guma, as Princesas Ajuremadas ofertaram os seus perfumes. Donas de toda a magia – afinal, "fizemos Cristo nascer na Turquia. Ou em Belém do Pará". A rosa mosqueta, de frescor adocicado; a luz de azahar, em flor de laranjeira; as mais raras pétalas dos ramos da juremeira. Juntas, cantaram as suas doutrinas. Lideraram exércitos, nas trilhas Icamiabas. Passearam, festeiras. Bordaram, enfim, suas rotas divergentes.

5.

Quatro Contas me protegem desde menina

A vermelha é Mariana, a amarela é Jarina

A branca é a Cabocla Jurema – Juremê, Juremá

A verde é a Cabocla Brava, é a minha Cabocla Herondina

Que não me deixa cair, não me deixa tombar

Agora, o que ouvi por aí, vivido, nas folias: contam que Mariana assumiu o navio do pai e margeou a costa brasileira, em luta; contam que Tóia Jarina, vestida em dourado-pavão, pode ser vista a girar nas praias, nas dunas adormecidas; e contam que Mãe Herondina não mais deixou a floresta – lá ficou, entre as samaúmas.

Pois tudo virou Carimbó, nos cantares do povo. "Chama Verequete", o brado em trovão do Mestre! "Chegou Dona Mariana", ginga de Pau e Corda! Os tambores Curimbós são a voz dos Encantados – contam, comem, rufam, narram. Curimbam! Toda a gente é rio e som, num banho de chuva e cheiro. Quando o canto de Dona Onete, Rainha, beija as Contas da sua vida, louvando, rosto e jamburano, a proteção das Belas Turcas, celebra os recados das matas, os espíritos das águas, as ervas da Jurema e o saber ancestral da cura. Era isso o que elas buscavam: a cura, macerada na mão.

Aparelhagem Astral: É noite de festa no Reino da Encantaria!

O barco que me conduz não tem porto de chegada. Sou o próprio delírio sambista, nesse Grande Rio, sou o sonho aquecido no couro, a sagração das Pororocas – elas, lume de estrelas, aquelas que nos defendem e convidam aos segredos. Estrondo! Quero ver Carimbó na Avenida, quero mais carimbolar! Abrir as letras de um Samba valente! Acordar a Cobra Grande e fazer terra firme tremer! Quero ser, para sempre, a beleza guardada nas guias de quem, ainda criança, brilhou na Lua crescente, desceu ao fundo das águas, voou nas asas de uma borboleta azul, penteou os cabelos da Uiara e brincou de se encantar.

*

Enredo, pesquisa e texto: Gabriel Haddad e Leonardo Bora

Pesquisadora convidada: Rafa Bqueer

Assistentes de pesquisa / equipe de criação: Patryck Thomaz, Rafael Gonçalves, Sophia Chueke, Theo Neves

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

1 – INTRODUÇÃO E RESUMO DA PROPOSTA

É uma voz feminina, de força e beleza ancestrais, a voz que conduz o enredo que o GRES Acadêmicos do Grande Rio apresenta, no carnaval de 2025. Uma voz que propõe um mergulho em águas encantadas e um passeio por uma narrativa de matriz oral, transmitida de geração a geração, nos terreiros de Tambor de Mina da Amazônia paraense. Uma voz, portanto, que guarda os mistérios do fundo dos rios e os fundamentos do chão dos terreiros. Voz que acalenta uma história que navega por mares, rios e igarapés, costurando um arquipélago de territórios e religiosidades, bordando em um mesmo estandarte as Doutrinas da Mina e as letras dos Carimbós – tudo ao som das batucadas, cheirando a patchouli. Trata-se da saga das Princesas Mariana, Herondina e Jarina, as “Belas Turcas”, as “Três Maresias”, as “Pororocas Parawaras” do título escolhido. Que, fugindo de guerras, atravessaram o “Espelho do Encante”, no fundo do mar; aportaram no Brasil, misturando a areia e o barro; seguiram Amazônia adentro, conhecendo os segredos das Pajelanças e passando por um processo de “ajuremamento”; transformaram-se em protagonistas do Tambor de Mina, observando o florescer de um culto extremamente híbrido, múltiplo e diverso; viraram letra e poema, tema de Carimbós. Carimbós e Carnavais, porque agora tudo isso é o tronco de uma mesma festa!

A voz em questão é a voz de Dona Onete, Ionete da Silveira Gama, nascida em Cachoeira do Arari, na Ilha de Marajó. Atuou como professora durante décadas, ministrando aulas de História e Estudos Amazônicos. Poeta, compositora e intérprete de Carimbó, é considerada a “Rainha do Carimbó Chamegado”. Dona Onete, cuja obra exalta diversos aspectos da cultura popular paraense, é autora de “Quatro Contas”, um poema musicado que, na visão da própria artista, está num entrelugar, um cruzo: é tanto uma Doutrina de Tambor de Mina quanto um Carimbó para ser bailado. “Quatro Contas” é uma composição que, até janeiro de 2025, não havia sido gravada em álbum; a autora, no entanto, cantou “Quatro Contas” em alguns shows e no especial “Dona Onete – Documentários Biográficos da Amazônia”. Mais do que isso, o que nos enche de alegria, cantou essa música tão mágica três vezes para a equipe da Grande Rio, no processo de gestação do enredo – uma dessas vezes foi documentada e compartilhada nas redes sociais da Escola. Essa música que não está na superfície de um disco, mas no “avesso”, no “fundo”, essa música que para ser ouvida exige um mergulho maior, uma procura... é a música que orienta o enredo, conduzindo a Grande Rio por águas encantadas.

“Quatro Contas” descreve poeticamente uma cena vivenciada por Dona Onete em um terreiro de Tambor de Mina, quando muito pequena. Durante uma festa dedicada a Ogum, no dia 23 de abril, ela foi abençoada pelas Três Princesas Turcas e pela Cabocla Jurema, entidades sagradas que a presentearam com quatro fios de conta (ou seja, quatro guias de miçangas). Tais são as contas que a “protegem desde menina”, como diz a letra. Guiada por essa memória, ela exalta as águas da Amazônia paraense, descrevendo-as como as “Águas de Nazaré”, expressão que revela, de antemão, os cruzamentos religiosos observados por lá. “As águas dos meus Encantos é doce” – este verso tão simples e tão profundo sintetiza tudo, abrindo a composição e conduzindo o olhar para a “Barreira do Mar”, ou seja, o desaguar das águas amazônicas nas águas oceânicas, encontro que se transforma no esplendor das pororocas. Pororocas que, na tradição da Mina, são as próprias Princesas, guardiãs da floresta. Apresentamos, abaixo, a letra completa:

Quatro Contas (Dona Onete)

As águas dos meus Encantos... é doce

As águas dos meus Encantos... é doce

Muito forte a minha fé

São águas de Nazaré (3x)

Água doce me leva, me leva

Deixa as águas me levar pra Barreira do Mar

Erê arê; erê arê

A felicidade está me chamando

A felicidade mandou me chamar

A felicidade está me esperando

A felicidade mandou me buscar

Quatro Contas me protegem desde menina

A vermelha é Marina – ê, Mariana!

A amarela é Jarina – alê, Dona Jarina!

A branca é a Cabocla Jurema – Juremê, Juremá!

A verde é a cabocla brava, é a minha Cabocla Herondina

Que não me deixa cair, não me deixa tombar!

Pois bem: é a letra dessa composição inédita, que produto da vivência de uma menina ribeirinha, a centelha que ilumina uma narrativa de enredo que abre os ouvidos para os povos de terreiro e mergulha no fundo dos igarapés. Contaremos uma história conduzida pelas águas, saga que tem início num “tempo fora do tempo”, como propõe o texto explicativo do enredo (a “sinopse”), nas águas tempestuosas que levaram três Princesas (Mariana, Herondina e Jarina) ao Mundo do Encante. Um enredo ancorado nas ideias de transformação, hibridez, mistura: a visão fantástica dos palácios turcos se funde ao esplendor da floresta amazônica; as Belas Turcas giram como Caboclas, nos rituais do Tambor de Mina; as Doutrinas cantadas nos terreiros abraçam e são abraçadas pelas letras dos Carimbós. Tendo por base essas ideias, teve início um longo e especial processo de pesquisa, o que merece descrição cuidadosa.

2 – CONSTRUÇÃO NARRATIVA E PROCESSO DE PESQUISA

A pesquisa de “Pororocas Parawaras: as Águas dos meus Encantos nas Contas dos Curimbós” teve início poucos dias depois do desfile das campeãs de 2024, quando os carnavalescos Gabriel Haddad e Leonardo Bora convidaram a artista contemporânea Rafa Bqueer (que é paraense e desenvolve trabalhos performáticos, audiovisuais e de artes plásticas que dialogam com os imaginários africanos e indígenas da Amazônia) para participar da construção do enredo. Desde os primeiros movimentos, entendemos que o território pelo qual viajávamos era um manancial de histórias impressionantes, narrativas ricas e desafiadoras, com grande potencial imagético e grande importância para a discussão de questões urgentes, como a diversidade religiosa, as tecnologias e os saberes ancestrais, o futuro que passa pelas águas. Além disso, sabemos que representamos uma agremiação carnavalesca que guarda na sua memória um conjunto de narrativas de enredo de temáticas amazônicas, valorizando bastante esse diálogo sambista com histórias conectadas à maior floresta tropical do mundo. Pensemos, rapidamente, em “História pra ninar um povo patriota”, de 1995; “Madeira Mamoré: a volta dos que não foram, lá no Guaporé”, de 1997; “Amazonas, o Eldorado é aqui”, de 2006; “Do verde de Coari, vem meu gás, Sapucaí”, de 2008. A comunidade da Tricolor de Caxias muito se orgulha de ter cantado esse universo, de modo que não foi surpreendente a recepção mais do que positiva que o simples anúncio do “tema” provocou entre os torcedores.

No caso específico do imaginário paraense, algumas narrativas interessantes já foram cantadas, com grande sucesso, na Passarela do Samba. Em 1998, a Beija-Flor de Nilópolis foi campeã com “Pará: o Mundo Místico dos Caruanas, nas Águas do Patu-Anu”, narrativa ambientada no estado da Região Norte, tendo por base o livro “O Mundo Místico dos Caruanas da Ilha do Marajó”, da Pajé Zeneida Lima; em 2004, a Unidos do Viradouro reeditou o samba que a Unidos do São Carlos cantou em 1975, uma homenagem ao estado do Pará centrada na “Festa do Círio de Nazaré” (justamente o título do enredo original da São Carlos); em 2023, mais recentemente, o enredo da Paraíso do Tuiuti, “Mogangueiro da Cara Preta”, enfocou a história da chegada dos búfalos à Ilha de Marajó, narrativa de teor lendário que rendeu um excelente samba. Este pequeno recorte mostra três exemplos de enredos que abordaram aspectos muito distintos de um espaço narrativo que tanto pode ser um porto de partida (o lugar de onde zarpou o mítico Ita salgueirense, em 1993) quanto um destino cruzado, uma encruzilhada – o nosso caso, nessas “Pororocas”. Observamos, por óbvio, este conjunto de narrativas carnavalescas a fim de construir algo diferente, novo, inusitado. A intuição poética de Dona Onete indicou caminhos – mochilas nas costas, seguimos por eles.

A vasta prospecção bibliográfica nunca foi deixada de lado – lemos, nos últimos 11 meses, livros, teses e dissertações de toda sorte que abordam o Tambor de Mina paraense, o Carimbó, as águas da Amazônia, a “Turquia Cabocla”. De Eneida de Moraes a Salomão Larêdo, foram muitos os afluentes navegados. Mas, especificamente para este enredo, o sumo primeiro são as vozes, os cantos, os murmúrios das matas. A voz de Dona Onete e as vozes dos povos de terreiro, as vozes da Mina, as vozes dos Curimbós. Ao todo, a equipe de criação da Grande Rio viajou quatro vezes ao Pará. Nessas viagens, diferentes territórios foram percorridos e mais de 30 pessoas foram entrevistadas de maneira oficial (com documentação por vídeo, processo realizado pelo cineasta Vitor Souza Lima) ou informal, a partir de contatos previamente agendados ou realizados no decorrer das vivências. Conversamos com lideranças religiosas, professores e pesquisadores, mestres e mestras do Carimbó, artistas visuais e da música, abridores de letras, artesãos, produtores culturais e gestores. O mais importante: conversamos com Dona Onete, a autora de “Quatro Contas”; e conversamos com as próprias Princesas Turcas, no Terreiro de Tambor de Mina Dois Irmãos, em Belém - o mais antigo do Pará, hoje sob a liderança de Mãe Eloísa de Badé; e no Terreiro de Iansã Nossa Senhora da Conceição, liderado por Mãe Fátima, em Soure, no Marajó. Elas próprias, as Encantadas, nos contaram a sua história. Com variações, como é comum nas narrativas de terreiro. Com muita força e beleza, como também é de costume.

O mergulho (literal e literário) nessas águas permitiu a construção de um enredo que é produto de vivências coletivas. Há um fio narrativo muito claro, havendo uma continuidade lógica. Começa e termina navegando, portanto é puro movimento – onda de mar, correnteza de rio. Maré. Banzeiro. O enredo é, ele próprio, o símbolo da pororoca – uma Turquia nebulosa que desagua na Amazônia; uma festa multicolorida que vê o Tambor de Mina e o Carimbó girando numa mesma praça. Um enredo que não quer dos estereótipos reducionistas nem das homenagens cristalizadas. Um enredo que entende e defende a ideia de que a melhor forma de exaltar o complexo cultural de um povo é dando ouvidos a ele, convidando-o para o processo. Assim foi feito, quando da construção do pôster – cujas letras vernáculas foram pintadas pelo “abridor” paraense Luis da Silva Souto Junior. Ouvimos, com respeito e cuidado, as memórias e os apelos de Ialorixás, Babalorixás, Pajés e líderes da Mina, atores sociais que descortinaram ante os nossos olhos uma história de contornos surreais nunca contada no Grupo Especial carioca. No calor das giras, entendemos o porquê de Dona Onete tanto agradecer às Princesas da Turquia que se ajuremaram na floresta: é uma história de amor e cura. A fúria fica no início, na tempestade. Depois, é o tempo da festa.

Acima de tudo, é um enredo de festa. Assim como Dona Onete (e cremos que coincidências não existem, neste enredo tão encantado), conversamos e fomos abençoados pelas Princesas durante festas dedicadas a São Jorge e a Ogum, ocorridas na noite de 20 de abril de 2024, no Terreiro de Mina Dois Irmãos, em Belém; e na noite de 23 de abril, no Terreiro de Iansã Nossa Senhora da Conceição, em Soure, na Ilha de Marajó. A festa também foi grande quando da final de samba de enredo realizada em Belém, em setembro de 2024. Na ocasião, duas obras compostas por escolas de samba paraenses foram classificadas para a final de samba realizada no Rio. Este intercâmbio sambista permitiu que a obra escolhida para o desfile de 2025 fosse de autoria de compositores paraenses – entre eles, Mestre Damasceno, um Mestre de Carimbó. Se forma também é conteúdo, entendemos que a vitória desse samba é um triunfo da linguagem do enredo, que é contado e cantado com vocabulário e acentos próprios.

3 – DIVERSIDADE, ABORDAGEM, RELEVÂNCIA

Como já foi dito, entendemos que este enredo é fundamentado nas ideias de transformação, fusão, hibridez, mistura. O Tambor de Mina da Amazônia é um universo plural por excelência, o que dá corpo a uma narrativa de enredo que abraça esse pressuposto. Reforçamos, aqui, que é um enredo que toma por base os relatos orais dos terreiros, de modo que a história contada pela Grande Rio é apenas uma versão possível para a narrativa mítica do encantamento de Mariana, Herondina e Jarina. Trata-se de uma versão diferente, por exemplo, daquela apresentada no filme “A Descoberta da Amazônia Pelos Turcos Encantados”. A nossa versão é produto de uma costura muito particular, que envolveu horas e mais horas de escuta, estrada, navegação.

Uma confusão comum, que o enredo se propõe a descortinar, é aquela que tende a associar as “Caboclas” da Mina unicamente a entidades indígenas. Os cruzamentos entre religiões de matrizes africanas, como o Candomblé Ketu, e rituais de raízes indígenas, como a Pajelança Cabocla, é algo observável nos terreiros da Mina, sim; no entanto, o termo “Caboclo” adquire uma dimensão expandida, podendo se referir, como bem explica Luiz Antonio Simas, a muitas coisas. Nas palavras do autor:

“Na Encantaria, por exemplo, o termo Caboclo não é sinônimo de entidade ameríndia, podendo ser genericamente utilizado para designar entidades de variadas origens. Os Caboclos, ou Encantados, se reúnem em famílias, com um chefe e suas linhagens, que abrangem turcos, índios, reis, nobres, marujos, princesas etc. Os Encantados não são espíritos desencarnados; são pessoas, ou até animais, que viveram mas não chegaram a morrer, sofreram antes a experiência do Encantamento e foram

morar no invisível. De vez em quando saem de lá, pegam carona na asa do vento e chegam à terra, no corpo dos iniciados, para dançar, dar conselhos, curar doenças, jogar conversa fora e matar as saudades do povo que continua por aqui.” (SIMAS, 2019, p. 45-46).

O trecho bem descreve algo visto e vivenciado em lugares como o Terreiro de Tambor de Mina Dois Irmãos, o mais antigo do Pará, onde as Belas Turcas bailam vestindo roupas inspiradas nos trajes de passeio das cortes europeias dos séculos XVIII e XIX. Elas são Caboclas ajuremadas, bebem em cuias adornadas com grafismos indígenas e vestem saias e chapéus que exibem sobreposições de rendas, pedras e bordados. No Terreiro de Iansã Nossa Senhora da Conceição, na Ilha de Marajó, as vestes das Princesas exibem extraordinários trabalhos em tricô, crochê e macramê, técnicas têxteis que se misturam com o uso de sementes e fibras da floresta. As vestes cerimoniais, portanto, são uma expressão colorida e vaporosa da hibridez de que falamos, aspecto que norteou a concepção do conjunto visual do desfile. Coletivos vestindo fantasias diferentes e alegorias onde são fundidos elementos do imaginário turco e símbolos das culturas amazônicas são propostas estéticas (e narrativas) intencionais – condizentes e coerentes com relação ao universo (en)cantado.

4 – SETORIZAÇÃO E CONCEITOS A SEREM OBSERVADOS

O enredo e o desfile são divididos em 5 setores, explicados brevemente abaixo. Reforçamos, aqui, a ideia de que a fundamentação textual escrita do enredo continua a ser desenvolvida nas justificativas de fantasias e carros alegóricos.

Primeiro Setor / Abertura: “Através do Espelho do Encante”

O enredo começa *in media res*, ou seja, “no meio das coisas”, “no meio da ação”. Seguindo as narrativas contadas e cantadas nos terreiros de Tambor de Mina, a história tem início em alto-mar, durante uma tempestade de proporções bíblicas. O navio de guerra que transportava inimagináveis tesouros e três princesas da Turquia (Mariana, Herondina e Jarina) desaparece em meio às ondas. Naufraga. As Belas Turcas, porém, não experienciam a morte física: atravessam o “Espelho do Encante” e se tornam Encantadas. Ainda que fantasias, adereços e carros alegóricos desse setor eminentemente aquático (a ideia é transportar a Sapucaí para o fundo do mar) apresentem motivos decorativos e padrões turcos, o nosso enredo não pisa no solo da Turquia. Quem lá pisou foram os carnavalescos Gabriel Haddad e Leonardo Bora, que coletaram farto material visual para ser amalgamado, no decorrer do cortejo, às cores, às texturas e aos falares paraenses. O setor imagina a corte da Turquia submergindo. Para isso, mistura elementos de ourivesaria com materiais e formas que nos levam ao coração das águas (bolhas, barbatanas, águas-vivas que também são lanternas – ou lanternas que são águas-vivas?). Predominam variações de verde água e azul turquesa, com pontuações de vermelho, lilás, ouro, cobre e prata. A iluminação cênica da Avenida e demais recursos (como os infláveis) são utilizados para a construção de um ambiente imersivo, o que também configura narrativa de enredo – nada é pensado gratuitamente.

Segundo Setor: “Barreira do Mar, Raízes da Encantaria”

Em tempos brumosos, as Princesas Encantadas aportam no litoral brasileiro. Segundo (e seguindo) o que ouvimos nos terreiros, elas entram pela “Barreira do Mar”, ou seja, a região que vê o encontro das águas doces do Amazonas e seus muitos afluentes com as águas salgadas do Oceano Atlântico. Foz. Recepcionadas por Toi Averequete, divindade associada à espuma do mar e muito cantada na Mina e no Carimbó, elas se veem inseridas nos cultos sebastianistas (o Encantado Rei Sebastião é cultuado na extensa faixa litorânea que se estende da Praia dos Lençóis, parte do antigo território do Estado do Grão-Pará e Maranhão, à Ilha de Marajó). Na boca do arquipélago do Marajó, elas se

deparam com a força das pororocas, o encontro das águas, o estrondo que protege a floresta. Avançando pelo território, aprendem lições de ancestralidade na profusão de raízes dos mangues e nos traços das antigas civilizações que povoaram (e moldaram) o solo paraense. Começam a desvendar os mistérios das Pajelanças e os ensinamentos dos Caruanas. O setor é dividido em dois momentos e tem uma sequência cromática que expressa o trânsito das Princesas por diferentes sentidos e espaços: a limpidez das águas claras, o branco da espuma, a aspereza da areia, o choque das pororocas, o emaranhado do mangue, o calor das cerâmicas. Tudo culminando em um carro que é, ele próprio, uma escultura de barro, imperando os tons terrosos. As fusões de motivos turcos e elementos das artes marajoara e tapajônica configuram uma estratégia narrativa análoga àquela realizada por artistas como Joãozinho Trinta e Rosa Magalhães, em diferentes trabalhos.

Terceiro Setor: “Chamado do Fundo”

As Princesas seguem a sua jornada e avançam floresta adentro. Mergulham nos igarapés da Amazônia e conhecem outros Encantados, seres que povoam o imaginário ribeirinho: Mapinguari, Boiúna, Caipora, Curupira, Matinta Perera, Rasga-Mortalha, Boto. Tais seres habitam o “Fundo”, conceito muito falado nos terreiros de Mina e nos rituais da Pajelança Cabocla. Dá-se, então, o processo de ajuremamento: conduzidas pela Cabocla Jurema (que se confunde com a própria floresta), Mariana, Herondina e Jarina se tornam Caboclas, adquirindo o poder da transformação em animais totêmicos (arara cantadeira, no caso de Mariana; onça-pintada, no caso de Herondina; jiboia e borboleta azul, no caso de Jarina). Passam a trabalhar nas linhas de cura da Pajelança e se tornam símbolos de feminilidade num território que guarda a memória das Icamiabas, mulheres guerreiras que defendiam a mata e presenteavam os pais dos filhos gerados com os amuletos muiraquitãs, em forma de sapos. Neste setor, o verde pontua todas as fantasias, o que expressa o vigor da floresta, a seiva que nutre a vida. Optamos por traduções imagéticas não realistas, dialogando com os brinquedos de miriti e com ilustrações de livros infantis de autores paraenses (a própria Dona Onete é autora de uma coleção de livros infantis). No carro alegórico que encerra o setor, defendemos a ideia de que a Amazônia é um jardim cultivado há milênios. Formas maiores e incontáveis folhas com desenhos pintados a mão desenham o conjunto cênico.

Quarto Setor: “Tambor de Mina, Feiticaria Parawara”

Transformadas em Caboclas, as Belas Turcas se tornam protagonistas da Mina paraense, entidades muito queridas e cultuadas, festejadas em terreiros que se espalham por todo o território visitado. O quarto setor mostra, portanto, o processo formativo e a diversidade do Tambor de Mina do Pará, que é muito específico, diferente do observado em outras localidades do Brasil. Se a Mina paraense é “Nações Unidas”, como ensinou o professor Cláudio Didimano, durante visita ao Ilê Axé Pedra de Itaculumí, as fantasias e a alegoria que compõem este trecho da narrativa e do desfile celebram a pluralidade e as fusões desse complexo religioso que dialoga com tantos outros. O “refrão de cabeça” do samba (“É força de Caboclo, Vodum e Orixá...”) está contemplado nas fantasias, que exploram as cores primárias e as suas variações – tudo suavizado com pontuações de branco, palha e tons “crus”, os mesmos que dão formas a uma alegoria onde se nota o cuidado com o trabalho têxtil, muito presente nas roupas cerimoniais das festas da Mina. As roupas primam por detalhes, brilhos, bordados, apliques, rendas, frufus, pedrarias, pingentes, franjas, sobreposições – técnicas de confecção observadas nos guarda-roupas dos terreiros. Fundamentais para a estruturação deste momento narrativo foram os diálogos com Mãe Elô, líder do Terreiro de Tambor de Mina Dois Irmãos, o mais antigo do Pará, localizado em Belém e tombado pelo Departamento de Patrimônio Histórico Artístico e Cultural do Estado do Pará (DPHAC). O setor acaba contando, também, um pouco da história das religiões de matrizes africanas na Amazônia, aspecto pouquíssimo abordado em desfiles sambistas. Contamos ao público que a Mina paraense é única e multifacetada; e

mostramos uma visão alegórica para o “Sultanato Caboclo”, conforme o investigado pelo antropólogo Anderson Lucas da Costa Pereira.

Quinto Setor: “Carimbó das Quatro Contas: o destino das Princesas,

nas Águas de Nazaré”

Por fim, o quinto setor exalta a presença das Princesas Turcas na cultura popular, uma vez que elas se tornaram motivos de Carimbós. Elas pairam no imaginário coletivo e nas manifestações culturais de um povo que é movido pela fé e pela festa. Um povo que navega em busca de sonhos e que prepara garrafinhas e garrafadas com receitas que curam tudo – até mesmo as mazelas do mundo. No primeiro trecho do setor, que traduz cromaticamente os versos da composição “Quatro Contas”, de Dona Onete, exaltamos as Princesas em suas individualidades, contando um pouco dos seus destinos – conforme o que ouvimos delas próprias, tomando “pomosa” (cerveja), nos terreiros. As fantasias das Princesas são algumas das mais elaboradas do desfile, no que tange à costura, algo que julgamos muito importante. Reforçamos que, assim como ensina Luiz Antonio Simas e demais pesquisadores do Tambor de Mina do Pará, a expressão “Cabocla” não necessariamente se refere a uma entidade indígena, o que explica os grandes vestidos, inspirados em vestes cerimoniais que vimos ao longo do périplo. Também exaltamos a presença de Jurema e a sonoridade dos Curimbós, os tambores que dão ritmo ao Carimbó e fundem raízes africanas e indígenas – tudo isso sintetizado no terceiro tripé. O trecho final é o triunfo da alegria: a música, a dança, as cores fortes, os babados, as fitas, tudo convida o público a beijar a felicidade! Imortalizadas em letras de Carimbós, as Princesas protegem um povo que faz folia sobre as águas sagradas. Motivos florais coloreem um conjunto visual vigoroso, com destaque para as combinações de rosa, laranja, amarelo e verde. Mestras e Mestres do Carimbó são reverenciados e, em meio às casas ribeirinhas, estandartes brilhantes levam para o alto, o céu, as simbologias das Princesas. Um cintilante banho de cheiro!

OUTROS ASPECTOS A SEREM DESTACADOS

Reforçamos, aqui, alguns pontos:

1 – É intencional e parte nuclear do conceito estético-narrativo do desfile o uso de alas com fantasias diversas e/ou variações de tonalidades e elementos decorativos. Entendemos que o enredo trata de diversidade, pluralidade, mistura, profusão. Tentamos, com isso, “quebrar” a lógica homogênea mais convencional.

2 – A utilização dos novos recursos de iluminação disponíveis no Sambódromo e a presença de elementos cênicos como os balões infláveis também são parte da narrativa do enredo, e não opções/escolhas gratuitas, sem importância para a contação da história. Defendemos que a luz, enquanto recurso narrativo fundamental para o pensar das “artes vivas” e a história dos espetáculos mundo afora, contribui e muito para a construção de ambientações poéticas, estimulando os sentidos do público.

3 – Reforçamos que o diálogo com atores sociais ligados ao universo temático transformado em enredo (como líderes religiosos do Tambor de Mina, Mestres e Mestras do Carimbó, artistas e produtores culturais paraenses) está presente nos menores e nos maiores detalhes do enredo e da visualidade do desfile. Materiais oriundos da Amazônia são utilizados em fantasias e alegorias, bem como houve a documentação de técnicas e modos de fazer de mestres ceramistas e abridores de letras. No caso das “letras que flutuam”, a pintura dos nomes dos barcos do último carro pelo artista Augusto Amorim bem ilustra esse intercâmbio, graças à mediação da designer Fernanda Martins.

4 – Destacamos, por fim, que a linguagem do enredo se expande para o todo, de modo que cada cor, material, textura, volume, caimento, movimento... tudo contribui para o narrar dessa história. Os espelhos do carro abre-alas e a madeira pintada da alegoria 5 são peças de um mesmo tabuleiro narrativo. O convite ao mergulho está feito!

Glossário:

- **Aguaguara:** Energia caruana associada aos guarás vermelhos, aves muito presentes na Ilha de Marajó, no Pará. Conta a Pajelança Cabocla que Aguaguara é o primeiro caruana a povoar a terra, colorindo o mundo.
- **Águas de Nazaré:** Expressão utilizada por Dona Onete, na composição "Quatro Contas", para se referir às águas encantadas que banham o Pará.
- **Ajuremar:** Na tradição da Pajelança, é o ato de ser iniciado nos segredos da Jurema sagrada, adquirindo o poder de transformação em outros seres da natureza.
- **Babaçuê:** Expressão religiosa presente no território paraense, associada ao culto de Maria Barbara Soeira, entidade também celebrada no Tambor de Mina. Está nas raízes da Mina paraense.
- **Banzeiro:** Movimento de ondas gerado por animais ou embarcações, quando se movimentam nas águas. É cantado em diferentes Carimbós - "Banzeiro de Pororoca".
- **Boiúna:** Também conhecida por "Cobra Grande", ser encantado muito presente no imaginário amazônico.
- **Caboclo:** Entidade, não necessariamente indígena (pode ser uma princesa, um nobre, um marinheiro, um boiadeiro etc), que "baixa" nos terreiros de Tambor de Mina da Amazônia paraense.
- **Carimbó:** Expressão musical e complexo cultural típicos do Pará, com notáveis influências indígenas, africanas e caribenhas. Hoje, apresenta muitas variações: pau-e-corda, show, chamegado etc.
- **Caruá:** Segundo os relatos das Pajés do Marajó, são energias cruzadas entre seres humanos e animais - entidades híbridas, esculpidas em barro pelas mãos artesãs.
- **Caruana:** Energia ancestral que vive nas águas, ligada aos ritos da Pajelança Cabocla da Ilha de Marajó; conta a Pajé Zeneida Lima que os Caruanas povoaram a terra depois que Auí tocou o fundo do Girador, ser criador do mundo.
- **Cocoriô:** Expressão utilizada como saudação nos rituais do Tambor de Mina paraense; é parte do processo de abertura das giras.
- **Codoense:** Diz respeito ao "Povo do Codó" e às influências maranhenses observadas no Tambor de Mina do Pará, especialmente boiadeiros. "Codó" é a "capital da macumba".

- **Curimbó:** Tambor de matriz indígena que dá ritmo ao Carimbó. Numa tradução livre, quer dizer "tronco oco". Segundo Mestre Griô Chico Malta, "os Curimbós são a voz dos Encantados".
- **Doutrina:** "Ponto" do Tambor de Mina. Em geral, as Doutrinas são composições de autorias difusas, transmitidas musicalmente de geração a geração.
- **Encantados:** Seres místicos que povoam os imaginários amazônicos, sob diferentes formas. São entidades que não experienciam a morte física, mas foram arrebatados em momentos decisivos - caso das Princesas Turcas.
- **Espelho do Encante / Portal da Encantaria:** Expressões utilizadas no enredo para representar a travessia de um portal encantado - o ato de se encantar, não experienciando a morte.
- **Fundo:** Expressão que se refere ao "mundo do encante" - espécie de "universo paralelo", invisível aos olhos terreaux, povoado pelos Encantados.
- **Igapó:** Floresta alagada, muito representativa das paisagens amazônicas. Os igapós se confundem com os manguezais, berçários da vida.
- **Igarapé:** "Braço" de um rio - espécie de riacho que corta a floresta amazônica, banhando a vida ribeirinha.
- **Jarina, Herondina e Mariana:** Nomes das "Belas Turcas", as Princesas Encantadas que se transformaram nas Caboclas que são protagonistas da Mina paraense e são saudadas em carimbós como "Quatro Contas".
- **Jurema:** Cabocla muito cultuada Brasil afora, também saudada por Dona Onete na composição "Quatro Contas". Entidade encantada ligada aos rituais de ajuremamento.
- **Marajó:** Maior ilha fluvio-marítima do mundo, localizada no território do Pará. Lugar místico e lendário, que viu o florescer de civilizações complexas.
- **Maresia:** Névoa ou bruma do mar, é a forma como as Princesas Turcas são saudadas em algumas Doutrinas - "Três Maresias".
- **Mina / Tambor de Mina:** Um dos complexos religiosos mais expressivos da Amazônia paraense, de raízes africanas e indígenas e conexões com o catolicismo popular. Originalmente estabelecido no Maranhão, se misturou com as Pajelanças e firmou ponto no Pará, cuja casa mais antiga é o Terreiro de Mina Dois Irmãos, localizado em Belém.
- **Mururé:** Flor de tonalidade geralmente lilás que desabrocha nos igarapés amazônicos. Os mururés são cantados em Doutrinas da Mina.
- **Parawara:** Numa tradução livre, quer dizer "Habitante do rio" ou "Grito do rio/das águas". "Grão-Pará" quer dizer "Grande Rio".
- **Patchouli:** Erva e raiz aromática de origem indiana, muito popular no Pará. O patchouli é utilizado em banhos, na preparação do conhecido perfume "cheiro do Pará", nos defumadores dos terreiros de Tambor de Mina.

- **Pororoca:** Onda gigante proveniente do encontro das águas dos rios amazônicos com as águas do Oceano Atlântico. Nas Doutrinas do Tambor de Mina, as Princesas são chamadas de Pororocas, uma vez que protegem a floresta.

- **Puraqué:** Variante de "poraquê". Peixe amazônico bastante temido e respeitado pelos povos ribeirinhos, uma vez que produz eletricidade.

- **Terreiro Dois Irmãos:** Terreiro de Tambor de Mina mais antigo do Pará, localizado no bairro do Guamá, em Belém. Foi fundado em 1890 por Mãe Josina e tombado pelo Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Estado do Pará, em 2010.

- **Tói Averequete:** Poderoso vodum cultuado no Tambor de Mina. Associado à espuma do mar, é a entidade que recebe as Princesas Turcas e reúne a Encantaria, na tradição das narrativas orais dos terreiros paraenses.

- **Voduns:** Divindades de matrizes africanas, principalmente da região do antigo Daomé, associadas a forças da natureza e cultuadas nos terreiros de Tambor de Mina.

PESQUISA

Nos cadernos de campo, durante as fases iniciais da pesquisa, foram reunidas vozes diversas. Alguns desses relatos merecem atenção, uma vez que muito contribuíram para a abordagem aqui defendida. O carnavalesco e produtor cultural Jean Negrão, por exemplo, destacou a importância dos cultos sebastianistas para a compreensão da Mina paraense (a peregrinação dos terreiros a lugares como a Praia da Fortaleza, em São João de Pirabas, onde fica a Pedra do Rei Sabá), apontando, ainda, relações estéticas e temáticas entre a Mina e o Carimbó. Foi ele quem primeiro descreveu a transformação das Princesas Turcas em animais de poder, contando que este universo já foi bastante explorado em narrativas de agremiações carnavalescas de Belém e em outros eventos importantes para a compreensão das culturas nortistas, como o concurso Rainha das Rainhas, o Sairé, o Festival de Parintins. É dele uma frase-síntese: “As Princesas Turcas, transformadas em Caboclas, são as mais populares Encantadas da Amazônia”.

O professor da UFPA Cláudio Didimano, que mediu a visita ao Ilê Axé Pedra de Itaculumí, liderado por Pai Felipe, no bairro da Pedreira, em Belém, descreveu a Mina paraense como “Nações Unidas”. Narrou histórias fantásticas, como os casos e causos de incorporações de Buda, Cleópatra, Nefertiti, Salomé e Shiva, ao som de Carmina Burana – dimensão que certamente pode alimentar outras narrativas carnavalescas! Foi Pai Felipe quem nos ensinou que as Princesas são as Pororocas do Pará, as “donas” da Barreira do Mar, quando o Amazonas e seus afluentes encontram as águas do Oceano Atlântico. Didimano prefere a expressão “Tambores de Mina”, tamanha a diversidade de cultos, entidades, ritos, cantos, práticas corporais, receitas curativas. O professor e o líder religioso contaram das relações entre Tóia Jarina e Rei Sebastião, exaltaram a transformação de Mariana em Arara Cantadeira e garantiram que, em alguns terreiros, Herondina é considerada uma “Cabocla de origem romana” e Mariana uma “Princesa que estudou na França”. Mariana, a mais experiente das

irmãs, é, nas palavras deles, “a entidade mais afamada dentro do Tambor de Mina do Pará”. Destacaram a importância de Averequete (“aquele que recebe as irmãs turcas”) e pediram que pensássemos no “fundo das águas” e entendêssemos as Princesas como “Jóias d’Água” – o nome que demos à fantasia da Ala das Baianas.

A visita ao terreiro de Mansu Nangetu Mansubando Kekê Neta, mediada pelo professor e carnavalesco Cláudio Rego de Miranda, foi importante para a compreensão dos cruzamentos entre Tambor de Mina e Candomblé Angola, no coração da floresta. A presença das religiões de matrizes africanas na Amazônia é algo ainda pouquíssimo explorado em narrativas carnavalescas do Rio de Janeiro, o que revela uma lacuna. Contribuíu bastante para esse entendimento (donde brota outro ramo para o pensar da relevância desse enredo) a leitura dos estudos reunidos no livro “Pajelanças e Religiões Africanas na Amazônia”, organizado por Raymundo Heraldo Maués e Gisela Macambira Villacorta. Percebemos o quanto os povos de terreiro são unidos, no Pará, pairando a ideia de que “não há nação pura”. As incorporações de animais (botos, jacarés, serpentes, onças) e a forte presença dos imaginários indígenas tornam os terreiros paraenses muito diferentes do que é observado em outros territórios brasileiros. “A macumba do Pará é única”, sintetizou Luiz Antonio Simas, para quem “a Encantaria preserva o Estado do Grão-Pará e Maranhão”. A presença da Família da Turquia na Amazônia foi muito debatida por ele, para quem um Encantado é um ser 3 em 1: ele mesmo, que viveu porém nunca experienciou a morte; o elemento da natureza (animal, vegetal, mineral) em que se encanta; o corpo do médium que o recebe, nos rituais festivos. Simas descreveu o Pará como a “encruzilhada do misticismo encantado”, cantando trechos de doutrinas e contribuindo para a percepção de que um dos mais significativos elementos de diferenciação entre a Mina paraense e a Mina do Maranhão é o cruzamento com o Carimbó – algo que nos arrebatou quando dos diálogos com Dona Onete, o mergulho em “Quatro Contas” e o estudo cuidadoso da discografia de nomes como Mestre Verequete.

Pai Elivaldo, do Terreiro de Rei Sebastião e Toya Jarina, complexificou a noção de transformação, explicando que a Princesa Jarina também é associada à borboleta azul e ao pavão dourado. Para ele, o culto às Belas Turcas é a culminância de um processo ritual de “coroação na mata”, abrindo os portais para o Reino da Encantaria. Muito ouvimos sobre o Reino da Encantaria em outras conversas, como as realizadas com as Pajés Fátima e Roxita, na Ilha de Marajó, e com a Ialorixá Conceição Moraes, em Santarém. Dona Roxita trouxe uma informação surpreendente: o dia mais poderoso para os rituais da Encantaria, considerado o “Dia da Encantaria do Marajó”, é o dia 2 de dezembro – que também o Dia Nacional do Samba! Ela contou sobre a “Linha do Fundo” e descreveu rituais de cura, afirmando que as Três Princesas, “cruzadas” com outras entidades, são poderosas curandeiras. A necessidade de ouvir as águas, respeitar as sabedorias ribeirinhas e os ciclos natureza, compreender as linguagens e as tecnologias ancestrais e abordar os Encantados com a máxima reverência também foi pontuada por Marcelle Almeida, pesquisadora e compositora de Carimbó, Úrsula Vidal, Secretária de Cultura do Estado do Pará, Cilene Oliveira, artista do ateliê Arte Manguê, Mestra Amélia, do Grupo de Carimbó Cruzeirinho, Cláudia Palheta, professora e carnavalesca de Belém. Almeida destacou que os Encantados, como Curupira e Caipora, não são seres ruins, “assombrações”; ao contrário: são protetores, guardiões, atuando em defesa das águas que correm por vários lugares, águas que são, elas mesmas, um grande banho de ervas.

Mas nenhum diálogo foi mais esclarecedor que as conversas estabelecidas com Dona Onete e com as próprias Princesas Turcas, conforme já foi dito. As viagens para a Turquia (experiência importante para a coleta de material visual) e para o Pará de nada teriam servido se não tivéssemos vivenciado a Mina e o Carimbó com os pés no chão e as almas abertas. Muitos pontos desses diálogos impregnaram a concepção do enredo e guiaram espiritual e poeticamente a tessitura dessa

narrativa. Com a certeza da potência poética e com a humildade de quem aprende contamos uma história que nos convida a viajar, mergulhar, girar, tocar o Fundo. Façamos festa!

Enredo, pesquisa e texto: Gabriel Haddad e Leonardo Bora

Pesquisadora convidada: Rafa Bqueer

Assistentes de pesquisa / equipe de criação: Patryck Thomaz, Rafael Gonçalves, Sophia Chueke, Theo Neves

Agradecimentos pelas entrevistas realizadas:

Jean Gomes Negrão, Cláudio Didimano, Claudio Rego de Miranda, Ursula Vidal, Fernando Pessoa, Luiz Antonio Simas, Fernanda Martins, Leonardo Carrato, Luis Júnior, Alessandro da Silva Abreu, Odir Lima de Abreu, Cláudia Palheta, Lucas Belo, Josivana de Castro Rodrigues, Cilene Andrade, Ronaldo Guedes, Madson Embaixador, Ju Gomes, Jane Cerdeira, Marcelle Almeida, Thiago Hoshino, Alberto Mussa, Renato Menezes, Thiago Albuquerque de Lima, Thiago Avis, Vitor Souza Lima, Filipe Almeida, Mavi Maia.

Agradecimentos especiais, de axé e carimbó pelas entrevistas e participações realizadas:

Pai Felipe e Ilê Axé Pedra de Itaculumí, Mametu Nangetu e Candomblé Manso Massumbando Keke Neta, Mãe Elô e Terreiro de Tambor de Mina Dois Irmãos, Pai Elivaldo e Terreiro de Rei Sebastião e Toya Jarina, Mestra Amélia Barbosa e Grupo de Tradições Marajoara Cruzeirinho, Mãe Fátima e Terreiro de Iansã Nossa Senhora da Conceição, Pajé Dona Roxita, Mestre Griô Chico Malta e Grupo de Carimbó Cobra Grande, Yá Obasylé Conceição e Ilê Dará Asé Oyá Onira, Mãe Luiza e Ilê Axé Monadeuy, Wellen Sillva e Grupo Carimbó do Pará, Andreia de Vasconcelos e Carimbó Aturiá, Dona Onete – a Mestra que nos deu o fio de contas, o pontinho que faltava.

Músicas citadas no texto da sinopse:

Kirimbasawa Yúri Yí-Itá (A força que vem das águas) – Suraras do Tapajós (terceira epígrafe); **Sereia do Mar** – Mestre Verequete (quarta epígrafe); **Quatro Contas** – Dona Onete (1 e 5); **Verequete é o Rei** – Mestre Verequete (2); **Fundo das Águas** – Mestre Diquinho (3); **Chão de Encantaria** – Mestre Diquinho (4).

Exposições:

Acervo do Museu Forte do Presépio

Miriri das Águas. Realização: SECULT- PA, Belém, 2012.

Caboclos da Amazônia. Projeto, direção: Carlos Alcantarino. Rio de Janeiro, 2024.

Músicas ligadas ao universo da sinopse:

Quatro Contas - Dona Onete; **Chama Verequete** – Mestre Verequete; **Dona Mariana** – Pinduca; Festa no Reino das **Encantarias** – Dona Onete; **Aruanda: As Três Princesas** – Geovane Bastos,

Boi Caprichoso; **Ciranda das Turcas Encantadas** – Luiz Antonio Simas; **Guiança** – Jane Cerdeira e Marcelle Almeida; **Sereia do Rio-Mar** – Mestre Chico Malta.

Filmes:

A Descoberta da Amazônia pelos Turcos Encantados, de Luiz Arnaldo Campos - <https://www.youtube.com/watch?v=kATYZK5Zp7M>

Pena e Maracá – A Encantaria do Fundo, de Leonardo Carrato e Daniel Meneguelli - <https://www.youtube.com/watch?v=Cman1gaUTn4&t=222s>

Mina Dois Irmãos – Raiz, Tambor e Fé, de André dos Santos - https://www.youtube.com/watch?v=OtjB_0EITcw

Dona Mariana: a Princesa Turca da Amazônia, de Zeca Ligiéro - <https://www.youtube.com/watch?v=-BKqGqW6FLo&t=428s>

Dona Onete – Documentários Biográficos da Amazônia - <https://www.youtube.com/watch?v=iewm9wMorgY>

Mariana: Histórias de Vida e Encantaria, de Luiza Braga –

<https://www.youtube.com/watch?v=Pfp3lyjPIqc&t=26s>

Carimbó, de Eduardo Souza - <https://www.youtube.com/watch?v=VITK6yu3P6c>

Boi Pavulagem é Boi do Mundo, de Homero Flávio e Ursula Vidal - <https://www.youtube.com/watch?v=rjAgMkw0hMs>

O Carimbó de Alter do Chão: Pau e Corda do Oeste do Pará, de Leandro Gonçalves - https://www.youtube.com/watch?v=rUoVIGU_8rA

A Encantadora de Botos – Visceral Brasil – Plataforma Looke

<https://www.looke.com.br/episode/visceral-brasil-as-veias-abertas-da-musica-ep-04-a-encantadora-de-botos>

Ocupação Dona Onete – Itaú Cultural

https://www.youtube.com/playlist?list=PLaV4cVMp_odx8xDGZAcl8TzeNnuTEvpWb

Coleção Petites Planètes – Dona Onete, de Vincent Moon - <https://www.youtube.com/watch?v=6bv5e56vI7>

Chama Verequete – Curtas Paraenses, de Luiz Arnaldo Campos e Rogério José Pereira - <https://www.youtube.com/watch?v=JWiAcAzeSrY>

Referências bibliográficas:

ABUFAIAD, Verena; BARROS, Líliam. **Folias de São Sebastião**. Belém: IPHAN, 2008.

AKSIT, İlhan. **O Mistério do Harém Otomano**. Istambul: Aksit. 2014.

CAMPOS, Alessandro Ricardo. **Tambor na Guma é festa na Mina**. AntHropológicas Visual, v. 1, coleção 2, n. 2. Recife: UFPE, 2015. Em:
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaanthropologicasvisual/article/view/24063#:~:text=Quando%20se%20diz%20>

CARDOSO DOS SANTOS, Keila Andréa. **O Navio, a esquadra, os faróis e a espada: a performance da Toya Turca Cabocla Mariana, no Tambor de Mina em Belém do Pará**. Instituto de Ciências da Arte da UFPA. Belém: 2009.

Em: <https://pt.scribd.com/document/444937192/Toya-Turca-Cabocla>

CORDEIRO, Rosilene da Conceição. **"Cabocla Mariana mora nas ondas do mar, faixa encarnada ela ganhou pra guerrear!" Um estudo sobre performance cotidiana e memória cultural paraense**. In: ANDRADE, Simeji; BEZERRA, José Denis de Oliveira (org.). *Peraus da Memória. Pesquisas em Artes Cênicas na Amazônia*. Belém: Paka-Tatu, 2023.

ERTEN, Oguz; ERTEN, Ozlem. **Azulejos turcos**. Istambul: Silk Publications, 2023.

ESPÍRITO SANTO, Max Silva do; FAVACHO, Ailton Silva. **Pajé Zé Piranha: histórias de cura e encantaria no Marajó**. Soure: Editora Cromos, 2021.

LARÊDO, Salomão. **Remos de Faia. As mil e uma noites amazônicas**. Belém: Secult, 2023.

LIMA, Zeneida. **O Mundo Místico dos Caruanas da Ilha do Marajó**. Belém: Cejup, 2002.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica hoje. Uma poética do imaginário revisitada**. Belém: Secult/PA, 2019.

MALCHER, Monique (org.). **Trama das águas**. São Paulo: Monomito, 2021.

MAUÉS, Raymundo Heraldo; VILLACORTA, Gisela Macambira (org.). **Pajelanças e Religiões Africanas na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2008.

MENEZES, Bruno de. **Batuque**. Belém: Sagrada Família, 2005.

MORAES, Eneida de. **Banho de Cheiro**. Belém: Secult, 1997.

OLIVEIRA, Odaisa. **Vocabulário Terminológico Cultural da Amazônia Paraense**. 6 volumes. Belém: Cultural Brasil, 2015.

PEREIRA, Anderson Lucas da Costa. **A Cabocla Mariana e a sua Corte Ajuremada. Modos de pensar e fazer festa em um Terreiro de Umbanda em Santarém, Pará**. Dissertação – PPGAS, Museu Nacional. Rio de Janeiro: 2017.

PEREIRA, Anderson Lucas da Costa. **A festa da Princesa Mariana: a dança revelando a "Turquia Cabocla" na Amazônia.** Revista de Antropologia e Arte – UNICAMP, 2018.

SAVARY, Olga. **Coração subterrâneo.** São Paulo: Todavia, 2021.

SIMAS, Luiz Antonio. **Almanaque Brasilidades. Um inventário do Brasil popular.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

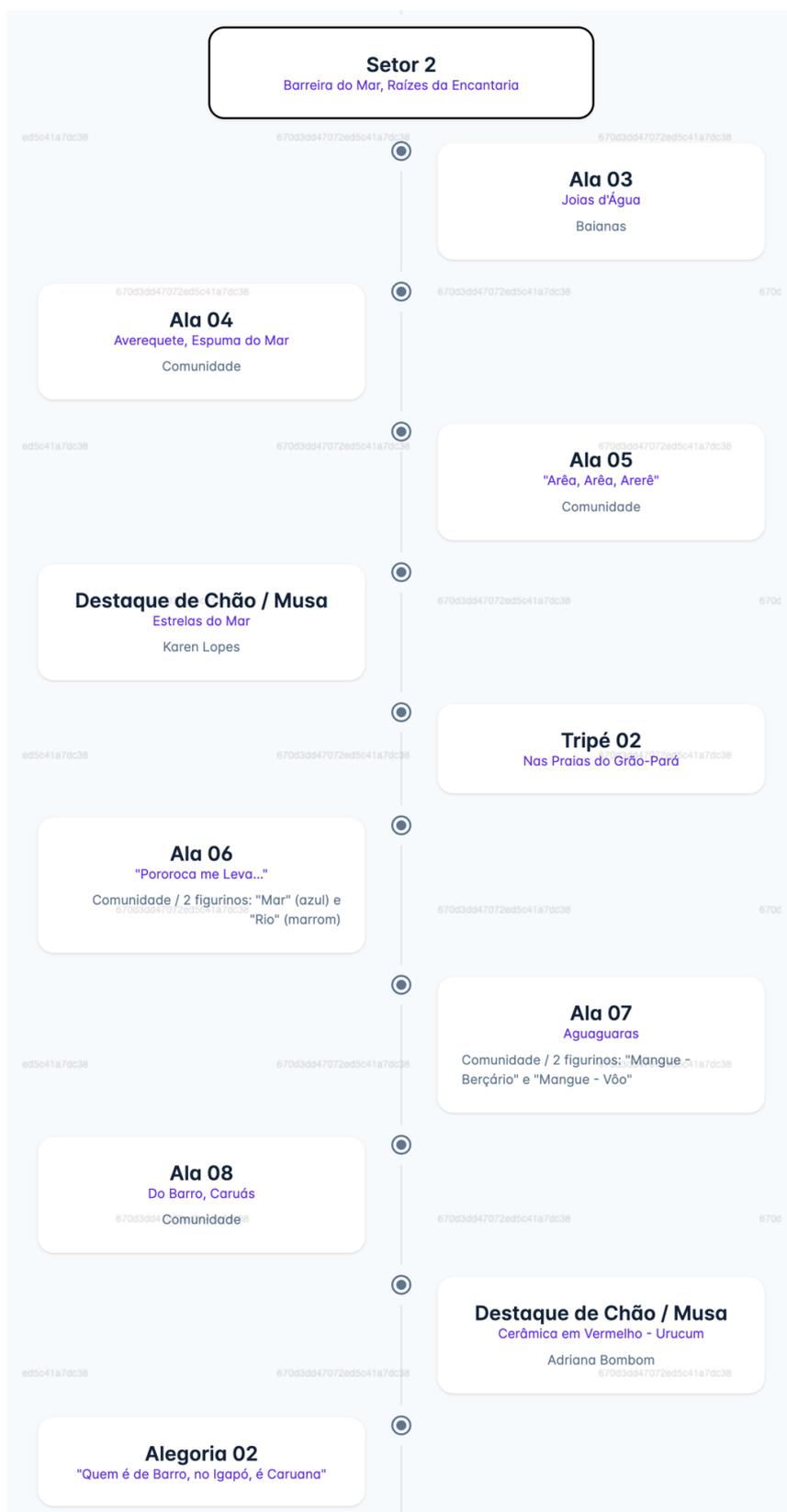
SIMAS, Luiz Antonio. **Umbandas: uma história do Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

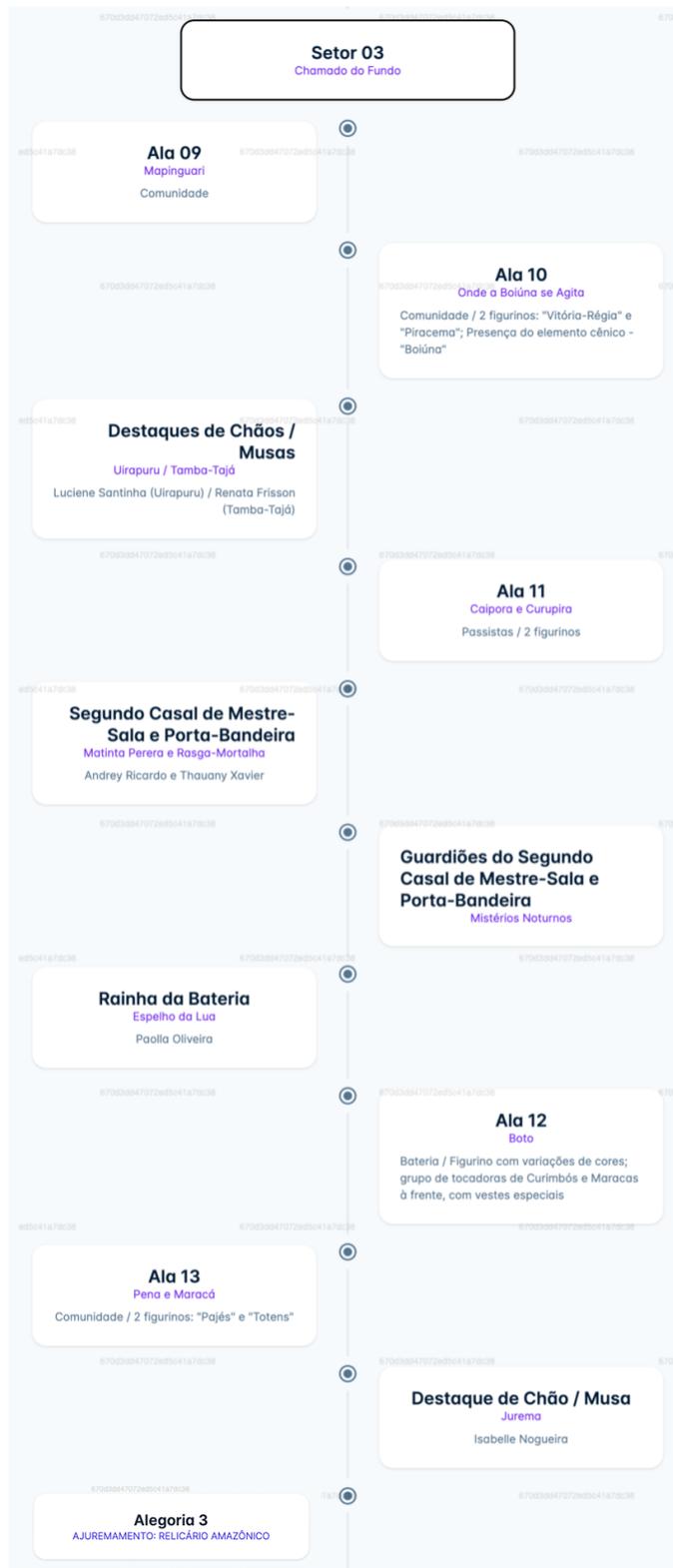
SIMAS, Luiz Antonio. **Bela Turca, a senhora do tambor.** In: Pedrinhas miudinhas. Ensaio sobre ruas, aldeias e terreiros. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

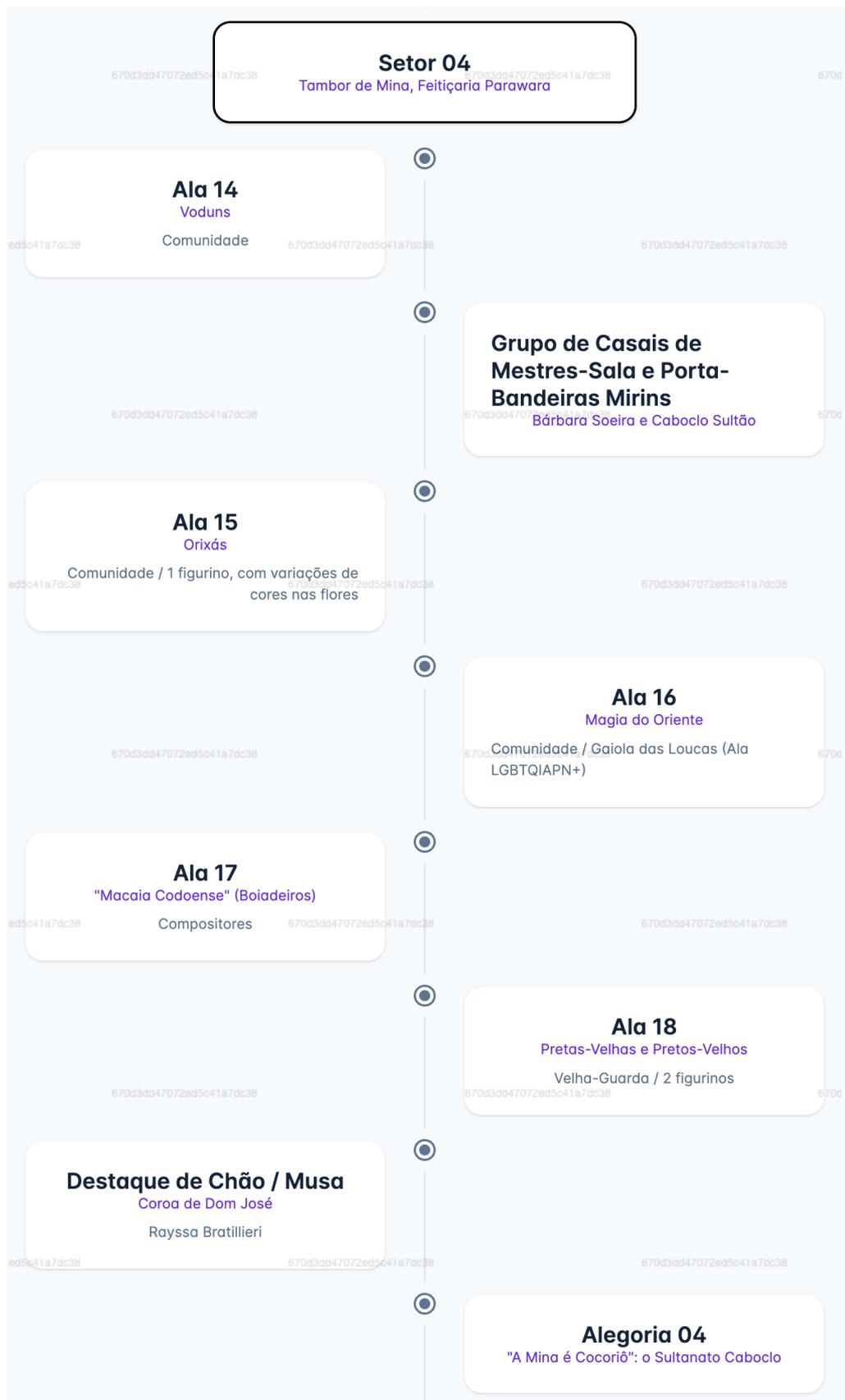
VERGOLINO E SILVA, Anaíza. **O Tambor das Flores.** Belém: Paka-Tatu, 2015.

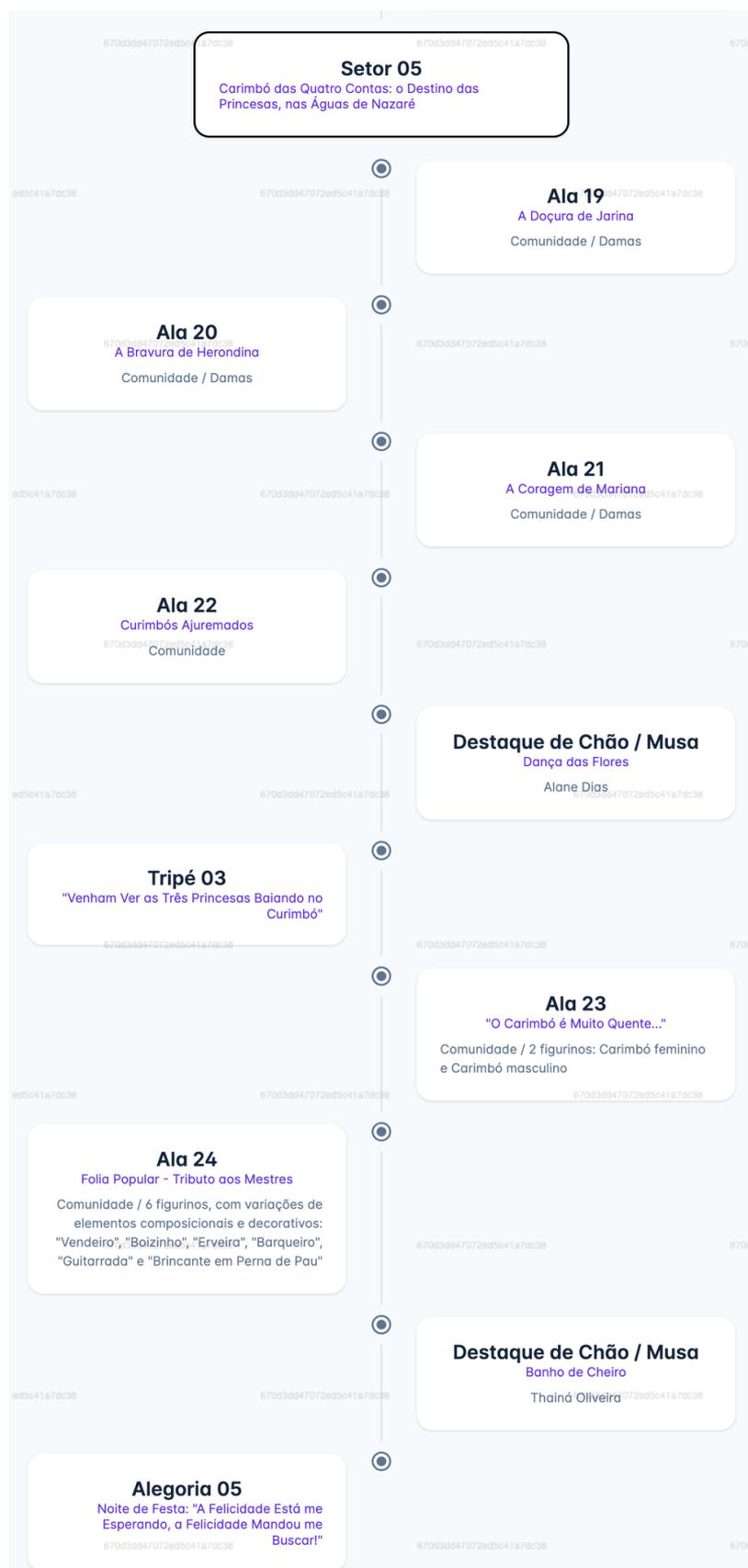
ROTEIRO DO DESFILE











Tripé 01 / Pede-Passagem - "A Mesma Lua da Turquia"

Tripé

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora

Aderecista Chefe: Zé Paulo Conceição



Uma onda invade a Sapucaí e tudo é transportado para o fundo das águas, onde o encantamento acontece! O mar espelha o céu e as formas sinuosas da onda, esculpida por Marina Vergara, beijam os contornos da Lua, corpo celeste de indiscutível importância para a memória da Grande Rio (foi o enredo da escola, em 1993, com Samba de notável beleza). A Lua crescente é um dos mais difundidos símbolos da cultura islâmica, estampando bandeiras de diferentes países. É uma presença recorrente em padrões de vestes cerimoniais, manuscritos, tapetes, painéis de azulejos, peças de joalheria. “A mesma Lua da Turquia”, como canta o Samba de enredo de 2025, é a Lua do “luar parawara” cantado por Dona Onete, em “Faceira”. Essa Lua onipresente compõe a cenografia do Pede-Passagem, elemento alegórico intencionalmente assimétrico que tem por objetivo a apresentação do nome da escola (GRANDE RIO) e das palavras-chave do título do enredo (POROROCAS – PARAWARAS). Retomamos uma tradição dos carnavais de outrora para tornar a “cabeça” do desfile ainda mais sensível. As letras por si só também contam o enredo e expressam a hibridez cultural da proposta, uma vez que são versões escultóricas do alfabeto especialmente pintado para a Grande Rio por Luis da Silva Souto Júnior, um dos mais conhecidos “abridores de letras” de Belém do Pará. Essas “letras que flutuam” dão nomes aos barcos que levam e trazem histórias, pelos rios da Amazônia. Em nosso desfile, elas “flutuam” nas águas de um mar de saudade. A estrela de cinco pontas adquire triplo significado, em sua conexão com a Lua: a memória turca, na simbologia do Islã; a estrela Spica, a mais brilhante da constelação de Virgem; e o campeonato da Grande Rio, agremiação que conquistou a sua primeira estrela em 2022.

Destaque Baixo - Sônia Soares

Fantasia: Sultana

Destaque Alto - Moana Pires

Fantasia: Brilho da Lua

Portais da Encantaria - "Travessia" e "Realeza Submersa"

Abre-Alas

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora

Aderecista Chefe: Zé Paulo Conceição

OBS: 2 chassis - "Travessia" e "Realeza Submersa"

Representação:

Os Portais da Encantaria foram abertos e toda a Avenida mergulha no “Espelho do Encante” – o avesso, o sonho, o delírio, a beleza! O carro Abre-Alas da Grande Rio, dividido em dois chassis, começa a narrar alegoricamente uma história que tem início em “meia viagem”, engolida pelas águas do mar. Trata-se de uma narrativa muito difundida nos terreiros da Mina paraense, segundo a qual um navio de guerra turco, que levava para longe das batalhas religiosas as filhas do Sultão (as Princesas Mariana, Herondina e Jarina), desapareceu em uma tempestade. Mas, diferentemente do que se supõe, elas não morreram, no naufrágio: atravessaram um redemoinho mágico e se encantaram, aportando, depois, em território brasileiro.

Essa história tão espiralar, de esfumados contornos surreais, é traduzida em um conjunto alegórico vazado, flutuante, que cintila num caleidoscópio de espelhos e dilui o olhar do público nas águas da fantasia. No primeiro chassi, criaturas marinhas de feições singulares e inspirações diversas (inclusive iluminuras e bestiários medievais) emolduram a imagem espectral do navio turco, que, confeccionado em metal, seguindo técnicas de ourivesaria de incensários, atravessa os Portais da Encantaria. Não se trata de uma cena trágica, uma vez que as Princesas não experenciam a morte: o barco é convertido em uma nave mágica e luminosa, ele também um espírito a flutuar no frenesi das águas.

A embarcação é conduzida por três sereias, numa imediata menção à trindade turca, cantada como “Três Maresias”, em uma Doutrina Encantada. O imaginário das sereias aparece em muitas letras de Carimbó, o que antecipa a fusão cultural com o universo amazônico. Lanternas se confundem com águas vivas, nesse cenário etéreo, e a magia permanece no segundo chassi, onde as criaturas aquáticas (destaque para os quatro grandes hipocampos e para os cavalos marinhos) insinuam a arquitetura de um palácio submerso, com suas cúpulas de mosaicos tragadas pelas ondas.

Elementos infláveis (balões) pairam sobre o carro e contribuem para a construção dessa quimera reluzente. O trabalho de adereçaria de ambos os chassis foi coordenado por Zé Paulo Conceição, numa empreitada manual que levou aderecistas à colagem de caquinho por caquinho. O olhar precioso nos pequenos detalhes.





Projeto Artístico - Alegoria O1 A
GRANDE RIO 2025



Projeto Artístico - Alegoria O1 B
GRANDE RIO 2025

Chassi 1:

Destaques Centrais Baixo - Três Princesas

Fantasia:

- **Fafá de Belém** - Mariana
- **Dira Paes** - Herondina
- **Naieme** - Jarina

Destaque Central Médio - Bruna Dias

Fantasia: Polvo

Destaque Central Alto - Luana Pires

Fantasia: Energia das Águas

Semidestaques Laterais Frontais: Realeza Submersa

Composições Laterais Masculinas e Femininas: Nobreza Marinha

Composições Teatralizadas Lanternas: Mar Revolto

Composições Teatralizadas Plataforma Traseira: Seres Aquáticos

Composições Circenses: Remadores e Tripulação Turca

Chassi 2:

Semidestaques Laterais Frontais: Realeza Submersa

Semidestaques Hipocampos: Príncipes das Águas

Composições Teatralizadas Alto das Plataformas: Seres Aquáticos

Composições Teatralizadas Plataforma Central: Águas-Vivas

Composições Laterais Masculinas e Femininas: Nobreza Marinha

Composições Teatralizadas Lanternas: Mar Revolto

Composições Circenses: Tripulação Turca

Tripé 2 - "Nas Praias do Grão-Pará"

Tripé

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora

Aderecista Chefe: Zé Paulo Conceição



Projeto Artístico - Tripé 02
GRANDE RIO 2025

As areias das praias guardam mistérios – lendas, ritos, feitiços, castelos. Não é sem razão o fato de que praias e areais são motivos poéticos recorrentes nas letras dos Carimbós e nos versos das Doutrinas da Mina. A beira do mar, onde as ondas quebram espiraladas e o azul-esverdeado se transmuta na branca espuma que embebe as areias, é a casa de Tói Averequete. É ele, que o pesquisador Claudio Didimano chamou de “Totem das Águas”, a entidade protetora que recepciona as Três Princesas e as conduz território adentro, pelas trilhas da Amazônia. Contam as narrativas orais que Averequete tem o poder de se transformar em pombo roxo, o que permite que ele sobrevoe territórios amplos, como a mítica Ilha de Marajó e o seu mundaréu de águas. Na visão fantástica do enredo, a partir da colagem desses fragmentos narrativos, as praias do Grão-Pará são uma encruzilhada religiosa - “uma encruzilhada do misticismo encantado”, como bem definiu Luiz Antonio Simas, em entrevista durante a pesquisa.

É por isso que imaginamos um aglomerado de conchas, búzios, caramujos e demais moluscos formando um altar natural sobre uma estrela do mar - homenagem a criações alegóricas do saudoso carnavalesco Oswaldo Jardim. Nesse cenário emoldurado por lençóis esvoaçantes (metáfora têxtil para o vento sobre os areais), duas entidades ligadas à saga das Princesas se unem: Averequete, já mencionado; e Dom Sebastião, o rei português que inspira peregrinações e festas populares como aquelas vivenciadas na Praia da Fortaleza, em São João de Pirabas - e que baixa no Tambor de Mina, girando com as Belas Turcas. Como disse Pai Elivaldo, líder do Terreiro de Rei Sebastião e Toya Jarina, localizado em Belém do Pará, “Averequete é a entidade que abre as giras, um ser de terceira grandeza. Ele se une a Dom Sebastião e reúne os Encantados no Reino da Encantaria.” As romãs simbolizam a realeza turca - o semear de uma nova cultura, sobre as areias das praias.

Destaque Performático Baixo - Lucas Corassa

Fantasia: Averequete

Destaque Central Alto - Danyllo Gayer

Fantasia: O Magnífico Rei Sabá

"Quem é de Barro, no Igapó, é Caruana"

2º Carro

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora

Aderecista Chefe: Alex Soares



Projeto Artístico - Alegoria 02
GRANDE RIO 2025

De um emaranhado de raízes brotam formas espiralares que envolvem criaturas híbridas, animais e seres humanos – Caruanas e Caruás, surrealismo amazônico. Coração ou útero pulsante? Eis o mistério da criação da vida! Penetrando no território da Amazônia paraense, as Princesas se deparam com o berçário primeiro: o mangue, ecossistema que nos faz pensar na potência criativa do barro e nas profundidades das pajelanças, com saberes enraizados há milênios no mesmo solo que viu o florescer de civilizações de notável expressão artística. O segundo carro alegórico do desfile da Grande Rio é ele todo uma imensa escultura, templo ancestral moldado em barro, numa exaltação à grandiosidade das artes ceramistas: o esplendor marajoara, que extravasa os limites da maior ilha fluviomarítima do mundo e se conecta às formas antropozoomórficas da cerâmica tapajônica.

Fundimos, em um mesmo cenário monumental, vasos, urnas e animais – conjunto arquitetônico que alegoricamente expressa a força que vive na lama, no lodo, no fundo e nas encostas dos rios, no umbigo do mundo (a crença no Patu-Anu, conforme o narrado por Zeneida Lima, em seu livro “O Mundo Místico dos Caruanas da Ilha do Marajó”). Igapós são florestas pantanosas de água doce, encontradas ao longo de todo o território amazônico. As Princesas escutam as vozes dos igapós e tocam o “Fundo”, que é a morada dos Encantados. Configura-se uma diluição cultural: o desenho cênico do carro tem como “pano de fundo” a arte dos muxarabis da Turquia; à frente, em meio às formas sinuosas, a profusão de vida aflora da argila.

A feitura de todo o conjunto escultórico, com destaque para a geometrização dos grafismos, foi coordenada por Alex Salvador, artista amazônida, tendo por inspiração algumas criações dos artistas Cilene Oliveira e Ronaldo Guedes, do Ateliê Arte Mangue Marajó. Ambos foram entrevistados, durante o processo de pesquisa do enredo, na cidade de Soure, na Ilha de Marajó. O barro pisado e moldado em vasos guarda muitos, infinitos segredos: é preciso recriar.

Destaque Central Baixo - Guilherme Linhares

Fantasia: Caruá

Destaque Central Alto - Enoque Silva

Fantasia: Esplendor Marajoara

Semidestaques Laterais Frontais: Argila Ancestral

Semidestaques Laterais Traseiros: Traços em Barro

Composições Laterais Masculinas e Femininas: Cerâmica Viva

Composições Teatralizadas Raízes: Mangue

Composições Teatralizadas Cerâmicas: Vasos Sagrados

Composições Teatralizadas Alto: Aguaguaras - Guarás Vermelhos



Projeto Artístico - Alegoria 02
GRANDE RIO 2025

“AJUREMAMENTO: RELICÁRIO AMAZÔNICO”

3º Carro

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora

Aderecista Chefe: Márcio Monalisa



Os Encantados, reunidos no coração da mata, revelam às Princesas Turcas o imenso jardim chamado Amazônia. Diferentemente do que já foi muito apregoado pela ótica colonial, a Amazônia não é uma “selva”, um território perigoso e inóspito, mas um jardim cultivado há milênios por civilizações que desenvolveram tecnologias, artes, ritos e saberes. As águas, o solo, as raízes e as folhas da floresta guardam preciosas lições de cura que até hoje são propagadas pelos povos indígenas – quem sabe, por que não?, a cura de todos os males do mundo. É nesse cenário sagrado que as irmãs Mariana, Herondina e Jarina vivenciam o processo de ajuremamento.

Sob a proteção da Cabocla Jurema (que se confunde com a própria floresta – daí a imagem-síntese da traseira do carro), elas se aprofundam nas práticas da Pajelança, passam a trabalhar nas linhas dos rituais de Pena e Maracá, adquirem poderes como o da transformação em animais totêmicos. Mariana é a Arara Cantadeira; Herondina, a Onça-Pintada; Jarina, a Jiboia e a Borboleta Azul. Diferentes versões dessa história foram ouvidas nos terreiros visitados, durante as viagens para a pesquisa do enredo, nos quatro cantos do Pará. Acreditamos na complementaridade desses relatos orais: o conjunto visual do terceiro carro é o sumo da maceração dessas narrativas, uma visão fantasiosa, de proporções que desafiam os sentidos e as percepções lógicas.

Os animais de poder foram esculpido pelo artista amazônida Netto Barbosa. Eles exibem nas formas e nos talhes o diálogo com a arte em madeira das nações indígenas que coexistem no chão paraense, um saber tradicional que se conecta com a arte de confeccionar os brinquedos de miriti. Vitória-régias, botos, borboletas e répteis de coloridos e traços irrealistas complementam a cenografia do carro, merecendo destaque a presença de bromélias, bananeiras-do-brejo e Muiraquitãs – os amuletos em forma de sapos, confeccionados com pedras verdes (amazonita ou jade), que desenhavam a valentia das Icamiabas e o matriarcado amazônico. As palmeiras estilizadas exibem leques de penas e conjuntos de folhas que cintilam feito joias turcas – a fusão permanece, com ecos de Joãozinho Trinta.

"A Mina é Cocoriô": o Sultanato Caboclo

4º Carro

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora

Aderecista Chefe: Zé Paulo Conceição



Projeto Artístico - Alegoria 04
GRANDE RIO 2025

Eis que a Passarela do Samba se transforma em um palácio encantado e majestoso. A quarta alegoria do desfile da Grande Rio celebra a diversidade do Tambor de Mina paraense, complexo religioso de características únicas. Inicialmente estabelecidos no atual território do Maranhão, os cultos mineiros, de raízes africanas, se expandiram ao Pará, onde foram enredados pelo imaginário caboclo e se misturaram aos rituais de Pajelança, de matrizes indígenas, adquirindo contornos novos e se transformando em uma das mais fortes expressões religiosas da Amazônia. “A Mina é Nações Unidas, porque tudo recebe”, descreveu o professor e pesquisador Cláudio Didimano.

A mais antiga Casa do Pará, o Terreiro de Tambor de Mina Dois Irmãos, localizado na Passagem da Pedreirinha, no bairro do Guamá, em Belém, foi fundado em 1890 por Mãe Josina, líder religiosa que deu início a uma linhagem matriarcal. Nesse terreiro, que é consagrado às coroas de Tói Averequete e Dom José Rei Floriano (representadas na parte traseira do carro), as Princesas Turcas dançam, bebem, contam histórias, atravessam madrugadas em claro. As festas dedicadas a elas mobilizam as comunidades do entorno e expressam aquilo que o antropólogo Anderson Lucas da Costa Pereira chama de “Turquia Cabocla” ou “Reino Turco Caboclo”. Ao pesquisar os bailados (fala-se “baiados”) observados em festas dedicadas às Princesas Mariana, Herondina e Jarina, em diferentes terreiros do Pará, ele observou semelhanças com a dança girante Sufi dos Dervixes, visão que inspira a concepção cênica da alegoria.

Na parte frontal, entidades (que são chamadas de “vultos”, nos terreiros da Mina) giram, exibindo variações de “panos de vodum”, como o explicado por Pai Felipe, do Ilê Axé Pedra de Itaculumí; e de rebuscados chapéus – adereços que simbolizam diferentes linhas conectadas às Princesas, como as dos povos ciganos, dos boiadeiros, dos marinheiros, dos nobres e fidalgos, dos caboclos ajuremados etc. Esteiras de palha e fibras naturais, vasos com grafismos indígenas e guirlandas de flores emolduram os altares laterais dedicados às Belas Turcas, esculpidas por William Mansour; e se misturam a painéis de azulejos e relevos que foram reproduzidos a partir de fotografias de pisos e paredes de palácios turcos, inclusive a “Coluna das Lágrimas”, da Cisterna de Yerebatan.



A presença negra na Amazônia é exaltada nos elementos escultóricos que simulam a arte em madeira, com destaque para os tambores, sem os quais não há festa na Mina. Defumadores contornam o cenário, sobre o qual paira uma grande coroa - que se funde e confunde com a coroa-símbolo da Grande Rio. “O meu pai é Dom José, ele vem coroar seus filhos!” O mistério instaurado - o transe! “Ô, mineiro, toca tambor no fundo / pra chamar povo da Mina, pra dar a volta no mundo!”

Destaque Central Baixo - Luciana Monteiro

Fantasia: Nobreza da Mina

Destaque Central Intermediário - Karina Soares

Fantasia: Salve Maria Bárbara Soeira!

Destaque Central Médio (Tambor) - Xamã

Fantasia: Abatazeiro

Destaque Central Alto - Samile Cunha

Fantasia: Perfume de Patchouli

Destques Tronos de Palha: Lideranças Religiosas do Tambor de Mina Paraense, da Pajelança e do Candomblé de Caboclo: Mãe Fátima, Mãe Eloísa de Badé, Pajé Roxita e Mãe Luiza Maria

Semidestaques Frontais: Axé das Iabás

Composições Laterais Femininas: Flores para as Princesas

Composições Teatralizadas Plataforma Traseira (Grupo Bira Dance): Fundamentos da Mina

Composições Teatralizadas Plataforma Central Alto: Voduns

Composição Lateral Especial - Membros Ilustres da Galeria da Velha-Guarda do GRES Acadêmicos do Grande Rio

Fantasia: Pretas-Velhas e Pretos-Velhos

Tripé 3 - "Venham Ver as Três Princesas Baiando no Curimbó"

Tripé

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora

Aderecista Chefe: Zé Paulo Conceição



O Samba de Enredo da Grande Rio fala em “novos destinos no mesmo poema”, trecho que se refere às trajetórias que as Princesas seguem, segundo as narrativas de matriz oral dos terreiros de Tambor de Mina. “Poema” é a letra de “Quatro Contas”, composição inédita de Dona Onete, artista que conta e canta diversos aspectos culturais do Pará – entre eles, os sabores, as crenças e a religiosidade cabocla da Amazônia. Na música em questão, misto de Doutrina e Carimbó (a própria autora assim define a obra), a artista desenha a ideia de que as águas paraenses são profundamente encantadas. Essas águas sagradas banham o solo que viu o Carimbó florescer e o jardim de um povo que, assim como ela, a narradora da canção, é protegido pelas Encantarias e se vê abraçado ao sagrado que mora nas ruas, na beira dos rios, na musicalidade que faz o corpo querer dançar. Tudo é festa e tudo é fé.

O conjunto escultórico do tripé, talhado por Andrea Vieira, interpreta poeticamente a imagem de uma roda de Carimbó que flutua entre tambores. Os tocadores de curimbós expressam a força dos músicos cujas mãos extraem a poesia dos troncos. As três dançarinas, numa releitura particular da visão das “Três Graças”, ícone da história da arte ocidental, guardam as cores das Princesas Encantadas, Mariana, Herondina e Jarina. Pássaros e flores complementam um cenário doce feito o Guajará – curiós e uirapurus, símbolos do cantar sublime. Dona Onete, mulher brasileira de raízes africanas e indígenas, é homenageada como a voz ancestral da Amazônia, defensora e difusora das culturas ribeirinhas. “Venham ver as Três Princesas “baiando” no Curimbó / É Doutrina de Santo rodando no meu Carimbó!”

Destaque Baixo (Trono) - Dona Onete

Fantasia: Rainha do Carimbó

Destaque Alto - Marcelo Rubens

Fantasia: "Que Carimbó é esse?"

Noite de Festa: "A Felicidade está me Esperando, a Felicidade Mandou me Buscar"

5º Carro

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora

Aderecista Chefe: Sophia Chueke e Theo Neves



Projeto Artístico - Alegoria 05
GRANDE RIO 2025

A letra de “Quatro Contas” canta: “A felicidade está me chamando / A felicidade mandou me chamar / A felicidade está me esperando / A felicidade mandou me buscar!” Eis a apoteose de uma história de transformações, magias e encantamentos: a última alegoria do desfile da Grande Rio celebra a alegria, a multiplicidade e a riqueza da cultura popular paraense, o território cujas águas abraçaram as Princesas Turcas, transformando-as em protetoras da Amazônia, joias da Coroa da Mina, temas de Carimbós compostos e cantados por Dona Onete, Pinduca, Mestre Verequete e tantos outros. Nessa noite de festa, como o cantado no Samba de Enredo (e também em “Festa no Reino da Encantaria”, composição de Dona Onete), tambores Curimbós e estandartes brilhantes vibram e balançam no ritmo das batucadas.

A arquitetura cênica lança olhos para as palafitas das populações ribeirinhas e propõe uma festa de Carnaval sobre as “águas de Nazaré”, as águas cantadas em “Quatro Contas”. Representando essas águas sagradas, mais de 50 mil garrafinhas com águas coloridas, raízes e ervas nos transportam para um universo multicolorido e lúdico (impossível não pensar nas bancas do Ver-o-Peso e nos banhos de cheiro, fundamentais para os ritos religiosos). Os barcos levam e trazem brincantes que performam a certeza de que a navegação de Mariana, Herondina e Jarina não termina, como infinita é a sabedoria das populações amazônicas. Elas continuam navegando por caminhos sinuosos, caudalosos, povoados por pirarucus e tambaquis.

O chamado “Carnaval das Águas”, da cidade de Cameté, serve de inspiração para o conjunto visual – vestes e adereços confeccionados durante as Oficinas de Carnaval da Grande Rio, em parceria com a PUC-Rio, a EBA-UFRJ e o IFRJ. Todo o conjunto cenográfico de casarios e barcos é produto de um trabalho cuidadoso de marcenaria (Edgar Barcellos e equipe), pintura (Gilmar Moreira, Rafael Vieira e equipe) e adereço (Theo Neves, Sophia Chueke e equipe). Sublinhamos que é intencional o uso da madeira pintada, numa homenagem à arte dos “abridores de letras”, ao artesanato em miriti e à realidade das populações ribeirinhas - tanto é assim que os barcos contam com o trabalho do artista marajoara Augusto Amorim, conhecido “abridor de letras”. O colorido das palafitas pode tanto conversar com as moradias da Ilha do Combu (cenário cantado em “Lua Jaci”, composição de Dona Onete) quanto com a explosão de cores da cidade flutuante de Afuá. Garças e urubus completam a cenografia, numa óbvia referência às aves que dão colorido aos portos paraenses (especialmente o Ver-o-Peso) e também são cantadas por Dona Onete.



Tudo vibra e tudo é força, como nas festas de aparelhagem que fazem a alma tremer. Afinal, tudo é sobre fé. Acreditamos que as águas de tantos Encantos banham uma diversidade de saberes tradicionais que expressam a natureza amazônica, com os seus ciclos de renovação. Natureza que não é apenas a mata, mas as pessoas e as suas práticas ancestrais. Saudamos, ainda, as tradições carnavalescas paraenses – desfilamos cantando um Samba que veio de lá, da Escola de Samba Deixa Falar, tendo em seu time de autores um Mestre de Carimbó. O “povo das águas”, como ouvimos dezenas de vezes, mostra a sua alegria e conta as suas histórias, deslizando sobre as ondas que refletem as estrelas do céu. Que os Encantados nos protejam, que as Princesas nos deem Guiança, que a festa não tenha fim!

Destaque Central Baixo - Christian Chávez

Fantasia: Caminhos Abertos

Destaque Central Médio - Thábata Oliveira

Fantasia: Chamego Pai d'Égua

Destaque Central Alto - Simone Oliveira

Fantasia: Balanço Encantado

Destaque Performática Alto - Rafa Bqueer

Fantasia: Aparelhagem Astral

Semidestaques Laterais: Flores Brejeiras

Composições Laterais Masculinas e Femininas: Carimboleiros

Composições Teatralizadas Barcos: Palhaços Carnavalescos

Composições Teatralizadas Casas Laterais: Festa Ribeirinha

Composições Teatralizadas Plataforma Central: Energia dos Curimbós

Composições barco frontal (“Mariana”): Convidados especiais conectados ao enredo.

Criaturas Marinhas

Guardiões do Primeiro Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Responsável pela ala: Direção de Carnaval

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confecção:** Paulo César e Rafael Eboli



OBS: 1 figurino, com variações de adereços de mão

Representação:

O início do desfile da Grande Rio propõe um mergulho em águas misteriosas. Águas que narram histórias de um tempo fora do tempo, quando três Princesas da Turquia se encantaram, no oceano, para depois se ajurem, no coração da Amazônia. Num delírio surrealista, águas-vivas são lanternas turcas, objetos conhecidos pela beleza dos mosaicos – uma tradição milenar que encanta visitantes do mundo inteiro. As fantasias do Grupo de Abertura bordam esse imaginário opulento, convidando o público a abrir os olhos! As criaturas marinhas foram esculpidas por Marina Vergara a partir de referências visuais coletadas de mosaicos e joias observados em palácios da cidade de Istambul. Quantos segredos cintilam, nos confins do azul do mar?

Coração das Águas

Destaque de Chão / Musa

Nome da Musa: Patrícia Poeta

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confecção:** Bruno César



A romã, o fruto-símbolo da Turquia, mergulha nas águas que contam a saga das Princesas que se encantaram. A fantasia sugere que o fruto sagrado é também um coração – o poder e a glória transmutados, no fundo do oceano.

A Tempestade: Memórias Naufragadas

Ala 01 - Comunidade

Responsável pela ala: Carla Meirelles

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora

Confecção: Paulo César e Rafael Eboli

OBS: 3 figurinos, com variações de adereços de mão: "Mar Revolto" / "Nobreza da Turquia" / "Soldados - Janízaros"

Representação:

Segundo as narrativas dos terreiros de Tambor de Mina, ouvidas durante o processo de pesquisa do enredo, três Princesas Turcas, com os seus tesouros e as suas memórias, foram embarcadas em um navio de guerra. Elas seguiam as ordens do pai, que pretendia protegê-las. Fugindo de um cenário de conflitos religiosos, enfrentaram as águas do Mediterrâneo e, na travessia atlântica (há quem diga que estavam a caminho da Mauritânia, na costa da África), viram a embarcação ser engolida por uma violenta tempestade.

As fantasias da primeira ala do desfile interpretam esse momento dramático: soldados e nobres são engolidos pelo mar revoltado e se misturam com criaturas marinhas – profusão de babados, bolhas, barbatanas. As vestes dos Reis Mouros, com suas cores, joias e estampas, são inspiradas em peças de indumentária expostas no Palácio de Topkapi, em Istambul. As roupas dos soldados e os adereços cênicos são uma interpretação carnavalesca para os desfiles dos Janízaros, a mais importante divisão do exército dos Sultões. Ilustrações desses desfiles militares conduziram a criação dos elementos escultóricos, que representam as memórias palacianas, com riquezas incomensuráveis. Atravessavam, assim, o “Espelho do Encante”.



Peixes Alados

Destaque de Chão / Musa

Nome da Musa: Mileide Mihaile

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confecção:** Bruno César



Os mistérios do mar são infinitos e alimentam mitologias, no decorrer da história. A fantasia da musa interpreta a crença nos “peixes alados”, criaturas fantásticas que povoavam o imaginário medieval. Na tradição da Pajelança, é um peixe alado o ser de luz que une o mundo real e o Mundo do Encante – a hibridação em tudo.

Dervixes: Arrebatamento e Transe

Ala 02 - Comunidade

Responsável pela ala: André Lúcio de Oliveira e Hugo Raphael

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confecção:** Paulo César e Rafael Eboli



OBS: 1 figurino, com variações de mandalas

Representação:

A magia gira! O encantamento é um processo espiritual vivenciado por quem não experencia a morte física. Quem se encanta não morre, como disse Luiz Antônio Simas, em entrevista: “o Encantado é arrebatado em uma situação de possibilidade de morte e passa a morar no Mundo do Encante.” As Princesas Mariana, Herondina e Jarina não morreram, no naufrágio; arrebatadas, atravessaram os Portais da Encantaria, no fundo do mar. A segunda ala poetiza esse turbilhão mágico, promovendo o girar de “mandalas marítimas” – todas com mosaicos confeccionados manualmente, a partir de imagens de pisos, paredes e objetos do Palácio de Topkapi.

O figurino e os movimentos coreográficos dialogam com a tradição muçulmana dos Dervixes, enraizada na Turquia desde as Cruzadas. A dança dos Dervixes é marcada por movimentos giratórios e pode ter origens ainda mais antigas, ligadas à cultura persa. Trata-se da busca por um estado de êxtase, numa viagem espiritual que unifica o corpo e a mente. O transe bem pode expressar o arrebatamento das Princesas Turcas e de toda a realeza naufragada. O uso de variantes de azul turquesa combinadas com os tons das águas marinhas asperge na Avenida o poder e a beleza das pedras de mesmos nomes.

Mandalas

Destaque de Chão / Musa

Nome da Musa: Mariana Goldfarb

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confeção:** Bruno César



Mandalas são símbolos da alma, visões do inconsciente, traduções dos movimentos cósmicos e portais espirituais. Presentes na arquitetura da Turquia, especialmente em palácios e mesquitas, inspiram a concepção da fantasia da musa.

Mosaicos

Destaque de Chão / Musa

Nome da Musa: Gardênia Cavalcanti

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confeção:** Bruno César



A arte em mosaicos é um dos maiores tesouros da Turquia, estando presente em padrões arquitetônicos, peças de joalheria, lanternas, vestimentas. A colagem das pequeninas peças é o contar de uma história – quebra-cabeça que nos desafia a viajar no tempo.

Joias d'Água

Ala 03 - Baianas

Responsavel pela ala: Tia Marilene e Tia Regina

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confecção:** Leo Polycarpo



Contam as vozes dos terreiros de Tambor de Mina que as Princesas Turcas Mariana, Herondina e Jarina atravessaram o “Espelho do Encante” e despertaram em águas brasileiras, aportando em nosso litoral. Nas palavras do professor Cláudio Didimano, entrevistado no início da pesquisa do enredo, em março de 2024, na cidade de Belém, as Belas Turcas são as “Joias d’Água”: entidades que chegaram às praias do Grão-Pará, seguiram floresta amazônica adentro e se ajuremaram, em busca da cura. Segundo ele, “era isso o que elas buscavam, fugindo de tantas guerras: a cura do mundo, que está nas águas da Amazônia.” A beleza dessa proposição poética inspirou a concepção dos figurinos de nossas mães-baianas, aquelas que guardam a sabedoria ancestral do Samba e os fundamentos maiores dessa festa mítica.

Os tons de verde água diluem o azul turquesa pertinente ao início do enredo e representam as “águas claras” (já cantadas pela Grande Rio, em 1992) das praias que viram o emergir dos maiores tesouros que o navio guardava: as próprias Princesas, agora girando como baianas aquáticas. O trabalho em joalheria é inspirado em peças expostas em diferentes museus de arte islâmica. O uso das romãs prateadas merece atenção: os frutos que simbolizam o imaginário turco também são balangandãs, na tradição da ourivesaria negra brasileira (as chamadas “joias de crioula”). É proposta, portanto, uma pertinente colagem.

Averequete, Espuma do Mar

Ala 04 - Comunidade

Responsavel pela ala: Direção de Carnaval

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confecção:** Monica Machado



“Verequete é rei coroado lá no mar...” O verso dessa conhecida Doutrina de Tambor de Mina se refere a Tóí Averequete (o nome apresenta variações, a depender da localidade, assim como a letra da Doutrina), que é a entidade poderosa que recebe as Princesas Turcas, nas praias do Grão-Pará. Averequete é associado à espuma do mar, por isso a fantasia explora variações de branco, formas e texturas que remetem à imagem das ondas quebrando nas praias. A coroa de conchas e o uso de búzios evocam o imaginário descrito. Nas palavras do pesquisador Cláudio Didimano, ele é o “Totem das Águas” e o “Senhor das Espumas”.

Para a Yalorixá Conceição Moraes (Yá Obasylé), líder do terreiro Ilê Dará Ase Oyá Onira, em Santarém, Averequete é o “Patrono da Mina” e um novo “Pai Sereno” para as Princesas que aqui chegaram. Marcelle Almeida, pesquisadora e compositora de Carimbó, também de Santarém, defende que Averequete é “o ponto que reúne a Encantaria”, o centro, o responsável por recepcionar as Princesas e por apresentar a elas as suas missões. Por isso enfatizamos a presença dessa força, no início do desfile: a espuma do mar também tem alma e tem magia, como tanto cantou o mestre Verê; começamos a tocar o solo Parawara.

“Arêa, Arêa, Arerê”

Ala 05 - Comunidade

Responsavel pela ala: Direção de Carnaval

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confecção:** Leo Polycarpo



Um trecho de composição de Mestre Verequete, músico cujo nome se refere à divindade celebrada na ala anterior e cuja obra sintetiza o imaginário paraense, nomeia a fantasia que simboliza a chegada da “Família da Turquia” às praias brasileiras. Cada terreiro conta uma diferente versão, mas a mais ouvida, durante as visitas aos abassás do Pará, é aquela segundo a qual a entrada se deu por algum ponto entre a Praia dos Lençóis (localizada no atual Maranhão, que até 1772 compunha o estado do “Grão-Pará e Maranhão”) e a Ilha de Marajó, cujas praias de areias brancas, como Pesqueiro e Barra Velha, anualmente veem a feitura de ritos que celebram as divindades das águas.

Muito se diz que a “porta de entrada” das Princesas foi a Praia da Fortaleza, em São João de Pirabas, no nordeste paraense – cenário que nos leva ao culto do rei Dom Sebastião, que teria se encantado durante a batalha de Alcácer-Quibir. Tal praia vê a presença do “Rei Sabá” e é um local de peregrinações e cultos sebastianistas. A relação de Dom Sebastião com o Tambor de Mina e a saga das Princesas, portanto, é evidente – bruma que dá formas, texturas e cores (arenosas, com muitas conchas) a uma roupa fantasmagórica, cujos lençóis com caligrafias em árabe descortinam as dunas e os areais lendários.

Estrelas do Mar

Destaque de Chão / Musa

Nome da Musa: Karen Lopes

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confecção:** Bruno César



O brilho dos corpos celestes faz com que brilhem, nas areias das praias, as estrelas do mar. A fantasia da musa busca inspiração nesses seres que ajudam a compor os altares em devoção às divindades das águas.

“Pororoca me Leva...”

Ala 06 - Comunidade

Responsavel pela ala: Edu Saadi

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confecção:** Nete Cândido



OBS: 2 figurinos: "Mar" (azul) e "Rio" (marrom)

Representação:

Guiadas por Averequete, as Princesas Encantadas se deparam com o fenômeno natural que dá título ao enredo: as pororocas, ondas poderosas que se originam do encontro das águas dos rios com as águas do mar. Numa tradução livre, “pororoca” quer dizer “estruído”, referência óbvia ao barulho que o turbilhão das águas provoca. As pororocas, na ótica dos povos originários da Amazônia, são uma barreira natural contra a cobiça e a ganância dos navegadores estrangeiros, uma vez que as ondas enormes quebravam as embarcações de quem tentava invadir o território sagrado, semeando a destruição.

Na tradição da Mina paraense, as Princesas se confundem com as pororocas e são saudadas como se as ondas fossem, uma vez que, depois do processo de ajuremamento, se transformaram em protetoras da floresta. Mãe Herondina, por exemplo, é cantada como a “pororoca das águas negras”. As fantasias da ala, com elementos composicionais de inspiração marajoara, traduzem o encontro das águas azuladas do oceano com as cores barrentas dos rios amazônicos.

Aguaguaras

Ala 07 - Comunidade

Responsavel pela ala: Direção de Carnaval

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confeção:** Gean Marriel



OBS: 2 figurinos: "Mangue - Berçário" e "Mangue - Vôo"

Representação:

A Ilha de Marajó é um cenário mítico e um coração mágico, lugar que é a “pura Encantaria”, na precisa definição de Yá Obasylé. Navegando por esse território de tantos enigmas, as Princesas começam a aprender lições de cura e a conhecer as profundidades de outras matrizes religiosas – caso da Pajelança, que as incorpora. Conta a Pajé Zeneida Lima que a vida se originou do fundo das águas, emergindo devido à curiosidade de Auí, que desafiou o criador original, um ser inumano que tinha a forma de um pote de barro - o Girador, causador de um redemoinho. Eis a origem dos Caruanas, seres místicos que vivem nas águas.

A primeira energia Caruana a se manifestar na terra foi a energia Aguaguara, que emergiu do barro primitivo com a missão de dar cores a tudo. Os guarás vermelhos, tão presentes nas paisagens do Marajó, são, segundo esse entendimento, a expressão dessa primeira energia a povoar o mundo, colorindo as matas e propagando a vida. As fantasias da ala interpretam os manguezais como ninhos e úteros da energia primitiva: é do barro e da lama que a vida brota, alçando voo sobre galhos e raízes. As esculturas de guarás tem inspiração na milenar arte marajoara e foram confeccionadas, uma a uma, pela escultora Simone Rio.

Do Barro, Caruás

Ala 08 - Comunidade

Responsavel pela ala: Direção de Carnaval

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confeção:** Márcio Monalisa



É do barro do fundo dos rios que, desde os tempos imemoriais, a vida se molda em arte. As antigas civilizações que povoaram os territórios da Ilha de Marajó e da ampla região do Tapajós moldaram os seus mitos e as suas crenças em urnas, vasos e vestes. Os saberes alinhavados por esses povos estão impregnados no solo paraense, sendo cotidianamente retrabalhados pelas mãos ceramistas que perpetuam a ideia de que a vida ferve em água - a Encantaria pode ser argila. Como ensinou a artista Cilene Oliveira, do ateliê Arte Mangue Marajó, “a própria cerâmica é água e barro, guardando em si um lado ritualístico e encantado.” Essa tecnologia local, nascida na Amazônia, não encontra paralelo em nenhum outro lugar do mundo.

As formas dos vasos expressam os “bichos do Fundo”, a relação dos ceramistas com as sinuosas marés e o misticismo dos “Caruás”, seres híbridos, fusão de animais e humanos. A fantasia da ala é inspirada em peças da cerâmica marajoara expostas no Museu Forte do Presépio, na cidade de Belém. Alguns desenhos, porém, insinuam traços da marchetaria turca, o que desnuda a sobreposição temática – as Princesas de tão distante descobrem no barro a explosão da vida.

Cerâmica em Vermelho – Urucum

Destaque de Chão / Musa

Nome da Musa: Adriana Bombom

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confecção:** Bruno César



O pigmento vermelho extraído do urucum, fruto do urucuzeiro, era amplamente utilizado para colorir as peças de cerâmica marajoara. Continua a tingir a pele dos povos originários e dá traços vivos aos rituais de Pajelança.

Mapinguari

Ala 09 - Comunidade

Responsável pela ala: Direção de Carnaval

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confecção:** Andreia Monarco



Avançando floresta adentro, as Princesas conhecem um universo místico e lendário. Tão mais sagrado. São muitos os Encantados que habitam a Amazônia, protegendo as águas e as matas, propagando a cura. O Mapinguari é um desses seres – e um dos mais fascinantes! Considerado uma espécie de bicho-preguiça ou macaco gigante, possui um grande olho no seu rosto (apenas um!) e uma grande boca na sua barriga. Trata-se de um personagem muito presente no imaginário indígena amazônico e muito adorado pelo povo paraense (tem até escultura em praça pública, contracolonial resposta aos bustos dos invasores...). Com o seu jeitão desajeitado, açula a curiosidade e alimenta os sonhos dos povos ribeirinhos.

A fantasia dá contornos surreais à criatura, livrando-a dos traços precisos e propondo a ideia de que o imenso olho (mistura de guaraná e açaí) e a ameaçadora boca “flutuam” em meio às folhagens. As formas grandes procuram expressar o mix de medo e fascínio que a visagem desperta. No desfile da Grande Rio, ele apenas morderá quem não cair no Samba. Quem tem medo de Mapinguari?

Onde a Boiúna se Agita

Ala 10 - Comunidade

Responsável pela ala: Direção de Carnaval

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confeção:** Márcio Monalisa



OBS: 2 figurinos: "Vitória-Régia" e "Piracema"; presença de elemento cênico - "Boiúna"

Representação:

Outro Encantado de notável importância para a compreensão dos imaginários amazônicos e das narrativas de matrizes indígenas é a Boiúna, também chamada de Cobra Grande. Durante a pesquisa de enredo, em diferentes localidades, foram muitos os relatos que deram conta de visões (e incorporações) de Boiúnas. Mameto Nangetu, Ialorixá de Belém, e Mãe Fátima, Pajé de Soure, narraram episódios de incorporação de cobras. Pode-se dizer, sem o medo do exagero, que a crença na Cobra Grande é uma constante entre o povo paraense, enredando versos, versões, histórias, anedotas.

As fantasias da ala dão cores a um cenário mágico: o igarapé onde a Boiúna dança, serpenteando entre peixes, sapos, vitórias-régias. Mergulhar nos igarapés da Amazônia é a possibilidade de se deparar com o extraordinário – basta estar disposto a isso. Os adereços de cores fortes conversam com a tradição dos brinquedos de miriti, muito populares na região de Abaetetuba – criações lúdicas que traduzem para os pequenos o Mundo do Encante. Não há interpretações literais. O que reina, aqui, é o sonho.

Uirapuru

Destaque de Chão / Musa

Nome da Musa: Luciene Santinha

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confecção:** Bruno César



O trinar sublime e o colorido único desse pequeno pássaro amazônico (tão exaltado em poemas e composições musicais) inspiram a concepção da fantasia da musa. O Uirapuru é o Encantado que mais lindamente canta!

Tamba-Tajá

Destaque de Chão / Musa

Nome da Musa: Renata Frisson

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confecção:** Bruno César



As plantas da Amazônia também guardam encantamentos, caso da Tamba-Tajá, cujas folhas de colorido exuberante narram a história de amor entre um casal de indígenas. Cultivada pelas populações ribeirinhas, dizem que a beleza da Tamba-Tajá é um indicativo de bem viver.

Caipora e Curupira

Ala 11 - Passistas

Responsavel pela ala: Avelino Ribeiro

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confeção:** Wellington Szaniesky



OBS: 2 figurinos

Representação:

Os mais conhecidos protetores da fauna e da flora amazônicas inspiram a concepção das fantasias dos passistas da Grande Rio. São eles a Caipora, criatura respeitada pelos povos originários, que acompanha as onças e afugenta os caçadores com o seu olhar de fera; e o Curupira, Encantado cujos cabelos são de fogo e cujos pés são voltados para trás (o que confunde os invasores, fazendo com que se percam, nos caminhos da mata). A compositora e pesquisadora de Carimbó Marcelle Almeida relatou, em entrevista, o encontro com o Curupira, na Floresta Encantada de Alter do Chão. São seres evoluídos espiritualmente, dotados do poder da cura.

O trabalho em folhas, também observável em outras fantasias do setor, expressa a hibridez do enredo, uma vez que há padrões decorativos turcos misturados aos desenhos naturais da vegetação amazônica – um detalhe sutil, porém importante para a compreensão do conceito narrativo. Como se dançassem em uma clareira, as Caiporas da Tricolor de Caxias encantam o público com a sua arte; os nossos Curupiras dizem no pé (virados!) que o Samba é a magia maior!

Mistérios Noturnos

Guardiões do Segundo Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Responsavel pela Ala: Direção de Carnaval

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confeção:** Glauber Costa



Enredando a apresentação do Segundo Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira, o grupo de guardiões traz os mistérios das noites amazônicas, num cenário de cores profundas. As fantasias fazem alusão às palmeiras do açaí, cantadas por Dona Onete na composição “Lua Jaci”. A Encantaria pode estar em tudo: humanos, animais, pedras, cachoeiras, ventos, plantas. “Água e folha da Amazônia” – seiva, semente e fruto.

Espelho da Lua

Rainha da Bateria

Nome da Rainha: Paolla Oliveira

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confeção:** Bruno Oliveira

O brilho do luar refletido no espelho das águas da Encantaria é a centelha poética que inspira a fantasia da Rainha Paolla Oliveira. A roupa expressa o mergulho das Princesas nas águas da Amazônia. A luz da Lua, tão cantada em letras de Carimbó, Doutrinas de Tambor de Mina e Sambas de Enredo (é parte fundamental da memória da Grande Rio!), seduz os botos da bateria e conduz o público (súditos da beleza) ao delírio sambista.

Boto

Ala 12 - Bateria

Responsavel pela ala: Fabrício Machado (Mestre Fafá)

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confeção:** Mauro Ferreira e Ferrulla Muniz



OBS: Figurino com variações de cores; grupo de tocadoras de Curimbós e Maracas à frente, com vestes especiais.

Representação:

O Boto é um Encantado onipresente no imaginário da Amazônia, baixando nos rituais de Pajelança Cabocla e estimulando a produção de farto material artístico, sem falar nas receitas amorosas. Em Alter do Chão, a disputa entre os Botos Rosa e Tucuxi anima a festa do Sairé e mostra o quanto esse personagem é forte, capaz de mobilizar as paixões do povo paraense. Dona Onete, cuja música “Quatro Contas” deu caminhos ao enredo, narra que foi levada pelos botos, quando muito jovem, conhecendo os meandros da Encantaria no ventre das águas. É por isso que a bateria de Mestre Fafá representa esse personagem marcante, na melhor tradição da “malandragem ribeirinha”.

A fantasia é uma interpretação da imagem cristalizada do “Boto Namorador”, título de uma canção homônima, composta por Dona Onete. Os bordados marajoaras conferem nobreza às peças, cujas flores lilases evocam a delicadeza dos mururés, flores que colorem os igarapés amazônicos, muito cantadas em Carimbós e Doutrinas. Imaginamos a superfície do igarapé como uma tela que reflete a magia – arco-íris sutil (daí a harmoniosa variação das cores de base dos paletós), palco de amores profundos. A presença de um grupo de mulheres tocando Curimbós e maracas, lideradas por Andreia de Vasconcelos, do Grupo Aturiá, muito diz da potência feminina do enredo.

Pena e Maracá

Ala 13 - Comunidade

Responsavel pela ala: Direção de Carnaval

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confecção:** Andreia Monarco



OBS: 2 figurinos: "Pajés" e "Totens"

Representação:

“A reunião da Encantaria foi no Pará”. A afirmação da pesquisadora e compositora de Carimbó Marcelle Almeida, de Santarém, confirma a ideia levantada por Luiz Antonio Simas e Cláudio Rêgo de Miranda de que a religiosidade paraense é profundamente antropofágica e porosa – rio com muitos afluentes, árvore de incontáveis galhos. A Pajelança Cabocla é um exemplo disso, uma vez que são diversas as linhas de trabalho que maceram as ervas e recebem os Encantados da floresta (alguns transformados em fantasias do setor), em busca da cura. O documentário “Pena e Maracá – a Encantaria do Fundo” mostra esse cenário plural, mosaico de narrativas que nos levam à compreensão dos ritos e das crenças dos povos originários. As maracas e as penas de aves são utilizadas pelos Pajés nos rituais de proteção.

A fantasia dos "Pajés" mistura elementos dos três animais de poder que atravessam os caminhos das Princesas Turcas, no seu processo de ajuremamento: a arara (símbolo de Mariana), a onça-pintada (símbolo de Herondina) e a jiboia (símbolo de Jarina). Compondo o conjunto da ala (abertura e fechamento), os "Totens" expressam o esplendor verdejante da Amazônia e a presença das borboletas azuis, cujo voo é um indicador da preservação da mata. A borboleta azul também é associada ao poder e à presença de Tóia (ou Toya) Jarina, conforme o relatado por Pai Elivaldo, babalorixá de Belém. No peito dos pajés, a proteção da Muiraquitã. A Grande Rio se engera no Samba!

Jurema

Destaque de Chão / Musa

Nome da Musa: Isabelle Nogueira

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confeção:** Bruno César



A Cabocla Jurema, entidade cultuada em todo o Brasil, é a “quarta conta” que abençoa Dona Onete. Poderosa, ela ensina às Princesas Turcas os caminhos da Amazônia. Na proposta do enredo, a Jurema se confunde com a própria floresta e mantém viva a tradição das guerreiras Icamiabas – mulheres valentes, destemidas, que protegem as matas.

Voduns

Ala 14 - Comunidade

Responsável pela ala: Direção de Carnaval

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confeção:** Gean Marriel



Consumado o processo de ajuremamento das Belas Turcas, em tempos indefinidos, o enredo começa a ganhar contornos históricos mais delineados, mostrando como esse imaginário sincrético se fundiu com outras vertentes religiosas – o que levou à formação da Mina Paraense, da qual as Princesas são protagonistas. O Tambor de Mina do Pará, devido à forte presença dos Encantados da floresta e dos rituais de Pajelança, é muito particular, único, com características diferentes do Tambor de Mina do Maranhão, do Xangô de Pernambuco, dos Candomblés Jeje-Fon da Bahia e dos Batuques da região Sul. Dos territórios africanos chegou à Amazônia o culto dos Voduns, divindades que personificam as forças da natureza, nas tradições do Daomé.

A celebração dos Voduns estrutura os rituais da Mina, por isso tais divindades abrem o setor que dá cores a esse manancial de fé. Na África, especialmente no Benim, as entidades bailam vestindo roupas exuberantes, com profusões de brilhos, pingentes e texturas. A fantasia é uma leitura carnavalesca dessa miríade estética, valendo-se, ainda, do uso da palha da costa e da palha de carnaúba. As formas espiralares e os adereços de mão se referem ao uso de cajados, bengalas e demais objetos votivos. A Grande Rio saúda a força dos Voduns e exalta a afro-brasilidade da Amazônia, dimensão pouco debatida até os tempos recentes.

Bárbara Soeira e Caboclo Sultão

Grupo de Casais de Mestres-Sala e Porta-Bandeiras Mirins

Responsavel pala ala: Neném Zuzu

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora

Confecção: Julio Vieira e Ferrulla Muniz



O grupo de casais de Mestres-Sala e Porta-Bandeiras mirins da Tricolor de Caxias performa o bailado de duas entidades muito celebradas na Mina paraense, saudadas quando das festas dedicadas às Princesas Turcas. Bárbara Soeira é uma Rainha cultuada na Mina, sincretizada com Santa Bárbara e Iansã – origem da “curimba de Babaçuê” mencionada no Samba de Enredo, mistura de Candomblés, Pajelanças e Terecôs.

Já o Caboclo Sultão ou Sultão das Matas é uma entidade que expressa a mistura entre as cosmovisões indígenas e a presença do imaginário mouro, ligado às letras islâmicas do Alcorão, em terras amazônicas – o nome, afinal, não deixa mentir. Nos terreiros paraenses, Sultão se apresenta usando cocar e dentes de onça; é valente e forte, muito orgulhoso da sua coragem. As bandeiras desfraldadas, seguindo a tradição iniciada em 2020, exibem artes concebidas a convite dos carnavalescos – no caso, uma leitura muito particular das Três Princesas pintada por João Boto, artista paraense que vive no Rio de Janeiro. O girar da juventude, os ventos do Samba-futuro.

Orixás

Ala 15 - Comunidade

Responsavel pela ala: Direção de Carnaval

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora

Confecção: João Ramiro



OBS: 1 figurino, com variações de cores nas flores

Representação:

Ainda que o culto aos Voduns seja predominante, nos terreiros da Mina paraense, a presença de Orixás das culturas Iorubá-Nagô é uma constante, o que desvela o fato de que o Tambor de Mina não é excludente, mas profundamente inclusivo. A fantasia da ala saúda três Iabás, Orixás femininas ligadas às águas: Iemanjá, Mãe de Todos os Peixes, Rainha das águas salgadas, Sereia do Mar; Oxum, deusa da beleza e do ouro, Rainha das águas doces, Iara das cachoeiras; e Nanã, a mais experiente das matriarcas, ligada aos manguezais, ao lodo, à lama que consome e recria a vida, nos pântanos e igapós.

O desenho do figurino, cuja estrutura em vime insinua as formas das roupas de Santo, mescla elementos decorativos ligados a essas três divindades – o abebê de Oxum, o ibiri de Nanã, as conchas de Iemanjá. A variação de cores das flores também expressa os diferentes arquétipos (branco – Iemanjá; amarelo – Oxum; lilás – Nanã). O culto das Princesas se mescla com as giras em louvor às Iabás, conforme o observado em terreiros de Belém, Santarém e Soure. O povo paraense é um povo das águas e a Amazônia brasileira é indígena e preta – as ondas levam e lavam, num eterno banho de axé.

Magia do Oriente

Ala 16 - Comunidade / Gaiola das Loucas (Ala LGBTQIAPN+)

Responsável pela ala: Direção de Carnaval

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confecção:** Anderson Souza



A exuberância visual e o misticismo dos povos ciganos são muito presentes nas culturas populares brasileiras e nos ritos de Umbanda, por vezes havendo um cruzamento com as linhas de Exu. No Tambor de Mina paraense, as Princesas Turcas abraçam esse universo festivo marcado por brilhos, cores e perfumes, como ensina Luiz Antonio Simas ao dizer que a Cabocla Mariana costuma se apresentar como cigana. O hibridismo é tão grande que ouvimos relatos de incorporações de divindades e personalidades históricas como Shiva, Cleópatra e Nefertiti. Herondina, a Cabocla da língua ferina, é associada a Salomé, personagem bíblica que há séculos desafia a moral vigente, levantando discussões sobre o corpo feminino, o poder e o desejo.

A nossa “mesopotâmica” “ala dos leques” exalta a presença das magias orientais na Mina do Pará, exibindo um figurino que prima por pedrarias, bordados e penas, numa explosão de cores quentes e vibrantes. Os pavões das cabeças se referem a Tóia Jarina, Princesa retratada ao lado de um pavão dourado no terreiro de Pai Elivaldo, em Belém. Viva a diversidade e as corpos dissidentes!

"Macaia Codoense" (Boiadeiros)

Ala 17 - Compositores

Responsável pela ala: Licinho Junior

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confecção:** Ala de Compositores



“A macaia codoense é macumba de outro lado!” O verso do Samba de Enredo cita o Povo do Codó, presença forte na Mina paraense. O nome faz referência à cidade homônima do Maranhão, considerada a “capital da macumba”. Por isso a letra do Samba fala em “outro lado”, ainda que, até 1772, tudo fizesse parte de um mesmo território, o Estado do Grão-Pará e Maranhão. Fluxos migratórios levaram contingentes populacionais do Codó a Belém, cidade onde, às margens do rio Guajará, os ritos ganharam outros contornos, ramificando-se e gerando histórias de vaqueiros encantados, como o Vaqueiro Boaventura.

No Terreiro de Mina Dois Irmãos, o mais antigo do Pará, fundado em 1890, no bairro belenense do Guamá, os boiadeiros do Codó festejam, bailam com as Princesas Turcas, bebem “pomosa” na cuia e contam as suas histórias. São viajantes cujas memórias relatam aspectos da vida rural do Brasil colônia e da presença negra na Amazônia – camponeses humildes e escravizados que fugiram para quilombos, enfrentado bravamente as violências da Casa Grande. Cada terreiro de Mina é um quilombo contemporâneo, assim como as Escolas de Samba. Os nossos compositores defendem isso e saúdam as entidades: saravá!

Pretas-Velhas e Pretos-Velhos

Ala 18 - Velha-Guarda

Responsavel pela ala: Pedrinho Naval

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confeção:** Galeria da Velha-Guarda



OBS: 2 figurinos

Representação:

A tradicional Galeria da Velha-Guarda da Grande Rio irradia na Avenida a luz das Pretas-Velhas e dos Pretos-Velhos, entidades muito queridas que trabalham nas linhas da cura – o que faz com que se “cruzem” (termo corriqueiro nos terreiros da Mina) com as Princesas Encantadas. Contam as lideranças religiosas consultadas durante a pesquisa do enredo que as Princesas podem “trabalhar na linha dos Pretos-Velhos” ou “trabalhar cruzadas com os Pretos-Velhos”, o que denota uma encruzilhada conceitual fascinante.

Exemplos de sabedoria, cuidado e afeto, esses espíritos desencarnados se unem às Encantarias d’além-mar, nos terreiros, compartilhando receitas medicinais e oferecendo bênçãos. A Pajé Roxita, da Ilha de Marajó, explicou que a “Linha do Fundo” da Pajelança Cabocla (marcada pela presença de cobras, peixes, pássaros e indígenas encantados) se mistura à linha dos Pretos Velhos. Mãe Eloísa de Badé, líder do Terreiro de Mina Dois Irmãos, o mais antigo do Pará, também destacou a importância da presença dos Pretos Velhos, o que justifica a concepção dos elegantes figurinos que vestem os nossos mais ilustres sambistas, a memória viva da Tricolor Caxiense.

Coroa de Dom José

Destaque de Chão / Musa

Nome da Musa: Rayssa Bratillieri

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confeção:** Bruno César



O Tambor de Mina paraense é um complexo religioso de matrizes africanas e indígenas que se organiza em linhas e famílias, destacando-se a presença das “Famílias de Fidalguia”, como bem explicou Mãe Elô, do Terreiro de Mina Dois Irmãos. Essa Casa tradicional guarda em seu nome o culto às coroas de Tói Averequete, já mencionado, e Dom José Rei Floriano, nobre português que se encantou em batalha. A fantasia exhibe as cores de Dom José, segundo os relatos de Mãe Elô.

A Doçura de Jarina

Ala 19 - Comunidade / Damas

Responsavel pela ala: Direção de Carnaval

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confecção:** Nete Cândido



Ajuremadas nas matas da Amazônia e assimiladas pelos cultos de Tambor de Mina, as Princesas Encantadas, segundo as narrativas compartilhadas nos terreiros do Pará, seguiram destinos diferentes – para tudo terminar, é claro, nas letras dos Carimbós. A primeira parte do setor, cuja sequência cromática evoca a poética de “Quatro Contas”, composição de Dona Onete, tem início com três conjuntos de Damas, algo perfeitamente justificável, dada a importância das personagens para a compreensão do enredo e a complexidade das roupas confeccionadas.

A primeira ala da sequência reverencia a conta amarela das memórias de Dona Onete, Tóia Jarina. Contam que Jarina, com muita saudade do pai, pode ser vista vagando pelos areais, contemplando o horizonte. Rendas e macramês conferem delicadeza às vestes dessa Princesa associada à flor de laranjeira (Simas canta que “Toya Jarina é flor, é flor do mar; ela é flor de laranjeira, é flor do mar!”). As amenas variações de amarelo nos conduzem à imagem das dunas e ao brilho solar da coroa dourada. Jarina vaga pelas beiras das praias e exala o seu perfume adocicado.

Atenção: 1 - As três fantasias de Damas são releituras carnavalescas da tradição das roupas cerimoniais da Mina paraense, complexo religioso onde as Princesas Turcas são transformadas em Caboclas. Os grandes vestidos podem causar surpresa a quem nunca viu uma festa da Mina, então destacamos a lição de Luiz Antonio Simas: “Na Encantaria, o termo ‘Caboclo’ não é sinônimo de entidade ameríndia, podendo ser genericamente utilizado para designar entidades de variadas origens.” As Princesas são chamadas de Caboclas e se vestem, nos terreiros paraenses, com chapéus, coroas e saias rodadas de contornos ocidentais. **2** - Optou-se pela disposição das Princesas segundo a ordem como são saudadas no “refrão de cabeça” do Samba de Enredo, em ordem crescente de idade – da mais moça, Jarina, à mais experiente, Mariana.

A Bravura de Herondina

Ala 20 - Comunidade / Damas

Responsavel pela ala: Direção de Carnaval

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confeção:** Nete Cândido



Herondina, a irmã do meio, é a “Cabocla Brava” de Dona Onete - a conta verde que não a deixa cair e não a deixa tombar. De temperamento forte e língua ferina, é conhecida pelos conselhos precisos e por não medir as palavras. Com a força da onça nos olhos, contam que ela é a Princesa que mais se aprofundou nos segredos da Jurema (tanto que é chamada de “a mais bela flor da juremeira”, como relatou Mãe Eloísa de Badé, do Terreiro de Mina Dois Irmãos).

Fascinada pela fauna e pela flora da Amazônia, ela não quis sair do coração da floresta – lá ficou, entre as samaúmas, aprendendo a manipular as ervas, a ouvir as águas, a falar com os bichos e a executar os rituais de cura ensinados pelos Pajés. É por isso que o chapéu tem a presença de folhas e a grande saia rodada exibe estampas de onça-pintada. Ela, que simboliza o arquétipo das mulheres que se transformam em fera para enfrentar opressões, forma a sua trincheira e vai à luta, como o cantado em “Pororoca das águas negras”.

Atenção: 1 - As três fantasias de Damas são releituras carnavalescas da tradição das roupas cerimoniais da Mina paraense, complexo religioso onde as Princesas Turcas são transformadas em Caboclas. Os grandes vestidos podem causar surpresa a quem nunca viu uma festa da Mina, então destacamos a lição de Luiz Antonio Simas: “Na Encantaria, o termo ‘Caboclo’ não é sinônimo de entidade ameríndia, podendo ser genericamente utilizado para designar entidades de variadas origens.” As Princesas são chamadas de Caboclas e se vestem, nos terreiros paraenses, com chapéus, coroas e saias rodadas de contornos ocidentais. **2** - Optou-se pela disposição das Princesas segundo a ordem como são saudadas no “refrão de cabeça” do Samba de Enredo, em ordem crescente de idade – da mais moça, Jarina, à mais experiente, Mariana.

A Coragem de Mariana

Ala 21- Comunidade / Damas

Responsavel pela ala: Direção de Carnaval

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confecção:** Nete Cândido



“Mariana é marinheira / Sabe como navegar...” A Princesa primogênita, conta vermelha de Dona Onete, jamais temeu as ondas, os abismos e os redemoinhos: seguiu o chamado do mar e seguiu navegando, protegendo a costa paraense, mistura de rio e oceano, margeando todo o Brasil. Como canta uma famosa Doutrina, “Sou Cabocla Mariana / Moro nas ondas do mar / Faixa encarnada eu ganhei pra guerrear!”. A fantasia da mais popular das Princesas Turcas navega pelos tons de vermelho e desabrocha feito uma rosa – justamente a flor associada a ela, um dos símbolos mais plurais da face da Terra. “A rosa do Encanto floresceu”, cantam as vozes mineiras. De temperamento observador, Mariana é destemida e obstinada, segura feito um nó de marinheiro, corajosa e prática. Ícones associados ao universo da Marinha, como o timão e a âncora, complementam o chapéu dessa Cabocla que tantos admiradores atrai. “Ela é marinheira, ela é marinheira / Ela é Encantada da Marinha Brasileira!”

Atenção: 1 - As três fantasias de Damas são releituras carnavalescas da tradição das roupas cerimoniais da Mina paraense, complexo religioso onde as Princesas Turcas são transformadas em Caboclas. Os grandes vestidos podem causar surpresa a quem nunca viu uma festa da Mina, então destacamos a lição de Luiz Antonio Simas: “Na Encantaria, o termo ‘Caboclo’ não é sinônimo de entidade ameríndia, podendo ser genericamente utilizado para designar entidades de variadas origens.” As Princesas são chamadas de Caboclas e se vestem, nos terreiros paraenses, com chapéus, coroas e saias rodadas de contornos ocidentais. **2** - Optou-se pela disposição das Princesas segundo a ordem como são saudadas no “refrão de cabeça” do Samba de Enredo, em ordem crescente de idade – da mais moça, Jarina, à mais experiente, Mariana.

Curimbós Ajuremados

Ala 22 - Comunidade

Responsável pela ala: Direção de Carnaval

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confecção:** Monica Machado



A conta branca que Dona Onete recebeu quando criança, durante uma festa de Tambor de Mina, se refere à Cabocla Jurema, entidade indígena que nos faz pensar nos fundamentos dos Curimbós, os tambores que estruturam a musicalidade do Carimbó. “Curimbó”, numa tradução livre, quer dizer “tronco oco”: trata-se de um instrumento de percussão construído a partir de um caule de árvore que tem uma de suas extremidades revestidas por couro animal. Na proposição poética do enredo, o som dos Curimbós é a voz dos Encantados.

Os tambores são a floresta, propagando as narrativas da Amazônia e sintetizando um complexo cultural fascinante, que envolve práticas corporais, jogos, signos e ritmos. Síntese do Pará, o Carimbó saúda as Princesas Turcas em diversas composições, havendo misturas e hibridações (algo análogo ao observável, em terras cariocas, nas relações entre Samba e Candomblé). A fantasia, com delicado trabalho em vime (madeira leve amplamente utilizada na folia, desde a década de 1960), aglutina fitas, folhas e flores (as “ervas da Jurema” cantadas pelo Samba) e dá ao Curimbó estilizado, vazado, uma aura perfumada e festiva.

Dança das Flores

Destaque de Chão / Musa

Nome da Musa: Alane Dias

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confecção:** Bruno César



“Uma flor no cabelo” e uma “boca pintada” são fundamentais para a dança do Carimbó – é o que diz a letra de “Faceira”, de Dona Onete, a “Rainha do Carimbó Chamegado”. Exalando chamego, a musa baila como se guiada fosse pelo perfume das flores que envolvem as Princesas.

"O Carimbó é Muito Quente..."

Ala 23 - Comunidade

Responsavel pela ala: Allan Bastos, Ananda Dias e Caroline Mota

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confecção:** Mauro Ferreira



O Carimbó não é apenas uma expressão musical, mas algo mais complexo e enovelado, incorporado à vida cotidiana do povo paraense. De humildes origens agrárias e ribeirinhas, como ensinam a Mestra Maria Amélia Barbosa Ribeiro, do Grupo de Carimbó Cruzeirinho, e a professora e pesquisadora Andreia de Vasconcelos, do Grupo Aturiá, transformou-se em potência sociocultural, misturou-se com outros universos musicais (e artísticos, em sentido amplo), ramificou-se em variantes – pau-e-corda, chamegado, show etc. Da música caribenha, captada pelas rádios do Norte, assimilou características. Hoje, compõe um mosaico multicolorido, colcha de retalhos de chita, em conjunto com manifestações como o lundu, o tambor das flores, o siriá, entre tantas outras pegadas. Cada linha defende as suas tradições, não havendo homogeneidade.

Assim como o Samba, o Carimbó é vivo – pulsa, circula, muda. É rio correndo, é giro (e gira!), é transformação. E nesse girar perpétuo, graças às letras de artistas como Dona Onete, Pinduca, Mestre Verequete, Marcelle Almeida e Jane Cerdeira, o Carimbó saúda as Belas Turcas e bebe das fontes do Tambor de Mina. As fantasias da ala, cujos movimentos coreográficos foram ensaiados a partir da consultoria de professores de Carimbó, misturam as flores das Princesas e explodem em babados e fitas de cores vivas. Nos valemos da força da voz trovejante de Mestre Verequete: “O Carimbó é muito quente...” Que a Sapucaí toda ferva feito o caldo do tacacá!

Folia Popular - Tributo aos Mestres

Ala 24 - Comunidade

Responsavel pela ala: Direção de Carnaval

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora

Confecção: Anderson Souza, Felipe Mafra e João Ramiro



OBS: 6 figurinos, com variações de elementos composicionais e decorativos: "Vendeiro", "Boizinho", "Erveira", "Barqueiro", "Guitarrada" e "Brincante em Perna de Pau"

Representação:

Tudo, pois, só termina em festa! Celebrar é preciso e é sempre possível abrir a roda, bater tambor, girar na rua, levantar um estandarte florido, vestir a chita e a fantasia. A última ala do desfile da Grande Rio é a culminância da alegria: uma festa em que todos se misturam (daí a diversidade de figurinos), exibindo diferentes aspectos da cultura popular do Pará, território que é protegido pelas Pororocas – as Três Princesas Encantadas, cantadas em composições como “Dona Mariana”, de Pinduca, “Guiança”, de Marcelle Almeida e Jane Cerdeira, “Quatro Contas”, de Dona Onete. Nos estandartes, artistas que imortalizaram o Carimbó e versaram sobre as Encantarias são exaltados: Mestre Verequete, Pinduca, Dona Onete, Cupijó, Mestre Lucindo, Nazaré Pereira, Mestre Damasceno, Mestre Dikinho e Mestre Griô Chico Malta. Nomes importantes também coloreem os barquinhos vestidos por foliões que representam romeiros de Nossa Senhora de Nazaré, em procissão fluvial. Vendedores de brinquedos de miriti e demais itens provenientes do Pará se unem a brincantes de boi, no Arraial do Pavulagem, tudo ao som da Guitarrada, gênero musical que funde o Carimbó e outras musicalidades. Maracas e ervas não faltam: os cheiros e unguentos da Amazônia são transportados pelos “popopôs” e dão perfume ao girar das saias. Entendemos que devoção e festa se misturam – nos terreiros, às margens dos igarapés, nas ruas que também são rios. A felicidade (que está nos chamando e mandando buscar, como na letra de “Quatro Contas”) é semente da Encantaria. As Princesas estão em tudo, transformadas em folia! Por isso a Avenida treme, por isso batucamos alto!

Banho de Cheiro

Destaque de Chão / Musa

Nome da Musa: Thainá Oliveira

Criação: Gabriel Haddad e Leonardo Bora **Confecção:** Bruno César



A sabedoria das gentes paraenses se faz presente no vasto receituário popular – há banhos de ervas e garrafadas para tudo, basta ir ao Ver-o-Peso (o maior mercado a céu aberto da América Latina, onde há lojas de itens religiosos dedicadas às Princesas Turcas). A fantasia da musa propõe um banho de alegria!

Ficha Técnica Samba-enredo

Presidente da ala dos compositores: Licinho Junior

Total de Componentes da ala dos compositores: 70

Autores do samba: Mestre Damasceno, Ailson Picanço, Davison Jaime, Tay Coelho e Marcelo Moraes.

LETRA

A MINA É COCORIÔ

FEITIÇARIA PARAWARA

A MESMA LUA DA TURQUIA

NA TRAVESSIA FOI ENCANTADA

MAREZIA ME GUIA SEM MEDO

PRO BANHO DE CHEIRO

NA ENCRUZILHADA, ESPUMA DO MAR

FEZ A FLOR DO MURURÉ DESABROCHAR

POROROCA ME LEVA PRO FUNDO DO IGARAPÉ

SE DESVIA DA FLECHA, “NÃO SE ESCANCHA EM PURAQUÉ”

QUEM É DE BARRO, NO IGAPÓ, É CARUANA

BOTO ASSOVIA, MÃE D’ÁGUA DANÇA

SE A BOIÚNA SE AGITA, É BANZEIRO, BANZEIRO

QUATRO CONTAS, UM COCAR

SALVE ARARA CANTADEIRA, BORBOLETA À ESPREITA

E A ONÇA DO GRÃO-PARÁ

NA CURIMBA DE BABAÇUÊ

TEM FALANGE DE AJUREMADOS
A MACAIA CODOENSE É MACUMBA DE OUTRO LADO
VENHAM VER AS TRÊS PRINCESAS “BAIANDO” NO CURIMBÓ
É DOCTRINA DE SANTO RODANDO NO MEU CARIMBÓ
E FOI ASSIM... SUAS ESPADAS TÊM AS ERVAS DA JUREMA
NOVOS DESTINOS NO MESMO POEMA
E NOS TERREIROS, PERFUME DE PATCHOULI
ACENDE A BRASA DO DEFUMADOR
PRO MESTRE BATUCAR A SUA FÉ
NOITE DE FESTA... CURIÓ MARAJOARA
PROTEGE CAXIAS, NAS ÁGUAS DE NAZARÉ
É FORÇA DE CABOCLO, VODUN E ORIXÁ
MEU POVO FAZ A CURVA COMO FAZ NA GIRA
CHAMA JARINA, HERONDINA E MARIANA
GRANDE RIO FIRMA O SAMBA NO TAMBOR DE MINA

JUSTIFICATIVA DO SAMBA

A MINA É COCORIÔ

FEITIÇARIA PARAWARA

Pisamos um solo sagrado! O samba saúda, em sua tão aclamada abertura, a força do Tambor de Mina paraense. Para isso, evoca o canto das Doutrinas Encantadas. A expressão “A Mina é Cocoriô”, segundo a Mãe Eloísa de Badé, do Terreiro de Mina Dois Irmãos, localizado em Belém do Pará, atravessa tudo. Saudação e evocação, gira que mistura Voduns, Orixás, Caboclos. A “Feitiçaria Parawara” nos convida a um mergulho no fundo das águas. O universo da Encantaria começa a se descortinar...

A MESMA LUA DA TURQUIA

NA TRAVESSIA FOI ENCANTADA

Num tempo fora do tempo, a magia do enredo começa em alto-mar, atravessando os portais da Encantaria. Segundo as narrativas de matriz oral ensinadas nos terreiros (destacando-se o diálogo com Mãe Elô, do Terreiro de Mina Dois Irmãos, o mais antigo de Belém), as princesas Mariana, Herondina e Jarina, filhas de um poderoso Sultão, embarcaram em um navio, fugindo das guerras. Sob a luz da Lua (um dos símbolos da Turquia), enfrentaram tormentas marítimas. Durante uma tempestade, ocorreu o encantamento: o naufrágio/desaparecimento do navio não representou a morte das princesas, mas o atravessamento de um portal. A “mesma Lua da Turquia”, nessa “travessia encantada”, iria brilhar em outras terras, do outro lado do Atlântico...

MAREZIA ME GUIA SEM MEDO

PRO BANHO DE CHEIRO

NA ENCRUZILHADA, ESPUMA DO MAR

FEZ A FLOR DO MURURÉ DESABROCHAR

De maneira poética, a letra do samba nos conduz ao porto de chegada das Princesas, após o processo de encantamento: as praias, areias, terras e águas do Norte do Brasil, no magnífico “Grão-Pará” – que, não por acaso, quer dizer “Grande Rio”. A maresia e as brumas guiam a corte turca para um “banho de cheiro”, tradicional conjunto de saberes da Amazônia paraense. Ou seja: ainda no seu início, a narrativa do samba descortina o território paraense sob uma perspectiva híbrida e fantástica. Com notável perspicácia, os compositores entendem esse encontro como uma encruzilhada, um cruzo cultural poderoso – espaço mítico onde resplandece a espuma do mar, personificação e símbolo do vodun Averequete. Tói Averequete é uma entidade saudada no início das giras de Tambor de Mina. Conforme as narrativas ouvidas nos terreiros, é Averequete quem recebe as Princesas, conduzindo-as para o processo de ajuremamento. Por isso o samba canta que a flor do mururé desabrocha: as Princesas renascem nas águas da Amazônia, comparadas às pétalas aquáticas.

POROROCA ME LEVA PRO FUNDO DO IGARAPÉ

SE DESVIA DA FLECHA, “NÃO SE ESCANCHA EM PURAQUÊ”

A “pororoca”, cuja tradução evoca a ideia de “estrondo”, é um fenômeno natural interpretado como símbolo de proteção da floresta – afinal, as fortes ondas provenientes do encontro das águas de rio e mar quebravam as embarcações invasoras. Por isso, segundo as histórias ouvidas durante as imersões paraenses, as Princesas Turcas são as Pororocas Parawaras: protetoras da Amazônia que conduzem ao mundo do Encante aqueles que se mostram dispostos a abraçar a Encantaria, respeitando-a em seus mistérios. Muito se fala em “magia do fundo”: o mergulho nas águas dos igarapés da Amazônia revela um universo fervilhante. Por isso a letra do samba dialoga com a letra de “Esse rio é minha rua”, composição de Paulo André e Rui Barata. “Puraquê” ou “Puraqué” é um conhecido “peixe elétrico” de água doce; desviar da flecha e não “se escanchar” (montar, cavalgar) nesse animal temido é parte da sabedoria da floresta.

QUEM É DE BARRO, NO IGAPÓ, É CARUANA

BOTO ASSOVIA, MÃE D’ÁGUA DANÇA

Igapó é o nome dado às florestas alagadas, tão comuns na Amazônia. O barro do fundo das águas, a lama, o mangue, tudo é uma fonte inesgotável de vida – é o que ensinam as/os Pajés marajoaras que celebram os Encantados, com Pena e Maracá. Nessa incursão pela imensidão de águas e matas, o samba saúda os poderosos Caruanas, entidades diretamente ligadas à Pajelança Cabocla da Ilha do Marajó – que, segundo alguns depoimentos coletados, é um dos maiores Portais da Encantaria de que se tem notícia. No Marajó, as Princesas conhecem as vibrações de energias antigas traduzidas em grafismos – a memória viva e transformadora de civilizações fascinantes. Até hoje, essa mística é traduzida em esculturas pelas mãos ceramistas. No mesmo trecho, o samba costura referências à composição “Festa no Reino das Encantarias”, de Dona Onete. Nessa música, a artista desenha um cenário de magia onde o Boto e a Mãe d’Água, encantados muito conhecidos, festejam.

SE A BOIÚNA SE AGITA, É BANZEIRO, BANZEIRO

QUATRO CONTAS, UM COCAR

SALVE ARARA CANTADEIRA, BORBOLETA À ESPREITA

E A ONÇA DO GRÃO-PARÁ

O refrão de meio sintetiza o processo de ajuremamento das Princesas Turcas, no interior da Floresta Amazônica. O contato com os saberes dos povos originários, a busca pela cura. Para isso, dialoga diretamente com a inédita composição “Quatro Contas”, de Dona Onete. Nessa composição, cuja letra inspirou toda a poética do enredo, a autora saúda as suas protetoras: as Belas Turcas (Mariana, Herondina e Jarina) e a Cabocla Jurema, personificação da própria floresta. Nesse mesmo refrão, há menções aos animais de poder associados à saga das Princesas. Boiúna é a temida Cobra Grande, um dos seres encantados mais recorrentes no imaginário amazônico. Como contam as histórias e cantam as doutrinas (os “pontos” do Tambor de Mina), Jarina, a mais jovem das irmãs, é associada ao misticismo da jibóia e à leveza de uma borboleta azul; Herondina, a irmã do meio, adquire o poder da transformação em onça; e Mariana, a primogênita, se confunde com a “arara cantadeira”, ave que embeleza o céu com o seu colorido vibrante. “Banzeiro” é uma expressão regional que traduz as ondas geradas pelo deslizar de um barco ou pela movimentação de animais na água. Mais uma vez, o samba nos leva ao mergulhar poético, ao marulhar das ondas, à beleza que não está na superfície.

NA CURIMBA DE BABAÇUÊ

TEM FALANGE DE AJUREMADOS

A MACAIA CODOENSE É MACUMBA DE OUTRO LADO

Ajuremadas, as Princesas se transformam em Caboclas e bailam nas giras do Tambor de Mina - um universo religioso extremamente complexo, reunindo entidades oriundas de diversos sistemas simbólicos. O samba, nesse momento, celebra essa diversidade, misturando palavras que nos ajudam a compreender o processo de formação da Mina paraense. “Curimba” e “macumba” são palavras mais conhecidas no universo sambista, referindo-se ao complexo cultural das religiões de matrizes africanas. “Babaçuê”, de acordo com as pesquisas nos terreiros de Mina, é uma expressão religiosa sincrética, da mesma forma que a “falange de ajuremados” reúne muitas variantes: nobres, ciganos, marinheiros, caboclos, boiadeiros, voduns, orixás, inquices... O povo do Codó é saudado no trecho “macaia codoense”. “Macaia” é uma expressão corrente nos terreiros de matriz Angola, ligando-se ao espaço ritual e às folhas utilizadas nos ritos de matrizes africanas e indígenas. “Codó”, mais do que um território geográfico em específico, expressa um lugar mítico que nos leva aos fluxos migratórios que historicamente desenharam a região do Grão-Pará e Maranhão. Tais entidades cantam, dançam bebem e festejam: a Mina é fartura e alegria!

VENHAM VER AS TRÊS PRINCESAS “BAIANDO” NO CURIMBÓ

É DOCTRINA DE SANTO RODANDO NO MEU CARIMBÓ

Neste trecho extremamente inspirado, o samba sintetiza a mistura final: as Princesas Turcas, que atravessaram os Portais da Encantaria, conheceram a ancestralidade marajoara, passaram pelo processo de ajuremamento no coração da floresta amazônica e se tornaram entidades queridas e poderosas nos terreiros de Tambor de Mina, são saudadas e cantadas em letras de Carimbó. Mestre Verequete, Pinduca e Dona Onete, para ficar em três exemplos, traduziram, de diferentes maneiras, esse universo inesgotável. As Encantarias são saudadas em composições que cintilam por todo o Pará. Tudo é sobre tambores: a sonoridade dos atabaques dos terreiros se mistura ao som dos Curimbós, tambores que, na visão poética da narrativa, expressam a voz dos Encantados. “Quatro Contas”, a composição inédita de Dona Onete, pode ser considerada uma mistura de Doutrina e Carimbó. O samba convida o público para essa visão festiva!

E FOI ASSIM... SUAS ESPADAS TÊM AS ERVAS DA JUREMA

NOVOS DESTINOS NO MESMO POEMA

E NOS TERREIROS, PERFUME DE PATCHOULI

As Princesas que passeiam e bailam também guerreiam para proteger as suas gentes. Cuidam, curam, abraçam e seguem “novos destinos”. O trecho conta que, segundo as narrativas dos terreiros, cada uma seguiu o próprio rumo (caminhos contados na sinopse do enredo). Quando o tambor ressoa, porém, elas se encontram para festejar e celebrar uma vida sem morte – afinal, não passaram por essa experiência. Em um poema como “Quatro Contas”, elas estão eternamente unidas. O perfume de patchouli, base para a feitura do “cheiro do Pará”, envolve as festas e ajuda a desenhar uma aura ainda mais especial.

ACENDE A BRASA DO DEFUMADOR

PRO MESTRE BATUCAR A SUA FÉ

NOITE DE FESTA... CURIÓ MARAJOARA

PROTEGE CAXIAS, NAS ÁGUAS DE NAZARÉ

Dona Onete se refere às águas dos seus Encantos, as águas da Amazônia paraense, como “Águas de Nazaré”. A Rainha do Carimbó Chamegado, portanto, conecta as Quatro Contas da sua vida e as magias do Carimbó e do Tambor de Mina a uma colcha de retalhos maior, expressão de uma fé sincrética e poderosa. O samba pede proteção e desenha uma “noite de festa”! Para isso, é preciso muita brasa nos defumadores... Todos os mestres (de curimba, de Carimbó, de bateria) batucam e contribuem, com os seus tambores, para o cantar coletivo de uma cidade inteira: Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, que pode pegar um barquinho imaginário e desaguar nos mananciais da Amazônia. Em “Curió do Bico Doce”, Carimbó muito popularizado de Gonzaga Blantez, diferentes mestres são venerados (inclusive o Mestre Verequete).

É FORÇA DE CABOCLO, VODUN E ORIXÁ

MEU POVO FAZ A CURVA COMO FAZ NA GIRA

CHAMA JARINA, HERONDINA E MARIANA

GRANDE RIO FIRMA O SAMBA NO TAMBOR DE MINA

O valente e poderoso “refrão de cabeça” conclama a comunidade da Grande Rio a vibrar ao som dos tambores! O Tambor de Mina paraense é uma fusão cultural fascinante. Caboclos, Voduns e Orixás se unem em um cortejo poético, chamando as Três Princesas Turcas que se tornaram protetoras da Amazônia: Jarina, Herondina e Mariana. Água de rio, narrativa sinuosa. Mistério! Poesia que se transforma e nos enche de esperança! Que o povo tricolor faça a “curva” (ou seja: entre na Avenida, Templo e Terreiro do Samba) como “faz na gira”: *incorpore, transcenda, viva a Encantaria em toda a sua beleza!*

JUSTIFICATIVA DA MELODIA

A MINA É COCORIÔ

FEITIÇARIA PARAWARA

A MESMA LUA DA TURQUIA

NA TRAVESSIA FOI ENCANTADA

“A Mina é cocoriô... A Mina é cocoriá/ Eu Vou chamar a encantaria para vir nos ajudar”. O início do samba traz um forte apelo à oralidade, com a palavra "cocoriô", que lembra os cantos de convocação dos rituais paraenses e do Tambor de Mina, com terminações melódicas mais alongadas e marcadas. Esse termo possui um ritmo circular que remete à repetição das invocações no Tambor de Mina, onde as palavras e os toques criam uma atmosfera que busca transportar os participantes para outro plano. A melodia tem base rítmica trabalhando de forma cadenciada, marcado pelo toque do tambor, e evocando o transe espiritual dos rituais. A conexão com a Lua e a travessia pode ser refletida pela leveza do ritmo, com variações sutis tal qual as doutrinas (cânticos de evocação no Tambor de Mina).

MAREZIA ME GUIA SEM MEDO

PRO BANHO DE CHEIRO

NA ENCRUZILHADA, ESPUMA DO MAR

FEZ A FLOR DO MURURÉ DESABROCHAR

Há uma transição melódica bem-marcada do primeiro trecho para este. A melodia aqui sugere a fluidez da maresia, como um movimento constante e suave, reminiscências das águas e influências do Carimbó. Este ritmo é tradicionalmente marcado pela percussão de tambores. A "maresia" e o "banho de cheiro" trazem elementos de rituais de purificação e cura, comuns tanto nas religiões de matrizes africanas quanto nas manifestações religiosas amazônicas. Ritmicamente, há uma ênfase nas variações de tempo e um ritmo dançante que remete à guitarrada paraense de Mestre Vieira e Mestre Cuíca.

POROROCA ME LEVA PRO FUNDO DO IGARAPÉ

SE DESVIA DA FLECHA, “NÃO SE ESCANCHA EM PURAQUÉ”

QUEM É DE BARRO, NO IGAPÓ, É CARUANA

BOTO ASSOVIA, MÃE D'ÁGUA DANÇA

Esse trecho apresenta o terceiro momento melódico da primeira estrofe. Em letra e melodia, há elementos que remetem a características da música popular paraense de Paulo André e Ruy Barata

em “Esse rio é minha rua”, com a expressão “não se escanha em puraqué”; e na variação melódica que o verso “Pororoca me leva” apresenta à unidade do trecho. Há referências, também, à obra marcante de Nilson Chaves e Vital Lima, que apresentam suavidade e frescor na melodia. Tal qual em “Olho do Boto”, projeta-se uma sensação de tranquilidade e ligação com a natureza. Os intervalos melódicos são pequenos, favorecendo uma linha melódica que valorize o canto da comunidade. Isso permite que a melodia se entrelace com as letras de maneira que enfatize a narrativa do enredo.

SE A BOIÚNA SE AGITA, É BANZEIRO, BANZEIRO

QUATRO CONTAS, UM COCAR

SALVE ARARA CANTADEIRA, BORBOLETA À ESPREITA

E A ONÇA DO GRÃO-PARÁ

No refrão, a energia e o ritmo se intensificam, especialmente com a expressão “banzeiro”, que representa o movimento das águas, com referência da música de Dona Onete que leva o mesmo nome. Melodicamente, trata-se de um ponto alto do refrão que busca impulsionar o canto forte dos componentes da escola. Em sequência, a melodia aqui adota uma maior fluidez, ampliando a complexidade rítmica com síncopas que reforçam a sensação de liberdade e movimento natural. Trazer características mais indígenas à melodia é intencional, pois é o momento em que a letra referencia a transmutação das princesas turcas em seus animais de poder da Amazônia (arara, borboleta e onça).

NA CURIMBA DE BABAÇUÊ

TEM FALANGE DE AJUREMADOS

A MACAIA CODOENSE É MACUMBA DE OUTRO LADO

VENHAM VER AS TRÊS PRINCESAS “BAIANDO” NO CURIMBÓ

É DOUTRINA DE SANTO RODANDO NO MEU CARIMBÓ

Essa estrofe tem uma forte ligação com a musicalidade das danças de roda do Pará, especialmente o Carimbó, que é acompanhado pela curimba (um conjunto de tambores) e pela percussão ritualística do Tambor de Mina. A palavra “curimba” se conecta diretamente ao ato de tocar tambores sagrados, criando um clima de invocação espiritual. A “falange de ajuremados” remete ao uso de cânticos e danças para invocar forças espirituais, algo que se reflete no ritmo da bateria. O Babaçuê, que representa o início da manifestação do Tambor de Mina no Pará, apresenta marcação das sílabas e uma melodia balanceada que incorpora características do Carimbó, do Siriá e da Marujada de São Benedito. A melodia dos dois primeiros versos da estrofe busca acentuar essas características. A melodia, com suas variações e ornamentações, pretende ambientar a dança das três princesas que giram, quando incorporam nos terreiros de Mina. A referência ao Carimbó é forte, e o ritmo fica mais marcado, como o da dança tradicional paraense, onde o corpo gira em sintonia com os tambores e a música.

E FOI ASSIM... SUAS ESPADAS TÊM AS ERVAS DA JUREMA

NOVOS DESTINOS NO MESMO POEMA

E NOS TERREIROS, PERFUME DE PATCHOULI

ACENDE A BRASA DO DEFUMADOR

PRO MESTRE BATUCAR A SUA FÉ

NOITE DE FESTA... CURIÓ MARAJOARA

PROTEGE CAXIAS, NAS ÁGUAS DE NAZARÉ

As características melódicas distinguem do trecho anterior por trazer uma atmosfera de solenidade e suavidade. Neste trecho a melodia sobe para preparar a chegada do segundo refrão. Esse ar de solenidade busca marcar o sincretismo presente nos fundamentos da Mina ao evocar a proteção a Caxias pelas "Águas de Nazaré". Os versos corridos dão lugar à suavidade na transição das notas musicais com a proposta de trazer o desfecho da história que está sendo contada.

É FORÇA DE CABOCLO, VODUN E ORIXÁ

MEU POVO FAZ A CURVA COMO FAZ NA GIRA

CHAMA JARINA, HERONDINA E MARIANA

GRANDE RIO FIRMA O SAMBA NO TAMBOR DE MINA

Esse é o grande clímax do samba, onde o ritmo e a melodia se unem em uma explosão de energia. A menção a "caboclo, vodun e orixá" é acompanhada por uma intensificação dos ritmos de percussão, com batidas mais rápidas e repetidas, como os toques sagrados do Tambor de Mina. Melodicamente, o samba eleva sua energia, com variações ascendentes, criando uma sensação de invocação e exaltação. As referências às princesas turcas são acompanhadas de uma melodia mais ornamentada, refletindo sua presença espiritual e mística, com a bateria trabalhando em variações rítmicas intensas para representar o movimento e a força das entidades.

Considerações Finais

O samba tem como proposta melódica trazer características marcantes de ritmos paraenses e das doutrinas cantadas no Tambor de Mina, sem perder as características essenciais do samba-enredo. Foi pensado para as características musicais da Grande Rio em termos de bateria e harmonia. Apresenta inúmeras variações melódicas, com destaque aos 7 momentos supracitados, com a intenção de sustentar o canto dos componentes e a cadência do desfile.

Referências

GABBAY, M. M. **Representações sobre o carimbó: tradição x modernidade na música popular paraense**. Revista Estudos Amazônicos, v. XI, n. 1, p. 139-171, 2014.

LIMA, Antônio Maurício Abbatapaulo de. **A Guitarrada do Pará: um gênero em construção**. 2019. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

NUNES, P. J. A. **Belém, "essa cidade morena": cultura, identidade e literatura na canção popular**. 2018. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

VERGOLINO-HENRY, Anaíza. **O Tambor das Flores: Uma análise da Federação Espírita e Umbandista dos Cultos Afro-Brasileiros do Estado do Pará**. 1976. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1976.

Diretor Geral de Bateria Fabrício Machado (Mestre Fafá)				
Outros Diretores de Bateria Laelcio, Thalles, Rogério Brites, Vitor Medeiros, Vitor Machado, Diogo Sousa, Jakson Ferreira, Leonardo Saleiro, Clewerson Ribeiro e Wallace Sousa.				
Total de Componentes da Bateria 270 (duzentos e setenta)				
NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS				
1ª Marcação 12	2ª Marcação 12	3ª Marcação 14	Curimbo 3	Maraca 3
Caixa 80	Atabaque 2	Tamborim 36	Tan-Tan -	Repinique 36
Prato -	Agogô 24	Cuíca 24	Chocalho 24	Atabaque 0
ESCLARECIMENTO MUSICAL				
<p>A Bateria da Grande Rio se destaca pela cadência precisa e pelo equilíbrio entre seus naipes. Buscamos sempre a excelência musical, garantindo que nosso som chegue limpo e bem definido à cabine julgadora e a toda a Avenida. Para o desfile na Sapucaí, a bateria apresentará quatro paradinhas, cada uma cuidadosamente elaborada para valorizar a afinação e a musicalidade do grupo. Neste ano, também usaremos tambores de Mina, curimbós e maracas para valorizar ainda mais a nossa bateria.</p> <p>Paradinha 1 – “A Mina é Cocoriô”</p> <p>A primeira paradinha começa no verso “A Mina é Cocoriô” e tem como objetivo destacar a conversa entre os instrumentos, além de ressaltar a afinação dos surdos de primeira e segunda. Na segunda parte, os tambores de Mina entram com um toque tradicional do Pará, seguido por uma chamada dos naipes leves e agudos, culminando em uma resposta coletiva da bateria. O fechamento se dá com uma chamada de repique que sinaliza o retorno da bateria ao ritmo original.</p> <p>Paradinha 2 – “Pororoca me leva”</p> <p>Neste trecho do samba, a bateria realiza duas marcações seguidas de um balanço entre surdos de primeira, segunda e terceira. A retomada ocorre com uma marcação precisa de caixas, repiques, agogôs e tamborins, criando um efeito dinâmico e envolvente.</p> <p>Refrão do Meio – Paradinha do Carimbó (“Quatro contas, um cocar”)</p> <p>Essa paradinha é dividida em três partes, podendo ser executadas separadamente ou em sequência.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Primeira parte: A bateria faz um fechamento com rufada de caixas, seguido de uma resposta geral. As terceiras conduzem uma chamada para dobras de caixas e repiques, acompanhadas por tamborins e chocalhos. Após essa parte, o ritmo retoma e finaliza com toda a bateria executando o “Machado”, um elemento rítmico característico da cultura afro. • Segunda parte: Começa com uma chamada de repique, levando à conversa entre os surdos de primeira e segunda. Na frase “Curimba de Babaçuê”, caixas, tamborins e agogôs entram 				

em ação, enfatizando o diálogo entre os surdos com um toque afro dos atabaques. No trecho “baiando no Curimbó”, a bateria executa uma parada de dois tempos, seguido de uma levada típica do Norte na frase “é Doutrina de Santo rodando no meu Carimbó”. Aqui, ocorre uma interação especial entre tamborins, chocalhos, maracas e curimbós, criando um efeito percussivo único antes da retomada do ritmo geral.

- Terceira parte: Após uma sequência de ritmo, a bateria executa o “giro”, deixando a frase “pro mestre batucar a sua fé” livre para o canto da bateria e da Sapucaí. O retorno ao ritmo acontece de forma crescente, com caixas, repiques, tamborins e chocalhos, encerrando com um impacto marcante realizado entre toda a bateria.

Refrão Principal – Quarta e última paradinha

Após o giro, os surdos promovem uma explosão rítmica na frase “É força de caboclo”, seguida por um toque afro de agogôs e atabaques, com marcação de chocalhos. Na sequência, ocorre uma resposta de cinco impactos dos naipes que não participaram da conversa inicial, repetida três vezes antes de um corte total.

A segunda parte do refrão traz uma interação entre as marcações de primeira e segunda, acompanhadas pelos naipes agudos da bateria. Na frase “vodun e orixá”, há um corte seguido de uma chamada de repique, que conduz a uma rufada de caixas na frase “meu povo faz a curva”. A bateria então responde com quatro tempos de impacto coletivo em “faz na gira”.

Os surdos de terceira entram com uma chamada, respondida pelos surdos de primeira e segunda, preparando o retorno ao ritmo. Após um curto breque, a bateria executa um giro, seguido de um impacto único na frase “firma o samba”. A finalização acontece com um impacto duplo na frase “tambor de mina”, e a bateria retoma em uma subida de repiques de bossa na cabeça do samba.

FICHA TÉCNICA**Harmonia****Diretor Geral de Harmonia**

Andrezinho, Cacá Santos, Clayton Bola e Jefferson Guimarães

Outros Diretores de Harmonia

Leandro Jogador, Alex Ramalho, Rodrigo Preto, Igor, Fernando, Ibrahim, Vitor, Parreira, Valadão, Ricardo SP, Rose, Luciana, Vanessa, Fabio, Andreza, Cristina, Julianete, Cesar Rodolfo, Rodolfo Cesar, Paulo Roberto, Vanessa, Ingrid, Deysiane, Jorge Ramos, Jorge Tito, Jorge Tatu, Alan Tito, Mauro Tito, Danielle Fernandes, Danielle Videira, Zelio, Anderson, Dora, Paulo Roberto, Vitor DJ, Ricardo Dias, Roberto, Lucia, Joyce, Ailton, Zulmar, Carlinhos, Diego, Brayan, Willian, Vinivius, Leandro, Roberta e Marcus Vinicius

Total de Componentes da Direção de Harmonia

60 (sessenta)

Puxador(es) do Samba-Enredo

Evandro Malandro

Cantores de Apoio:

- Chalana Cristina Saleiro
- Ruan Paiva
- Carlos Antônio Figueira
- Thiago Alberto de Oliveira
- Amilton Abreu do Nascimento
- Ricardo Augusto S. Guimarães
- Diego Nascimento

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Violão sete cordas - Jorge Luiz Porto Naymaier

Cavaco solo - Marcos Vinícius S. B. Torres

Afinação de Bandolim - Altair Dias Duarte

FICHA TÉCNICA**Evolução**

Diretor Geral de Evolução Thiago Monteiro
Outros Diretores de Evolução Léo Pipino, Valmir, Paulo Banana, Luiz Negão, Pedrinho Naval, Paula, Marinaldo, Sergio, Elenice, Café, Valdete, Mônica, Marília Santos, Walter 59, Adriana, Jailson, Carina Moratelli, Douglas, Geismar, Robson Moratelli, Regina, Nilzinha, Patrick, Paulo 10, Poliana, Renato, Reni, Luiz, Eva, Tatiana, Andersom Godoi, Anita, Anselmo, Antônia, Carlos Silvano, Nunes, Edmea, Luzimar.
Total de Componentes da Direção de Evolução 60 (sessenta)

FICHA TÉCNICA**Comissão de Frente**

Responsável pela Comissão de Frente Beth Bejani e Helio Bejani		
Coreógrafo(a) e Diretor(a) Beth Bejani e Helio Bejani		
Total de Componentes da Comissão de Frente	Mínimo de Componentes	Máximo de Componentes
15 (quinze)	10 (dez)	15 (quinze)
<p>Significado: "Quatro Contas"</p> <p>A composição “Quatro Contas”, de Dona Onete, obra que serve de fio condutor para “Pororocas Parawaras”, inspira a concepção da Comissão de Frente do GRES Acadêmicos do Grande Rio. A música é uma mistura de Carimbó e Doutrina de Tambor de Mina, como a própria artista defende. Ao saudar as suas protetoras, Dona Onete revisita uma das mais extraordinárias histórias transmitidas de geração a geração nos terreiros da Mina paraense: a saga das Princesas Mariana, Jarina e Herondina, profundamente ligada às águas. Contam que as Belas Turcas, como são conhecidas, embarcaram em um navio, fugindo das guerras santas. Em alto mar, o barco enfrenta uma tempestade - o que é narrado na apresentação, quando as Princesas e a tripulação turca são envolvidas pelas águas tempestuosas. Então resplandece o encanto: elas não estavam desprotegidas, nessa travessia, mas guiadas por Tói (ou Toy) Averequete, divindade soberana, que se confunde com a espuma do mar. Averequete, na tradição da Mina, é quem reúne os Encantados, seres que abrem portais e transitam por mundos místicos. Na visão espetacular da Comissão de Frente, ele conduz as Princesas ao Mundo do Encante, uma vez que elas não experenciam a morte física. A sequência da apresentação traduz esse processo de encantamento: as Princesas encontram Jurema e se tornam Caboclas, ou seja, se ajuremam; os turcos se tornam “mineiros” e giram, incorporados; a energia circula em festa, no fundo de um igarapé. As águas salgadas do mar bravio ganham a doçura das águas dos encantos de Dona Onete: são as águas da Amazônia, as “águas de Nazaré”. A concepção cênica de figurinos, adereços e elementos alegóricos funde a tradição dos mosaicos e da ourivesaria dos sultanatos com obras de arte do chão paraense – como a mandala que simboliza os rios e igarapés do Pará, observável no piso do Teatro da Paz. Notam-se, ainda, referências à sofisticada artesanaria com fibras vegetais. Pedindo bênçãos e espalhando o axé, a Grande Rio pisa forte na Avenida e convida o público a um mergulho profundo e poético, híbrido e sincrético, poderoso como as pororocas. Feitiçaria Parawara!</p> <p><u>Ficha Técnica da Comissão de Frente:</u></p> <p>Elenco:</p> <p>1 - Dam Fernandes</p> <p>2 - Emilly Lima</p>		

3 - Erick Simões (ensaiador)

4 - Thassia Cabral

5 - Bruno Quixotte

6 - Luidy Trindade

7 - Murillo Atalaia

8 - Ale Teixeira

9 - Yuri Costa

10 - Aly Moreira (ensaiador)

11 - Robert Chagas

12 - Rodrigo Bahiano

13 - Laís Ribeiro

14 - Maycon Lima

15 - Jéssica Amendola

16 - Déia Rocha

17- Tabata Salles

18- Matheus Renan

Equipe:

1 - Alexandre Ferreira (Produção)

2 - Gabriel Pessoa (Produção)

3 - Jhon Gomes (Produção)

4 - Márcio Paulino (Figurinos)

5 - Alex Rangel (Assistente)

6 - Jovanna Souza (Cenografia)

7- Paulo Ornellas (Iluminação)

As Águas dos meus Encantos

1º Casal

Nome da Porta-bandeira: Taciana Couto**Nome do Mestre-sala:** Daniel Werneck**1ª Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira****Nome da Fantasia:** As Águas dos meus Encantos**Criação do Figurino:** Gabriel Haddad e Leonardo Bora**Confecção:** Atelier Aquarela Carioca**Representação:**

O início de “Quatro Contas”, composição de Dona Onete que exalta as Princesas Turcas (Mariana, Herondina e Jarina) e a Cabocla Jurema, nos conduz pelas águas onde os Encantados bailam e a energia ancestral pulsa, vibra e cintila. A fonte da vida – sem água não há ritos, mitos, transformações. Daniel Werneck e Taciana Couto representam a magia que conduz o pavilhão da escola caxiense aos portais da Encantaria. Nobreza submarina, realeza que flutua. As tonalidades esverdeadas (mistura de verde água, verde esmeralda, *tiffany* e turquesa) e os materiais decorativos tem por inspiração peças de joalheria confeccionadas com pérolas, conchas, algas e escamas: conta a tradição da Pajelança que é um peixe iluminado o ser que permite o trânsito entre o mundo real e o Mundo do Encante. Os nossos sereianos bailam, altivos, guardando a certeza da perpetuação do Samba, oceano que se renova, e a sutileza das misturas – ondas que giram e encantam o público, feito as sereias dos Carimbós. Afinal, como cantou Mestre Verequete... “da cintura pra baixo eu sou peixe, da cintura pra cima eu sou gente!”

Matinta Perera e Rasga-Mortalha

2º Casal

Nome da Porta-bandeira: Thauany Xavier

Nome do Mestre-sala: Andrey Ricardo



2ª Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Nome da Fantasia: Matinta Perera e Rasga-Mortalha

Criação do Figurino: Gabriel Haddad e Leonardo Bora

Confecção: Atelier Aquarela Carioca

Representação:

O sortilégio paira no ar! O segundo casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira da Grande Rio, nas cores da escola, representa o fascínio provocado por dois seres encantados que adquirem a forma de corujas: Matinta Perera e Rasga-Mortalha. Matinta é uma personagem muito expressiva, cujos arquétipos levantam discussões sobre feminilidade e bruxaria – dizem que é uma velha que pede fumo aos passantes, transformando-se em ave de rapina, nas noites de lua cheia. Rasga-Mortalha é um ser temido, uma vez que o seu piar seria o prelúdio de um mau agouro - ou mesmo da morte (daí o nome tão poderoso).

O que o enredo conta, no entanto, é que só devem temer os Encantados aqueles que não se mostram abertos a compreendê-los. Matinta e Rasga-Mortalha também são protetores da floresta, defensores dos bichos, das árvores e das águas, afugentando apenas quem pretende violar o Reino da Encantaria.

G.R.E.S. Portela



G.R.E.S.
PORTELA®

PRESIDENTE

Fabio Pavão

Cantar será buscar o caminho que vai dar no Sol - uma homenagem a Milton Nascimento



Carnavalesco

André Rodrigues e Antônio Gonzaga

HISTÓRICO DO ENREDO

Sinopse do enredo

Prelúdio

A boa-nova corria amiúde nas vozes do povo e se espalhava pela teimosa madrugada de Oswaldo Cruz e Madureira como algo a lhes trazer alegria, um sonho e um rumo. As televisões das casas exibiam uma dessas atrações, bonitas até, que discorrem sobre a cultura de algum lugar do Brasil; até que, lá fora, ouviu-se o grande chamado. O sossego daquela madrugada seria inundado pela fé dos que chegavam trazendo a reza aprendida na casa centenária que Paulo inventou.

As ruas do subúrbio carioca, vazias até então, começavam a receber aquela gente tão familiar, que murmurava versos tão conhecidos, trazidos do fundo de seus corações. Ao ouvirem o sinal altaneiro, despertaram para o sonho mais belo e profundo que poderiam ter, e sabiam exatamente o que fazer, pois haviam se preparado para ele durante uma vida inteira. Sabiam também que o chamamento vinha do terreiro secular das mais lindas melodias, território fundamental do panteão da música brasileira, um quilombo majestoso que pela primeira vez faria uma homenagem a alguém em vida. Tinham a alma bendita pela brisa do amanhecer, e a certeza de que a divindade que soprava este vento chamava-se música. Naquele momento, tomava forma um canto de alegria no ar.

À primeira vista, tudo parecia em seu lugar. Uma vizinhança que acordava aos poucos, gente habituada a sair para um dia inteiro de trabalho que lhes permitisse vida de gente levar, mas que dessa vez estaria ali cantando os sonhos do povo e o coração do cantor. O sol que nascia marcava as paredes das casas, adornadas pelas marcas do tempo e por um azul infinito como o do céu.

Tiraram seus sapatos bicolores do armário, calça vincada, camisa alinhada, anéis e cordões, aquele brinco de águia; tudo estava no lugar. Pegaram seus paletós, puseram os chapéus nas cabeças. Não precisavam dizer nada: a Portela estava na rua. E, depois daquele dia, nada seria como antes.

Alvorada das nossas lembranças

Ato 1: Aquela manhã

A alvorada servia como dourada moldura para os versos entoados por quem ia se arrumando. Enquanto cantavam, ouviam; e, assim, reconheciam-se uns nos outros como devotos a adorar Milton Nascimento, a voz de Deus e de melodiosas canções a murmurarem em seus corações, e assim foram à rua. Enquanto tomavam as calçadas de esperança por Bituca, já o imaginavam brilhando feito o Sol, e a partir dessa quimera iam se juntando. Imbuídos de uma missão almejada há tanto tempo, se vestiram majestosamente e engalanaram uma grande cruzada para partirem em uma procissão até ele. Queriam e precisavam encontrá-lo.

Zelosos, puseram São Sebastião e Nossa Senhora da Conceição, os padroeiros da Portela, à frente da romaria que estava prestes a começar. O casal santo girava em consagração à Iyá centenária,

guardado pelos senhores dignificados a proteger o axé portelense. A estrada seria longa, como se veria depois, mas estavam protegidos. Sabiam disso.

E sabiam porque, para além dos santos da casa, também seriam amparados e guiados pela imponência da Águia sagrada, símbolo maior da devoção portelense e conhecedora de todos os caminhos dispostos ao alcance da luz. Seu brado espantava os maus presságios, e o alcance de suas asas fazia o povo mirar o futuro, os passos da romaria e a luz do Sol que os esperava no fim da jornada. Aquela presença altaneira deu a seus seguidores um brilho de paixão e fé de obediência cega para a travessia; por tudo isso, estavam prontos. E assim partiram.

Estandartes, tambores, tantas vozes, negro tom. A epopeia da Portela alvorecia uma esperança incontida, que transbordava em cada gesto daqueles romeiros. E diante da irresistível vontade de agradecer a Bituca por uma vida tão bonita, a procissão do samba resolveu levar até ele tudo o que pudesse ser importante e valioso para aquelas pessoas, todas inspiradas pela enormidade suburbana que tornou a Portela o que ela é. A pé ou montados em burrinhos, como os cavaleiros sacro-suburbanos que esqueceram o medo, aquela era uma caravana feita de uma gente de peito aberto, disposta a se encontrar diante da luz tão ansiada. Assim, traziam ofertas, promessas e presentes, depositados em andores brilhosos de tanto amor.

E o primeiro deles, tracionado por vultosos cavalos, reluzia a luz dourada da manhã e o azul portelense. Refletia também linhas e cores das ruas de Oswaldo Cruz e Madureira, estampadas nos azulejos seculares de suas fachadas e nas flores e plantas de seus quintais e altares, que trazem beleza, sorte e proteção à sua gente. Em mais um ato de fé, os peregrinos puseram o seu andor sob a proteção de seus ancestrais, os mais velhos que deram molde e história àquele colosso centenário, consagrando-o também às imagens dos santos portelenses que trariam conforto à multidão antes de causar contentamento ao anjo negro que estavam indo encontrar. Já não podiam parar.

Alma em cantoria

Ato 2: Sol a pino

E não parariam tão cedo. Movidos pela euforia dos encontros, os peregrinos tinham, em cada esquina, mais e mais razões para seguirem em frente – para além de sua própria fé na travessia, em Bituca e na Portela. Numa dessas paragens, com o dia alto no céu, os romeiros contemplaram a chegada dos mercadores de sonhos, vendedores que ofertavam seus desejos em troca de um caminho feliz. E qual caminho poderia ser mais afortunado do que aquele que dará no Sol? Assim, esses negociantes de sonhos encontravam tanta gente disposta a compartilhar o máximo de sonhos musicados, tantos quantos fossem possíveis, pois estavam ali em nome de Milton Nascimento, a imagem da música em sua negra e esplendorosa existência.

Pois era isso. A poesia se revelava na alegria de quem chegava à procissão e via seus sonhos reconhecidos no outro, o que lhes dava ainda mais entusiasmo para irem além, passo a passo, em uma festança vivida na andadura de curvas e retas de tantas cores. Encaravam aquele exercício de fé como algo que pudesse redimi-los da dor, ou aliviá-los da saudade, ou fazê-los reviver tempos felizes. Acima de tudo, cantavam e cantavam em busca do alento da voz divina que ouviam desde as primeiras lembranças de suas vidas, ansiosos pelo conforto que a luz desse Sol lhes traria, e por tudo isso eles o buscariam onde fosse. Viam o anseio por Milton ganhar cor a cada verso; afinal, ainda tinham sonhos – e sonhos não envelhecem.

A luz do dia, intensa e ardente, atribuía um colorido lúdico à multidão, que transcendeu de felicidade, ao vislumbrar nuvens que dançavam enquanto escondiam e revelavam o sol, e de júbilo, ao foliar com o trenzinho azul que era exibido em um campo repleto de girassóis. Nuvem, pó, poeira, ventania, o trem azul, o sol a girar na cabeça. Vem a tarde, vão-se as dores, e o rio de asfalto, barro e gente sequer parecia real; mas estava tudo ali, ao alcance dos olhos de todos, e assim os peregrinos continuavam, arrebatados por um dia que seguia seu curso poético, luminoso e inusual.

A fábula portelense rumo ao Sol compunha-se de riquezas de não se medir, e bastava contar compasso e olhar em volta para entender. Em meio ao mar de festa, uma desmedida exuberância se derramava das saias das senhoras portelenses, que estavam ali em nome de tantas outras mulheres que mantinham a estranha mania de ter fé na vida, em si mesmas e na capacidade humana de idear um futuro mais bonito, onde as memórias infantis voltem a fazer sentido. Pois melhor é o mundo em que um andor para Bituca possa ser alindado e conduzido por seres que brincam, que se enfeitam, se colorem e dançam entre as fitas que seguem o vento, tudo sob a égide de um coração coroadado e das lembranças de um Milton amoroso e amável. Em volta dele, todo tipo de gente sonhava e seguia confiando no amor que, definitivamente, sempre valerá a pena.

E as raízes se juntaram

Ato 3: Entardecer

A procissão avançava, inevitável como o curso do tempo, e os versos da voz de Deus cantados ao arrebol atraíam novos povos para a estrada de fé. No horizonte, o sol poente fazia o céu se fundir à terra, conferindo ao poveréu multicolor um filtro terroso e singular. Os viajantes que iam tocando as margens da romaria traziam nos corpos a poeira da terra que, para além de um chão, lhes conferia identidade, pois dela retiram seu sustento, sua ancestralidade, por ela rezam, a ela invocam, e para que a terra siga existindo, é por ela que lutam, e sangram, e resistem. E insistem.

Incensados por Milton em tantos momentos, os povos originários ouviram, de seus territórios, o canto em exaltação a quem tanto os defendeu. Por isso, decidiram romper distâncias para cumprir a andança em sua homenagem, para somar ao coro daquelas gentes os versos sobre si mesmos. Devotos da natureza, estavam ali para louvar o Sol, formando uma correnteza de gente que não parava de fluir. Chegavam de perto e de longe, por terra ou descendo rios, do interior de florestas, margeando estradas, de montanhas e planícies, de tudo que é jeito. As vestimentas, adornos corporais e pinturas que ostentavam se misturavam ao pó de terra que carregavam desde o primeiro passo, marcando as diferenças culturais entre povos que são um só, mas não são apenas um.

Os yanomami, população ancestral e monumento de resistência, os avá-canoeiro, guerreiros que usam o isolamento da floresta como proteção, e os ribeirinhos, que extraem dos seus pedaços de terra talhados pelas águas toda a vida em abundância, foram reconhecidos por Bituca como os verdadeiros donos deste chão, e estes o reconheceram de volta como aquela mão, aquela paz, o amor humano que chegou em resposta à ação branca, razão de tanta dor. As vozes da terra encorpam a cantoria portelense com outros tons, e o fim da tarde coloria as danças indígenas, agora unidas a tantas outras, todas em respeito e louvor ao anjo negro das Geraes.

E de onde vinha essa coisa tão crua que os pôs no meio da rua? A beleza idílica da marcha do povo retinha a esperança, a utopia e a resistência acumuladas a tantos passos, e o caminho até o Sol faria ainda mais. A força, a magia, a santa maldita euforia, signos que brotam do chão a cada movimento de uma dança tão vigorosa, marcavam o advento dos povos aquilombados em sua própria história. Os batuques sincopados da Portela anunciavam a chegada da excelência negra à procissão, fruto da

luta secular por identidade e pela manutenção da própria existência. Evocavam a dança aprendida desde outro continente, há tantas gerações, e usavam os toques dos tambores para o chamamento pela fé inquebrantável daquelas pessoas em seus deuses.

E em suas deusas, como a santa preta de Palmares, entidade de luz do povo negro que faria Palmares de novo, em honra de quem os ensinou a lutar pela Palmares do povo! “Palmares de novo!”, exclamavam, incorporados pelo Cristo negro, a bênção auferida pelo povo deportado, humilhado, marginalizado nos cais, nas favelas e até nos altares, mas que estava ali em nome de Milton e da própria redenção. Eram à imagem e semelhança de Bituca, se reconheciam nele, e isso lhes trouxe uma emoção ardorosa, que consentiram exprimir através dos sons percussivos extraídos do couro que aludiam à sagrada lembrança da voz de Deus.

A vida transbordava em cada prece, em cada canto, em cada sonho daqueles peregrinos. Escorria e inundava o solo em que pisavam, entidade viva e generosa a ser defendida pelas populações indígenas, ribeirinhas e quilombolas com devoção absoluta. As nações originárias e diaspóricas estavam ali para ensinar que a terra, revolvida em seu cio divino com tanto amor e por quem a conhece tão profundamente, retornará o fruto a quem assimila seus segredos. Naquele fim de tarde do qual jamais se esqueceriam, celebravam a fertilidade, resultado indubitável da sacralidade contida na relação entre a terra e seus protetores, e também o inelutável encontro com o Sol no fim da jornada.

E assim, inspirados pela própria suntuosidade, os romeiros ergueram um andor em consagração a Oxalá, o orixá funfun detentor da essência da criação, o mesmo que fez da terra o homem, que soprou e deu vida ao que vinha do chão. Conduzido pelo igbin, o seu símbolo sagrado, o altar para a divindade primordial foi banhado por sua luz, brilho que irradiou até onde a vista pudesse alcançar. Por um instante, o pôr-do-sol no horizonte foi tocado pelo axé do rei do pano branco, dono da cabeça de Milton, em graças ao anjo negro que estavam para encontrar, e em festa pela travessia cumprida por tantas pessoas até ali.

O que elas não sabiam é que, logo a seguir, aquelas lembranças também passariam a servir como conforto pelo que as esperava na curva seguinte. Deleitados pela opulência do branco de Oxalá e imersos na expectativa do encontro com o Sol, os fiéis portelenses entoavam promessas para a apoteose tão sonhada, todos alheios ao tempo que estava prestes a anoitecer.

Num milagre ser farol e continuar

Ato 4: Noite

Com o crepúsculo gerado pelo ocaso do sol, um cavaleiro marginal despontou no horizonte e se colocou diante do assombro estampado nos rostos dos romeiros. Conhecedor do lado oculto dos homens e dos segredos da noite, o mensageiro estava ali para alertar os sonhadores sobre os perigos escondidos nas curvas do caminho, agora tomado por nuvens que ameaçavam a esperança da multidão.

Invadida por um apreensivo silêncio, a travessia passaria pela sua maior provação. Com o início do temporal, o vozerio feliz de outrora deu lugar à voz solitária e sussurrada do experiente cavaleiro, que rogava por proteção contra as cores mórbidas da sordidez humana e para que a chegada até o altar de Milton ainda fosse possível. Mesmo assustados diante de uma estrada fria, chuvosa e desconhecida, os peregrinos decidiram seguir, pois tinham, acima de tudo, a fé no lume do sorriso do anjo negro que os esperava e nas canções que ainda ressoavam em seus ouvidos.

Em resposta às tribulações, e ansiosos pela chance de um futuro no novo mundo que teriam diante do fulgor de Bituca, resolveram desafiar o vazio presente no escuro. Ergueram seus estandartes, acenderam velas e lampiões, protegendo a chama da água que caía sem trégua, e cantaram, cantaram muito, feito reza, para que o sonho teimoso ainda pudesse se realizar. Mantiveram o passo firme, sempre em frente, mesmo com os corpos pesados de água, medo e cansaço.

Mas tanta dureza fez os peregrinos revisitarem dores e traumas até então guardados na parte mais profunda de seus corações. A lembrança dos ausentes seria inevitável, e ali, naquela curva da história, quem ficou soluçava por quem não suportou as noites, nem os temporais da vida. Dobraram-se de saudade por quem voou e hoje resiste apenas na memória e na saudade, essa invenção tão bonita quanto dolorosa que o coração guarda trancado a sete chaves, à sua maneira, e usa a própria voz para contar.

Diante disso, os desaparecidos da vida daqueles andantes viraram luz. Seus nomes ganharam o mundo mais uma vez, agora como anjos consagrados pela procissão, pois nem eles poderiam se desviar do caminho do Sol. A insuportável dor sentida ao desejar o abraço de quem não existe mais se transformou em conforto para aquelas pessoas, tamanha era a certeza da redenção – e do reencontro. Em lágrimas, os amores cantavam para seus anjos que, qualquer dia, eles voltariam a se encontrar. E seguiram em frente.

Foi quando ouviram a voz de um trovador. Dono de um canto incessante, de melodia invariável, era um homem que se destacava entre o peso das densas nuvens e as asas do mau agouro. Falava a língua do povo, o compreendia em toda sua complexidade, conhecia seus anseios e parecia saber que rumo tomar diante do impossível, e, por isso, chamou a atenção da multidão, que cada vez mais parecia querer ouvi-lo. O medo que pairava sobre aquelas gentes começava a se dissipar diante da postura inabalável do menestrel, e a esperança se refez.

Pois foi ali que perceberam que, mesmo sob a dor da saudade e diante dos riscos da escuridão, resistia na boca da noite um gosto de Sol. A esperança era restabelecida no florescer da juventude, cujas novas folhas mantinham o tronco da vida firme e enraizado, como a natureza ensinou. “Quero falar de uma coisa”, diziam, do alto da confiança de quem ainda tem um mundo inteiro a conhecer, e aí falaram. As novas formas de expressar os sentimentos que a noite insistia em esconder reacenderam a multidão, que já percebia a nova aurora cada vez mais perto.

E os viajantes reforçaram a certeza de que tudo mudaria após aportarem no cais inventado para resistir aos perigos da noite. Dele, avistaram a lua, de brancura nívea e cândida devido às saudades que os sonhadores sentiam dos anjos de suas lembranças, e estes, por sua vez, estavam ali para acompanhar o barco que lhes serviria de andor em direção ao Sol, navegando sob um mar de céu e estrelas, prenúncio de uma manhã ensolarada.

Quando vislumbraram os primeiros raios de sol, perceberam que a chuva finalmente se desfez. Era a hora do revide contra a tirania dos que fizeram a noite do povo durar tanto tempo, tempo demais. O caminho até ali havia sido tão poderoso quanto atribulado: soltaram a voz nas estradas, tiveram esperança, sonharam, celebraram, fizeram festa, revisitaram traumas. Andaram, andaram e andaram, tudo para contemplar o nascer daquele novo dia.

E os traços solares de Milton Nascimento já podiam ser vistos. Vinda de tão longe, a marcha do povo estava prestes a conseguir. Chegou a hora do encontro com o futuro.

Anjo negro é o Sol que faz a Portela cantar

Ato 5: Amanhecer

Um, dois, cem... mil tambores de Minas anunciavam que aquele novo dia, mais um dia que nascia, não era um dia qualquer. Os sons do candombe da África mineira reverberavam nas montanhas das Geraes e tornavam a chegada da Portela à morada do Sol ainda mais imponente. A partir dali, mesmo após um dia inteiro de estrada, passando por tantas curvas, com as almas repletas de chão e ainda marcadas pela noite recém-terminada, os romeiros esqueceram o cansaço. Mais do que sentido, o Sol tão ansiado já podia ser ouvido, através de uma melodia límpida e mântica que enfeitiçou a procissão. “Chegamos”, sussurravam os sonhadores, quase sem dizer, como se ainda não fosse possível acreditar em tamanha sorte.

Os vales mineiros que guarneciam o anjo negro eram habitados por uma gente que se vestiu de festa para receber os andarilhos às portas do êxtase. Agradecidos pela visita, os guardiões do altar de Milton decidiram mostrar aos novos amigos do que aquela terra era feita, e assim a cidade inteira se enfeitou para ver a alegria que chegou, velho, moço, criança, senhoras e meninas, gente de todo tipo. Três Pontas correu pra ver quem era aquela imensidão azul.

Os peregrinos iam ocupando a cidade, que, comovida, mostrava a vivacidade de suas cores à romaria e o orgulho do menino do lugar. Os viajantes se emocionaram ainda mais quando foram apresentados aos festejos e às memórias da eterna criança Bituca, e ali puderam perceber bem de perto de onde Milton vem. E porque ele, sempre que vai, volta.

O colorido das festas interioranas deixaram a procissão portelense ainda mais vivente. Os romeiros se misturaram à cidade de modo a se tornarem, eles e os trespontanos, um único mundo em graça, e a intensidade daquele dia de sonho deu à procissão um profundo sentimento de gratidão. Sabiam que a recompensa no fim da jornada, o encontro com o Sol, seria inesquecível, mas o que viviam até ali já estava sendo muito além do que sonharam. Percorreram uma estrada inteira sem darem um único passo para trás. Confiaram no encontro com o Sol como a reviravolta da dor, a invenção de um novo mundo, onde o horror e a maldade não cabem mais.

Diante do oratório mineiro, reiteraram as promessas e os pedidos feitos com tanta fé. Aos poucos, foram percebendo suas peles, e suas vestes, refletirem uma luz dourada cintilante e única. Aquela voz divina e modulada que eles conheciam tão bem nunca esteve tão perto. Ergueram os olhos para confirmar que sim, era ele. Estavam diante dele.

Milton Nascimento, o anjo negro do seu povo, reluzia de seu trono. Em um traje branco como as vestes de Oxalá, sorria e acenava para a multidão, que parecia em transe diante do que via. Todos em volta acenavam como se quisessem uma prova inequívoca de que aquilo era real. Registravam cada instante e rogavam aos céus para que a memória daquele sonho realizado jamais os abandonasse. De seu trono, o Sol parecia ainda mais brilhante. Festejado como se deve, adorado como merece, dignificado como nasceu para ser. Podiam senti-lo, enxergavam-se nele.

A travessia azul se banhou do ouro solar, o futuro chegou e a profecia finalmente se fez. A procissão da majestosa Portela cumpriu o caminho que deu no Sol para fazer o seu divino carnaval, o mais solar de todos, onde Candeia é chama e fundamento. Viva o brilho triunfal de Bituca nos corações do povo.

Epílogo

Louvado seja o menino, o homem, o artista, a divindade. Bituca, Milton, o anjo negro, a voz de Deus. Gratos ao tempo e à glória alcançada, os portelenses faziam a sua grande festa, apoteose sonhada desde dias nublados e desalentados. Ainda que tardia, a liberdade tecida na imaginação daquelas gentes finalmente vibrava desde o recanto mais profundo de suas almas, tomando o ar até tocar o céu. Demorou mais do que deveria, mas o tempo de expiação teve fim.

O arrastão de felicidade sucedido pela procissão se revelava como a maravilha de aquarela que surgiu e que parecia feita para ser eterna. A multidão sentia os corações acelerados de alegria e as vistas embaçadas de emoção, todos agora diante do Sol mais bonito que seus olhos já viram, o encontro definitivo com a beleza da vida. A estrada fez o sonho acontecer e eternizar o amor como instrumento coletivo de consagração a todas as vozes de Milton Nascimento.

E ia o povo na rua cantando, cantando, cantando. E cantando.

Autores do Enredo

André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Autores dos Textos do Enredo

André Rodrigues, Antônio Gonzaga e Marcelo David Macedo

Elaboradores do Roteiro do Desfile

André Rodrigues, Antônio Gonzaga e Marcelo David Macedo

Pesquisa de Enredo

Marcelo David Macedo

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

Nossa querida e majestosa Portela, centenária Escola de Samba, é do patamar das instituições de cultura deste país que fundaram, inventaram e formaram jeitos de ser brasileiro.

Considerando sua origem, o seu terreiro, criado pelo compositor, artista e articulador Paulo da Portela, foi e é o mais importante chão para a música popular brasileira. Dali, sempre honrando seu fundador, saíram as mais marcantes canções do gênero samba e também os grandes gênios compositores e intérpretes da MPB, que deram a cara musical que hoje identifica esta nação.

É da música para a música, uma conversa entre corações e acordes.

Do outro lado, na mesma direção, existe este artista brasileiro que atravessou algumas gerações percorrendo diferentes trilhas, caminhos e estradas, com o objetivo de levar suas mensagens até o inconsciente emocional de cada brasileiro, que traduz e ressignifica suas canções fazendo com que elas tenham um sentido único a cada pessoa, que se baseia em seus sentimentos mais íntimos, de acordo com a emoção que lhe é acionada a cada escuta. Não à toa, Milton foi alcunhado como “a voz de Deus”.

Um artista com esta magnitude de alcance do seu dom, intelecto e importância de trabalho merece ser mais uma vez homenageado no maior palco da cultura brasileira, pleno com seus 82 anos de idade, representado pela maior instituição deste movimento.

A Portela, que nunca fez um enredo em homenagem a uma pessoa ainda em vida, reconhece todos os predicados que fazem de Milton Nascimento o ícone perfeito e ideal nesta quebra de paradigma particular para a escola, o que consequentemente justificou sua escolha como tema para o carnaval de 2025.

O maior terreiro da música mais popular do Brasil reverencia o trabalho e o legado de Bituca através de um enredo que interpreta as semióticas de suas canções em uma produção carnavalesca, imaginada e sonhada como um conto metafórico.

O conciso e ficcional conto apresenta uma narrativa de início, meio e fim marcados por um único objetivo: homenagear Milton Nascimento. E utiliza o deslocamento do povo como fio para a sequência de eventos que constroem este enredo.

Sonhando e carnavalizando através destas metáforas, estes eventos vão brincando de se entrelaçar no decorrer do dia, acompanhando os passos do sol e enfrentando como maior desafio a sua ausência, tendo como maior esperança o seu retorno. Retorno este que confunde entre os raios de uma nova manhã, os astros; assim, Milton é o próprio Sol, que durante o percurso os acompanha de maneira etérea, até a chegada em seu encontro físico.

Cantar ~~era~~ será buscar o caminho que vai dar no sol

A letra original de “Nos bailes da vida”, composta por Fernando Brant e Milton Nascimento, é uma homenagem à trajetória dos artistas, especialmente músicos, que percorrem caminhos muitas vezes

árduos em busca de seu espaço e reconhecimento. A canção também aborda a persistência e a paixão pela arte. O verso “cantar era buscar o caminho que vai dar no sol” sugere a busca por esperança e sucesso, apesar das dificuldades enfrentadas. A canção evoca a memória de tempos mais simples e alegres, onde a paixão pela música fazia com que qualquer distância ou desafio parecesse menor, sentimento este usado para o desenvolvimento das imagens para o desfile.

Por fim, a composição destaca a conexão entre o artista e o público. “Todo artista tem de ir aonde o povo está” é uma máxima que ressalta a importância de se aproximar das pessoas, de compartilhar a arte com elas, independentemente das circunstâncias. A arte é vista como um disfarce e um alívio para as adversidades da vida, um meio pelo qual o artista não se cansa de viver ou de expressar sua essência, e este sacrifício é reconhecido pelos devotos da música na narrativa da Iyá centenária, a Portela.

Esta foi a canção usada como base, invertendo sua lógica para a criação do conto ficcional deste enredo, onde um de seus versos foi subvertido para ser o título desta saga consagratória. Ao recriá-lo como “*Cantar será buscar o caminho que vai dar no Sol*”, a Portela intitula a saga do seu povo que, em romaria (procissão, peregrinação, cortejo, etc.), se desloca de Madureira, seguindo os cantos do anjo negro e guiado pela Águia, até o encontro com Milton Nascimento na sua Minas Gerais. E que faz isso em respeito ao artista que teceu sua longa e gloriosa jornada, merecendo o respeito e o reconhecimento por tantas vezes ter andado por este país indo até o povo, e que, agora, sentado em seu trono, o aguarda para ser reverenciado.

E o caminho?

Como ainda diz a canção, “*para cantar nada era longe, tudo tão bom...*” e é cantando as músicas de Milton que, no enredo deste conto, a Portela se encontra com mais e mais súditos do artista solar, pessoas que, ao saberem de seu destino, se juntam à procissão e pegam a estrada ao lado do povo do samba, buscando expressar sua gratidão e suas essências que por anos e anos foram moldadas pela identificação na arte de Bituca. A Majestade, escola do despertar do amanhecer, junta a multidão pelo caminho e nos conta, de acordo com o momento do dia, quem estava por chegar, atitude muito parecida também com seu artista homenageado, pois Milton é homem das grandes parcerias e dos encontros, que celebra o outro e o amor pelo humano.

Após sair de Madureira, encontra no caminho, ainda com sol a pino, aqueles mais sonhadores e emocionados, todos decididos a levar suas emoções ao artista. No entardecer, juntam-se ao cortejo os mais identitários, que celebram na arte de Milton suas referências e suas vozes na voz do anjo negro. A noite, já sem o sol, traz aqueles que tiveram nas canções de Bituca a esperança de um novo dia, a reviravolta da dor. E o nascer de um novo dia desperta com os tambores na chegada a Minas Gerais, festejando e cantando os versos de músicas feitas para seu lugar, que apresenta-se à peregrinação portelense e a leva onde repousa seu maior astro, no trono do Sol.

Para cada grupo ou momento que se juntam ao cortejo, uma música é celebrada ou ressignificada para a obra do enredo. Não à toa, cada nomeação de ala ou elemento do desfile é trecho destas canções, como se o verso estivesse sendo cantado pelo grupo referido, seguindo assim a lógica da construção da narrativa do desfile que diz que “*Cantar será buscar o caminho*”. E as alegorias? Como o desfile retrata a procissão da Portela até Milton Nascimento, cada alegoria (até a chegada no altar do Sol) vislumbra-se como um andor, que fora preparado pelos populares em homenagem ao cantor e compositor. Ora tracionados, carregados ou empurrados, tanto faz, foi o povo quem fez; e só um povo que faz um espetáculo como o desfile das escolas de samba seria capaz de criar tamanhos andores que desafiam a lógica e se propõem a ser do tamanho do sonho de cada um.

É hora de sentirem este conto, seja no texto, no samba, com a bateria ou com o povo, no mágico momento deste desfile. Encantem-se e descubram através das metáforas o que foi real e o que foi imaginado, deixem-se levar, redescubram a Portela, elevem Milton Nascimento, vibrem com o povo, sejam eles, e venham no arrastão da consagração do artista brasileiro, este sim, o caminho do Sol.

Autores do Enredo

André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Autores dos Textos do Enredo

André Rodrigues, Antônio Gonzaga e Marcelo David Macedo

Elaboradores do Roteiro do Desfile

André Rodrigues, Antônio Gonzaga e Marcelo David Macedo

Pesquisa de Enredo

Marcelo David Macedo

PESQUISA

O chamado do GRES Portela à sua gente ecoa pelos subúrbios, avança pelo país e se instala como farol para o mundo, aceno imponente e acolhedor como o voo perene da Águia sagrada de Oswaldo Cruz e Madureira. Para o carnaval de 2025, a proposta portelense é reverenciar um dos artistas fundamentais da cultura brasileira, rebento interiorano que se tornou gênio mundial: Milton Silva Campos do Nascimento, que surgiu como Bituca e se tornou a voz de Deus e dos corações de um Brasil inteiro.

E se a Kehinde do tocante desfile portelense de 2024 bendisse os caminhos de “Um defeito de cor” ao dizer que “não há coincidências nesta história; o destino tudo traçou”, este ensinamento seguiu fazendo morada em cada um de nós durante a pesquisa para o cortejo de 2025. São os novos caminhos abertos pelo azul da majestosa Iyá centenária e pelo branco luzente de Oxalufã, o orixá funfun condutor dos caminhos de Milton Nascimento, que darão nas emoções de um povo que parte de Madureira de novo a sonhar – pois é preciso ter sonho sempre.

Sendo o desfile da Portela uma procissão que parte de seu chão até encontrar o Sol – e, no caso, o Sol é Milton –, é imperioso entender que todo o processo de pesquisa para a construção deste enredo também se derrama como uma romaria. Cada passo dado em direção à luz tão sonhada pelos portelenses é marcado por amor e muita fé no que une ambos, Milton e Portela, como expressões inefáveis de enormidade – e fortemente influenciadas por signos em comum, como o catolicismo negro.

O enredo portelense para 2025 não obedece a um critério biográfico tradicional, planejado para apresentar a história do biografado como “vida e obra” no desfile. Por mais que a pesquisa por vezes adquira esse caráter, ela serve à equipe de criação da Portela como um pilar de sustentação para a produção de uma história original: uma procissão iniciada pelos portelenses e composta por pessoas do país inteiro, todas movidas pela lembrança de um verso ou por qualquer sentimento causado pela arte de Milton, e que percorre ruas e estradas durante um dia inteiro até encontrá-lo. Assim, cada ala e cada alegoria do cortejo têm como inspiração letra e melodia de uma canção do homenageado, formando um relicário colorido e emotivo a desaguar na Marquês de Sapucaí, a rua mais importante do mundo, na terceira noite de desfiles do Grupo Especial do carnaval do Rio de Janeiro.

Logo, se cada ala representa as pessoas atraídas por uma música feita ou cantada pela voz de Deus, cada alegoria é um andor enfeitado como uma oferta do povo ao anjo negro que sonham encontrar. Para isso, num ofício de escuta cumprido com tanta alegria, por tanto amor, por tanta emoção, visitamos toda a discografia de Milton Nascimento, desde “Travessia” (1967), seu álbum de estreia, até o recente “Milton + esperanza” (2024).

Além das músicas cantadas pelas vozes do povo, os atos do desfile da Portela também se desenvolveram a partir de uma bibliografia bastante diversa, que vai desde textos acadêmicos, como “Quatro décadas de ‘Minas’ e ‘Geraes’. A dimensão política da obra de Milton Nascimento”, de Emerson Ike Coan, que dissecou o viés político e desafiador de letras e melodias de Bituca, e “Cantos de trabalho e linhas de fuga em Milton Nascimento”, de Roniere Menezes, que versa sobre as canções de Milton que falam da relação homem-trabalho, chegando até as obras literárias sobre o Clube da Esquina, movimento de músicos de Minas Gerais que combinou sons interioranos e do mundo inteiro para refazer os caminhos da música brasileira. Nessa linha, visitamos “Milton

Nascimento e Lô Borges: Clube da Esquina”, de Paulo Thiago de Mello, e “Os sonhos não envelhecem: histórias do Clube da Esquina”, de Márcio Borges, amigo e principal parceiro de composição de Bituca.

E para marcar tantos passos e vozes nas estradas derramadas do azul portelense, também caminhamos para entender Milton Nascimento enquanto existência. Por trás do gênio, havia uma esfinge a ser decifrada, bonita travessia que cumprimos a partir da leitura de “A música de Milton Nascimento”, de Chico Amaral, e “Milton Nascimento: letras, histórias e canções”, de Danilo Nuha, além de “De onde vem essa força: histórias da família Nascimento de Minas para o mundo”, de Vilma Nascimento, Jary Cardoso e João Marcos Veiga, em que a prima de Milton conta histórias da família, e “Travessia: a vida de Milton Nascimento”, a biografia de Bituca escrita por Maria Dolores.

“Alma de cabrocha: uma autobiografia cheia de samba”, de Therezinha Monte, nos ajudou a entender o contexto da primeira homenagem que Milton recebeu de uma escola de samba na Marquês de Sapucaí. “Milton Nascimento, sou do mundo, sou Minas Gerais” foi o enredo da SERES Unidos do Cabuçu para o carnaval de 1989, quando a agremiação tinha Therezinha como presidente. O desfile criado pelo carnavalesco Beto Sol e o livro abre-alas da escola foram influências luminosas para a construção do enredo da Portela em 2025; aliás, desfiles precedentes são fonte inesgotável de inspiração sob qualquer aspecto, e este movimento de autorreferenciamento é fundamental para a manutenção da grandiosidade e da imensa relevância de uma escola de samba.

A imersão na romaria da Unidos do Cabuçu de 1989 foi possível a partir da consulta ao acervo da Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (Liesa), que gentilmente cedeu à Portela os registros de carnavais passados, pois é a partir deles que o futuro acontece. As conversas com Janaina Goes e Fernando Araújo, do Departamento Cultural da Liesa, foram um bonito momento do caminho portelense até o Sol, que nos conduziu a mais uma grande emoção: a descoberta, entre os itens históricos guardados pela Liga, de fotos da inauguração da quadra da Portela, em 1972, que revelam uma romaria azul e branca pelas ruas de Madureira conduzida por Vilma Nascimento, o Cisne da Passarela, joia portelense e maior porta-bandeira da história do carnaval. Pois, como aprendemos, o destino tudo traçou.

Os shows de Milton Nascimento também serviram como referência para a nossa andança, como “Os Tambores de Minas” (1998), a percussiva expressão musical da África mineira; “Milton Nascimento e Orquestra Ouro Preto” (2022), que celebrou os 50 anos de lançamento do álbum “Clube da Esquina”; e “A Última Sessão de Música” (2022), a turnê de despedida de Bituca dos palcos. A procissão também se guiou por obras como a série “Milton Nascimento – Intimidade e Poesia” (2018), que mergulha na personalidade de Milton para além da música, e o documentário “Nada Será Como Antes – A Música do Clube da Esquina” (2024), que revela o processo criativo dos músicos mineiros que se fizeram eternos para a arte brasileira.

E nesse afortunado caminho até o Sol das nossas vidas, eis o encantamento que nos move: o encontro com pessoas. As conversas com Ana Maria Gonçalves, Bia Chaves, Claudio Henrique Vaz, Jader Moraes, Juliana Joannou, Lola Ferreira, Lorraine Mendes, Luna Sassara, Nathalia Bezerra, Pedro Alvarenga, Rafael Galante e Renato Lemos ajudaram na construção da sinopse do enredo, gente a quem a Portela é imensamente grata. Os encontros com admiradores de Milton, como Amaury Lorenzo, Roberta Sá e Teresa Cristina, nos ajudaram a dimensionar melhor o convívio com o mito, e as entrevistas com pessoas do círculo íntimo de Bituca, como Danilo Nuha, o “Japa”, seu assessor, e Augusto Kesrouani Nascimento, seu filho, tornaram a travessia ainda mais preciosa, pois a partir dela acessamos o Bituca para além dos palcos e das canções.

Até que ele, o anjo negro, se revelou. Conversamos com o próprio Milton Nascimento em encontros realizados nos dias 30 de março e 25 de outubro de 2024, em sua casa, e em 14 de janeiro de 2025, na quadra da Portela, onde testemunhamos a emoção do encontro entre Milton e Portela, duas santidades da cultura brasileira. Ali, a Majestade do Samba estava representada por Aldalea Rosa Negra da Portela, Jane Carla (filha de Hilma), Áurea (filha de Manaceia), Tia Surica, Aimoré Azevedo e tantas outras personalidades históricas da escola. Privilegiados pela presença do nosso Sol, temos na memória a alegria irradiada por Bituca, vetor dos sentimentos de um país inteiro, ao se ver como a grande razão da fé portelense para 2025.

E é daí que vem a maior emoção de todo o processo de pesquisa para contarmos a história dessa homenagem: o encontro com o povo da Portela. Durante o ano inteiro, o contato com a comunidade na quadra e na rua, com os componentes da escola e seus torcedores, cada passo sob a benção dos segmentos sagrados da Iyá centenária, como sua velha guarda e suas baianas, tudo, em cada gesto, se fez pressentimento. Tudo nos fez crer que havia um Sol à espera no final da estrada, essa apoteose tão sonhada, pois o portelense sempre será a razão de tudo, com a Águia sempre a nos guiar e proteger, e o povo na rua cantando a festa pelo anjo negro num arrastão de não se esquecer.

Assim será a nossa travessia. Chegou a hora da Portela passar.

Autores do Enredo

André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Autores dos Textos do Enredo

André Rodrigues, Antônio Gonzaga e Marcelo David Macedo

Elaboradores do Roteiro do Desfile

André Rodrigues, Antônio Gonzaga e Marcelo David Macedo

Pesquisa de Enredo

Marcelo David Macedo

ROTEIRO DO DESFILE





Ato 3: Entardecer

E as raízes se juntaram

**YANOMAMI E NÓS: É AQUELE
AMOR HUMANO, QUE CHEGA E
DIZ**

Ala 09

**DA TERRA AO SOL, VAMOS SER
UM SÓ**

Destaques de Chão

Nii D'Yemonjá

**CANOA, CANOA, LEVA A
SOLIDÃO E A CORAGEM DOS
HOMENS QUE SÃO**

Ala 10

**SERTÃO DAS ÁGUAS... CAI NOS
MEUS BRAÇOS, APERTA OS
LAÇOS, DESFAZ OS NÓS**

Ala 11

A VOZ DA TERRA

Destaques de Chão

Nilce Fran

**LÁ VEM A FORÇA, LÁ VEM A
MAGIA, LÁ VEM A SANTA
MALDITA EUFORIA**

Ala 12 - PASSISTAS

A SANTA PRETA DE PALMARES

RAINHA DE BATERIA

Bianca Monteiro

**EM NOME DO POVO QUE FEZ
SEUS PALMARES, QUE AINDA
FARÁ PALMARES DE NOVO!**

Ala 13 - BATERIA

**ROMPENDO CADEIAS,
FORÇANDO CAMINHOS,
ENSAIAM LIBERTOS A MARCHA
DO POVO, A FESTA DOS NEGROS**

Ala 14

**AFAGAR A TERRA, CONHECER
OS DESEJOS DA TERRA, O CIO
DA TERRA**

Ala 15

**A CORAGEM DOS POVOS QUE
SÃO**

Destaque de Chão

Wenny Isa

**TERRA TOMBADA, SOLO
SAGRADO**

Grupo Departamento Feminino

**DAS SUAS RAÍZES, UM NOVO
ANDOR**

Alegoria 03

Ato 4: Noite

Num milagre ser farol e continuar

**CAVALEIRO NEGRO QUE VIVEU
MISTÉRIOS... ESSE TEMPORAL**

Ala 16

**QUERO A UTOPIA PARA VER O
MEU SONHO TEIMOSO UM DIA
SE REALIZAR**

Ala 17

**JUNTAR TODAS AS FORÇAS PRA
VENCER ESSA MARÉ**

Terceiro Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Vinicius Jesus e Osanna Baptista

**MAS QUEM VOOU, NO
PENSAMENTO FICOU... E O QUE
IMPORTA É OUVIR A VOZ QUE
VEM DO CORAÇÃO**

Ala 18

**O MENESTREL & AS ESTRELAS
QUE SURGIRAM**

Destaques de Chão

Jonathan Azevedo & Gabz

**CANTAR SEMEANDO UM SONHO
QUE VEM DEPOIS DO TEMPORAL**

Ala 19

**BEM MAIS PERTO QUE
PENSAMOS... A FOLHA DA
JUVENTUDE É O NOME CERTO
DESSE AMOR**

Ala 20

**NA BOCA DA NOITE, UM GOSTO
DE SOL! NADA SERÁ COMO
ANTES!**

Ala 21

**LUA NOVA A CLAREAR & A PAZ
QUE O POVO FARÁ**

Destaques de Chão

Alice Alves & Shayene Cesário

**SER FAROL E CONTINUAR – O
ANDOR DE NOVOS TEMPOS**

Alegoria 04

Ato 5: Amanhecer

Anjo negro é o Sol que faz a Portela cantar

**ESTAMOS CHEGANDO DAS
VELHAS SENZALAS, DAS NOVAS
FAVELAS: DA ARTE NEGADA QUE
SOMOS, VIEMOS TE VER!**

Ala 22 - COMPOSITORES

**OS MIL TAMBORES DE MINAS
SOARAM**

Ala 23

**É DIA DE FESTA! E A CIDADE
INTEIRA SE ENFEITA PARA
VER A ALEGRIA QUE
CHEGOU**

Ala 24

NAÇÕES EM FESTA

Destaque de Chão

Sheron Menezes

**HÁ UM MENINO, HÁ UM
MOLEQUE MORANDO
SEMPRE NO MEU CORAÇÃO**

Triapé 02

Compondo o espaço visual do cenário da
alegoria, fantasias de palhaços da folia de
reis. (justificados com a alegoria)

**SALVE O ORATÓRIO ONDE
DEUS FEZ A MORADA, OIÁ,
MEU DEUS!**

Ala 25

**EU QUERO É VIVER O SOL, O
MEU FUTURO É LUZ E
CALOR**

Ala 26

**CANTAR FOI BUSCAR O
CAMINHO QUE DEU NO SOL**

Ala 27

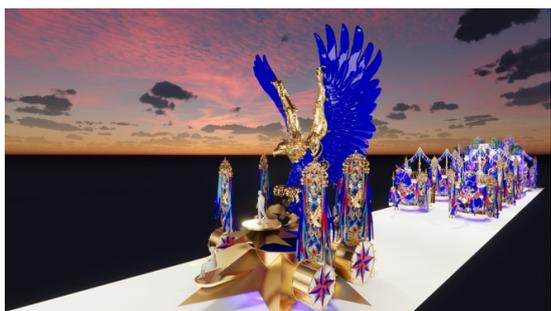
O ALTAR DO SOL

Alegoria 05

BRILHO CEGO DE PAIXÃO E FÉ

Elemento alegórico

Criação/Confecção: André Rodrigues e Antônio Gonzaga



No início tudo se fazia esperança, movidos por um brilho cego de paixão e fé junto a tamanha convicção uns nos outros. Faziam sabendo que aqueles passos cantados os levariam tão longe, e porque sabiam que estariam protegidos por aquele símbolo da sorte altaneiro, pronto a lhes guiar rumo ao altar de Milton Nascimento, o altar do Sol, a grande luz que tanto o faziam sonhar. A Águia alindada por um chão de estrelas se pôs à frente da procissão e dos anseios de toda aquela gente. E partiram.

O elemento alegórico que abre o cortejo portelense traz a sua tradicional Águia, que é a guia do povo nesta jornada. Já ladeada por tambores e estandartes, o símbolo maior do portelense sobrevoa a avenida com dois de seus muitos ícones, coerente com o desejo de sua gente em levar até o altar do Sol tudo aquilo que lhes é importante e de grande valor.

Tia Surica - Baluarte da Portela

Fantasia: TRADIÇÃO PORTELENSE EM ROMARIA

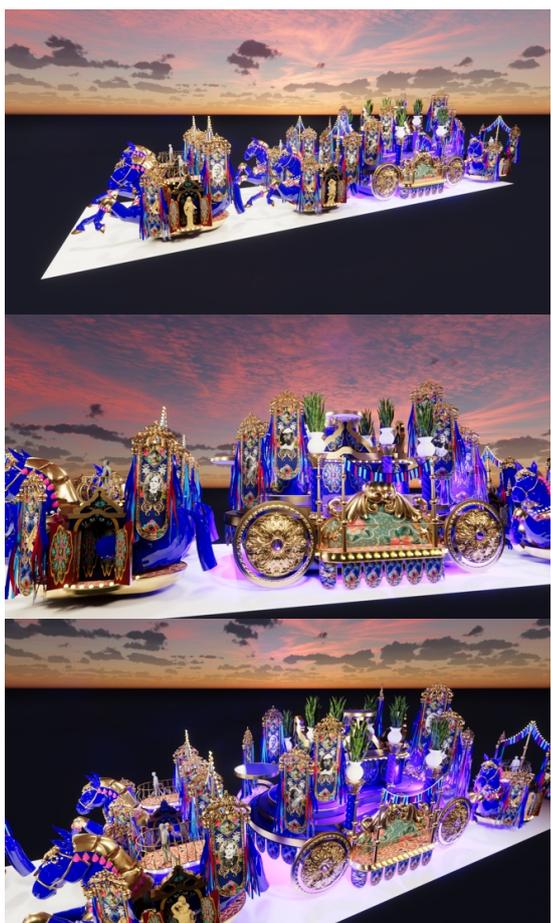
Carlos Reis - Primeiro Destaque da Portela

Fantasia: ELEGÂNCIA PORTELENSE EM ROMARIA

A PROCISSÃO DO SAMBA

Abre-alas

Criação/Confecção: André Rodrigues e Antônio Gonzaga



E o cortejo partiu rumo ao Sol. O primeiro andor da festa era vistoso, caloroso e imponente, tracionado pelos cavalos que levavam os oratórios dos santos padroeiros da secular Portela e seguiam em apoio e proteção àquele périplo de fé. Referenciada pelas lembranças de um subúrbio feliz e ensolarado e pelos estandartes que apresentavam os baluartes da escola, sentinelas ancestrais que dão base, razão e sentido àquilo tudo, a liteira abria alas na procissão azul carregando os maiores valores portelenses como se toda aquela grandeza fosse uma amorosa oferta para o astro-rei que desejavam encontrar.

A alegoria que representa o primeiro andor a ser erguido na procissão faz alusão à construção desta imagem a partir das referências iconográficas que são importantes para a edificação das características do ser portelense, valores esses que o povo de Madureira leva para apresentar ao seu homenageado. Do chão de caquinhos até os azulejos, tanto os portugueses quanto aqueles que ornamentam o alto das casas suburbanas, passando pelos vasos de espadas de São Jorge – plantas de credices protetionais – e também os oratórios para os santos de devoção da escola, eis o que faz do portelense esse sujeito de concepção simples do que lhe é importante e de identidade. Também não podem faltar as práticas de orgulho em exibir quem são os mais importantes personagens que construíram a história da Portela, ostentando-os em seus estandartes, que se destacam entre fitas e iluminações de “gambiarra”, típicas das antigas praças e barraquinhas suburbanas.

Diva Pavessi - O GARBO PORTELENSE NAS ESTRADAS

Rogéria Meneguel - A ELEGÂNCIA DO SOL DA MANHÃ

TODA GENTE SONHANDO UM RELICÁRIO DE AMOR

2º Carro

Criação/Confecção: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Acima de tudo, a crença de todas aquelas pessoas estava na força dos sentimentos que cada uma delas trazia, sonhos e lembranças de uma vida inteira, onde o novo é o antigo e o velho é o moderno Milton. Carregado por todo tipo de gente sonhava e seguia confiando no amor, adornado por incontáveis fitas que dançavam ao toque do vento, o altar coloria a estrada de festa, um encantamento inteiro feito por um povo feliz e brincante que exibia, orgulhoso, os discos de Milton e as marcas que letras e melodias deixaram em cada um daqueles peregrinos. Era tão irradiante, que até os pássaros entoavam a melodia divinal aprendida com o anjo negro; e a reinar nesta quimera, o coração coroadado e enfeitado para que ninguém nunca esqueça da fé no amor, muito menos essa gente que crê. Gente que merece viver e amar.



A segunda alegoria se apresenta como um andor carregado por diferentes tipos de pessoas, ali representadas por figuras que constroem o imaginário da diversidade. Erguido por reis, ciganas, trabalhadores, crianças, etc., nele todos estão liricamente carregando seus sentimentos até Milton, enfeitados e cuidadosamente colocados neste enorme relicário.

Se “relicário” significa o lugar onde deposita-se tudo aquilo que lhe é de valor, a alegoria apresenta as fitas com as letras de músicas de Bituca que tanto embalaram os sonhos de muitas pessoas, assim como os retratos (que foram colhidos em uma campanha realizada pela Portela) que simbolizam quem é de valor para cada sujeito que o depositou, em um recorte de momento que os lembravam uma canção de Milton Nascimento. Em agradecimento ao ídolo, dedicatórias e declarações de amor que dizem sobre o que são e como o amor vale a pena, principalmente aquele que tem sua trilha sonora, demonstrando a importância de Bituca na construção de suas vidas.

Carlos Ribeiro - EUFORIA SOLAR

DAS SUAS RAÍZES, UM NOVO ANDOR

3º Carro

Criação/Confecção: André Rodrigues e Antônio Gonzaga



A marcha do povo que também é solo e semente prosseguia, embelezada pelo entardecer, pelas cores dos povos da terra e pelo lume da candidez sagrada. O terceiro andor da epopeia portelense era conduzido pelo igbin, símbolo sagrado de Oxalá, numa tocante andança de fé e de festa pela vida daqueles que tanto insistiram em resistir, com fome e fúria, na defesa intransigente da terra como solo, cultura e identidade. Por um instante, o pôr-do-sol no horizonte foi tocado pelo axé do rei do pano branco, dono da cabeça de Milton, em graças ao anjo negro que estavam para encontrar, e em festa pela travessia cumprida por tantas pessoas até ali. O brilho do orixá banhava os romeiros da luz branca que os remetia à voz de Deus, e assim eles seguiram, em comunhão e sempre em frente, por amor a Milton, à terra e a tudo que ela dá após o afago em seus desejos.

A terceira alegoria portelense é um andor que traz os igbin (caramujos) de Oxalá em sua base, como se carregassem e conduzissem esta homenagem que o povo construiu para Milton e seu orixá. Aqui, para esta gente, a representação de Oxalá está para além do recorrente simbolismo da paz, sendo uma ode ao orixá que soprou a vida no homem feito de terra molhada, esta mesma terra que pode simbolizar – como tratado no setor – ideia, território, nação.

As camadas de simbolismos são muitas para que Oxalá fosse então o orixá que representasse o andor dos identitários; uma delas é o fato de o símbolo deste orixá, o caramujo, carregar sua própria casa nas costas, para onde for. Aqui, o dono do ori de Bituca, a sua terra mais fértil, é homenageado e reverenciado em agradecimento pelas tantas vezes em que o artista se sensibilizou e cantou as ancestralidades dos povos da terra, que, em troca, o reverenciam de volta.

Paula Silva - O SOL QUE BEIJA A TERRA

Diogo Ribeiro - OXALÁ

SER FAROL E CONTINUAR – O ANDOR DE NOVOS TEMPOS

4º Carro

Criação/Confecção: André Rodrigues e Antônio Gonzaga



Com tantas emoções vividas até ali, seria inevitável que algumas dores também fossem revisitadas. Sabendo a vez de se lançar à luz, os romeiros fizeram daquele ofertório a Milton uma embarcação a navegar como resposta em favor da vida, o milagre da abundância e da esperança, o revide do povo que inventou o cais onde antes não havia nada. Estava ali o andor de um barco que navegava pelo céu de uma noite estrelada como sinais de uma manhã ensolarada que viria. Como um farol a anunciar novos tempos, a lua que se revelava iluminava a travessia noturna, incidindo sobre o altar de resistência e alcançando os anjos sonhadores, que puxavam a nau e avançavam céleres para o encontro com o Sol.

No setor que trata sobre as dificuldades de atravessar tempos difíceis, onde a chuva e a noite são as metáforas para esses tempos, o andor erguido pelo povo é conduzido por sete anjos, que trazem as sete chaves citadas em “Canção da América”: “amigo é coisa pra se guardar debaixo de sete chaves”, e aqui a amizade e o amparo dos encontros são essenciais para superar os obstáculos.

A lua chama a atenção na alegoria por ser um sinal, assim como as estrelas, de um céu limpo, sem nuvens, que promete uma manhã ensolarada; por isso, o andor que indica formato de embarcação navega (flutua) em um mar de estrelas. As esculturas de crianças, inspiradas em fotos do próprio Bituca jovem, simbolizam a juventude, que trouxe durante a noite mensagens de esperança e, aqui, tocam as estrelas. Ainda na alegoria, temos a representação dos peixes que saltam sobre as ondas do firmamento, para lembrar da teimosia poética em querer resistir, assim como Milton categoricamente fez no disco “Milagre dos Peixes”, quando a arte foi maior que a censura. Lâmpadas iluminam a escuridão, e a embarcação é o caminho para o cais.

Paulo Brito - ANJOS AO CAIS

Wagner Mendes - O CLARÃO DO LUAR

HÁ UM MENINO, HÁ UM MOLEQUE MORANDO SEMPRE NO MEU CORAÇÃO

Elemento alegórico

Criação/Confecção: André Rodrigues e Antônio Gonzaga



Aquelas pessoas enfim tinham muito a festejar. Três Pontas recebia a romaria portelense exaltando o orgulho de seu filho mais bonito, eternizado naquela memória de infância que o anjo negro nasceu para ostentar. Era como se a cidade quisesse mostrar aos visitantes onde tudo começou, e o que era realmente importante. Cantavam para a procissão recém-chegada. Cantavam também o tempo amoroso em que Milton viveu para se tornar o que é, enquanto os romeiros eram apresentados a algo para além do sonho: viam, ali, um menino que virou rei, e que nunca deixou de amar quem o fez assim, levando-os consigo mundo afora.

*Compondo o cenário da alegoria, palhaços de folia de reis brincam, enriquecendo ainda mais os encontros nas terras mineiras e alegrando a procissão.

O último elemento alegórico do desfile traz uma criança puxando seu próprio pequeno andor. Nele, estão as fotos do pai e da mãe de Milton. É como se a chegada da procissão à cidade nos indicasse aquilo que sempre foi valoroso para Milton, como o próprio compôs na música “Bola de meia, bola de gude”: “há um passado no meu presente, o sol bem quente lá no meu quintal. Toda vez que a bruxa me assombra o menino me dá a mão (...) Ele fala de coisas bonitas que eu acredito que não deixarão de existir: amizade, palavra, respeito, caráter, bondade, alegria e amor”.

Este é o único item alegórico onde cita-se elementos da vida pessoal de Milton, pois são ícones imprescindíveis do caráter formador do artista, e são estes que ele sempre entregou para seu público através de suas músicas.

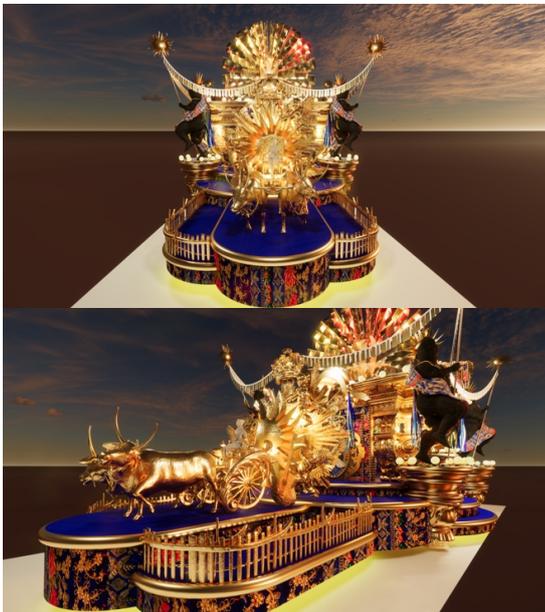
Elaine Fricker - MINAS EM FESTA

Walter Costa - FESTEJOS DE MINAS

O ALTAR DO SOL

5º Carro

Criação/Confecção: André Rodrigues e Antônio Gonzaga



E chegaram até ele. O santo preto e solar, encantado, magistral. O milagre da música brasileira, o radioso herói de uma gente que se lançou à travessia e alcançou o sonho magnífico. Ao cumprir o destino de toda uma vida, o povo andarilho tinha diante de si a suntuosidade do Sol negro, que resplandecia para a multidão num trono, interiorano, que o fazia ainda mais imponente. Milton Nascimento, a voz de Deus, era festejado, adornado por anjos negros e enfeitado pela luz que irradiava de sua própria existência e alcançava até onde a vista podia ver. O próprio sol, a estrela do céu, pôs-se curioso para ver o brilho de Milton, o Sol da Portela. É canto de alegria no ar e nos alvoroçados corações que batiam como os tambores daquela festança, o grande carnaval da vida de um mar de peregrinos. A profecia se cumpriu: desfilando triunfal, a Portela chegou à morada do Sol.

A última alegoria da romaria portelense que contou a saga do povo que marchou até seu ídolo apresenta seu grande homenageado em seu trono. As referências se misturam entre o barroco mineiro, as fitas e as bandeiras dos folguedos do interior, que também são referências para a musicalidade de Bituca. O altar também revela a figura do sol, ícone da narrativa do desfile.

Milton Nascimento

Lila e Ricardo Guedes - O DOURADO DAS GERAIS

Lucas Belo e Ana Paula - OURO BRILHO MINEIRO

SOLTO A VOZ NAS ESTRADAS, JÁ NÃO QUERO PARAR

Ala 01- Comunidade

Responsavel pela ala: Portela**Criação:** André Rodrigues e Antônio Gonzaga**Execução:** Ateliê Adriana

A procissão portelense deu o primeiro passo rumo ao Sol. Cada uma daquelas pessoas se arrumou com solenidade e se enfeitou com o entusiasmo de quem tinha tanto a falar e viver, movidas pela fé no amanhã e em uma jornada ansiada há tanto tempo. Como num sonho feito de brisa, Madureira refletia a luz dourada daquela manhã, um presságio do que os peregrinos almejavam encontrar no fim do caminho. Soltavam a voz cantando “Travessia”, e não parariam tão cedo. Começava a andança da Portela

Os diferentes figurinos da primeira ala representam os portelenses que saíram às ruas formando a sua procissão. Com tambores, estandartes e bandeiras, trazem referências dos azulejos suburbanos e dos santos do panteão da agremiação. Fitas, águias e o azul e branco trazem a nostalgia de uma tradicional Portela em romaria, e os figurinos que abrem e que fecham a ala representam as estrelas que guiam este povo, assim como o fazem a estrela contida no elemento alegórico à sua frente.

A ALTIVEZ DE MADUREIRA

Destaques de Chão

Nome dos destaques: Jerônimo Patrocínio & Vilma Nascimento

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga



A enormidade suburbana, um dos traços fundantes da majestosa realeza portelense, era ostentada pela nobreza encantada de azul e dourado, um símbolo de garbo, elegância e altivez. Enfeitados, homenageando Oxossi e Oxum, os padroeiros candomblecistas da Portela, estavam dedicados a marcar o ritmo da festa no passo e no canto dos fiéis portelenses. A ele, o toque dos tambores; A ela, dona da casa, todo luxo, riqueza e homenagens. Traziam no corpo a marca das casas do subúrbio que os viram crescer e da reverência de seus devotos, os súditos da Portela, que os levavam como símbolos de seus fundamentos.

VOU ME ENCONTRAR LONGE DO MEU LUGAR

Ala 02- Comunidade

Responsavel pela ala: Jerônimo Patrocínio

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê Adriana



E bem no início daquela jornada estavam os cavaleiros das tantas romarias sacro-suburbanas, conhecedores dos caminhos e das estradas que se dão a percorrer no lombo de burrinhos talhados para cumprir, junto do povo andarilho, a sua próxima missão. Carregavam a coragem de quem decidiu esquecer o medo e viver a vida como uma busca pelo encontro consigo mesmo, instigados por “Caçador de mim”, um clássico de Milton Nascimento, pois a vida os fez assim. Imbuídos do mel do suor, estavam confiantes e esperançosos na força daquela viagem de fé que ainda tinha tanto a cumprir.

Os figurinos dos cavaleiros da romaria se apresentam junto a uma burrinha, e tem em sua lateral a mala de viagem; nela, estão as referências das lembranças que levarão nesta jornada. A flecha na mão faz alusão aos apontadores de caminhos, pois muitos ainda virão a segui-los, todos à caça de si mesmo e na expectativa de se encontrarem ao encontrar Milton.

VENDEDORES DE SONHOS... REPERTÓRIO DE VIDA E CANÇÕES

Ala 03 - Ala Águia na Folia

Responsavel pela ala: Renato Vasconcellos

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê renato



Passando por uma das primeiras esquinas da andadura, a caravana da Portela logo encontrou os vendedores de sonhos. O repertório de vida, canções e esperança destes mercadores fez sentido no justo momento em que encontraram o rio de gente que se movia em busca do Sol, todos atraídos pela oportunidade de agradecer a Milton por tantos sonhos musicados.

Os negociantes levavam muitos outros sonhos, mas cantavam, como na canção “O vendedor de sonhos”, que estavam dispostos a vender muitos deles em troca de um caminho feliz; eles se davam a ofertá-los à sua gente de fé, que em troca lhes sorria cantando e enfeitando ainda mais a própria quimera. E foi justamente isso que os estimulou a se unirem àquela viagem e seguirem inventando frases feitas para encontrar pessoas, lugares e momentos, como a grande razão em comum que os movia.

A ala traz uma lúdica representação dos vendedores de sonhos, que carregam os cartões em que oferecem suas mercadorias. Em suas mãos, um grande móbile com filtros estilizados de sonhos pendurados.

DE TUDO SE FAZ CANÇÃO

Ala 04 – Comunidade -PCDs

Responsavel pela ala: Portela

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê paulinha



E o rio de asfalto, barro e gente entornava seus corações nas curvas rumo ao Sol, mantendo viva a palavra dos cancioneiros que de tudo faziam canções com seus violões. Estes chegaram à andança portelense cantando a poesia de “Clube da esquina nº 2”, movidos pelo anseio do verso seguinte, que todo aquele povo não parava de cantar. Esquina mais de um milhão e gente a perder de vista eram as inspirações de letras e melodias entoadas para festejar a profusão de canções talhadas até o ansiado encontro com a voz de Deus.

Tendo como inspiração a icônica imagem de Bituca com sua boina, a fantasia apresenta também o violão, principal instrumento do ídolo homenageado. Os cancioneiros aqui representados estão acompanhados de um pássaro em seus ombros, imagem lírica sobre poesias e canções. Em suas costas, carregam seu estandarte com a silhueta de Milton Nascimento.

O ESPLENDOR DA ALEGRIA

Destaque de Chão

Responsavel pela ala: Georgia Chagas

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga



A certa altura, uma jovem chegou à procissão resplandecendo a euforia dos andantes que sonhavam com o aceno de Bituca. Se destacava entre eles por dançar com a graciosidade do vento e das nuvens que enfeitavam o céu. Tinha a força de quem era movida pela alegria de estar ao lado das gentes com quem compartilhava o sonho do encontro com o anjo negro.

SE VOCÊ QUISER EU DANÇO COM VOCÊ, MEU NOME É NUVEM

Ala 05 - Comunidade

Responsavel da ala: Jan Oliveira

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê fabio



Inspiradas pelas canções do Sol sereno e grandioso, as pessoas cantavam as tantas marcas que Milton lhes deixou por toda uma vida e a esperança em encontrá-lo no horizonte. Quem surgia e se juntava à estrada de fé se encantava com o que ouvia e se incorporava ao rio de gente, dançando e cantando os versos de “Nuvem cigana”, onde entoavam: “se você quiser, eu danço com você!” E como uma branca nuvem a deslizar pelo céu azul, bailavam feito a flor de vento, avançando sem parar, escondendo e revelando o sol.

A fantasia poeticamente apresenta uma cigana branca feito a nuvem, que dança um passo coreografado para formar a nuvem cigana. Como visões líricas para o desfile, em suas cabeças, a nuvem; e dentro de suas saias, as cores do sol.

O TREM AZUL E O SOL NA CABEÇA

Ala 06 - Comunidade

Responsavel da ala: Portela

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê antony



Em meio a tanta alegria, sentimento inesgotável que voava com o vento, teve quem surgisse se enfeitando com as cores do dia, as flores que manifestavam o sol – pois o girassol era como se fosse o próprio sol, iluminando o caminho. Preenchidos como se ouvissem e cantassem “O trem azul” pela primeira vez, se juntaram à romaria, tomando-a pelas margens. Sonharam, confeccionaram e levaram seu próprio trenzinho, para assim seguirem a trilha do som mais quente que seus ouvidos poderiam ouvir. Como um campo florido, traziam em seu canto coisas que ficaram muito tempo por dizer e que transbordavam de seus corações.

A indumentária apresenta uma grande fantasia de girassol com fitas e diferentes estampas para simbolizar o ato de fantasiar-se com as flores do dia, as flores do sol. Aqui, a flor simboliza o próprio sol, por seu formato e sua cor. Esta ala feminina também traz um girassol na mão e outro na cabeça – “você pega um trem azul/e o sol na cabeça”, como diz a canção. Cruzando a ala, como quem corta um campo repleto de girassóis, há a visão de um divertido trem azul, como se confeccionado por elas para acompanhar o seu momento na procissão.

MARIA, MARIA... É PRECISO TER SONHO SEMPRE

Ala 07 - Baianas da Portela

Responsavel da ala: Jane carla

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê Anderson



E das tantas linhagens que exibiam tamanho divertimento na multidão que caminhava rumo ao Sol, algumas ostentavam imagens que louvavam grandes mulheres, riqueza a perder de vista, decerto inspiradas pela canção que emocionou um país inteiro e se fez trilha e memória em homenagem à força feminina consagrada em “Maria, Maria”. Altivas e orgulhosas, expressavam o tributo a tantas mulheres, suas companheiras, suas mães, suas filhas. Significava tanto para elas o caminho, a travessia, que se apegavam ao canto: “é preciso ter sonho sempre”.

A histórica ala de baianas da Portela se apresenta elegantemente com uma indumentária que performa as Marias com signos de uma santidade sincrética à imagem de uma baiana, onde se misturam o véu, o ostensório e os estandartes aos colares e babados das mãos do samba. Uma cabeça solar e colorida chama a atenção para a divindade destas mulheres, que também são homenageadas com suas próprias fotos nas saias, trazendo o simbolismo de que uma mulher carrega tantas outras junto a si. Assim, Marias e mais Marias se misturam e se homenageiam na ala das baianas da Portela e no cortejo até Milton Nascimento.

JUNTAM AS VOZES DO POVO, TRAZEM A FELICIDADE, HAJA ALEGRIA OU SAUDADE

Ala 08 - Comunidade

Responsavel da ala: Portela

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê Paulinha



Em “Duas sanfonas”, canção que compôs com Gilberto Gil, Bituca fala sobre a alegria de se juntar a um companheiro na estrada; e foi cantando os versos desta canção que mais pessoas chegaram à procissão. As vozes do povo se juntavam trazendo os relicários que continham tudo o que pudesse expressar uma lembrança, uma saudade ou qualquer outro sentimento embalado pela voz do cantador. Pessoas que se amontoavam, que eram carregadas, e que exibiam suas memórias como troféus. Seus destinos, seus caminhos, é tanta volta que dá, que sem esforço, nem nada, vão descobrindo o que há.

A divertida ala de muitas fitas coloridas e rostos cantadores se destaca na criação de um figurino que, para representar a abundância de gentes que se juntam, cria um efeito como se pessoas carregassem umas às outras sobre os seus ombros, e as de cima, representadas pelo boneco, carregam elementos musicais e discos de Milton Nascimento. Eis aqui um aglomerado de fãs e apaixonados se juntando em muitas vozes, trazendo felicidade à romaria.

AMOR DE SONHO & UM GIRASSOL EM POESIA

Destaques de Chão

Nome dos destaques: Amanda Oliveira & Victória Campos



Se uma trazia consigo o sonho do amor como razão de tanta fé, a outra trajava a poesia da flor que se veste de sol. Juntas, as musas desfilavam diante de um andor de festa e em harmonia com a estrada da utopia. Sorriam e dançavam enquanto acenavam para os seus e para quem se juntava à romaria por Milton, seguindo uma ao lado da outra, como um poema sobre parceria, amor e encantamento.

YANOMAMI E NÓS: É AQUELE AMOR HUMANO, QUE CHEGA E DIZ

Ala 09 - Ala Raízes da Portela

Responsável da ala: Luciano e Andréa

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê Luciano



A tarde avançava, plácida e inabalável como o caminhar daquele mundo de gente. Orgulhosos por terem a sua história louvada por Milton em “Yanomami e nós”, os povos Yanomami se juntaram à dança de fé trazendo o pó da terra fundido em suas peles para a celebração deste elemento natural que assenta vida, forja existências e define identidades. Dali, encontrariam Bituca, o amor humano que chegou e cantou contra à ação branca que lhes causou tanta dor, dor que nunca mereceram sentir.

A indumentária referente às homenagens indígenas feitas por Milton traz o simbolismo dos Yanomami através de seus cocares e da sua relação com a natureza, aqui representada pela diversidade de folhagens pintadas à mão com padrões diferentes. A palha e o macramê manualmente confeccionado também remetem à estética da terra – que é o tema do setor. Em suas mãos, a estilização da bandeira do Brasil em uma folha, para simbolizar que são os indígenas a origem desta pátria.

DA TERRA AO SOL, VAMOS SER UM SÓ

Destaque de Chão

Nome do destaque: Nil D'Yemonjá

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê Edmilson



Os laços que unem as diversas nações originárias são o que as mantêm de pé, como uma grande fortaleza que não cai. O símbolo da amizade entre os povos chegou à procissão para ensinar aos romeiros que cada um deles seria a metade do outro até o fim da caminhada. Aquele viajante se fazia como uma ode às conexões espirituais que conduziam as populações indígenas marcadas pela terra ao encontro com a beleza que o Sol deu.

CANOA, CANOA, LEVA A SOLIDÃO E A CORAGEM DOS HOMENS QUE SÃO

Ala 10 - Ala dos Impossíveis - Comunidade

Responsavel pela ala: Portela

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê Rafael



Os Avá-Canoeiro margearam a procissão entoando os versos de “Canoa, canoa”, uma reverência de Bituca à existência destes guerreiros marcados pela solidão do isolamento na floresta que ajuda a lhes proteger. Mas o que também caracteriza este povo é a coragem para seguir em frente, sempre em frente, como fizeram ao sair de suas terras para confluírem por um novo rio e se juntarem ao ritual que dará no Sol.

Na fantasia da ala, os indígenas Avá-Canoeiro deslizam na procissão sobre uma canoa feita de vime, tipo de fibra natural que é moldada manualmente em contato com a água. Em suas cabeças, a estilização de um pássaro e as cores do entardecer que começam a surgir em suas plumagens. Na saia que faz as vezes das águas de um rio, há a representação estilizada de peixes talhados e da água artesanalmente confeccionada.

SERTÃO DAS ÁGUAS... CAI NOS MEUS BRAÇOS, APERTA OS LAÇOS, DESFAZ OS NÓS

Ala 11 - Comunidade

Responsável pela ala: Portela

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê Cláudio



Em certo momento daquela tarde, ouviu-se uma voz que chegara à travessia como a correnteza de um rio, ávida para ser escutada para além de suas paragens, naquela estrada e em todo o mundo. Os ribeirinhos, habitantes das “ilhas de mel” que Milton honrou em “Sertão das águas”, extraem dali tudo o que têm, e justamente por isso seus gritos foram ouvidos, como um canto para que não venha o fogo queimar, nem trator correr, arrastar, onde a vida queira pulsar. São os sertanejos ribeirinhos dos fundos dos seringais, dispostos a estreitar elos e braços com quem se deu àquela marcha com eles, como o anjo negro que cantou as populações que defendem o seu lugar e a si mesmos.

Simbolizando os ribeirinhos em sua chegada à procissão, a fantasia surge em azul e com as cabeças talhadas em madeira para representar que estes viajantes vieram das margens de tantos outros rios do Brasil, tudo para representar suas identidades e seus territórios em agradecimento a Milton Nascimento. Em cima das cabeças estão suas próprias casas, e por toda a indumentária estão as telas e padronagens em azul para também representar as origens étnicas destes povos.

A VOZ DA TERRA

Destaque de Chão

Nome do destaque: Nilce Fran



As populações que se manifestavam pela vida de Milton exaltavam as canções da terra de cada população, aprendidas desde antes de a maldade chegar ao chão original. Reunidas em um coro que reverberava as vontades do povo de luta, o grito das nações fundantes deste solo viraram uma única voz, a voz da terra que repercutia como um corpo só, e que se movia pela multidão numa dança em defesa da vida e em celebração à existência do preto rei das Geraes.

LÁ VEM A FORÇA, LÁ VEM A MAGIA, LÁ VEM A SANTA MALDITA EUFORIA

Ala 12 - Passistas da Portela

Responsavel pela ala: Nilce Fran

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê Adir



E de onde vinha essa coisa tão crua que os colocou em posição de defender a terra que lhes pertence? A cantoria em “Raça” era o símbolo da chegada da exuberância negra à romaria, em um movimento ancestral que fez levantar a poeira que inebriou a multidão. Tinham os corpos abundantes de alegria e se exibiam dispostos a cantar alto como um berro de fera, pois terra é identidade, e é isso que são. Seus passos continham a força e a magia sagrada da dança marcada no chão em que vivem e dançam, espaço sagrado que os algozes ainda insistem em profanar e maldizer. E era justamente essa herança a principal causa da euforia que transformava cada corpo em um templo de resistência, de orgulho e de alegria por serem cantados pelo Sol negro que, em breve, iriam encontrar.

Para os passistas da Portela, foi criada uma fantasia referenciada em elementos africanos, para simbolizar os corpos negros que começavam a se juntar à procissão. Palha, búzios, contas e outros materiais fazem parte da construção desta indumentária, além das estampas exclusivamente criadas para ela. Na fantasia, faz-se também uma homenagem a ilustres artistas negros, como Clementina de Jesus e Grande Otelo, que, junto à Bituca, fizeram grandes apresentações defendendo o discurso e os direitos de artistas negros. Os passistas têm o próprio território no corpo e na voz, e assim defendem suas origens, bem como fizeram Milton e seus parceiros.

A SANTA PRETA DE PALMARES

Rainha de Bateria

Nome da rainha: Bianca Monteiro



A afluência negra naquele trecho da andadura os levou à reza da “Missa dos Quilombos”, ofício de fé que Milton ensinou. Neste momento, e diante de peregrinos tão encantados, um sinal grandioso desceu do céu: uma mulher, negra como eles, tendo sobre a cabeça uma coroa a adornar sua aparição celestial. Estava à frente de seus súditos, que dançavam e tocavam em sua louvação. Bendita seja a figura luminosa apinhada de poder e bondade, a santa preta de Palmares, o grande símbolo da renitência negra, rainha do céu, da terra e da Portela. Salve toda vida, doçura e esperança emanada da padroeira do povo fervoroso que segue em luz rumo à voz de Deus.

EM NOME DO POVO QUE FEZ SEUS PALMARES, QUE AINDA FARÁ PALMARES DE NOVO!

Ala 13 - Bateria Tabajara do Samba

Responsavel pela ala: Mestre Nilo Sérgio

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê Luis Cláudio



Cantavam “Em nome do Deus” e batucavam em honra a Milton e à santa negra que os guiava, até que incorporaram o Cristo negro, que trazia nos batuques da Portela a referência ancestral de uma Palmares que pulsava em cada uma daquelas pessoas, recriando Palmares de novo, na boca e na cadência do povo. Pois defender as suas terras, os quilombos que guardam a existência negra em pedaços sagrados de chão, é o que os faria renascer de novo, como renasciam através de suas vozes a cada vez que entoavam a canção. A raça contida no exercício de resistência daqueles viajantes estava consolidada na fé inquebrantável de suas raízes.

Como incorporam o Jesus Negro neste momento da travessia, a indumentária da bateria da Portela referencia-se como a própria santidade afro-católica, aqui criada para remeter ao disco Missa dos Quilombos, que defendia os direitos e as culturas quilombolas. Com sua coroa e seu ostensório na cabeça, o Jesus Negro da romaria portelense apresenta tranças, em um fantasia inspirada nas imagens de Menino Jesus do catolicismo, aqui em tons de terra, que ganha as estampas de motivos africanos que foram exclusivamente criadas para a bateria da Portela.

ROMPENDO CADEIAS, FORÇANDO CAMINHOS, ENSAIAM LIBERTOS A MARCHA DO POVO, A FESTA DOS NEGROS

Ala 14 - Comunidade

Responsavel pela ala: Portela

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê Cláudio



A busca por redenção e justiça se fazia nos sons negros que se manifestavam como perseverança, numa cadência inventada na sombra pelo povo que rompeu cadeias e forçou caminhos para seguir existindo. Entoavam “Ofertório” como reza, desejosos em assentar para o Sol uma vida inteira de esperança e luta, vida essa condensada em corpos que se movimentavam com serenidade poderosa. Libertos, celebravam o pertencimento à terra para onde foram trazidos, e tinham nos olhos o mundo que os atravessou, o mundo que Milton haveria de assimilar. Pediam a ele e aos céus: “o mundo, a festa dos negros, acolhe, Olorum”.

A fantasia remete ao grupo que, na caminhada, canta a música “Ofertório”, e traz os simbolismos afro-católicos que são naturais da construção da identidade mineira de Milton Nascimento. Aqui, para representar o pertencimento à terra, ofertavam algodão em cestos na cabeça, como símbolo do plantio, e na construção da indumentária também estão flores, estandartes e fitas que remetem aos rituais religiosos sincréticos feitos para oferta e agradecimento. Nas costas, uma grande asa feita de vime cru, que mantém a estética do setor, assim como a narrativa visual do conjunto desta narrativa até aqui.

AFAGAR A TERRA, CONHECER OS DESEJOS DA TERRA, O CIO DA TERRA

Ala 15 - Damas da Portela

Responsável pela ala: Tia Dodô (in memoriam)

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê Fábio



Toda essa nação ancestral que chegava à procissão e se fazia perder de vista foi atraída pelo rei negro que a esperava no fim da travessia, e instigada pelos versos de “O cio da terra”, ode à relação dos povos com o chão defendido com fervor, suor e sangue. Essas pessoas entenderam que conhecer os desejos da terra, a hora de afagá-la, o momento em que está mais receptiva e fértil para o cultivo, o instante da colheita, tudo isso é conhecer a si mesmo. Afinal, assimilar tantos segredos para fecundar o solo é preservar a vida, ainda que a luz cesse e a noite insista em acontecer.

Com uma sombrinha feita de vime e renda em formato de flor, as históricas e tradicionais Damas da Portela vestem uma indumentária bucólica, e trazem a última representação de um grupo de pessoas do setor, que cantavam “O cio da terra”, música sobre a relação do homem com a terra de plantar, de onde se retira a sobrevivência. Na cabeça, a representação da palha e do trigo, assim como nos padrões das flores que constroem a imagem desta ala.

A CORAGEM DOS POVOS QUE SÃO

Destaque de Chão

Nome do destaque: Wenny Isa



A jovem guerreira portelense vestia a coragem dos descendentes dos povos originários e diaspóricos, os verdadeiros donos da terra e de suas intimidades. Reluzia o brilho de quem se dá à luta sem medo, pois é assim que ela e os seus seguirão existindo, é disso que dependem, disso e do fulgor do encontro com a luz tão sonhada.

TERRA TOMBADA, SOLO SAGRADO

Departamento Feminino da Portela

Responsavel pela alae: Aldalea Rosa Negra da Portela



As mulheres negras sacerdotisas da Portela elevaram-se da terra para defender o solo tombado às custas de tanto sangue e suor. A sacralidade feminina de seus gestos fazia-se como a grande promessa de um futuro verde numa terra que, mexida para o plantio, faria o milagre da vida acontecer após o irremissível enlace com o tempo. E aquelas veneráveis mulheres estavam ali para gloriar Milton, a semente do amor presente em corações tão ansiosos pela colheita do encontro.

CAVALEIRO NEGRO QUE VIVEU MISTÉRIOS... ESSE TEMPORAL

Ala 16 - Ala Mocotó

Responsavel pela ala: Rafael e Karina

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê Rafael



E com a chegada da noite, um cavaleiro marginal despontou na estrada de fé. O experiente mensageiro se apresentou ao povaréu a fim de prepará-los para os momentos de aspreza que enfrentariam a partir dali, alertando-os sobre os perigos do breu. O céu anuviou assim que o dia sumiu, e dali em diante a travessia passaria pelo seu grande tormento. Com o início do temporal, ouvia-se apenas a voz solitária do cavaleiro, que recitava a letra de “Paisagem da janela” num tom baixo e vigilante, como um pedido de proteção contra a sordidez humana e para que a chegada até Milton ainda fosse possível. É tempo de escuridão na estrada do Sol.

No início do ato da noite, a indumentária do cavaleiro traz um elmo escuro e, como adereço de mão, um guarda-chuva com gotas, representando o temporal que viria. As cores da roupa dão o tom do clima e do momento em que se encontra a travessia portelense. O personagem que o grupo representa está inspirado na música “Paisagem na janela”, que em seu tempo dizia sobre o alerta para quem não acreditava no que Milton apontava na canção.

QUERO A UTOPIA PARA VER O MEU SONHO TEIMOSO UM DIA SE REALIZAR

Ala 17 - Comunidade Performática

Responsavel pela ala: Cia Nosso Olhar

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Flávio Sabrá e André Wonder



O véu da noite se deu a trazer tudo aquilo que a luz do dia manteve afastado. A cantoria eufórica antes banhada pelo sol virara reza, e naquele momento, anoitecida, se fazia quase um sussurro. Além de “Coração civil”, música em que Bituca suplica pela desejosa chance de um futuro, ouvia-se também os passos de quem resistia através da utopia e da incontornável vontade de ser alegre e feliz, mesmo diante do vazio presente no escuro. Pois resistiram, erguendo seus estandartes o mais alto que podiam, acendendo velas e lampiões e protegendo a chama da água inclemente que desabava sobre a cabeça da multidão. Iluminaram a jornada, pois buscavam a luz do sonho teimoso do qual já não poderiam mais desistir de realizar, não ali, não depois de tanto.

Este grupo teatralizado, que representa os romeiros que teimavam em seguir na procissão acreditando no final da jornada, traz diferentes figurinos para voltar a simbolizar as muitas pessoas que ali estavam. Com seus estandartes que não baixavam nem mesmo durante o temporal, eles também tinham em suas mãos os lampiões que iluminavam seus caminhos na jornada.

MAS QUEM VOOU, NO PENSAMENTO FICOU... E O QUE IMPORTA É OUVIR A VOZ QUE VEM DO CORAÇÃO

Ala 18 - Comunidade

Responsavel pela ala: Portela

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê Anderson



Mas quem cantava chorou, seja pela dureza daquele trecho de caminhada, seja pela dolorosa saudade de quem já não estava mais ali. A lembrança de quem voou seria inevitável diante de todo o amor que seguia unindo aqueles romeiros às suas pessoas tão queridas, gentes que não suportaram passar pelos temporais da vida. Assim, os desaparecidos da vida daqueles andantes virariam anjos manifestos na procissão, mas como na “Canção da América” que Milton tornou eterna, os peregrinos prometiam, do fundo de seus corações, que qualquer dia eles voltariam a se encontrar, seja o que vier, venha o que vier.

A indumentária da ala representa um anjo azul e traz em seus detalhes as chaves que guardam o verdadeiro sentido da amizade, que na canção e na travessia é: não esquecer dos amigos, mesmos os que não ficaram. Esvoaçante, feita de diferentes tecidos azuis, a fantasia “flutua” o componente na noite da narrativa.

O MENESTREL & AS ESTRELAS QUE SURGIRAM

Destaques de Chão

Destaques:: Jonathan Azevedo & Gabz



Logo os romeiros perceberam um canto incessante, melodia frequente e inabalável que partia de um homem que se destacava entre tantas nuvens e maus presságios. O menestrel trovador falava a língua do povo, tinha cor de amanhecer, e suas palavras trouxeram o conforto que fez o peso do céu começar a serenar. Com isso, as estrelas surgiram para relembrar à multidão que ela foi conduzida até ali por algo que nunca se apagou, nem no pior momento da travessia. Pois estrelas são como uma forma que Deus encontrou para dizer que a esperança resiste até na mais profunda escuridão.

CANTAR SEMEANDO UM SONHO QUE VEM DEPOIS DO TEMPORAL^{Ala}

Ala 19 - Comunidade

Responsavel pela ala: Portela

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê Rafael



Ao se deparar com o viajante misterioso que revelou as estrelas ao afastar as nuvens, o povo renovou a própria fé. E logo se perguntou: como este menestrel se manteve impávido, mesmo em meio a tanta dor e angústia? Como conseguiu acessar e confortar uma multidão tão complexa e diferente, vinda de tantos lugares? Quem é este peregrino que caminha pela noite, de mãos dadas com a alma aberta, acendendo esperança em forma de estrelas por uma estrada tão cansada? Quem é esse?

Logo lembraram dos versos de “Credo”, e por isso rezaram. Pediram pelo fim da escuridão e para que o novo dia acordasse novo, forte, alegre e cheio de paixão. Foram tomando forma entre nuvens cada vez mais baixas e escassas, e assim revigoraram o anseio pelo calor do encontro com o Sol que vem depois do temporal.

O sonho estava vivo. Seguiram.

A indumentária original representa as nuvens que, a partir deste momento, irão se dissipar para o surgir das estrelas e de uma noite promissora, e assim como as nuvens os pássaros do mau agouro também não seriam mais vistos, nem ouvidos. Aqui, os pássaros são representados pelos corvos que pousam sobre as nuvens.

BEM MAIS PERTO QUE PENSAMOS... A FOLHA DA JUVENTUDE É O NOME CERTO DESSE AMOR

Ala 20 - Ala Explode Coração

Responsável pela ala: Egídio e Valéria

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê Egídio



“Quero falar de uma coisa”, disse a juventude ao alcançar os caminhantes. Exibiam em seus rostos o sorriso de quem acredita em Milton e no amor, como se ambos, Milton e o amor, fossem uma coisa só. Ostentavam novos cantos, como o som das novas folhas que mantinham o tronco da vida inquebrantável, como a natureza ensinou. Os jovens traziam a certeza de que tanta dureza haveria de se dissipar em um chão de folhas, coração, juventude e fé, pois toda primavera é inevitável como a luz. Como diziam em “Coração de estudante”, havia, enfim, alegria e muito sonho espalhados no caminho, pois renovava-se a esperança, que para ser anunciada e lida por todos foi escrita em uma bandeira e carregada por estes otimistas de uma nova aurora. Nova aurora cada vez mais perto.

Os estudantes na indumentária criada para o grupo que canta “Coração de estudante”, estão feitos de folhas que representam as novas ideias, ideias que incentivam os novos momentos, os momentos de esperança. Como diz a história, carregam a própria bandeira com o nome “esperança”, para ser lida e anunciada a todos. E como se não bastasse a literalidade da mensagem a ser passada a todos, carregam em suas mãos megafones estilizados em sol, para representar o fôlego da juventude e a euforia de sua mensagem.

NA BOCA DA NOITE, UM GOSTO DE SOL! NADA SERÁ COMO ANTES!

Ala 21 - Comunidade

Responsavel pela ala: Egídio e Valéria

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê Latifah



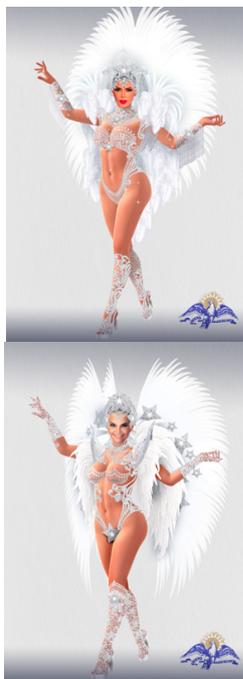
Era uma estrada inteira a mirar o horizonte, tomada pelo infinito relicário das emoções humanas sentidas por aquele povo. “Vivemos tanto até aqui”, pensavam, ansiosos, enquanto recitavam os versos de “Nada será como antes” em vozes que cresciam aos poucos; e de fato, a noite, que parecia definitiva, foi assim até deixar de ser. Os primeiros sinais de luz ensaiavam despontar ao longe, um sinal de que estavam perto. O despertar de mais um dia rompia a escuridão, a chuva, as nuvens e qualquer sinal de cansaço ou incerteza. Com o coração aos pulos e a alma em paz, os portelenses começaram a perceber que sim, tudo terá valido a pena, pois os traços de Milton, o anjo solar, já podiam ser vistos. A partir dali, nada seria como antes. Nunca mais.

A fantasia do grupo representa, principalmente em suas cores, o despertar de um novo dia que começava a comedido aparecer em meio ao azul escuro da noite. Por isso, a fantasia que representa os viajantes, de mala e tudo, ganha uma coloração especial e homogênea, como se, ainda que banhados pelo azul, fossem timidamente sendo alcançados pelas novas cores de um dia solar. Na cabeça do componente, está o barquinho lúdico que os levará tão longe

LUA NOVA A CLAREAR & A PAZ QUE O POVO FARÁ

Destaques de Chão

Destaques:: Alice Alves e Shayene Cesário



E como não há dor capaz de impedir as gentes de inventar lua nova a clarear, o povo da Portela e todos da procissão decidiram representar pela paz que faria pelo fim da escuridão. Vestidas de um branco feito para brilhar à noite, as duas mulheres-esperança se destacavam na travessia que daria no Sol como um sonho que proibição nenhuma foi capaz de silenciar..

ESTAMOS CHEGANDO DAS VELHAS SENZALAS, DAS NOVAS FAVELAS: DA ARTE NEGADA QUE SOMOS, VIEMOS TE VER!

Ala 22 - Compositores da Portela

Responsavel pela ala: Sergio Procópio

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê



A alvorada do grande dia cintilava nos corpos que chegavam do fundo do medo, dos ricos fogões, dos trens dos subúrbios, do alto dos morros. Filhos das velhas senzalas, das novas favelas, gente que chegava ao som dos batuques, vinda das margens do mundo, buscando a glória redentora. Os compositores portelenses cantavam “A de Ó (Estamos chegando)” com potência e vontade, herança ancestral da magnitude negra, onde cada verso e cada passo trazem um universo inteiro. Enquanto cantavam, também ouviam uma melodia magnífica, voz divina e tão conhecida, a razão de tudo aquilo. Se deixaram levar, arrebatados, pois a voz de Deus é canto de alegria no ar. Estavam chegando.

Como representados no início do desfile, os portelenses, caracterizados em trajes tradicionais, aqui estão configurados pela ala de compositores. A indumentária da chegada portelense ao novo dia e a Minas Gerais traz o sol de um novo dia na cabeça e um violão para simbolizar a festança musical que trazia a procissão até seu destino final.

OS MIL TAMBORES DE MINAS SOARAM

Ala 23 - Ala Amor e Paz

Responsavel pela ala: Marianna Tavares

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê Marianna



A África mineira tinha gosto de Sol. E um, dois, cem... mil tambores evocavam o raiar da manhã tão sonhada. Os vales das Geraes louvavam a chegada de todo povo da Portela às curvas das montanhas que guardam um rei. A partir dali, a fé professada no encontro com a luz, destino inelutável daquele povaréu, seria recompensada pela festa mais bonita que já se viu, folgado em morro velho e casa cheia que repinica, rebate, revolteia. Honrados, os protetores do altar de Milton ressoavam “Os tambores de Minas” para acolher a procissão que chegava.

Carregando um grande tambor, a fantasia traz as referências culturais dos festejos mineiros, nas fitas, nas cores e nos tecidos que representam flores e estampas folclóricas.

É DIA DE FESTA! E A CIDADE INTEIRA SE ENFEITA PARA VER A ALEGRIA QUE CHEGOU

Ala 24 - Comunidade

Responsavel pela ala: Tia Surica

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê Jê



Todo mundo se apressou para ver a imensidão azul que vibrava desde tão longe trazendo consigo o colorido da vida. Uma cidade inteira se enfeitou de folia para receber a romaria portelense com seus festejos locais, como o reisado e a festa do divino, para que os visitantes logo soubessem do que aquela aldeia era feita. Entoavam os versos de “Três Pontas”, falavam de si com esperança e cantoria, sob o firmamento doce e sereno e diante de peregrinos rostos, todos gratos e orgulhosos de tudo o que fizeram até ali. Gente se abraçando, gente rindo, alegria que chegou, tudo graças à voz portentosa do anjo negro.

A indumentária que representa a música de Três Pontas, cidade onde a procissão chega e o trono do artista está posado, traz as referências da folia de reis, o principal festejo trespontano que inspirou Bituca, na alegria das cores e na máscara dos palhaços, a figura que mais chama atenção durante o festejo. A fantasia da tradicional ala de Tia Surica traz no alto de sua construção o crucifixo católico das principais festanças folclóricas mineiras, base fundamental para a musicalidade de Milton Nascimento.

NAÇÕES EM FESTA

Destaques de Chão

Destaques: Sheron Menezzes



A alegria que trouxe tanta cor à andança do povo refulgia naquele símbolo das muitas nações de maracatus que cantavam por Milton após tantos carnavais. E a rainha de sua gente seguia entre as alas do cortejo, também ela ansiosa por louvar a glória da voz de Deus, som que estava tão ao alcance de ouvidos e corações. Seu bailado acompanhava os tambores ancestrais e o canto feliz da multidão naquela manhã adorada.

SALVE O ORATÓRIO ONDE DEUS FEZ A MORADA, OIÁ, MEU DEUS!

Ala 25 - Comunidade

Responsavel pela ala: Portela

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê Adir



“Oiá, meu deus, salve o Oratório!”: a oração de “Cálix Bento”, letra de Milton para a folia de reis de sua Três Pontas, elevou aqueles romeiros em festa para se colocarem em louvação ao altar de Bituca. Tão perto do trono, agradeceram em cantoria pela proteção durante a dura caminhada dos tantos lugares até Minas, rezaram pelas lembranças que uma obra musical tão bonita produzira neles e, mais do que tudo, festejaram a vida do anjo negro que foram encontrar. A morada do Sol, o oratório mineiro, finalmente vivia seu dia histórico, e mais gente chegava, oiá, meu Deus!

Uma roupa feita de milhares de fuxicos traz o simbolismo da simplicidade das representações na construção da identidade de Bituca, e é essa “mineirice” que apresenta-se à procissão portelense. O oratório, a pomba e o trabalho manual na construção das peças são as principais representações utilizadas na construção desta indumentária.

EU QUERO É VIVER O SOL, O MEU FUTURO É LUZ E CALOR

Ala 26 - Ala Sambola

Responsavel pela ala: Léo e Fernanda

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê Léo/Joao



Tinham a alegria colorida de quem se lançou à estrada tão dispostos a aprender o futuro, a viver e a sonhar, e o sonho era negro e belo. Envolvidos pelo som da cantoria de “Solar”, vestiam-se como nobres pendões enquanto miravam uma vida luminosa e calorosa no belo horizonte que estavam prestes a tocar. Traziam no corpo o manto de retalhos como uma evidência de nobreza e já podiam sentir os raios de Sol banhando suas peles. O caminho agora iluminado cumpria o destino ideado desde que partiram de uma tão distante Madureira: o novo mundo teria mais luz e um gosto inefável de amor. Estavam diante dele..

CANTAR FOI BUSCAR O CAMINHO QUE DEU NO SOL

Ala 27 - Comunidade

Responsavel pela ala: Diego Nascimento

Criação: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Execução: Ateliê Antony



E deram o passo definitivo rumo ao novo tempo, pois certas coisas são inevitáveis, hora ou outra acontecem. Dali em diante, o povo que enfrentou a dureza da lonjura da caminhada e de uma vida inteira de emoção veria a utopia se tornar real. Os rostos antes franzidos de cansaço foram banhados pela luz mais bonita que viram na vida. O Sol ansiado por todos exalava a luz tantas vezes tecida em seus sonhos, e tantos sorrisos em lágrimas cantavam “Nos bailes da vida”, pois nada era longe, tudo tão bom. Um cálido fulgor reluzia na multidão que não se cansou de viver, nem de cantar o caminho que, exê babá!, deu no Sol. Fez-se o sonho, e a majestosa Portela estava feliz. Nada mais importava. Era ele.

A fantasia servida ao grupo coreográfico representa o próprio sol. Feita de colagens e transparências, traz também o reluzir como principal característica de sua construção como figurino. A última indumentária de ala do desfile traz o vigor solar nas cores e em seus movimentos, assim como nos sentimentos ao nos depararmos com o lendário Milton Nascimento.

Ficha Técnica Samba-enredo

Presidente da ala dos compositores: Sérgio Procópio e Camarão Netto

Total de Componentes da ala dos compositores: 73

Autores do samba: Samir Trindade, Fabrício Sena, Brian Ramos, Paulo Lopita 77, Deiny Leite, Felipe Sena e JP Figueira.

LETRA

Manhã

Alvorada das nossas lembranças

Peito aberto, carrego esperança

Do altar de São Sebastião

Estou onde a mãe do ouro me afaga

E fiel, abraçado à Águia

Vou partir em procissão

Na fé que faz do artista entidade

E sagrada as amizades

Ardem vozes, mil tambores

Nas mãos, girassóis na travessia

Minh'alma em cantoria

Vem a tarde, vão-se as dores

Nessa estrada, é sonho, é poeira

Passa o trem azul, sigo em paz

Feito rio, só me leva

Pra Deus, filho de Maria

Tantos mares em um cais

E as raízes se juntaram

Na esquina uniram a nação

Venceram as lutas que travavam

Pra ver Zumbi no céu da canção

Noite apaga o arrebol

Num milagre ser farol e continuar

Quem acredita na vida não deixa de amar

Quem acredita na vida não deixa de amar

Dorme a maldade após o temporal

Na bandeira a liberdade, vem Bituca triunfal

Cheguei com meu povo, mesmo sentimento

Onde Candeia é chama

Brilha Milton Nascimento

Iyá chamou Oxalá preto rei pra sambar

Iyá chamou Oxalá preto rei pra sambar

Anjo negro é o Sol que faz a Portela cantar

Anjo negro é o Sol na minha Portela

JUSTIFICATIVA DO SAMBA

No enredo da Portela para 2025, o Sol é mais do que um astro, é a essência que ilumina a travessia, a luz que dá o caminho. Ele é o símbolo da vida que renasce após cada tempestade, da esperança que nunca se apaga, mesmo nas noites mais escuras. Para nós, o Sol é o altar onde se encontram a fé, a arte e a ancestralidade, refletindo a força da comunidade que segue unida, cantando e dançando, em busca de dias melhores.

Para nós, o Sol é Milton Nascimento, o Bituca, cuja música aquece e ilumina como raios que atravessam gerações. É o farol que conduz a Águia e seus filhos por terras, rios e mares, celebrando as lutas e as vitórias do povo brasileiro. Suas músicas são como essas memórias preciosas que se entrelaçam aos nossos dias, tornando-se mais do que sons: elas se tornam parte de quem somos. Suas canções carregam aquela estranha e bonita capacidade de trazer à tona um instante vivido e arquivado na memória – o cheiro do café de manhã, a luz de um entardecer, o calor de um abraço a qualquer hora. São melodias que nos conectam ao que fomos, ao que sonhamos e ao que ainda podemos ser. Assim como os carnavais que amamos, as músicas de Milton tingem para sempre as emoções dos momentos em que as descobrimos, transformando cada nota em uma memória que nunca nos abandona, mas nos embala e resgata.

Nesse desfile, o Sol é destino e jornada. É a vitória da luz sobre a escuridão, a certeza de que há sempre uma aurora esperando por quem acredita na vida. Na Avenida, personificado em Milton, ele é coroado como soberano, onde o passado se encontra com o futuro e o presente explode em festa, revelando que o Sol, na Portela, não é apenas luz: é a fé por nossos orixás e padroeiros, o amor da comunidade que nos mantém de pé e a certeza de que, enquanto houver um canto e um batuque, haverá esperança para iluminar o mundo.

O samba-enredo

MANHÃ

ALVORADA DAS NOSSAS LEMBRANÇAS

PEITO ABERTO, CARREGO ESPERANÇA

Inspirados pelo legado de Milton Nascimento, os sonhadores refletem o poder da música e da memória de iluminar caminhos e unir diferentes passos e vozes em busca de um horizonte comum. Aqui, as pessoas se reúnem movidas pelas lembranças que as canções de Milton lhes trouxe, e esta é a invocação de um novo começo, na poesia da travessia, onde o amanhecer guarda em cada um dos romeiros o esperar de um mundo melhor.

DO ALTAR DE SÃO SEBASTIÃO

ESTOU ONDE A MÃE DO OURO ME AFAGA

E FIEL, ABRAÇADO À ÁGUIA

VOU PARTIR EM PROCISSÃO

Estamos diante de uma peregrinação que une fé, mitologia e identidade. O "altar de São Sebastião" e o afago da "mãe do ouro" nos conectam aos dois padroeiros da Portela, São Sebastião e Nossa Senhora da Conceição, símbolos de proteção e renovação espiritual. Mas há também uma ligação profunda com o sagrado do Candomblé: Oxum, a divindade das águas doces e do ouro, aparece como a mãe que afaga e abençoa, trazendo amor, fertilidade e abundância. E Oxóssi, o caçador e guardião das matas, que protege com sua força e sabedoria. Fiel à Águia, símbolo maior da Portela e condutora dos caminhos de sua gente, o peregrino expressa-se com absoluta confiança em sua direção sagrada, nesta procissão que é mais que um desfile: é uma jornada de fé em homenagem à voz dos sentimentos que imprimiu marcas tão profundas àquelas pessoas.

NA FÉ QUE FAZ DO ARTISTA ENTIDADE

E SAGRADA AS AMIZADES

ARDEM VOZES, MIL TAMBORES

E é a fé que transforma o artista em entidade sagrada, quase um orixá da criação e da inspiração, que acaba convergindo na devoção a Milton, cujas canções carregam um misticismo que eleva a arte a uma dimensão espiritual. A sacralização das amizades remete a uma das características essenciais de sua obra – onde a união entre amigos tornou-se símbolo de resistência, amor e criatividade – e também ao que marca o poder de sociabilidade das Escolas de Samba como uma das principais razões de sua existência. "Ardem vozes, mil tambores" é o clímax deste chamado coletivo, onde o canto e o ritmo convergem como oferenda à vida, aos ancestrais e ao futuro.

NAS MÃOS, GIRASSÓIS NA TRAVESSIA

MINH'ALMA EM CANTORIA

VEM A TARDE, VÃO-SE AS DORES

O girassol, flor que se move à procura do sol para viver, se torna o símbolo da busca pela luz de Milton, o nosso Sol, e carregar girassóis na travessia é a representação poética do ato de seguir adiante, com o olhar sempre voltado para a claridade do futuro. A alma em cantoria ecoa o legado do artista, para quem a música sempre foi caminho e cura; já para aquelas pessoas, cantar com a alma significa rememorar as tantas sensações que Milton causou, e segue causando, em tanta gente. Com a chegada da tarde, não há mais dor, superada pela alegria dos encontros e de tantos sonhos em comum, numa travessia que é também um processo de redenção.

NESSA ESTRADA, É SONHO, É POEIRA

PASSA O TREM AZUL, SIGO EM PAZ

FEITO RIO, SÓ ME LEVA

PRA DEUS, FILHO DE MARIA

TANTOS MARES EM UM CAIS

A estrada, como metáfora da jornada da vida, reflete a dualidade entre os ideais elevados (sonho) e os desafios concretos (poeira), algo recorrente na poesia de Milton. O "trem azul", referência ao clássico

miltoniano, é a metáfora portelense de uma viagem espiritual e existencial, onde se carrega paz e a certeza de um destino abençoado. A fluidez do "rio", imagem constantemente presente em suas obras, leva à divindade, ao "Deus filho de Maria", que une fé em Cristo e na força dos elementos da natureza, reforçando a sacralidade da travessia. A referência a Maria tem múltiplas camadas, desde a figura de Nossa Senhora até sua música e a conexão com as mulheres fortes e inspiradoras que marcaram sua vida, como Maria do Carmo, sua mãe biológica. Os "tantos mares em um cais" falam da pluralidade da experiência humana e das histórias que convergem em um porto comum, como a própria história de Milton. Também representa a comunhão dos povos e das culturas que se unem na Portela e na obra de Bituca, em busca de um horizonte iluminado.

E AS RAÍZES SE JUNTARAM

NA ESQUINA UNIRAM A NAÇÃO

VENCERAM AS LUTAS QUE TRAVAVAM

PRA VER ZUMBI NO CÉU DA CANÇÃO

"As raízes se juntaram" aponta para o encontro das heranças afro-brasileiras, indígenas e populares, que formam a base da nossa identidade. A "esquina" evoca o espírito do Clube da Esquina ao unir vozes diversas em torno de um sonho coletivo de transformação pela arte, e também referencia a procissão como um coletivo de gente que se move nas ruas. Essa união simbólica é um ato de resistência, como as lutas históricas do povo negro representadas pela figura de Zumbi dos Palmares. Ao "ver Zumbi no céu da canção", o samba-enredo eleva o líder quilombola a um lugar sagrado e eterno, onde a música se torna veículo de justiça e memória, celebrando a vitória contra a opressão e reafirmando a força da cultura como arma de liberdade.

NOITE APAGA O ARREBOL

NUM MILAGRE SER FAROL

E CONTINUAR

A "noite", que apaga o "arrebol" (o brilho do entardecer), simboliza a etapa da procissão que se depara com os momentos difíceis, de incertezas e desafios. No entanto, o "milagre ser farol" aponta para a capacidade de iluminar o caminho mesmo no meio da escuridão, seja pela música, pela fé ou pela união das pessoas. Essa luz remete ao papel da arte, especialmente na obra de Bituca, que frequentemente retrata a superação e a busca por um amanhã melhor. Para a Portela, é também uma referência ao poder transformador do samba, que mantém a chama viva mesmo nas adversidades, como a Águia que segue ativa. "E continuar" é o chamado à persistência, à travessia, reafirmando que a caminhada segue, guiada pela luz que nasce da coletividade e da fé no futuro.

QUEM ACREDITA NA VIDA

NÃO DEIXA DE AMAR

Essa é uma prece em forma de verso, um sussurro de quem entende que viver é um ato de fé e entrega. Acreditar na vida é reconhecer que, apesar das tempestades e dos caminhos tortuosos, há sempre uma razão para seguir em frente. E o amor, esse sentimento maior, é o combustível dessa jornada. Amar é ver o mundo com olhos que sempre buscam a luz, mesmo nos dias mais nublados. Amar é plantar esperança no solo da existência, é transformar dores em canções e sonhos em procissão. Esse verso é o coração do

samba, da travessia e do próprio Milton: um convite a viver com a alma aberta, porque só quem ama verdadeiramente pode enxergar o milagre da vida em cada esquina do caminho.

DORME A MALDADE APÓS O TEMPORAL

NA BANDEIRA A LIBERDADE, VEM BITUCA TRIUNFAL

CHEGUEI COM MEU POVO, MESMO SENTIMENTO

ONDE CANDEIA É CHAMA

BRILHA MILTON NASCIMENTO

"Dorme a maldade após o temporal" sugere que, mesmo após tempos de adversidade, a justiça e a esperança prevalecem, preparando o terreno para a liberdade representada pela "bandeira", que ecoa tanto o lema libertário de Minas Gerais quanto as lutas por autonomia e direitos. Milton aparece triunfal como um farol que norteia a procissão com sua imensidade. A chegada "com meu povo, mesmo sentimento" reforça o coletivo, a força dessa comunidade que atravessa dores e se mantém unida nessa avenida onde cabem todos os sonhos do mundo. Já "onde Candeia é chama" honra Antônio Candeia Filho, um dos fundadores da Portela e personagem fundamental do samba brasileiro, cuja obra permanece viva como fogo sagrado que ilumina quem segue seus ensinamentos ancestrais. Assim, o brilho de Milton e a chama de Candeia se encontram, conectando passado e presente para afagar um povo que percorreu a estrada de fé em busca do Sol.

IYÁ CHAMOU OXALÁ PRETO REI PRA SAMBAR

IYÁ CHAMOU OXALÁ PRETO REI PRA SAMBAR

ANJO NEGRO É O SOL QUE FAZ A PORTELA CANTAR

ANJO NEGRO É O SOL NA MINHA PORTELA

Esse refrão transcende a letra do samba para celebrar a jornada espiritual e cultural da Portela e de Milton Nascimento. Iyá, referência às Iabás, as mães divinas do Candomblé, chama "Oxalá preto rei" para dançar, invocando Oxalá, o orixá da criação, aqui reverenciado em sua forma associada à ancestralidade negra e à realeza espiritual. "Iyá chamou" evoca também a Grande Mãe Portela, matriz da comunidade que acolhe e guia seus filhos, invocando "Oxalá preto rei", o Bituca, rei da música e da resistência negra. O "anjo negro é o Sol" eleva Milton a uma figura celestial e luminosa, cujo brilho aquece e inspira, transformando sua obra em farol para a Portela e para todos que caminham com ela. Aqui, o samba se torna ritual, e a Portela, com suas asas abertas, celebra o sagrado e o humano, a ancestralidade e o futuro, numa procissão de fé e arte que ilumina a avenida. Essa jornada encontra seu ápice na chegada ao altar do Sol, o momento de glória, em que a Portela e seu povo reconhecem Milton como a encarnação da luz e da esperança. É a celebração de uma travessia que transforma a dor em canto, a luta em vitória, sob a bênção de um Sol eterno e sorridente.

Autoria

Virgilio Magalde de Azevedo

FICHA TÉCNICA**Bateria****Diretor Geral de Bateria**

Nilo Sérgio

Outros Diretores de Bateria

Armando Marçal, Jorge André, Mestre Penha, Nilson Simões, Daniel Costa, Demétrius, Douglas Jorge, Luiz Alves, Marçal, Marlon Costa, Orelha, Pablo Cruz, Paulo Richard, Raul Cyrillo, Robertinho Silva e Sidcley Fernandes

Total de Componentes da Bateria

292 (duzentos e noventa e dois ritmistas)

NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-Reco	Ganzá
12	12	16	-	-
Caixa	Tarol	Tamborim	Tan-Tan	Repinique
98		36	-	36
Prato	Agogô	Cuica	Chocalho	Atabaque
-	28	24	28	

ESCLARECIMENTO MUSICAL

A bateria Tabajara do Samba do GRES Portela, uma das mais icônicas do carnaval carioca, é parte fundamental da centenária história da Majestade de Oswaldo Cruz e Madureira. Ao longo de décadas, sua cadência e seus mestres ajudaram a construir a identidade musical da escola e da música brasileira, garantindo o respeito e a admiração do mundo do samba. Durante os primeiros desfiles, o ritmo ainda não era tão elaborado, mas com o tempo a escola passou a investir mais na sofisticação dos arranjos.

Vários mestres de bateria deixaram suas marcas na história da Portela. Entre os mais notáveis estão Mestre Betinho (décadas de 1950 e 1960), um dos primeiros grandes nomes da bateria portelense, responsável por organizar o ritmo da escola e manter a disciplina entre os ritmistas; Mestre Marçal (anos 1980), ícone do samba e um dos maiores percussionistas da música brasileira; Mestres Timbó e Mug (anos 1990), dois dos responsáveis por modernizar a bateria da Portela, mantendo a tradição, mas incorporando novas levadas rítmicas; e Mestre Nilo Sérgio (atualidade), que, com uma longa trajetória à frente da bateria, consolidou o respeito da Tabajara e comandou ritmistas altamente qualificados, garantindo notas máximas em diversos desfiles.

A bateria da Portela tem como marca registrada o peso de sua marcação, de cadência firme e balanceada, que valoriza a tradição do samba sem perder a modernidade. Seus ritmistas são conhecidos pelo toque apurado e pelo equilíbrio entre os diferentes naipes, garantindo uma sonoridade única.

Além disso, a Tabajara portelense sempre manteve uma forte conexão com os compositores da escola, criando levadas que valorizam os sambas-enredo e tornam as apresentações da escola ainda mais marcantes.

Para o carnaval de 2025, a Portela tem duas principais bossas. A primeira, logo na cabeça do samba, traz a sonoridade de seus três surdos, as marcações de primeira, segunda e terceira, que fazem uma alusão percussiva ao nascer do sol. A segunda bossa, no refrão do meio do samba, é inspirada no disco “Os Tambores de Minas”, de Milton Nascimento, gravado em 1997, e trazem toda a influência

de Bituca e dos tambores das festas de sua terra – a “África mineira”, como certa vez definiu o percussionista Naná Vasconcelos.

As bossas são variações rítmicas dentro do samba-enredo, criadas para destacar momentos específicos da música durante o desfile. A construção desta bossa envolveu a influência do Tambor de Mina, um ritmo de matriz africana. A partir de cinco batidas desse tambor, compartilhadas pela família do percussionista Robertinho Silva, que tocou com Milton Nascimento por 35 anos, foi possível adaptar esses elementos ao samba. Esta fusão de ritmos contribuiu para a identidade da bateria para a homenagem a Milton, enriquecendo o desfile com variações rítmicas que valorizam a melodia e envolvem o público.

FICHA TÉCNICA**Harmonia****Diretor Geral de Harmonia**

Julinho Fonseca

Outros Diretores de Harmonia

Alexandre Marcelino, Alexandre Melo, Alexandre Pitty, Alex Campos, Alex França, Almir, Ana Cristina, Ana Paula Nogueira, Anderson, André Drummond, Andreia, Bianca, Breno, Camila, Carlos Café, Carlos Jorge, Carolina, Charles, Christiane, Cláudio, Cleide, Denilson, Diego, Eddie Murphy, Edilasio, Edison, Eduardo, Eduardo Medeiros, Edvaldo, Emanuel, Eugênio, Fabrício, Fernando, Gilberto, Halisson, Iza, Jaime, Joana, Josenardo, Juci, Jussara, Kleber, Leanderson, Leonardo Fartura, Luan, Lucas Teixeira, Luciane, Lucas Cêda, Marcelo, Márcia, Mariana, Marvio, Nilson, Nogueira, Olenir, Osier, Osnir, Patrícia Brasil, Patrick Xavier, Rachel, Raphael Machado, Regina, Rhuanderson, Rosangela, Sandro, Selma, Sérgio, Sidney, Thiago Pantoja, Uiliam, Vitor Andrade, Vitor Leite, Washington, William Ribeiro e Wilmar

Total de Componentes da Direção de Harmonia

80 (oitenta)

Puxador(es) do Samba-Enredo

Intérprete oficial

Gilson da Conceição (Gilsinho)

Cantores/as de apoio

Rodrigo Tinoco

Bruno Tinoco

Maykon Rodrigues

Rafael Faustino

Ledjane Motta

Diego Natural

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Cavaco: Leandro Lima (base e solo)

Cavaco: Leonardo Antunes (base)

Cavaco: Jonathan Calim (afinação de bandolim)

Violão 7 cordas: Lázaro Júnior

FICHA TÉCNICA**Evolução**

Diretor Geral de Evolução Julinho Fonseca e Júnior Schall
Outros Diretores de Evolução Alexandre Marcelino, Alexandre Melo, Alexandre Pitty, Alex Campos, Alex França, Almir, Ana Cristina, Ana Paula Nogueira, Anderson, André Drummond, Andreia, Bianca, Breno, Camila, Carlos Café, Carlos Jorge, Carolina, Charles, Christiane, Cláudio, Cleide, Denilson, Diego, Eddie Murphy, Edilasio, Edison, Eduardo, Eduardo Medeiros, Edvaldo, Emanuel, Eugênio, Fabrício, Fernando, Gilberto, Halisson, Iza, Jaime, Joana, Josenardo, Juci, Jussara, Kleber, Leanderson, Leonardo Fartura, Luan, Lucas Teixeira, Luciane, Lucas Cêda, Marcelo, Márcia, Mariana, Marvio, Nilson, Nogueira, Olenir, Osier, Osnir, Patrícia Brasil, Patrick Xavier, Rachel, Raphael Machado, Regina, Rhuanderson, Rosangela, Sandro, Selma, Sérgio, Sidney, Thiago Pantoja, Uiliam, Vitor Andrade, Vitor Leite, Washington, William Ribeiro e Wilmar
Total de Componentes da Direção de Evolução 82 (oitenta e dois)

FICHA TÉCNICA**Comissão de Frente**

Responsável pela Comissão de Frente Léo Senna e Kelly Siqueira		
Coreógrafo(a) e Diretor(a) Léo Senna e Kelly Siqueira		
Total de Componentes da Comissão de Frente	Minimo de Componentes	Mazimo de Componentes
14 (quatorze)	14 (quatorze)	14 (quatorze)

VOU PARTIR EM PROCISSÃO

INTRODUÇÃO

"É minha força, é nossa energia

Que vem de longe pra nos fazer companhia"

Guiados pela Águia, a GRES PORTELA, convida à todos para cantar o caminho que vai dar no Sol. Uma homenagem a Milton Nascimento, nossa estrela maior, único. Que usou a música como instrumento de resistência e sua presença irradia luz a todos a sua volta. O nosso Sol!

Para falar de um artista tão plural, é impossível não falar da Música, Amizade, Liberdade e Responsabilidade com as novas gerações. Quatro características essenciais, sempre presentes na sua vida e na sua Arte, que serviram de pilares para nossa narrativa.

Para representar na avenida os efeitos das canções de Milton e seu poder transformador, a Comissão de Frente fara uso de luz. Inspirados nas características de sua música que ilumina aquece e traz esperança, como a luz do Sol.

Somos todos os que sentem no peito a força de acreditar na vida e no poder transformador do encontro, se Milton Nascimento é o Sol da Portela, essa Comissão se apresenta como "Os Filhos do Sol".

Tambores, trombetas e outros instrumentos musicais representam diferentes grupos e vozes que ampliam o alcance dessa luz, sua música.

"É um lamento, um canto mais puro

Que me ilumina a casa escura".

A coreografia :

A coreografia é dividida em 3cenas baseadas nos 4 pilares anteriormente citados; a música será nosso fio condutor de uma cena para outra, é ela o motivo de ser e nutrição de cada um dos outros pilares, Amizade, Liberdade e Responsabilidade com as futuras gerações.

Os bailarinos, filhos do sol, representam pessoas que foram iluminadas e transformadas pelas canções de Milton Nascimento, durante suas andanças e encontros com diferentes grupos e causas que o sensibilizaram.

1ª cena O encontro (amizade)

Nos encontramos em uma procissão festiva para entoar mais uma vez os sons que fizeram brilhar a luz de liberdade e para celebrar o homenageado.

O grupo celebra a amizade, sentimento tão importante para Milton Nascimento. Foi do encontro despretenso com amigos no clube da esquina que sua arte se fez presente e floresceu.

2ª cena: A Iluminação (liberdade)

Representando outros grupos chegando à celebração. Os tambores de Minas trazem a regionalidade, novos acentos e novas histórias.

Para representar a integração desse grupo, a escolha coreográfica foi reverberar cada toque do tambor de Minas nos corpos dos bailarinos.

E então, mais vozes se unem. As trombetas chegam anunciando o despertar de um novo tempo. É o poder da música como ferramenta de união, resistência e influência, propaganda ideia de liberdade e transformação, dando voz às causas silenciadas, trazendo luz e iluminando novos caminhos.

Em uma representação potente de relação do corpo com instrumento.

3ª cena: O Florecer (Responsabilidade com gerações futuras)

A potência do encontro dos Filhos do Sol, produz uma força que pulsa e irradia luz, como "o nosso Sol" e assim, florescem as sementes do amanhã.

Representadas pelas 2 crianças que nascem nas flores das Torres do tripé.

Tripé " O Relicário"

Nosso elemento Cenográfico, um Relicário, guarda as preciosidades encontradas pelo caminho;

A Luz, materialização dos sons e representação do "nosso Sol".

Os estandartes, representando os encontros transformadores, com diferentes grupos, a influência e resistência da música, a liberdade, a amizade e a responsabilidade com as gerações futuras, o florescimento, diferentes grupos e causas que sensibilizaram e inspiraram Milton Nascimento

O Figurino

O figurino da Comissão de Frente é iluminado pela luz dourada da música de Milton Nascimento, traz a poeira dos caminhos por onde ela passou e a noite mais escura quando sua música foi uma chama acesa iluminando um caminho de liberdade, além da junção de objetos e símbolos que a troca dos muitos encontros proporcionaram.

Na cabeça as asas da imaginação, nas costas, pintado pela artista plástica Bea Machado, o estandarte do homenageado, que nos impulsiona a seguir em frente, no peito objetos e símbolos que ficaram de lembrança dos encontros e trocas por esse caminho, do coração uma estrada, uma ponte que conduz a voz que sai do peito, para que todo canto venha com a força de um coração sem medo, nas pernas uma alusão a noite mais escura, um período de censura, e na parte interna da saia a luz da chama como guia para novos passos, como é sua música.

A magia de fazer florescer novas iniciativas nas mãos dos bailarinos e eternizada nas futuras gerações, na presença das duas crianças que vem vestidas com uma réplica do figurino da última turnê de Milton Nascimento, criada e gentilmente cedida por Ronaldo Fraga.

Ficha técnica:

Coreógrafos: Kelly Siqueira e Leo Senna

Assistente: Flávio Arco - Verde

Assistente de coreografia e ensaiador: Thiago Caetano

Assistente de coreografia: Zeca Pitta

Cenografia: Sergio Marimba

Equipe de Cenografia: Hélice

Iluminação: Alexandre Frutuoso

Figurinos: Paula Mares e Antonio Gonzaga

Atelier de figurino: Daniel Zarmano

Arte “Milton Nascimento “: Bea Machado

Maquiagem: Tiago Costa

Consultoria: Mestre de Congada Élide Abreu

Grupo de Pesquisa e Concepção: Leo Senna, Kelly Siqueira, Paula Mares, Alexandre Arrabal

Confecção da Águia: Laboratório de robótica da UERJ

É FEITO UMA REZA, UM RITUAL

1º Casal

Nome da Porta-bandeira: Squel Jorgea**Nome do Mestre-sala:** Marlon Lamar**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

Era o povo na rua cantando, benditos peregrinos guiados pelos versos de Milton e decididos a enfrentar tantas emoções, todas tão profundas e desmedidas quanto aquela romaria. Feito uma reza, um ritual em busca de proteção, a procissão do samba evocou São Sebastião e Nossa Senhora da Conceição, os dois santos padroeiros da Portela, para conduzirem a tua bandeira, esse divino manto. Com o pavilhão elevado, o guerreiro santificado e a sagrada rainha giravam, ostentosos e triunfais, como uma dádiva feita para iluminar a maravilha de aquarela que cantava o amor do portelense pelo seu símbolo maior e pela luz do Sol, gente que vinha chegando da cidade, da favela, de cada canto do mundo, e que não parava de chegar, a cada giro, a cada aceno do casal consagrado, todos exultantes como fiéis em festa. Como fiéis na festa do divino carnaval.

Defesa da Coreografia do Casal

A coreografia do casal de mestre-sala e porta-bandeira do GRES Portela, é norteada pelos princípios que servem de base para o bailado de um casal. Buscando trazer, em sua essência, a representação do tradicionalismo de uma história centenária, com a responsabilidade e respeito ao pavilhão. Nesse caminho, considerando a essência do tradicionalismo das representações dentro da fé portelense materializada e santificada junto aos seus padroeiros, a coreografia do casal vem com características que buscam olhar e priorizar os movimentos tradicionais da dança da porta bandeira e do mestre sala em conjunto com suas evoluções técnicas. Ao pensarmos na coreografia, nos preocupamos em ter a presença de movimentos onde o mestre-sala, dentro dos seus princípios que norteiam o quesito, protege e corteja a sua dama, alternando com riscados ágeis e habilidosos que fundamentam a história. E, a porta-bandeira ratificando o seu papel com o sagrado feminino, no conjunto de giros que buscam a valorização do seu bailado com a ocupação do espaço cênico e dos movimentos executados durante a sua evolução.

Juntos, com o olhar um no outro, apaixonados e cuidadosos, o casal busca e prioriza os movimentos de finalizações de dança vibrantes e elegantes, pautados no lirismo e na poesia do seu samba e enredo. E através da dança, a demonstração da potência de um povo que acredita na vida e no prazer de dançar e defender o seu pavilhão.

Guardiões do Casal – GUARDIÕES DOS SANTOS DA CASA

O lume sagrado da Iyá centenária encheu de vida os zeladores do axé portelense. Ciosos do ofício tão glorioso, protegiam os santos da casa, díade consagrada em teu girar, e os testemunhavam conduzir o manto azul e branco até o altar do anjo negro de prenome Milton. O luzeiro do casal sacro era o portento daqueles senhores, todos trajados de elegância e dignidade, tudo como a Portela ensinou. “Ofereces os teus tesouros, e com amor, firmo tua paz”, cantavam, mirando o pavilhão, e também o futuro.

QUEM SABE ISSO QUER DIZER AMOR?

2º Casal

Nome da Porta-bandeira: Thainara Matias

Nome do Mestre-sala: Emanuel Lima



Enquanto a Portela fazia o sonho acontecer estrada afora, ela e ele tocaram as bordas da procissão vestindo a mesma quimera, amarela como o sol. E o mundo lá, sempre a rodar, até que se olharam, sorriram... e, dentro de ambos, tudo parou. Perceberam seus corações baterem mais forte, antes por Milton, e dessa vez também um pelo outro. Arrebatados por uma vontade irresistível de viver, se entregaram ao aceno de um beijo de paz que selou o encontro de quem nasceu para caminhar juntos até o afago do anjo negro. Quem sabe isso quer dizer amor?

JUNTAR TODAS AS FORÇAS PRA VENCER ESSA MARÉ

3º Casal

Nome da Porta-bandeira: Osanna Baptista

Nome do Mestre-sala: Vinicius Jesus



Por mais que a aflição insistisse em varrer os peregrinos do rumo da fé, todas aquelas pessoas eram intensamente obstinadas. A lama nas ruas uniria o povo em torno do casal que protegia o centenário pavilhão portelense, uma vigorosa luz em meio ao nada. Estavam todos ali por um motivo majestoso, pela grande travessia de suas vidas, e isso bastava para seguirem andando por estradas e avenidas, enfrentando o horror, o desconhecido, o que não dá mais pé. Confiante, o casal a empunhar o farol azul e branco daria as mãos e seguiria em frente, se unindo às forças das gentes resolvidas a serem tocadas pelo calor do rei Sol.

